

CATHERINE FISHER

INCARCERON



«Um dos melhores livros de fantasia dos últimos tempos.»

The Times

Table of Contents

Catherine Fisher

Águia de Cristal

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Debaixo da Terra,

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Acorrentados

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Um Mundo

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

O Príncipe

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Catherine Fisher

Incarceron
Incarceron

Porto Editora

Águia de Cristal
Cisne Negro

Capítulo 1

Quem saberá descrever de Incarceron a imensidão?

Das suas entranhas o negrume, dos seus abismos a profundidade? Só pode na verdade definir uma prisão

Aquele que algum dia conheceu a liberdade.

Canções de Sapphique

Finn tinha sido estendido de bruços e acorrentado às lajes de pedra da calçada.

Os braços, abertos, estavam presos por grilhões tão pesados que mal conseguia erguer os pulsos, os tornozelos envoltos num emaranhado de correntes metálicas presas a uma argola de ferro cravada no chão. Esmagado pelo seu próprio peso, quase não conseguia respirar. Estava ali deitado, exausto e imóvel, a cara encostada à pedra fria.

Mas os Cívicos estavam finalmente a chegar.

Sentiu-os antes de os ouvir; vibrações no chão, ao princípio muito débeis, mas que foram crescendo até as sentir nos dentes e nos nervos. Depois, ruídos no escuro, o rolar dos vagões da migração, o clangor metálico lento e cavo dos aros das rodas. Voltou a cabeça com um esforço, sacudiu os cabelos sujos dos olhos e viu como os sulcos paralelos lhe passavam por baixo do corpo. Tinham-no acorrentado de través sobre os trilhos.

O suor humedeceu-lhe a testa. Agarrando os elos gelados com uma mão enluvada, ergueu o peito e inspirou o mais fundo que pôde. O ar era acre e cheirava a óleo.

Não valia a pena gritar, por enquanto. Estavam demasiado longe, só conseguiriam ouvi-lo acima do estrépito das rodas quando estivessem já bem internados na imensa e cavernosa sala. Ia ter de agir no momento exato. Demasiado tarde, e tornar-se-ia impossível deter os vagões, e ele seria esmagado. Tentou desesperadamente evitar o outro pensamento: era possível

que o vissem e ouvissem, mas nem sequer ligassem.

Luzes.

Luzes pequenas, oscilantes, transportadas por mãos. Concentrou-se e contou: nove, onze, doze. Voltou a contá-las para ter um número que fosse firme, que se opusesse à náusea que lhe subia à garganta.

Esfregou a cara contra a manga rasgada, em busca de um pouco de conforto, e pensou em Keiro, no seu sorriso, na última palmadinha sardónica depois de verificar as correntes e antes de voltar a desaparecer na escuridão. Murmurou o nome, um murmúrio amargo: «*Keiro*».

As enormes salas e as galerias invisíveis engoliram o seu murmúrio. Havia uma névoa a pairar no ar metálico. Os vagões ressoavam e gemiam.

Via agora pessoas a avançar com passos arrastados. Emergiam da escuridão, tão agasalhadas por causa do frio que era difícil perceber se eram crianças ou mulheres velhas, de costas vergadas. Provavelmente crianças. Os idosos, se tinham alguns, viajariam nos vagões, com a carga. Uma esfarrapada bandeira branca e preta drapejava no vagão da frente. Finn distinguiu o motivo: uma ave heráldica com um raio prateado no bico.

— Parem! — gritou. — Vejam! Aqui em baixo!

O barulho das engrenagens fazia estremecer o chão. Retinia-lhe nos ossos e nos dentes. Cerrou os punhos e sentiu o peso e o ímpeto dos vagões que avançavam, o cheiro do suor das fileiras cerradas de homens que os empurravam, o entrechocar e o roçar das coisas que continham. Esperou, reprimindo o terror, testando segundo a segundo a sua coragem face à morte, sem respirar, sem se permitir ceder, porque era Finn, O Que Vê as Estrelas, e era capaz de fazer aquilo. Até que, vindo de parte nenhuma, o pânico brotou dele, encharcando-o em suor e fazendo-o soerguer o peito e gritar:

— Ouviram? Parem! *Parem!*

E eles avançavam.

O barulho era insuportável. Agora gritava, esperneava e debatia-se, porque o avanço terrível dos vagões carregados prosseguiria implacável, erguer-se-ia acima dele, escondê-lo-ia na sombra, esmagar-lhe-ia os ossos e o corpo numa lenta e inevitável agonia.

Até que se lembrou da lanterna.

Era pequena, mas ainda a tinha. Keiro certificara-se disso. Arrastando o peso da corrente, rolou sobre um lado e enfiou a mão dentro do casaco, os músculos do pulso a torcerem-se num espasmo. Tocou com os dedos o tubo fino e frio.

As vibrações percorriam-lhe o corpo. Tirou a lanterna do bolso, deixou-a cair e ela rolou para fora do seu alcance. Praguejou, contorceu-se, premiu o botão com a ponta do queixo.

O feixe de luz brilhou.

Arquejou de alívio, mas os vagões continuavam a avançar. De certeza que os Cívicos conseguiam vê-lo. *Tinham* de conseguir vê-lo! A lanterna era uma estrela na imensa e ressoante escuridão da sala, e naquele momento Finn soube que, através de todas as escadas e galerias e milhares de câmaras labirínticas, Incarceron tinha sentido o perigo que ele corria e que o avanço estrepitoso dos vagões era o seu implacável divertimento, que a Prisão o observava e não interferiria.

— *Eu sei que estás a ver-me!* — gritou.

As rodas tinham a altura de um homem. Chiavam nos sulcos; uma chuva de faíscas saltava para as pedras. Uma criança gritou, um som agudo, e Finn gemeu e encolheu-se, sabendo que nada tinha resultado, sabendo que estava acabado, e então ouviu o uivo dos travões, sentiu o guincho arrepiante nos ossos e nos dedos.

As rodas agigantavam-se sobre ele, iam esmagá-lo.

Depois imobilizaram-se.

Não conseguia mexer-se. O seu corpo estava paralisado de terror. O feixe da lanterna não iluminava nada exceto um rebite, grosso como um punho, de um aro de roda sujo de óleo.

Então, do outro lado, uma voz perguntou:

— Como te chamas, Prisioneiro?

Tinham-se juntado na sombra. Conseguiu levantar a cabeça e viu formas, encapuzadas.

— Finn, chamo-me Finn. — A voz saiu-lhe num murmúrio; teve de engolir em seco. — Pensei que não iam parar...

Um resmungo.

— A mim parece-me um Escumalha — disse outra voz.

— Não! Por favor! Por favor, ajudem-me a levantar.

Ninguém disse nada e ninguém se mexeu, de modo que ele inspirou fundo e continuou, tenso:

— Os Escumalhas atacaram a nossa Ala. Mataram o meu pai e deixaram-me aqui assim, para quem passasse. — Tentou aliviar a dor no peito enclavinando os dedos na corrente ferrugenta. — Por favor. Suplico-lhes.

Alguém se aproximou. A biqueira de uma bota deteve-se junto ao olho de Finn; suja, com um buraco remendado.

— Que grupo da Escumalha?

— Os Comitatus. O chefe deles chama-se Jormanric, o Rei da Ala.

O homem cuspiu, perto da orelha de Finn.

— Esse! É um patife louco.

Porque seria que não estava a acontecer nada? Finn contorceu-se, desesperado.

— Por favor! Eles podem voltar!

— Por mim, passamos por cima dele. Porquê interferir?

— Porque somos Cívicos, não Escumalhas.

Para surpresa de Finn, era a voz de uma mulher. Ouviu o roçar das roupas de seda por baixo do áspero casacão de viagem. A mulher ajoelhou-se e Finn viu uma mão enluvada puxar as correntes. O pulso dele estava a sangrar; a ferrugem deixara círculos avermelhados na pele suja.

— Escuta, Maestra... — disse o homem, pouco à vontade.

— Vai buscar uma turquês, Sim. Agora.

O rosto dela estava perto do de Finn.

— Não tenhas medo, Finn, não te vou deixar aqui.

Ele ergueu a cabeça, apesar das dores, viu uma mulher com cerca de vinte anos, cabelos ruivos, olhos escuros. Por um instante fugidio, cheirou-a: sabonete e lã macia, um perfume que foi como uma punhalada e lhe penetrou na memória, na caixa negra e fechada que havia dentro dele. *Uma sala. Uma*

sala com toros de macieira a arder na lareira. Uma fatia de bolo num prato de porcelana.

O choque deve ter-lhe transparecido no rosto; ela observou-o de entre as sombras do capuz.

— Estás a salvo conosco.

Finn devolveu-lhe o olhar. Não conseguia respirar.

Um quarto de crianças. Paredes de pedra. As tapeçarias ricas e vermelhas.

Um homem apareceu, apressado, e prendeu um elo da corrente entre as mandíbulas da turquês.

— Cuidado com os olhos — rosnou.

Finn escondeu a cara na manga, a sentir as pessoas juntarem-se à sua volta. Por um instante, pensou que um dos ataques que tanto temia ia dominá-lo; fechou os olhos e sentiu a tontura, o calor familiar percorrer-lhe o corpo. Lutou contra ele, agarrando a corrente enquanto as mandíbulas da grande turquês a cortavam. A recordação estava a desvanecer-se; a sala e o lume na lareira, o bolo com as bolinhas prateadas num prato de rebordo dourado. Desapareceu, por mais que ele se esforçasse por retê-la, e a gelada escuridão de Incarceron voltou, o cheiro ácido e metálico de engrenagens oleadas.

Os elos deslizaram e retiniram. Pôs-se de pé, aliviado, a respirar em fundos haustos. A mulher pegou-lhe no pulso e voltou-o.

— Precisa de ser ligado.

Finn imobilizou-se. Não conseguia mexer-se. Os dedos dela eram frios e limpos, e tinham-lhe tocado a pele, entre a manga esfarrapada e a luva, e ela estava a olhar para a minúscula tatuagem da ave coroada.

Ela franziu a testa.

— Isso não é uma marca dos Cívicos. Parece...

— O quê? — Finn ficou imediatamente alerta. — Parece o quê?

Um ribombar a quilómetros de distância na grande câmara. As correntes que lhe prendiam os pés deslizaram. Inclinado sobre elas, o homem que segurava a turquês hesitou.

— É estranho. Este ferrolho está solto...

A Maestra olhava para a ave.

— Parece o cristal.

Um grito, atrás deles.

— Que cristal? — perguntou Finn.

— Um objeto estranho. Encontrámo-lo.

— E a ave é a mesma? Tens a certeza?

— Sim. — Distraída, ela voltou-se e olhou para o ferrolho. — Não estavas verdadeiramente...

Ele tinha de saber mais. Tinha de mantê-la viva. Agarrou-a e puxou-a para o chão.

— Baixa-te — sussurrou. E então, furiosamente. — *Não compreendes? É uma armadilha!*

Por um momento, os olhos dela fixaram-se nos dele e Finn viu a surpresa transformar-se em horror. A mulher libertou-se da mão dele; com um movimento ágil pôs-se de pé e gritou:

— Fugam! Fugam todos!

Mas as grades do chão estavam a abrir-se; apareceram braços, corpos içaram-se para cima, armas bateram na pedra.

Finn mexeu-se. Empurrou para trás o homem da turquês, abriu com um pontapé o falso ferrolho e libertou-se das correntes. Keiro estava a gritar qualquer coisa; a lâmina de um cutelo silvou-lhe junto à cabeça e ele atirou-se para o chão, rolou sobre si mesmo e olhou para cima.

A sala estava cheia de fumo negro. Os Cívicos gritavam, corriam a procurar refúgio entre as enormes colunas, mas já os Escumalhas estava em cima dos vagões, a disparar indiscriminadamente, os clarões vermelhos das pesadas pistolas de pederneira a tornar o ar acre.

Não a via. Talvez estivesse morta, talvez tivesse fugido. Alguém lhe deu um encontrão e lhe enfiou uma arma na mão; pareceu-lhe que era Lis, mas os Escumalhas usavam todos os seus elmos negros e não pôde ter a certeza.

Então viu a mulher. Estava a empurrar as crianças para debaixo do primeiro vagão; um rapazinho soluçava e ela agarrou-o por um braço e empurrou-o à sua frente. Mas o gás saía com um silvo das pequenas bolas

que caíam e rebentavam como ovos, fazendo-o lacrimejar. Tirou o elmo de dentro do casaco e enfiou-o na cabeça, as almofadas empapadas por cima do nariz e da boca a facilitarem-lhe a respiração. Através da viseira, a sala era vermelha, as figuras nítidas.

Ela tinha uma arma e estava a dispará-la.

— Finn!

Era Keiro, mas Finn ignorou-o. Correu para o primeiro vagão, mergulhou debaixo dele e agarrou um braço da Maestra; quando ela se voltou, ele arrancou-lhe a arma da mão com uma palmada e a mulher gritou furiosamente e atacou-lhe a cara com as luvas cobertas de pregos, as puas a rasparem pelo elmo. Enquanto a puxava para fora, as crianças davam-lhe pontapés e tentavam impedi-lo, e uma porção de víveres caiu à volta deles, foi apanhada, levada, desapareceu pelas grades, deslizou eficazmente pelas mangas.

Soou um alarme.

Incarceron agitava-se.

Painéis silenciosos deslizaram para o lado nas paredes; com um estalido, feixes de luz ofuscante varreram a escuridão vindos do teto invisível, correram de um lado para o outro pelo chão distante, apanhando os Escumalhas que dispersavam como ratazanas, projetando sombras enormes.

— Evacuar! — gritou Keiro.

Finn empurrou a mulher à sua frente. Ao lado deles, uma figura que corria foi trespassada pela luz e evaporou-se sem ruído, apanhada em pleno pânico. As crianças uivavam.

A mulher voltou-se, ofegante de choque, olhou para o que restava da sua gente. Então Finn arrastou-a para a manga.

Através da máscara, os olhos dele encontraram os dela.

— Lá para baixo — ordenou ele, arquejando. — Ou morres.

Por uma fração de segundo, quase pensou que ela não ia fazê-lo.

Então a mulher cuspiu-lhe, libertou-se da mão dele e saltou para a manga.

Uma faísca de fogo branco chamuscou as pedras; no mesmo instante, ele saltou atrás dela.

A manga era de seda branca, resistente e esticada. Deslizou por ela a uma velocidade que o despejou no extremo oposto e cima de um monte de peles roubadas e componentes metálicos que o magoaram.

Já puxada para um lado, com uma arma encostada à cabeça, a Maestra olhava-o com escárnio.

Finn pôs-se dolorosamente de pé. À volta deles, os Escumalhas deslizavam para dentro do túnel, carregados com o saque, alguns a cambalear, alguns quase inconscientes. O último a descer, aterrando agilmente de pé, foi Keiro.

As grades fecharam-se com estrondo.

As mangas caíram.

Formas confusas arquejavam e tossiam, puxando pelas máscaras.

Keiro tirou lentamente a sua, revelando o rosto bonito sujo de pó. Finn saltou para ele, furioso.

— Que aconteceu? Entrei em pânico, lá em cima! Porque demoraram tanto?

Keiro sorriu.

— Acalma-te. O Aklo não conseguia pôr o gás a funcionar. Mas tu entretiveste-os bem. — Olhou para a mulher. — Para quê tanto trabalho?

Finn encolheu os ombros, ainda a ferver.

— É uma refém.

Keiro arqueou uma sobrancelha.

— Demasiados problemas.

Fez um gesto de cabeça ao homem que empunhava a arma; o homem puxou o cão para trás. O rosto da Maestra estava muito pálido.

— Quer então dizer que não ganho nada por ter arriscado a vida lá em cima?

A voz de Finn soou muito calma. Não se mexeu, mas Keiro olhou para ele. Por um momento, ficaram a olhar um para o outro. E então Keiro disse, friamente:

— Se é ela que queres.

— É ela que quero.

Keiro voltou a olhar para a mulher e encolheu os ombros.

— Há gostos para tudo.

Fez um aceno de cabeça e o homem baixou a arma. Deu uma palmada nas costas de Finn, levantando-lhe das roupas uma nuvem de pó.

— Bom trabalho, irmão — disse.

Capítulo 2

Escolheremos uma Época do passado e recriá-la-emos. Faremos um mundo livre da ansiedade da mudança! Será o Paraíso!

Decreto Do Rei Endor

O carvalho parecia genuíno, mas tinha sido geneticamente envelhecido. Os ramos eram tão grandes que se tornava fácil trepar por eles. À medida que, de saia arregaçada, subia cada vez mais alto, partindo os galhos mais pequenos à sua passagem, o verde dos líquenes polvilhava-lhe as mãos.

— Claudia! São quatro horas!

O grito de Alys veio algures do roseiral. Claudia ignorou-o, afastou as folhas e olhou.

Daquela altura, conseguia ver toda a propriedade; a horta, as estufas e o laranjal, as macieiras retorcidas do pomar, os grandes celeiros onde, no inverno, se faziam os bailes. Via os extensos relvados que desciam até ao lago e as faias que escondiam o caminho para Hithercross. A oeste, as chaminés de Altan Farm fumegavam e o campanário da velha igreja coroava Harmer Hill, o seu cata-vento a brilhar ao sol. Mais além, por quilómetros e quilómetros, estendiam-se os campos da governadoria, prados e aldeias e caminhos, uma manta de retalhos verde-azulada com pequenos fiapos de névoa por cima dos ribeiros.

Claudia suspirou e recostou-se contra o tronco.

Parecia tão tranquilo. Tão perfeito na sua falsidade. Ia detestar ter de deixar tudo aquilo.

— Claudia! Depressa!

O chamamento soou mais fraco. A ama devia ter corrido em direção à casa, porque um bando de pombos levantou voo, como se alguém subisse os degraus junto ao pombal. Enquanto Claudia escutava, o relógio da torre começou a dar as horas, lentas badaladas que se arrastavam na tarde quente.

A paisagem tremulava.

Muito ao longe, na estrada, viu o coche.

Apertou os lábios. Ele ia chegar mais cedo do que o previsto.

Era um coche negro e, mesmo àquela distância, conseguia distinguir as nuvens de pó que as rodas levantavam da estrada. Puxado por duas parelhas de cavalos pretos e rodeado de batedores. Contou oito, e um riso silencioso escapou-se-lhe de entre os lábios. O governador de Incarceron viajava em grande estilo. O brasão do seu cargo estava pintado nas portas do coche, e um comprido pendão ondulava ao vento. Na boleia, um cocheiro de libré preta e dourada empunhava as rédeas. Ouviu nitidamente, trazido pela brisa, o estalar de um chicote.

Por cima dela, uma ave pipilava e esvoaçava de ramo em ramo; ficou muito quieta, e a pequena ave pousou entre as folhas junto à sua cabeça. E então cantou, um gorjeio breve e suave. Uma espécie qualquer de tentilhão, talvez.

O coche tinha chegado à aldeia. Viu o ferreiro aparecer à porta da sua forja, algumas crianças saírem a correr de um celeiro. Os cães ladraram à passagem dos cavaleiros, e os cavalos aproximaram-se mais entre as estreitas casas de alpendres salientes.

Claudia enfiou a mão no bolso e tirou de lá o visor. Era não-Época e por isso proibido, mas ela não queria saber. Ao levá-lo aos olhos, sentiu aquele segundo de tontura enquanto as lentes se ajustavam aos seus nervos óticos; então a cena ampliou-se e ela viu claramente as feições dos homens; Garth, o intendente do pai, montado num cavalo ruço, Lucas Medlicote, o secretário moreno, os soldados com as suas capas sarapintadas.

O visor era tão eficiente que quase conseguia ler nos lábios do cocheiro as pragas que este gritava; então, os postes da ponte passaram num relâmpago, e ela apercebeu-se de que o grupo chegara ao rio e à casa da guarda. Mistress Simmy corria a abrir os portões, com um pano da louça ainda nas mãos, as galinhas a debandarem em pânico à sua frente.

Claudia franziu a testa. Tirou o visor, e o movimento fez a pequena ave voar para longe; o mundo deslizou para trás e o coche voltou a ser pequeno.

— Claudia! — gritava Alys. — Já chegaram! Tens de te vestir!

Por um instante, pensou não o fazer, considerou deixar o coche chegar e então descer da árvore e aproximar-se calmamente, abrir a porta e ficar diante dele, com o cabelo desgrenhado e o velho vestido verde com o rasgão na bainha da saia. O desagrado do pai seria intenso, mas ele nada diria. Se ela aparecesse nua, provavelmente nada diria. Apenas «Claudia. Minha querida.» E depositar-lhe-ia um beijo frio na face.

Passou a perna por cima do ramo e desceu da árvore, perguntando a si mesma se haveria uma prenda. Geralmente havia. Cara e bonita, escolhida por uma das damas da corte. Da última vez, fora uma ave de cristal numa gaiola de ouro que cantava um agudo trinado. Apesar de toda a propriedade estar cheia de aves, na sua maioria verdadeiras, que voavam, piavam e chilreavam do outro lado das janelas.

Com um último salto, correu pelo relvado em direção aos largos degraus de pedra; enquanto os descia, a vasta mansão surgiu à sua frente, a pedra quente a brilhar no calor, as glicínias púrpura a cobrirem os torreões e os recantos mais escondidos, o fundo fosso escuro sob três elegantes cisnes. Os beirais abrigavam pombas, que arrulhavam e se pavoneavam; algumas voaram para os torreões dos cantos e acomodaram-se nas fendas e seteiras, em cima de montes de palha que tinha demorado gerações a juntar. Ou pelo menos assim parecia.

Uma janela abriu-se com um estalido; o rosto vermelho de Alys espreitou.

— Onde te *meteste*?! Não os ouves?

— Ouço-os. Não entres em pânico.

Enquanto subia os degraus, o coche ressoava nas tábuas da ponte; viu a sua refulgente cor negra relampejar por entre os postes do parapeito; então, a fresca penumbra da casa envolveu-a, com os seus odores a alecrim e a alfazema. Uma criada saiu das cozinhas, fez uma rápida vénia e desapareceu. Claudia correu escadaria acima.

No quarto, Alys tirava roupa do armário. Um saiote de seda, o vestido azul bordado a ouro por cima, corpete apertado à pressa. Claudia, de pé e imóvel, deixou-se enfaixar e apertar na odiada prisão em que a mantinham. Por cima do ombro da ama, viu a ave de cristal na sua minúscula prisão, de bico aberto. Olhou para ela, de sobrolho franzido.

— Está quieta.

— Estou quieta!

— Suponho que estiveste com o Jared.

Claudia encolheu os ombros. A tristeza descia sobre ela. Não se deu ao incómodo de explicar.

O corpete estava demasiado apertado, mas *já se habituara*. Alys escovou-lhe vigorosamente o cabelo e prendeu-o na rede de pérolas, que crepitou com a estática devido ao veludo que usava nos ombros.

A velha recuou, ofegante.

— Ficarias mais bonita sem essa testa franzida.

— Franzo a testa se me apetecer franzir a testa. — Claudia voltou-se para a porta, sentindo o vestido rodopiar. — Um dia hei de uivar e gritar na cara dele.

— Não me parece. — Alys enfiou o velho vestido verde dentro da arca. Olhou para o espelho e escondeu os cabelos grisalhos debaixo da touca, tirou do bolso uma varinha *dérmica laser*, desenroscou-a e eliminou habilmente uma ruga por baixo do olho.

— Quando for rainha, quem mo impedirá?

— Ele. — A resposta da ama seguiu-a quando saiu do quarto. — E tu tens tanto medo dele como todos os outros.

Era verdade. Enquanto descia calmamente a escadaria, soube que sempre fora verdade. A sua vida dividia-se em duas: o tempo em que o pai ali estava e o tempo em que não estava. Vivia duas vidas, como os criados, a casa, a propriedade, o mundo. Ao caminhar pelo soalho de madeira entre a dupla fila de jardineiros e leiteiras, lacaios e cocheiros, suados e ofegantes, em direção ao coche que entrava com um ribombar de rodas no pátio empedrado, perguntava-se se ele faria alguma ideia daquilo. Provavelmente. Pouco lhe escapava.

Esperou nos degraus. Os cavalos resfolegavam; o bater dos cascos ecoava, imenso, no espaço fechado. Alguém gritou, o velho Ralph avançou, apressado, dois homens com as librés cobertas de pó saltaram da traseira do coche, abriram a porta, baixaram os degraus.

Por um instante, nada se viu, nada se moveu.

Então, a mão dele agarrou o aro da porta, o chapéu escuro apareceu, os ombros, uma bota, calções pretos.

John Arlex, governador de Incarceron, endireitou-se e sacudiu o pó com as mãos enluvadas.

Era um homem alto, direito, de barba cuidadosamente aparada, a casaca e o colete do mais fino brocado. Tinham passado seis meses desde a sua última visita, mas estava exatamente na mesma. Ninguém da sua condição precisava de mostrar sinais da idade, mas ele não parecia usar sequer uma varinha dérmica. Olhou para ela e sorriu graciosamente, o cabelo de um grisalho elegante, preso por uma fita preta.

— Claudia. Estás com excelente aspeto, minha querida.

Claudia avançou e fez uma pequena reverência, e então a mão dele ergueu-a e ela sentiu o frio beijo. Os dedos do pai estavam sempre frios e ligeiramente húmidos, desagradáveis ao toque; como que tendo consciência disso, ele usava quase sempre luvas, mesmo quando fazia calor. Claudia perguntou-se se a acharia mudada.

— Também o senhor, pai — murmurou.

Por um instante, ele ficou a olhar para ela, os olhos cinzentos duros e límpidos como sempre. Então voltou-se.

— Deixa-me apresentar-te o nosso convidado. O chanceler da rainha, Lorde Evian.

O coche balouçou e um homem extremamente gordo saiu do seu interior, e com ele uma baforada de perfume que pareceu rolar quase visivelmente de graus acima. Claudia sentiu atrás de si o interesse coletivo dos criados. Ela sentiu apenas apreensão.

O chanceler vestia um fato de seda azul com um elaborado rufo no pescoço, tão alto que se perguntou como conseguia ele respirar. E o certo era que estava afogueado, mas a sua vénia foi segura e o seu sorriso cuidadosamente agradável.

— Lady Claudia. A última vez que a vi pouco mais era do que uma criança de colo. Que prazer voltar a vê-la.

Não estava à espera de visitas. O quarto de hóspedes principal estava atravancado com os adereços do seu vestido de casamento, ainda só meio alinhavado, espalhado em cima da cama por fazer. Ia ter de usar táticas dilatórias.

— A honra é nossa — disse. — Talvez queiram vir até à sala. Temos sidra e bolos acabados de cozer como refrigério depois da vossa viagem.

Bem, esperava que tivessem. Ao voltar-se, viu que três das criadas tinham desaparecido e que a linha se refizera no mesmo instante para tapar os espaços vazios. O pai lançou-lhe um olhar frio e então começou a subir os degraus, sorrindo com graciosidade à fila de rostos que se inclinavam e baixavam os olhos à sua passagem.

Com um sorriso tenso nos lábios, Claudia pensava a toda a velocidade. Evian era o homem da rainha. A bruxa devia tê-lo mandado para examinar a noiva. Ótimo, por ela tudo bem. Passara anos a preparar-se para aquele momento.

À porta, o pai deteve-se.

— O Jared não está? — perguntou, num tom ligeiro. — Espero que esteja bem.

— Penso que está a trabalhar num processo muito delicado. Provavelmente, nem sequer se apercebeu da sua chegada.

Era verdade, mas soava a desculpa. Irritada pelo sorriso gelado dele, conduziu-os, as saias a varrerem as tábuas nuas, até à sala de estar de paredes apaineladas a madeira escura, com um grande aparador de mogno, cadeiras de madeira lavrada e uma mesa montada sobre cavaletes. Ficou aliviada ao ver jarros de sidra e uma bandeja com bolos de mel decorada com alfazema e alecrim.

Lorde Evian aspirou os doces aromas.

— Maravilhoso — disse. — Nem a corte conseguiria igualar a autenticidade.

Provavelmente porque a maior parte do cenário da corte era gerada por computador, pensou ela, contente, e disse:

— Na governadoria, Lorde Evian, orgulhamo-nos de ser tudo Época. A casa é verdadeiramente velha. Foi completamente restaurada depois dos Anos

de Raiva.

O pai nada disse. Sentado na cadeira lavrada à cabeceira da mesa, via com uma expressão grave Ralph deitar a Sidra em cálices de prata. As mãos do velho tremeram quando levantou a bandeja.

— Bem-vindo a casa, senhor.

— É bom voltar a ver-te, Ralph. Um pouco mais grisalho nas sobrancelhas, parece-me. E a tua peruca está mais cheia, com mais pó.

Ralph inclinou-se.

— Vou ter de tratar disso, senhor. Imediatamente.

O governador passou os olhos pela sala. Claudia soube que não lhe passaria despercebido o único painel de plastividro no canto da janela, nem as falsas teias de aranha no teto ornamentado. Por isso disse, apressadamente.

— Diga-me, Lorde Evian, como está Sua Graciosa Majestade?

— A rainha está de excelente saúde. — Evian falou com a boca cheia de bolo. — Muito ocupada com os preparativos do seu casamento. Vai ser um grande espetáculo.

Claudia franziu a testa.

— Mas com certeza...

Ele agitou uma mão gorducha.

— Claro que o seu pai não teve ainda tempo de lhe falar da mudança de planos.

Ela sentiu-se gelar.

— Mudança de planos?

— Nada de terrível, minha querida. Nada com que tenhas de te preocupar. Uma alteração da data, apenas isso. Devido ao regresso do conde da Academia.

Ela recuperou a compostura, esforçando-se para que o seu rosto não refletisse a ansiedade que sentia. Mas deve ter apertado os lábios, ou cerrado os punhos com mais força, porque o pai pôs-se suavemente de pé e disse:

— Ralph, acompanha Lorde Evian ao seu quarto.

O velho mordomo fez uma vénia, dirigiu-se à porta e entreabriu-a. Evian

levantou-se da cadeira com um laborioso esforço, e uma chuva de migalhas caiu-lhe do fato. Mal tocaram no chão, evaporaram-se com minúsculos relâmpagos.

Claudia praguejou para si própria. Mais uma coisa de que ia ser preciso tratar.

Ficaram a ouvir os passos pesados nos degraus que rangiam, os respeitosos murmúrios de Ralph, os estentóreos comentários de apreço que o gordo lorde fazia a respeito da escada, dos quadros, dos jarrões chineses, das tapeçarias de damasco. Quando a voz dele se perdeu finalmente nas soalheiras distâncias da casa, Claudia olhou para o pai. E então disse:

— Antecipou a data do casamento.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Para o ano, este ano, que diferença faz? Sabias que ia acontecer.

— Não estou pronta...

— Há muito que estás pronta.

Deu um passo na direção dela, o cubo de prata da corrente do relógio a refletir a luz. Claudia recuou. Se ele pusesse de lado a formalidade rígida

da Época, seria insuportável; a ameaça da personalidade escondida do pai gelou-a. Mas ele manteve-se cortês.

— Deixa-me explicar. No mês passado, chegou uma mensagem dos Sapiienti. Estavam fartos do teu noivo. Resolveram... pedir-lhe que deixasse a Academia.

Ela franziu a testa.

— Porquê?

— Os vícios do costume. Bebida, drogas, violência, duas ou três criadas grávidas. Os pecados habituais dos jovens estúpidos ao longo dos séculos. Ele não está interessado em instruir-se. E porque haveria de estar? É o conde de Steen, e quando fizer dezoito anos será rei.

Dirigiu-se à parede apainelada e olhou para o quadro que lá estava pendurado. Um rapazinho de sete anos, de rosto sardento e descarado, olhava do alto para eles. Vestia um fato de seda castanha com gola e punhos de renda e estava encostado a uma árvore.

— Caspar, conde de Steen. Príncipe herdeiro do Reino. Belos títulos. A cara dele não mudou, pois não? Na altura, era apenas insolente. Agora é fraco, brutal, convencido de que nada nem ninguém o controla. Um desafio, este teu futuro marido.

Ela encolheu os ombros, e o gesto fez roçar o vestido.

— Posso bem com ele.

— Claro que podes. Certifiquei-me disso. — Aproximou-se e deteve-se diante dela, os olhos cinzentos a avaliarem-na. Claudia enfrentou-lhe o olhar. — Criei-te para este casamento, Claudia. Dei-te gosto, inteligência, fiz-te implacável. A tua educação foi mais rigorosa do que a de qualquer outra pessoa em todo o Reino. Línguas, música, esgrima, equitação, alimentei todos os talentos que deste indícios de possuir. A despesa não é nada para o governador de Incarceron. És a herdeira de vastas propriedades. Eduquei-te como uma rainha, e rainha hás de ser. Embora se trate apenas de um arranjo dinástico, aqui assim será.

Ela olhou para o retrato.

— O Caspar não me preocupa. Mas a mãe...

— Deixa a rainha comigo. Eu e ela compreendemo-nos um ao outro. — Pegou-lhe na mão, segurando o anular entre dois dos seus dedos; tensa, ela manteve-se imóvel. — Vai ser fácil — murmurou ele.

No silêncio da sala, um pombo arrulhou do outro lado da janela

Ela retirou a mão, cuidadosamente, e endireitou-se.

— Quando, então?

— Para a semana.

— *Para a semana?*

— A rainha já deu início aos preparativos. Partimos para a corte dentro de dois dias. Certifica-te de que estás pronta.

Claudia não disse nada. Sentia-se vazia e aturdida.

John Arlex encaminhou-se para a porta.

— Fizeste um bom trabalho. A Época está impecável, exceto aquela janela. Manda-a arranjar.

Ainda sem se mover, ela perguntou, em voz baixa:

— Como foi a sua estada na corte?

— Aborrecida.

— E o seu trabalho? Como está Incarceron?

Houve uma pausa de uma fração de segundo. O coração de Claudia martelava-lhe o peito. Então ele voltou-se, e a sua voz soou fria e estranha.

— A Prisão está em perfeita ordem. Porque perguntas?

— Por nenhuma razão especial. — Tentou sorrir, desejando saber como controlava ele a Prisão, onde era, porque todos os seus espiões lhe diziam que o pai nunca abandonava a corte. Mas os mistérios de Incarceron eram, de momento, o que menos a preocupava.

— Ah, sim, já me esquecia — disse ele, dirigindo-se ao saco de couro que deixara em cima da mesa. — Trago-te uma prenda da tua futura sogra.

Tirou-a de dentro do saco e pousou-a em cima da mesa.

Ficaram ambos a olhar para ela.

Uma caixa de sândalo, atada com uma fita.

Relutante, Claudia estendeu a mão para o pequeno laço, mas ele disse «Espera», tirou uma pequena varinha de varrimento do bolso e passou-a por cima da caixa. Uma série de imagens deslizou rapidamente ao longo da haste.

— Inofensiva — disse, e dobrou a varinha. — Podes abrir.

Claudia levantou a tampa. Lá dentro, numa moldura de ouro e pérolas, havia uma miniatura esmaltada de um cisne negro num lago, o emblema da casa de Arlex. Claudia pegou-lhe e sorriu, admirando a contragosto o delicado azul da água, o longo e elegante pescoço da ave.

— É bonita.

— Sim, mas observa.

O cisne movia-se. Parecia deslizar, tranquilamente ao princípio; então empinou-se, batendo as grandes asas, e Claudia viu como uma seta saía lentamente de entre as árvores e lhe trespassava o peito. A ave abriu o bico dourado e cantou uma música estranha e terrível. E então mergulhou na água e desapareceu.

O sorriso do pai foi mordaz.
— Encantador — disse.

Capítulo 3

Será uma experiência ousada e poderá haver riscos que não previmos. Mas Incarceron será um sistema de grande complexidade e inteligência. Não poderia haver guardião mais bondoso ou mais compassivo para os seus reclusos.

Relatório de projeto; Martor Sapiens

Era um longo caminho até ao poço, e os túneis eram baixos. A Maestra caminhava de cabeça inclinada; silenciosa, com o braços cruzados e a abraçar-se a si mesma. Keiro tinha posto Arko Grande a vigiá-la. Finn mantinha-se na retaguarda, atrás dos feridos.

Naquela parte da ala, Incarceron era escura e quase desabitada. Ali, a Prisão raras vezes se dava ao incómodo de se mexer, acendendo as luzes só de longe a longe, enviando poucos Escaravelhos. Ao contrário da calçada de pedra lá em cima, o chão era feito de uma rede metálica que cedia ligeiramente debaixo dos pés; enquanto caminhava, Finn viu o brilho dos olhos de uma ratazana, o pó a cair-lhe em cima das escamas de metal.

Estava rígido e dorido e, como sempre depois de uma emboscada, cheio de raiva. Para todos os outros, a tensão acumulada tinha encontrado um escape; até os feridos tagarelavam enquanto avançavam aos tropeções, e os seus risos tinham a energia do alívio. Voltou a cabeça e olhou por cima do ombro. Atrás dele, o túnel era varrido pelo vento e ecoava. Incarceron estava à escuta.

Não conseguia falar e não queria rir. O olhar gelado com que respondera a alguns comentários jocosos tinha avisado os outros; viu Lis dar uma cotovelada a Amoz e arquear uma sobranceira. Não quis saber. A raiva era interior e dirigida contra si, e misturava-se com medo e um orgulho escaldante, porque mais ninguém tinha coragem para se deixar acorrentar daquela maneira, de ficar ali deitado no meio daquele silêncio e esperar que a morte lhe passasse por cima.

Na sua mente, voltou ver as enormes rodas, muito acima da sua cabeça.

E estava furioso com a Maestra.

Os Comitatus não faziam prisioneiros. Era uma das regras. Keiro era uma coisa, mas quando chegassem ao Covil, ia ter de explicar a presença da mulher a Jormanric, e o pensamento gelou-o. Mas ela sabia qualquer coisa a respeito da tatuagem que Finn tinha no pulso, e ele tinha de descobrir o quê. Podia nunca mais ter outra oportunidade.

Enquanto caminhava, pensou na visão fugaz que tivera. Como sempre, fora dolorosa, como se a recordação — se era uma recordação — tivesse surgido de um lugar escuro, um recanto perdido do passado. E era difícil mantê-la na memória; já esquecera a maior parte, exceto o bolo no prato de porcelana, decorado com bolinhas prateadas. Estúpido e inútil. Não lhe dizia nada a respeito de quem era, ou de onde viera.

O poço tinha uma escada metálica num dos lados. Os batedores foram os primeiros a descer, seguidos pelos Prisioneiros e pelo grupo de combate, que baixou o saque e os feridos. Finn foi o último, notando como a superfície lisa tinha aqui e além rachas onde nasciam fetos encarquilhados. Ia ser preciso limpá-los, caso contrário a Prisão poderia sentir, fechar aquela conduta e reabsorver todo o túnel, como acontecera no ano anterior quando, ao voltarem de um ataque, tinham descoberto que o velho Covil desaparecera, substituído por uma passagem branca decorada com imagens abstratas em vermelho e ouro.

— Incarceron encolheu os ombros — dissera Gildas, sombriamente.

Fora a primeira vez que ouvira a Prisão rir.

Estremeceu ao recordar aquele riso, uma gargalhada fria e divertida que ecoara pelos corredores. Silenciara Jormanric em pleno acesso de fúria, gelando-o de terror. A Prisão estava viva. Era cruel e descuidada, e ele estava dentro dela.

Saltou os últimos degraus para o Covil. Na grande câmara, o barulho e a confusão eram os de sempre; o calor das fogueiras acesas sufocava. Enquanto as pessoas se amontoavam em volta do produto do saque, a rasgar os sacos de cereais, a sacar comida, abriu caminho por entre a multidão e foi direito à minúscula cela que partilhava com Keiro. Ninguém lhe travou o passo.

Uma vez lá dentro, correu o fecho da frágil porta e sentou-se na cama. O

quarto era frio e cheirava a roupa mal lavada, mas estava silencioso. Deixou-se cair lentamente para trás.

Inspirou, e inalou terror. Abateu-se sobre ele como uma onda, avassalador; soube que o bater do seu próprio coração ia matá-lo, sentiu o suor frio gelar-lhe as costas e o lábio superior. Até ao momento, tinha conseguido manter o medo à distância, mas aquelas palpitações violentas eram as vibrações das gigantescas rodas; comprimiu os olhos com a palma das mãos e viu os aros de metal avançar para ele sobre um leito de faíscas ensurdecedor.

Podia ter morrido. Ou, pior ainda, ter ficado esmagado e estropiado. Porque se oferecera para o fazer? Porque seria que tinha sempre de estar à altura da reputação de estúpida temeridade daquela gente?

— Finn?

Abriu os olhos.

Passado um instante, virou-se para o lado.

Keiro olhava para ele, de costas para a porta.

— Há quanto tempo estás aí?

A voz de Finn saiu estridente; tossiu apressadamente para aclarar a garganta.

— Há tempo suficiente. — O seu irmão-de-juramento aproximou-se e sentou-se na beira da cama. — Cansado?

— Pode dizer-se que sim.

Keiro assentiu.

— Há sempre um preço a pagar. Todos os Prisioneiros o sabem. — Olhou para a porta. — Nenhum deles seria capaz de fazer o que tu fizeste.

— Não sou um Prisioneiro.

— Agora és.

Finn sentou-se e passou a mão pelo cabelo sujo.

— Tu serias capaz.

— Bem, sim, seria. — Keiro sorriu. — Mas eu sou extraordinário, Finn, um artista do roubo. Devastadoramente bonito, absolutamente implacável, completamente intrépido.

Inclinou a cabeça para o lado, como que à espera de um sinal de troça; ao ver que Finn não reagia, riu, despiu o casaco e o colete escuros, abriu a arca, fechada a cadeado, e atirou lá para dentro a espada e a pistola. Em seguida, procurou no monte de roupas e tirou uma camisa encarnada com um extravagante rendilhado preto.

— Da próxima vez és tu, então — disse Finn.

— Alguma vez deixei de fazer a minha parte, irmão? É preciso enfiar, nem que seja à martelada, a nossa reputação nas cabeças duras dos Comitatus. Keiro e Finn. Os destemidos. Os melhores. — Deitou água do jarro na bacia e lavou-se. Finn observava-o, cansado. Keiro tinha uma pele lisa, músculos flexíveis. No meio de todo aquele inferno de gente deformada e faminta, de meios-homens e mendigos cobertos de pústulas, o seu irmão-de-juramento era perfeito. E dava-se a grandes trabalhos para continuar assim. Keiro enfiou a camisa encarnada, prendeu a farta cabeleira com um fio roubado e mirou-se atentamente no fragmento de espelho.

— O Jormanric quer falar contigo — disse sem se voltar.

Finn estava à espera daquilo. Mesmo assim, ficou gelado.

— Agora?

— Agora mesmo. É melhor lavares-te.

Não queria fazê-lo, mas, passado um momento, deitou água limpa na bacia e esfregou a porcaria e o óleo que lhe cobriam os braços.

— Vou apoiar-te nesta coisa da mulher — continuou Keiro. — Com uma condição.

Finn interrompeu o que estava a fazer.

— Qual?

— Que me digas a verdade.

— Não há nada...

Keiro atirou-lhe a toalha esfarrapada.

— Finn, O Que Vê as Estrelas, não vende mulheres nem crianças. O Amoz sim, ou qualquer dos piores entre eles. Tu não.

Finn ergueu a cabeça; os olhos azuis de Keiro estavam fixos nele.

— Talvez eu esteja a tornar-me igual a vocês. — Secou a cara com a toalha suja e, sem se dar ao trabalho de mudar de roupa, encaminhou-se para a porta. A voz de Keiro deteve-o a meio caminho.

— Achas que ela sabe qualquer coisa a teu respeito.

Finn voltou-se, relutante.

— Por vezes, gostaria de ter escolhido alguém menos esperto para me proteger as costas. Está bem. Sim. Há uma coisa que ela disse... que talvez... de que tenho de lhe falar. Preciso dela viva.

Keiro passou por ele e foi o primeiro a chegar à porta.

— Muito bem, não te mostres demasiado interessado, ou ele mata-a à tua frente. Deixa-me ser eu a falar. — Espreitou, a ver se havia alguém à escuta lá fora, e olhou por cima do ombro. — Faz cara feia e mantém-te calado, irmão. É nisso que és bom.

Os dois guarda-costas habituais defendiam a porta da cela de Jormanric, mas um sorriso rasgado de Keiro fez o mais próximo resmungar e afastar-se para o lado. Finn entrou atrás do seu irmão-de-juramento e quase sufocou com o familiar cheiro adocicado a *ket*, cujos vapores inebriantes saturavam o ar. Agarrava-se-lhe à garanta; engoliu em seco, a tentar não respirar demasiado fundo.

Keiro abriu caminho por entre os pares de irmãos-de-juramento, e Finn seguiu a flamejante camisa vermelha que se destacava como uma lâmpada no meio da turba pardacenta.

A maior parte dos presentes era meios-homens. Alguns tinham garras metálicas em vez de mãos, ou tecido plástico nos lugares de onde a pele desaparecera. Um tinha um olho falso que era exatamente igual a um verdadeiro, com uma íris de safira. Eram os mais miseráveis dos miseráveis, escravizados e desprezados pelos puros; homens que a Prisão remendara, por vezes cruelmente, por vezes por simples capricho. Um deles, quase um anão de cabelo crespo não se afastou suficientemente depressa, e Keiro derrubou-o com uma pancada.

Keiro tinha um ódio especial aos meios-homens. Nunca lhes dirigia a

palavra, mal parecia dar pela sua presença, assim como a dos cães que infestavam o Covil, como se a existência deles fosse um insulto para a sua perfeição.

A multidão recuou, e os dois encontraram-se no meio do grupo de combate. Os Comitatus de Jormanric formavam um exército triste e esfarrapado, destemidos apenas na sua própria imaginação. Arko Grande e Arko Pequeno, Amoz e o seu gémeo Zoma, a frágil Lis que parecia enlouquecer quando lutava e a sua irmã-de-juramento Ramill, que nunca dizia uma palavra. Um grupo de velhos reclusos e rapazes gabarolas, assassinos traiçoeiros e algumas mulheres peritas em venenos. E, rodeado pelos seus musculosos guarda-costas, o homem propriamente dito.

Jormanric estava a mascar *ket*, como sempre. Os dentes que lhe restavam funcionavam automaticamente, avermelhados pelo suco doce que lhe manchava os lábios e a barba. Atrás dele, o guarda-costas mascava em uníssonos.

Devia ser completamente imune à droga, pensou Finn. Ainda que não pudesse passar sem ela.

— Keiro! — disse o Senhor de Ala, arrastando as palavras. — E Finn, O Que Vê as Estrelas.

As últimas palavras soaram carregadas de ironia. Finn franziu a testa. Passou por Amoz e ficou lado a lado com o seu irmão-de-juramento

Jormanric sentava-se esparramado na sua cadeira. Era um homem grande, e o trono fora feito especialmente para ele; os braços estavam riscados por marcas, cada uma correspondente a um ataque, e manchados de *ket*. Um escravo, conhecido como escravo-cão, estava acorrentado a um dos pés; Jormanric usava-os para provar a comida, e nenhum deles durava muito tempo. Aquele era novo, fora capturado num dos últimos ataques, um monte de farrapos e cabelos desgrenhados. O Senhor de Ala usava uma cota de malha e os seus cabelos eram compridos e oleosos, entrançados e salpicados de amuletos. Sete pesados anéis com caveiras enfeitavam-lhe os dedos grossos.

Lançou aos Comitatus um olhar velado.

— Um bom assalto, gente. Comida e metal em bruto. O suficiente para

todos receberem um bom quinhão.

Um zumbido encheu a sala. Mas *todos* significava os Comitatus; os parasitas teriam de se contentar com os restos.

— E, no entanto, não tão lucrativo como podia ter sido. Um estúpido qualquer irritou a Prisão. — Cuspiu o *ket* e tirou outro pedaço da caixa de marfim que tinha junto ao cotovelo, metendo-o cuidadosamente no interior da bochecha. — Dois homens foram mortos. — Mascou lentamente, os olhos fixos em Finn. — E foi feito um refém.

Finn abriu a boca, mas Keiro pisou-lhe firmemente o pé. Nunca era uma boa ideia interromper Jormanric. O Senhor de Ala falava muito devagar, com pausas irritantes, mas o seu ar de estupidez era enganador. Um fino fio de saliva vermelha pendia-lhe da barba.

— Explica, Finn — disse.

Finn engoliu em seco, mas foi Keiro que respondeu, a voz fria e calma.

— Senhor de Ala, o meu irmão-de-juramento correu um risco enorme lá em cima. Os Cívicos podiam não ter parado, ou sequer abrandado. Graças a ele, temos comida suficiente para vários dias. A mulher foi um capricho momentâneo, uma pequena recompensa. Mas, claro, o Comitatus é teu, a decisão é tua. Ela não tem qualquer importância, de um modo ou de outro.

O *claro* era um sarcasmo suave. Jormanric não parou de mascar; Finn ficou sem saber se tinha sequer registado a alfinetada da ameaça velada.

Então viu a Maestra. Estava um pouco afastada, sob vigilância e com os pulsos acorrentados. Tinha a face suja de terra e o cabelo a começar a ficar despenteado. Devia estar aterrorizada, mas mantinha-se muito direita, os olhos pousados em Keiro e depois, gelados, nele. Não foi capaz de enfrentar o desdém. Baixou o olhar, mas Keiro deu-lhe uma cotovelada e, no mesmo instante, forçou-se a erguer a cabeça, a desafiar todos os olhares. Mostrar fraqueza naquele lugar, dar sinais de hesitação ou de dúvida, era condenar-se à morte. Nunca poderia confiar em nenhum deles, exceto Keiro, e mesmo assim só por causa do juramento.

Com uma postura arrogante, retribuiu o olhar sombrio de Jormanric.

— Há quanto tempo estás connosco? — perguntou o Senhor de Ala.

— Três anos.

— Já não és nenhum inocente, nesse caso. O vazio desapareceu-te dos olhos. Já não te sobressaltas quando ouves gritos. Já não choras quando as luzes se apagam.

Um risinho baixo percorreu as fileiras dos Comitatus.

— Ainda não matou ninguém — observou alguém.

— Já era tempo de o fazer — murmurou Amoz.

Jormanric assentiu, fazendo tilintar os pedaços de metal presos aos cabelos.

— Talvez tenhas razão. — Os olhos dele observavam Finn, e Finn devolveu-lhe o olhar, porque aquilo era uma máscara que o Senhor de Ala usava, um disfarce lento e exagerado para esconder a sua astuta crueldade. Sabia o que ia seguir-se; quando Jormanric disse, quase preguiçosamente, «Vais matar esta mulher», nem sequer pestanejou.

— Podia fazê-lo, senhor. Mas preferia ter algum lucro. Ouvi-os chamar-lhe Maestra.

Jormanric arqueou uma sobrancelha suja de *ket*.

— Resgate?

— Tenho a certeza de que pagariam. Aqueles vagões estavam carregados de coisas.

Fez uma pausa, sem precisar que Keiro lhe dissesse que não falasse de mais. Por um instante, o medo voltou à tona, mas ele reprimiu-o. Qualquer resgate significaria que Jormanric ficaria com uma parte. Devia bastar para o convencer. A ganância do homem era lendária.

A cela estava mergulhada na penumbra, as velas a tremeluzir. Jormanric encheu uma taça de vinho, despejou um pedaço no chão para a pequena criatura que parecia um cão e ficou a vê-la lambê-lo. Só quando o escravo voltou a sentar-se, incólume, bebeu ele próprio. Então ergueu a mão e voltou-a, para mostrar os sete anéis.

— Estás a vê-los, rapaz? Estes anéis contêm vidas. Vidas que eu roubei. Cada um deles foi em tempos um inimigo, que matei devagar, que torturei até à agonia. A respiração, a energia, a força foi-lhes tirada e guardada para mim, até que precise delas. São nove as vidas que um homem pode viver, Finn,

passando de uma para outra, iludindo a morte. O meu pai fê-lo, eu fá-lo-ei. Mas, por enquanto, tenho apenas sete.

Os Comitatus entreolharam-se. Nas últimas filas, as mulheres murmuraram; algumas esforçavam-se por ver os anéis por cima das cabeças da multidão. As caveiras de prata brilhavam na atmosfera carregada de droga: uma delas piscou o olho a Finn, trocista. Finn mordeu o lábio inferior e soube-lhe a *ket*; era salgado como o sangue, fazia dançar sombras à frente dos olhos. O suor empapou-lhe as costas. A cela estava insuportavelmente quente. Lá em cima nas traves, as ratazanas espreitavam para baixo, e um morcego saiu da escuridão e voltou a desaparecer nela. Num canto, sem que ninguém as visse, três crianças enfiavam as mãos no monte de cereais.

Jormanric levantou-se pesadamente. Era um homem enorme, uma cabeça mais alto do que qualquer um dos outros. Olhou de cima para Finn.

— Um homem leal ofereceria a vida desta mulher ao seu chefe. Silêncio.

Não havia escapatória. Finn soube que ia ter de fazê-lo. Olhou para a Maestra. Ela retribuiu-lhe o olhar, pálida, o rosto tenso.

Mas então a voz fria de Keiro quebrou a tensão.

— A vida de uma mulher, senhor? Uma criatura tonta e caprichosa, uma coisa frágil e indefesa?

Ela não parecia indefesa. Parecia furiosa e Finn amaldiçoou-a por isso. Porque não podia ela soluçar, suplicar e gemer? Como se lhe tivesse lido o pensamento, ela baixou a cabeça, mas todo o seu corpo estava rígido de orgulho.

Keiro esboçou um gesto com mão.

— Não é grande força para que um homem a cobice, mas se a queres, é tua.

Também aquilo era perigoso. Finn estava horrorizado. Ninguém provocava Jormanric. Ninguém o fazia parecer ridículo. Era impossível ele estar tão embotado pelo *ket* que não sentisse a ferroada. *Se a queres*. Se estás assim tão desesperado. Alguns do grupo de combate compreenderam. Zoma e Amoz trocaram sorrisos disfarçados.

Jormanric franziu o sobrolho. Lançou um olhar ameaçador à mulher, que lho devolveu. Então, cuspiu a erva vermelha e desembainhou a espada.

— Não sou tão esquisito como certos garotos vaidosos.

Finn avançou um passo. Por um instante, quis apenas arrastar a mulher dali para fora, mas Keiro agarrou-lhe o braço com uma mão de ferro e Jormanric tinha a espada encostada ao pescoço dela, a ponta acerada a marcar a pele delicada por baixo do queixo, obrigando-a a levantar a cabeça. Acabara-se. Finn pensou amargamente que nunca chegaria a descobrir o que a Maestra sabia.

Uma porta bateu nas traseiras e uma voz ácida disse:

— A vida dela é inútil, homem. Dá-a ao rapaz. Aquele que se deita no chão diante da morte tem de ser um louco ou um visionário. Seja uma coisa ou outra, mereceu a sua recompensa.

A multidão abriu alas apressadamente. Um homem de pequena estatura avançou pela passagem. Vestia o verde-escuro dos Sipienti. Era velho mas mantinha as costas bem direitas, e até os Comitatus se afastaram para o deixar passar. O homem deteve-se junto de Finn. Jormanric lançou-lhe um olhar sombrio.

— Gildas. Que te importa a ti este assunto?

— Faz o que te digo. — A voz do velho era dura, como se estivesse a falar com uma criança. — Em breve terás as tuas duas últimas vidas. Apon-
tou com o polegar para a mulher. — Mas não a dela.

Outro qualquer estaria morto. Outro qualquer teria sido arrastado para fora da cela e pendurado no poço pelos pés enquanto as ratazanas lhe roíam as entranhas. Mas, passado um segundo, Jormanric baixou a espada.

— Prometeste-me — disse.

— Prometi-te.

— As promessas dos Sábios não devem ser quebradas.

— Não serão — disse o velho.

Jormanric olhou para ele. E então embainhou a espada.

— Leva-a.

A mulher arquejou.

Gildas lançou-lhe um olhar irritado; ao ver que não se mexia, agarrou-lhe um braço e puxou-a para si.

— Sai daqui — murmurou.

Finn hesitou, mas Keiro agiu no mesmo instante, empurrando apressadamente a mulher por entre a multidão.

A mão do velho, rápida como uma garra, prendeu o braço de Finn.

— Tiveste uma visão?

— Nada de importante.

— Cabe-me a mim dizer se é importante ou não. — Gildas olhou para Keiro, que se afastava, e depois de novo para Finn. Os seus pequenos olhos negros eram muito vivos, moviam-se com uma inteligência irrequieta. — Quero todos os pormenores, rapaz.

Olhou para a ave tatuada no pulso dele, e então largou-o.

Sem esperar mais, Finn passou pelo meio da multidão e saiu.

A mulher esperava no Covil, ignorando Keiro. Voltou-se e caminhou à frente de Finn em direção à minúscula cela no canto, e ele indicou ao guarda que se afastasse com um gesto da cabeça.

A Maestra voltou-se.

— Que espécie de buraco de Escumalha é este? — sibilou.

— Estás viva...

— Mas não graças a ti. — Ela endireitou as costas, e era mais alta do que ele, e a sua fúria era como veneno. — Seja o que for que queres de mim, esquece. Podem apodrecer todos no inferno, assassinos miseráveis.

Atrás de Finn, encostado à ombreira da porta, Keiro sorria.

— Há quem não tenha ponta de gratidão — disse.

Capítulo 4

Finalmente, quando tudo ficou pronto, Martor convocou o conselho dos Sapiienti e pediu voluntários. Deveriam estar preparados para abandonar para sempre família e amigos. Para voltar costas à erva verde, às árvores, à luz do sol. Para nunca mais ver as estrelas.

— Nós somos os Sábios — disse. — A responsabilidade pelo êxito é nossa. Temos de escolher os nossos melhores cérebros para guiar os reclusos.

A hora marcada, quando se aproximou da câmara do Portão, dizem que murmurou o seu receio de que estivesse vazia.

Abriu a porta. Encontrou setenta homens e mulheres à sua espera. Com grande cerimónia, entraram na Prisão.

Nunca mais voltaram a ser vistos.

Contos do Lobo de Aço

Nessa noite, o governador ofereceu um jantar em honra do seu distinto convidado.

A comprida mesa estava posta com um serviço de prata magnífico, as taças e os pratos gravados com os dois cisnes entrelaçados. Claudia, com um vestido de seda vermelha, sentava-se em frente de Lorde Evian, enquanto o pai, que ocupava a cabeceira, comia pouco e falava em voz baixa, observando calmamente os nervosos convidados.

Todos os vizinhos e rendeiros tinham obedecido à intimação. Porque era disso que se tratava, pensou Claudia sombriamente, pois quando o governador de Incarceron convidava, não havia recusa possível. Até Mistress Sylvia, que devia ter quase duzentos anos, namoriscava e fazia conversa de circunstância com o jovem e entediado lorde sentado a seu lado. Viu-o disfarçar um bocejo. Os olhos de ambos encontraram-se e ela sorriu-lhe. Então piscou-lhe o olho, e ele manteve o olhar. Sabia que não devia provocá-lo, que ele era um dos assistentes do pai e que a filha do governador estava

fora do seu alcance. Mas também ela estava aborrecida.

Depois dos intermináveis pratos de peixe, pavão, javali assado e dos doces, dançou-se, com os músicos instalados na galeria iluminada por velas sobranceira ao salão fumarento. Enquanto deslizava por baixo dos braços erguidos da longa fila de dançarinos, deu por si a perguntar-se se todos os instrumentos seriam da Época. Estava capaz de jurar que as violas eram de um período posterior. Não devia ter deixado os pormenores a cargo de Ralph. O velho mordomo era um excelente servidor, mas a sua pesquisa nem sempre primava pelo cuidado. Quando o pai não estava, não se importava. Mas o governador era estrito em matéria de pormenores.

Passava bem da meia-noite quando finalmente acompanhou os últimos convidados até ao respetivo coche e ficou sozinha nos degraus da entrada. Atrás dela, dois tocheiros esperavam sonolentemente, os archotes e tremular na brisa.

— Vão para a cama — disse ela, sem se voltar.

O brilho e o crepitar das chamas esmoreceram. A noite estava silenciosa.

Mal os dois rapazes desapareceram, Claudia correu degraus abaixo e passou por baixo do arco da casa da guarda até à ponte sobre o fosso, aspirando a quietude da noite. Enquanto observava os morcegos que esvoaçavam no céu noturno, arrancou do pescoço a rígida gola de rufos e os colares, e, de baixo do vestido, os saiotes engomados. Aliviada, atirou tudo para dentro da velha latrina que já ninguém usava, junto à margem.

Muito melhor! Podiam lá ficar até de manhã.

O pai retirara-se cedo. Tinha levado Lorde Evian para a biblioteca; talvez ainda lá estivessem, a falar de dinheiro e de entendimentos e a discutir o futuro. E depois, quando o convidado fosse dormir e a casa inteira estivesse silenciosa, o pai afastaria para o lado a cortina de veludo preto ao fundo do corredor e abriria a porta do seu gabinete, a que tinha a fechadura de segredo cuja combinação ela tentara durante meses descobrir. Fechar-se-ia lá dentro durante horas, talvez dias. Tanto quanto ela soubesse, mais ninguém entrava naquela divisão. Nenhum criado, nenhum técnico, nem sequer Medlicote, o secretário. Ela própria nunca lá tinha estado.

Bem, por enquanto.

Ao olhar para o torreão norte viu, como esperava, uma pequena luz a brilhar na janela do quarto mais alto. Dirigiu-se rapidamente à porta na parede, abriu-a e subiu a escadas no escuro.

Ele pensava nela como uma ferramenta. Uma coisa que tinha feito... criado, fora a palavra que usara. Claudia apertou os lábios e continuou a subir, roçando com as pontas dos dedos a parede fria e gordurosa. Descobrira havia muito que ele era tão implacável que, para sobreviver, teria de o equiparar.

O pai amava-a? Deteve-se num patamar de pedra, para recuperar o fôlego, e riu para si mesma. Não fazia ideia. E ela? Amava-o? Sabia que o temia. Ele sorria-lhe, pegara-lhe uma ou outra vez ao colo, quando era pequena, dava-lhe a mão nas grandes ocasiões, admirava-lhe os vestidos. Nunca lhe recusara o que quer que fosse, nunca lhe batera ou se zangara com ela, mesmo quando fazia birras e partia os colares de pérolas que ele lhe oferecia, ou montava a cavalo e fugia para as montanhas durante dias. No entanto, desde que se lembrava, a calma daqueles olhos cinzentos sempre a aterrorizara, o medo de lhe causar desagrado estivera sempre presente.

Para lá do terceiro patamar, a escada estava cheia de excrementos de aves. Muito verdadeiros. Avançou com cuidado, tateando a parede do corredor até à esquina, subiu mais três degraus e chegou à porta gradeada. Agarrou o aro, rodou-o silenciosamente e espreitou para dentro.

— Jared? Sou eu.

A divisão estava às escuras. Uma vela solitária ardia no peitoril, a chama a tremular na brisa. Todas as janelas à volta do torreão estavam abertas, num desrespeito pelo Protocolo que teria deixado Ralph de cabelos em pé.

O observatório do telhado era sustentado por uma armação de vigas de aço tão finas que parecia flutuar. Um grande telescópio, equipado com visores de busca, leitores de infravermelhos e um pequeno monitor que tremeluzia tinha sido apontado para Sul. Claudia abanou a cabeça.

— Se o espião da rainha vê isto, as multas vão arruinar-nos.

— Não vai ver, depois da quantidade de sidra que despejou esta noite. Ao princípio, ela não conseguiu sequer vê-lo. Então, uma sombra

junto à janela moveu-se e a escuridão condensou-se numa figura esguia

que se endireitou, afastando-se do óculo por onde estivera a espreitar.

— Anda ver isto, Claudia.

Ela avançou às apalpadelas na escuridão, por entre as mesas atafalhadas de coisas, o astrolábio, os globos pendentes. Assustada, uma cria de raposa fugiu para o peitoril.

Ele pegou-lhe num braço e guiou-a até ao telescópio.

— A Nebulosa f345. Chamam-lhe a Rosa.

Quando olhou, Claudia compreendeu porquê. A suave explosão de estrelas que enchia o escuro círculo de céu abria-se como as pétalas de uma enorme flor, com milhares de anos-luz de largura. Uma flor de estrelas e quasares, mundos e buracos negros, o coração derretido a pulsar com nuvens gasosas.

— A que distância está? — murmurou.

— Mil anos-luz.

— Então aquilo que estou agora a ver tem mil anos?

— Talvez mais.

Ofuscada, afastou o olho da objetiva. Quando se voltou para ele, minúsculos pontos luminosos toldaram-lhe a visão, dançaram nos cabelos negros e emaranhados de Jared, no rosto estreito e na figura magra, na túnica desapertada por baixo da casaca.

— Ele antecipou o casamento — disse.

O tutor franziu a testa.

— Sim, claro.

— Sabias?

— Sabia que o conde foi expulso da Academia. — Jared aproximou-se da vela e Claudia viu os olhos verdes refletirem a luz. — Enviaram-me uma mensagem esta manhã. Calculei que seria este o resultado.

Irritada, ela atirou para o chão o monte de papéis que ocupava o sofá e sentou-se pesadamente, puxando os pés para cima.

— Pois não te enganaste. Temos dois dias. Não vai ser o suficiente, pois não?

Ele foi sentar-se à frente dela.

— Para acabar os testes do aparelho, não.

— Estás com um ar cansado, Jared Sapiens.

— Também tu, Claudia Arlexa.

Jared estava pálido e com olheiras.

— Devias dormir mais — disse ela, docemente.

Ele abanou a cabeça.

— Enquanto lá fora o universo continua a girar por cima da minha cabeça? Impossível, senhora.

Ela sabia que era a dor que o mantinha acordado. Jared chamou a cria de raposa, que lhe saltou para o colo e começou a roçar a cabeça contra o peito e a cara, a enfiar-lhe a ponta do focinho debaixo das mãos. Ele acariciou-lhe distraidamente o dorso avermelhado.

— Claudia, tenho estado a pensar na tua teoria. Quero que me contes como foi combinado o teu noivado.

— Estavas cá, não estavas?

Ele sorriu com delicadeza.

— É natural que te pareça que estou cá desde sempre, mas a verdade é que só vim depois do teu quinto aniversário. O governador pediu à Academia o melhor Sapiente que tivessem. Só o melhor seria suficientemente bom para tutor da filha.

Claudia recordou as palavras do pai e franziu a testa. Jared olhou para ela de soslaio.

— Disse alguma coisa?

— Não foste tu. — Estendeu a mão para a cria de raposa, mas o pequeno animal fugiu-lhe, encolhendo-se no braço de Jared. Por isso disse, num tom amargo: — Bem, depende do noivado a que te referes. Tive dois.

— Ao primeiro.

— Não posso. Tinha cinco anos. Não me lembro.

— Mas foste prometida ao filho do rei. Ao Giles.

— Como disseste, só o melhor é suficientemente bom para a filha do

governador.

Levantou-se de um salto e pôs-se a deambular pelo observatório, pegando em papéis ao acaso, agitada.

Os olhos verdes de Jared observavam-na.

— Lembro-me de que era um rapazinho encantador.

De costas para ele, ela disse:

— Sim. O pintor da corte enviava-nos todos os anos um pequeno retrato dele. Tenho-os todos guardados numa caixa. Dez. Tinha cabelo castanho-escuro e um rosto bondoso, forte. Teria sido um belo homem. — Voltou-se. — Só o vi pessoalmente uma vez. Quando fomos à festa do sétimo aniversário dele, na corte. Lembro-me de um rapaz sentado num trono demasiado grande para ele. Tiveram de pôr uma caixa para apoiar os pés. Tinha uns grandes olhos castanhos. Deixaram-no beijar-me na cara, e ficou muito envergonhado. — Sorriu à recordação. — Sabes como os rapazes ficam mesmo vermelhos. Bem, ele ficou escarlate. Tudo o que conseguiu balbuciar foi: «Olá, Claudia Arlexa. Chamo-me Giles. > Deu-me um ramo de rosas. Conservei-as até que se desfizeram.

Dirigiu-se ao telescópio e encavalitou-se no banco, levantando a saia até aos joelhos. O Sapiente acariciou a raposa enquanto a via ajustar o óculo e espreitar.

— Gostavas dele.

Ela encolheu os ombros.

— Ninguém diria que era o príncipe herdeiro. Parecia um rapaz como outro qualquer. Sim, gostava dele. Podíamos ter-nos dado bem.

— Mas não do irmão, do conde? Nem mesmo naquela altura?

Os dedos dela rodavam os botões de ajustamento fino.

— Oh, esse! Aquele sorriso torcido. Não, percebi logo o que ele era. Fazia batota ao xadrez e virava o tabuleiro quando estava a perder. Gritava com os criados e algumas das outras raparigas contavam-me coisas. Quando o meu... quando o governador chegou a casa e me disse que o Giles tinha morrido repentinamente... que ia ser preciso alterar todos os planos, fiquei furiosa. — Endireitou-se no banco. — O que te jurei então continua a valer.

Mestre, não posso casar com o Caspar. Não casarei com ele. Detesto-o.

— Acalma-te, Claudia.

— Como é que posso acalmar-me! — Estava outra vez de pé, a andar de um lado para o outro. — Sinto-me como se tudo me tivesse desabado em cima! Pensava que íamos ter tempo, mas dois dias? Temos de *agir*, Jared. Tenho de entrar no gabinete, mesmo que a tua máquina ainda não tenha sido testada!

Ele assentiu. Pegou na pequena raposa e pousou-a no chão, ignorando o rosnido de contrariedade.

— Vem ver isto.

Ao lado do telescópio, o monitor iluminou-se. Jared tocou no controlo e o visor encheu-se de palavras na língua dos Sapietes, que ele nunca lhe ensinara por mais que ela lho suplicasse. Enquanto ele passava o texto, um morcego atravessou a sala aberta e desapareceu na noite. Claudia olhou em redor.

— Devíamos ter cuidado.

— Já fecho as janelas — disse ele, distraidamente. Fez parar o texto. — Cá está. — Premiou uma tecla e a tradução apareceu. — Vê. É um fragmento de um rascunho queimado de uma carta escrita pela rainha, recuperado e copiado por um espião dos Sapieti no Palácio, há três anos. Pediste-me que procurasse qualquer coisa que apoiasse a tua absurda teoria...

— Não é absurda.

— Bem, a tua improvável teoria, então, de que a morte do Giles foi...

— Assassínio.

— Repentina e suspeita. Seja como for, encontrei isto.

Ela quase o empurrou para o lado, na sua ânsia.

— Como o conseguiste?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Segredos dos Sábios, Claudia. Digamos apenas que um amigo meu na Academia procurou nos arquivos.

Enquanto ele se dirigia às janelas, ela começou a ler o texto.

...Quanto à combinação de que falámos, é lamentável, mas as grandes mudanças exigem por vezes grandes sacrifícios. G tem sido mantido afastado dos outros desde que o pai dele morreu; o desgosto das pessoas será genuíno mas de curta duração, poderemos contê-lo. Quase não preciso dizer que o seu papel será para nós de um valor incalculável. Quando o meu filho for rei, posso prometer a todos que...

Claudia bufou de exasperação.

— Só isto?

— A rainha sempre foi muito cautelosa. Temos pelo menos dezassete agentes no Palácio, mas não há provas de nada. — Baixou a última janela, tapando as estrelas. — Mesmo isso custou muito a conseguir.

— Mas é tão claro! — Voltou a ler, excitada. — Repara... o desgosto das pessoas será genuíno... quando o meu filho for rei...

Quando Jared se aproximou e acendeu o candeeiro, ela olhou-o com os olhos brilhantes de excitação.

— Mestre, isto prova que ela o matou. Assassinou o herdeiro do rei, o último da dinastia dos Havaarna, para que o meio-irmão, o seu próprio filho, pudesse ficar com o trono.

Jared ficou imóvel por um instante. Então, a chama do candeeiro estabilizou e ele ergueu os olhos para ela. O entusiasmo de Claudia desfez-se.

— Não concordas comigo — disse.

— Pensei que te tinha ensinado melhor, Claudia. Sê rigorosa nos teus argumentos. Tudo o que isto prova é que ela tencionava que o filho fosse rei. Não que tenha feito qualquer coisa para o conseguir.

— Mas este G...

— Pode ser a inicial de outro nome qualquer — disse ele, e sustentou-lhe o olhar, implacável.

— Não acreditas nisso. Não podes...

— Não é aquilo em que eu acredito que importa, Claudia. Quem faz uma acusação como esta tem de ter provas tão cabais que sejam inquestionáveis, que não permitam a mais pequena dúvida. — Sentou-se cuidadosamente numa cadeira, com uma careta. — O príncipe morreu de uma queda do

cavalo. Os médicos atestaram-no. O corpo ficou em câmara ardente no Grande Salão do Palácio durante três dias. Milhares de pessoas desfilaram diante dele. O teu próprio pai...

— Ela deve tê-lo mandado matar. Tinha ciúmes dele.

— Nunca o demonstrou. E o corpo foi cremado. Agora não há maneira de saber. — Jared suspirou. — Será que não vês o que vai parecer? Serás apenas uma menina mimada que não está satisfeita com o casamento que lhe arranjaram e não hesita em fazer qualquer escândalo para lhe fugir.

— Não quero saber! — sibilou ela. — E se...

Ele endireitou-se na cadeira.

— Calada!

Claudia imobilizou-se. A pequena raposa estava de pé, de orelhas arrebitadas. Uma corrente de ar insinuou por baixo da porta.

No mesmo instante, puseram-se os dois em movimento. Claudia correu para a janela e escureceu o vidro; voltou-se e viu os dedos de Jared no painel de controlo dos sensores e alarmes que instalara na escada. Pequenas luzes vermelhas dançavam.

— O que é? — perguntou ela num murmúrio.

Ele não respondeu imediatamente. Quando falou, foi num sussurro.

— Estava qualquer coisa lá fora. Pequena. Talvez um aparelho de escuta. O coração dela bateu com mais força.

— O meu pai?

— Quem sabe? Talvez Lorde Evian. Talvez o Medlicote.

Ficaram os dois imóveis na penumbra durante muito tempo, à escuta. A noite estava silenciosa. Algures ao longe um cão ladrou. Ouviram o débil balido das ovelhas no prado do outro lado do fosso, e um mocho, à caça. Passado algum tempo, um roçagar na sala disse-lhes que a cria de raposa se tinha enrolado para dormir. A vela tremeluziu e apagou-se. No silêncio, ela disse:

— Amanhã vou entrar no gabinete. Se não descobrir nada a respeito do Giles, talvez possa ao menos ficar a saber alguma coisa a respeito de Incarceron.

— Com ele aqui...

— É a minha última oportunidade.

Jared passou os compridos dedos pelo cabelo emaranhado.

— Claudia, é melhor ires. Falamos disto amanhã.

Então, de repente, o rosto dele ficou branco, as mãos espalmadas na mesa. Inclinou-se para a frente e respirou com força.

Ela contornou o telescópio, sem fazer barulho.

— Mestre?

— O meu medicamento. Por favor.

Ela pegou na vela, sacudiu-a para reavivar a chama e amaldiçoou a Época pela centésima vez.

— Onde... não o encontro...

— A caixa azul. Junto ao astrolábio.

Claudia procurou às apalpadelas, agarrando penas, papéis, livros, a caixa. Dentro dela, havia uma pequena seringa e as ampolas. Encaixou uma no recetáculo e levou-lha.

— Queres...

Ele sorriu gentilmente.

— Não. Eu trato disto.

Ela aproximou o candeeiro; ele enrolou a manga e Claudia viu as inúmeras marcas à volta da veia. Jared aplicou cuidadosamente a injeção, o micro-infusor quase a não tocar na pele. Quando voltou a guardar a seringa na caixa, a voz dele soou mais calma e firme.

— Obrigado, Claudia. E não faças esse ar assustado. Esta doença anda a matar-me há dez anos, e não tem pressa. Provavelmente, vai levar outros dez a acabar comigo.

Ela não conseguia sorrir. Momentos como aquele aterrorizavam-na.

— Queres que mande alguém...? — perguntou.

— Não, não. Vou para a cama, dormir. — Jared entregou-lhe a vela e acrescentou: — Tem cuidado ao descer a escada.

Ela assentiu, relutante, e atravessou a sala. Deteve-se junto à porta, e voltou-se. Ele parecia estar à espera daquilo, a fechar a caixa, o verde — - escuro da casaca dos Sipienti, com a sua gola alta, a brilhar com uma estranha iridescência.

— Mestre, a carta. Sabes a quem era dirigida?

Jared olhou para ela, com uma expressão infeliz.

— Sei. E torna ainda mais urgente a necessidade de entrarmos no gabinete dele.

A chama da vela tremeu quando ela arquejou, estarrecida.

— Quer dizer...

— Sim, Claudia. A carta da rainha era dirigida ao teu pai.

Capítulo 5

Havia um homem, e o seu nome era Sapphique. De onde veio é um mistério. Há quem diga que nasceu da Prisão, dos componentes lá armazenados. Há quem diga que veio do Exterior porque só ele, entre todos os homens, lá voltou. Há quem diga que não era um homem e sim uma criatura dessas faíscas brilhantes que os lunáticos veem em sonhos e a que chamam estrelas.

Há quem diga que era um mentiroso e um louco.

Lendas de Sapphique

— Tens de comer alguma coisa.

De sobrolho franzido, Finn olhava para a mulher que, sentada à mesa, a cara coberta pelo capuz resolutamente voltada na direção oposta, mantinha um silêncio impenetrável.

Pousou o prato, sentou-se no banco de madeira ao lado dela e esfregou os olhos cansados com a palma das mãos. À volta deles, o barulho dos Comitatus a tomar o pequeno-almoço enchia a vasta sala. Era uma hora depois de Luzes-Acesas, quando as portas que não estavam avariadas se abriam com um estrépito a que ele levara anos a habituar-se. Ergueu a cabeça para as traves do teto e viu um dos Olhos da Prisão a observar; a pequena luz vermelha olhava para baixo com uma imobilidade enervante.

Carregou ainda mais o sobrolho. Mais ninguém ligava aos Olhos, mas ele odiava-os. Pondo-se de pé, voltou-lhe as costas.

— Vem comigo — disse. — Para um sítio mais sossegado.

Afastou-se rapidamente, sem se voltar para ver se ela o seguia. Não podia esperar mais por Keiro. O amigo fora tratar da parte do saque que lhes cabia, porque era sempre ele que tratava dessas coisas. Apercebera-se havia muito de que o irmão-de-juramento andava quase de certeza a enganá-lo, mas nunca dera muita importância ao assunto. Passou por baixo de um arco e chegou ao topo de uma escadaria que descia numa elegante curva para a escuridão.

Ali, os ruídos eram abafados e ecoavam estranhamente nos espaços cavernosos. Duas ou três jovens escravas de ar escanzelado passaram por ele apressadas, com o ar aterrorizado que faziam sempre que um dos Comitatus olhava sequer para elas. Do teto invisível, enormes correntes desciam em arcos grandes como pontes, cada elo mais grosso do que um homem. As superaranhas tinham feito ninho em alguns deles, cobrindo o metal com uma teia pegajosa. Um cão meio ressequido pendia de cabeça para baixo de um dos casulos.

Quando Finn se voltou, a Maestra estava atrás dele.

Ele avançou para ela e falou em voz baixa:

— Ouve-me. Tinha de te trazer. Não te quero fazer mal. Lá em cima, na calçada, disseste uma coisa. Disseste que reconhecias isto.

Arregaçou a manga e mostrou-lhe o pulso.

Ela lançou-lhe um olhar rápido e desdenhoso.

— Foi uma estupidez ter pena de ti.

Finn sentiu a raiva crescer-lhe no peito, mas reprimiu-a.

— Preciso de saber. Não faço a mínima ideia de quem sou nem do que esta marca significa. Não me lembro de nada.

Dessa vez, a mulher olhou para ele.

— És um *nascido-na-cela*?

O nome irritou-o.

— É o que lhe chamam.

— Já tinha ouvido falar deles, mas nunca tinha visto um.

Finn desviou o olhar. Falar a respeito de si mesmo perturbava-o. Mas percebeu o interesse dela; podia ser a sua única hipótese. Sentou-se no primeiro degrau, a sentir a pedra fria e lascada debaixo das mãos. Com os olhos fixos no vazio à sua frente, disse:

— Acordei. Foi tudo. Havia escuridão e silêncio, e a minha mente estava completamente vazia e eu não fazia ideia de quem era ou de onde estava.

Não lhe contaria como o pânico o invadira e o fizera bater e magoar-se contra as paredes da minúscula e sufocante cela. Não podia revelar que

soluçara até vomitar, que se encolhera num canto durante dias, o canto da sua própria mente, o canto da cela, porque eram ambos a mesma coisa e estavam ambos vazios.

— Talvez ela tivesse adivinhado; foi sentar-se ao lado dele, o vestido a restolhar.

— Quantos anos tinhas?

Ele encolheu os ombros.

— Como hei de saber? Foi há três anos.

— Cerca de quinze, então. Bastante novo. Ouvei dizer que alguns nascem loucos e já velhos. Tiveste sorte.

Finn detetou uma réstia quase impercetível de simpatia, apesar da dureza da voz, recordou a preocupação dela antes da emboscada. Era uma mulher que tinha pena dos outros. Era o ponto fraco dela e ele tinha de explorá-lo. Como Keiro lhe ensinara.

— *Estive* louco, Maestra. Por vezes, ainda estou. Não podes imaginar o que é não ter passado, não saberes como te chamas, de onde vens, onde estás, o que és. Descobri que vestia um macacão cinzento estampado com um nome e um número. O nome era FINN, o número 0087/2314. Li aqueles algarismos vezes sem conta. Aprendi-os, risquei-os em pedras com fragmentos aguçados, cortei-os nos braços em letras de sangue. Rastejei pelo chão como um animal, imundo, de cabelos compridos. De dia e de noite, havia luzes que se acendiam e se apagavam. A comida saía da parede numa bandeja; os dejetos desapareciam da mesma maneira. Uma ou duas vezes fiz um esforço e tentei fugir pela abertura, mas ela fechava-se demasiado depressa. Passava a maior parte do tempo numa espécie de estupor. E quando dormia, tinha sonhos horríveis.

Ela observava-o. Finn sentiu que perguntava a si mesma quanto do que ele dizia era verdade. As mãos dela eram fortes e capazes; via-se que trabalhava duramente com elas, mas tinha as unhas pintadas de vermelho.

— Não sei o teu nome — disse em voz baixa.

— O meu nome não interessa. — O olhar dela manteve-se firme. — Já ouvi falar dessas celas. Os Sapiienti chamam-lhes Úteros de Incarceron. A Prisão cria nelas novas pessoas; emergem como crianças ou adultos, inteiros,

não como os meios-homens. Mas só os jovens sobrevivem. Os Filhos de Incarceron.

— Alguma coisa sobreviveu. Não tenho a certeza de que tenha sido eu. — Queria falar-lhe dos pesadelos de imagens fragmentadas, das vezes em que acordava, ainda agora, em pânico, à procura do seu próprio nome, sem saber onde estava, até que a respiração calma de Keiro o tranquilizava.

Em vez disso, disse: — E havia sempre um Olho. Ao princípio, não sabia o que era, só reparava nele de noite, um pequeno ponto encarnado a brilhar perto do teto. Pouco a pouco, percebi que estava sempre ali, acabei por imaginar que me vigiava, que não havia maneira de lhe fugir. Comecei a pensar que havia uma inteligência por trás dele, curiosa e cruel. Odiava-o, tentava encolher-me, enrolava-me com a cara contra as pedras húmidas para não o ver. Passado algum tempo, porém, não conseguia parar de olhar para me certificar de que ainda lá estava. Tornou-se uma espécie de conforto. Tinha medo de que desaparecesse, não conseguia suportar a ideia de que pudesse deixar-me. Foi então que comecei a falar com ele.

Nem a Keiro tinha contado aquilo. O silêncio dela, a sua proximidade, aquele cheiro a sabonete e a conforto, Finn devia ter em tempos conhecido qualquer coisa parecida porque lhe arrancavam as palavras, agora duras, relutantes.

— Alguma vez falaste com Incarceron, Maestra? No escuro da noite, quando estão todos a dormir? Já alguma vez lhe rezaste e lhe murmuraste? Alguma vez lhe pediste que pusesse fim ao pesadelo do nada? É o que os nascidos-na-cela fazem. Porque não há mais ninguém no mundo. Incarceron é o mundo.

A voz estrangulou-se-lhe. Tendo o cuidado de não olhar para ele, ela disse:

— Nunca estive assim tão sozinha. Tenho marido. Tenho filhos.

Finn engoliu em seco, sentiu a raiva dela furar a sua autocomiseração. Talvez também ela estivesse a trabalhá-lo. Mordeu o lábio e afastou os cabelos dos olhos, apesar de saber que estavam húmidos; não queria saber.

— Tens sorte, Maestra, porque eu não tenho ninguém senão a Prisão, e a Prisão tem um coração de pedra. Mas, pouco a pouco, comecei a com-

preender que era enorme e que eu vivia dentro dela, que era uma criatura minúscula, perdida, que ela me tinha comido. Eu era filho dela e ela era minha mãe, grande para lá do entendimento. E quando tive a certeza disso, tanta certeza que fiquei aturdido de silêncio, a porta abriu-se.

— Havia então uma porta!

A voz dela tinha uma ponta de sarcasmo.

— Havia. Sempre houve. Era muito pequena e invisível na parede cinzenta. Durante muito tempo, horas, talvez, fiquei a olhar para aquele retângulo de escuridão, com medo do que podia entrar, dos pequenos ruídos e dos cheiros do outro lado. Finalmente, consegui reunir coragem suficiente para rastejar até lá e espreitar para fora. — Sabia que ela estava a olhar para ele. Apertou as mãos uma na outra e continuou num tom calmo: — A única coisa que havia do outro lado da porta era um corredor branco, iluminado de cima. Corria a direito em ambas as direções e não havia aberturas, nem fim. Estreitava eternamente até desaparecer. Pus-me de pé...

— Ah, conseguias andar!

— Mal. Tinha muito pouca força.

Ela sorriu, um sorriso sem humor. Finn apressou-se a continuar:

— Caminhei até que as minhas pernas já não conseguiam sustentar-me, mas o corredor continuava a ser tão direito e liso como antes. As luzes apagaram-se e só os Olhos me vigiavam. Quando deixava um para trás, encontrava outro mais à frente, e isso confortava-me porque, estupidamente, pensava que Incarceron estava a velar por mim, a levar-me até um lugar seguro. Nessa noite, dormi no sítio onde caí. A Luzes-Acesas, havia um prato cheio de uma comida branca e mole junto à minha cabeça. Comi e continuei a andar. Durante dois dias segui aquele corredor até que comecei a convencer-me de que estava a caminhar sem sair do mesmo sítio, que não ia chegar a parte nenhuma, que era o corredor que se movia, passando por mim, que estava numa horrível passadeira rolante e que teria de caminhar para sempre. E então choquei com uma parede de pedra. Bati-lhe, desesperado. Ela abriu-se e eu caí para a escuridão.

Calou-se, e ficou calado tanto tempo que ela perguntou:

— E vieste parar a este sítio?

Estava fascinada, por muito que detestasse admiti-lo. Finn encolheu os ombros.

— Quando acordei, estava deitado de costas num vagão, com um monte de cereais e algumas dezenas de ratazanas. Os Comitatus tinham-me encontrado numa das suas patrulhas. Podiam ter-me escravizado ou podiam ter-me cortado o pescoço. Foi o Sapiente que os fez desistir da ideia. Embora o Keiro goste de dizer que foi ele.

Ela riu bruscamente.

— Não duvido. E nunca tentaste voltar a encontrar o tal túnel?

— Tentei. Nunca consegui.

— Mas ficar com estes... animais.

— Não havia mais ninguém. E o Keiro precisava de um irmão-de-juramento, ninguém consegue sobreviver aqui sem um. Ele achava que as minhas... visões... podiam ser úteis, e talvez tenha reconhecido que eu era suficientemente temerário para ele. Fizemos um corte nas mãos e misturámos o nosso sangue e rastejámos juntos por baixo de um arco de correntes. É o que fazem aqui... um laço sagrado. Protegemo-nos um ao outro. Se um morrer, o outro tem de o vingar. Nunca pode ser quebrado.

Ela olhou em redor.

— O Keiro não é irmão que eu escolhesse. E o Sapiente?

Finn encolheu os ombros.

— Acredita que as minha visões são enviadas por Sapphique. Para nos ajudar a encontrar a saída. — Ela não disse nada. Finn pediu, em voz baixa: — Agora que sabes a minha história, fala-me desta marca. Falaste de um cristal...

— Fui boa para ti. — Os lábios dela estavam cerrados. — Em troca, raptaram-me e provavelmente serei assassinada por um bandido que pensa que pode armazenar vidas. Em anéis de prata!

— Não brinques com isso — disse Finn, pouco à vontade. — É perigoso.

— Tu acreditas? — perguntou ela, espantada.

— É verdade. O pai dele viveu duzentos anos...

— Tretas! — O escárnio dela era absoluto. — O pai dele pode ter che-

gado a velho, mas provavelmente porque ficava com a melhor comida e as melhores roupas e deixava os perigos para os seus estúpidos seguidores. Como tu. — Voltou-se e lançou-lhe um olhar fulminante. — Aproveitaste-te da minha compaixão. E continuas a fazê-lo.

— Não é verdade. Pus a minha vida em risco para te salvar. Tu viste.

A Maestra abanou a cabeça, de lábios crispados. Então agarrou-lhe o braço e, antes que ele pudesse soltar-se, puxou a manga para cima.

A pele suja tinha algumas nódoas negras, mas nenhuma cicatriz.

— Que aconteceu aos golpes que fizeste?

— Sararam — respondeu ele, em voz baixa.

Ela largou a manga, com uma expressão de asco, e desviou a cara.

— O que é que me vai acontecer?

— O Jormanric vai enviar um mensageiro à tua gente. O resgate será o teu peso em tesouro.

— E se eles não pagarem?

— Claro que vão pagar.

— Mas se *não* pagarem? — Olhou para ele. — O que é que acontece? Finn encolheu os ombros, infeliz.

— Tornas-te uma escrava, aqui. Irás processar minério, fabricar armas. É perigoso. Recebem pouca comida. Ele obriga-os a trabalhar até à morte.

Ela assentiu. Com os olhos fixos na escuridão da escadaria deserta, respirou fundo e ele viu o hálito dela condensar-se no ar frio.

— Nesse caso — disse ela fazemos um acordo. Eu consigo que me tragam o cristal e tu libertas-me. Esta noite.

O coração dele deu um salto. Mas disse:

— Não é assim tão fácil...

— É assim tão fácil. Caso contrário não te dou nada, Finn Nascido-na-Cela. Nunca.

Voltou-se e olhou com firmeza para ele.

— Sou a Maestra do meu povo e nunca me submeterei à Escumalha.

Era corajosa, pensou Finn, mas não fazia a mínima ideia. Em menos de uma hora, Jormanric podia pô-la a suplicar que lhe dessem tudo o que ele quisesse. Finn vira aquilo acontecer demasiadas vezes, e enjoava-o.

— Terão de trazer o cristal com o resgate.

— Não quero que sejam obrigados a isso. Quero que me leves até ao lugar onde me encontraste hoje, antes de as portas se fecharem. Quando lá chegarmos...

— Não posso. — Levantou-se abruptamente. Atrás deles, o alarme fez um bando de pombas sujas que infestavam o Covil levantar voo e desaparecer na escuridão. — Esfolavam-me vivo!

— O problema é teu. — A mulher sorriu com azedume. — Tenho a certeza de que saberás inventar uma história. És especialista nisso.

— Tudo o que te disse é verdade.

De repente, precisava que ela acreditasse nele.

— Como a história que contaste antes da emboscada?

Finn enfrentou-lhe o olhar, mas por pouco tempo.

— Não posso libertar-te assim. Mas juro que, se me conseguires o cristal, voltarás a salvo para casa.

Por um instante, o silêncio foi glacial. Ela voltou-lhe as costas e envolveu o corpo com os braços. Finn soube que ela lhe ia dizer. A voz da mulher foi sombria.

— Muito bem. Há algum tempo, a minha gente conseguiu entrar numa sala deserta. Tinha sido fechada com tijolos a partir do interior, quem sabe se há séculos. O ar cheirava mal. Quando entrámos, encontrámos algumas roupas transformadas em pó, algumas joias, o esqueleto de um homem.

— E depois?

Finn esperou, atento.

Ela olhou-o de esguelha.

— Tinha na mão um pequeno artefacto cilíndrico feito de cristal ou de vidro pesado. Dentro dele há um holograma de uma águia de asas abertas. Numa das garras segura uma esfera. Tem uma coroa à volta do pescoço, como a tua.

Por um instante, ele foi incapaz de falar. Antes que conseguisse recuperar a compostura, ela disse:

— Tens de jurar a minha segurança.

Ele queria agarrar-lhe na mão e correr com ela, naquele instante, até ao poço, e subir até à calçada. Mas disse:

— Têm de pagar o resgate. Não posso fazer nada agora... se tentássemos, seríamos ambos mortos. E o Keiro também.

A Maestra assentiu, com um gesto cansado.

— Vai custar-nos tudo o que temos, juntar o meu peso em tesouro. Ele engoliu em seco.

— Nesse caso juro-te... pela minha vida, pela vida do Keiro... que se o fizerem nenhum mal te acontecerá. Que garantirei que a troca será honesta. É tudo o que posso fazer.

A Maestra pôs-se de pé.

— Mesmo que tenhas em tempos sido um nascido-na-cela — murmurou estás a tornar-te muito rapidamente num Escumalha. E és tão prisioneiro aqui como eu.

Sem esperar por uma resposta, voltou-lhe as costas e regressou ao Covil. Finn passou lentamente a mão pela parte de trás do pescoço, sentindo o suor. Apercebeu-se de que o seu corpo era um nó de tensão; forçou-se a expelir o ar que retinha nos pulmões. Então imobilizou-se.

Uma figura escura estava sentada dez degraus mais abaixo, nas sombras da escada, com as costas apoiadas à balaustrada.

Finn franziu a testa.

— Não confias e mim?

— És uma criança, Finn. Um inocente. — Keiro rodava pensativamente uma moeda de ouro entre os dedos. Então disse. — Não voltes a jurar pela minha vida.

— Não queria dizer...

— Não? — Keiro pôs-se de pé com um movimento rápido e subiu os degraus até ficar frente a frente com ele. — Ótimo. Mas lembra-te disto: tu e eu estamos ligados por um contrato sagrado. Se o Jormanric descobrir que

estás a traí-lo de alguma maneira, acabamos ambos como os últimos dos seus anéis. Mas eu não tenciono morrer, Finn. E tu estás em dívida para comigo. Trouxe-te para este grupo de combate quando a tua cabeça estava vazia e tu estavas estúpido de medo. — Encolheu os ombros. — Por vezes, pergunto a mim mesmo porque me dei ao incómodo.

Finn engoliu em seco.

— Deste-te ao incómodo porque mais ninguém estava disposto a aturar o teu orgulho, a tua arrogância e os teus roubos. Deste-te ao incómodo porque viste que eu seria tão temerário como tu. E quando enfrentares o Jormanric vais precisar de mim a teu lado.

Keiro arqueou uma sardónica sobranceira.

— O que é que te faz pensar...

— Vais enfrentá-lo, um dia. Talvez em breve. Portanto ajuda-me nisto, irmão, e eu ajudar-te-ei. — Franziu a testa. — Por favor. É muito importante para mim.

— Estás obcecado por essa ideia estúpida de que vieste do Exterior.

— Não é uma ideia estúpida. Pelo menos para mim.

— Tu e o Sapiente. Dois loucos. — Finn não respondeu, e Keiro riu com aspereza. — Nascestes em Incarceron, Finn. Aceita-o. Ninguém vem do Exterior. Ninguém Foge! Incarceron está selada. Nascemos todos aqui e havemos de morrer todos aqui. A tua mãe abandonou-te e tu não te lembras dela. A cicatriz da ave é apenas uma marca de tribo. Esquece-a.

Não podia. Não o faria. Disse, teimoso:

— Não nasci aqui. Não me lembro de ser uma criança, mas fui. Não me lembro de como vim aqui parar, mas não fui gerado por um útero artificial de fios e produtos químicos. E isto — mostrou o pulso — há de prová-lo.

Keiro encolheu os ombros.

— Por vezes penso que ainda não estás bom de cabeça.

Finn olhou para ele com uma expressão zangada, pôs-se de pé e deu meia-volta.

No patamar, teve de passar por qualquer coisa que ali estava agachada no escuro. Parecia o escravo-cão de Jormanric, a tentar esticar a corrente que o

premia para chegar à tigela com água que um brincalhão qualquer deixara fora do seu alcance. Finn empurrou a tigela para mais perto com a ponta do pé e seguiu em frente.

A corrente do escravo tilintou.

Através do emaranhado de cabelos, os pequenos olhos ficaram a vê-lo afastar-se.

Capítulo 6

Ficou decidido desde o início que só o governador conheceria a localização de Incarceron. Todos os criminosos, indesejáveis, extremistas políticos, degenerados, lunáticos, seriam transportados para lá. O Portão seria selado e a Experiência começaria. Era vital que nada perturbasse o delicado equilíbrio da programação de Incarceron, que proporcionaria tudo o que fosse necessário — educação, uma dieta equilibrada, exercício, bem-estar espiritual e trabalho útil — para criar um paraíso.

Passaram cento e cinquenta anos. O governador comunica que os progressos são excelentes.

Arquivos da Corte 4302/6

— Estava absolutamente delicioso! — Lorde Evian limpou os grossos lábios com um guardanapo branco. — Tem mesmo de me dar a receita, minha querida.

Claudia parou de tamborilar com os dedos na toalha e sorriu encantadoramente.

— Vou mandar alguém copiá-la para lha dar, Lorde Evian.

O pai observava da cabeceira da mesa, as migalhas do seu ascético pequeno-almoço de dois pãozinhos secos amontoadas com primor ao lado do prato. Como ela, acabara de comer havia pelo menos meia hora, mas disfarçava a sua impaciência com uma vontade de ferro. Se era que estava impaciente. Claudia nem sequer tinha a certeza.

E então disse:

— Eu e Lorde Evian vamos sair a cavalo esta manhã, Claudia, e faremos uma breve pausa para o almoço à uma em ponto. Em seguida retomaremos as nossas negociações.

Sobre o meu futuro, pensou ela, mas limitou-se a assentir com um gesto de cabeça, reparando na consternação do gordo lorde. Não podia ser tão tolo como parecia, ou a rainha não o teria mandado. E, apesar dos seus esforços,

um ou outro comentário mais arguto denunciara-lhe a astúcia, mas não era de certeza um cavaleiro.

O governador estava bem ciente disso. John Arlex tinha um sentido de humor retorcido.

Quando ela se levantou, ele levantou-se também, com uma delicadeza meticulosa, e tirou do bolso um pequeno e refulgente relógio de ouro. Era magnífico, de uma precisão digital e totalmente não-Época. Era a sua única excentricidade, aquele relógio com a sua corrente e o pequeno cubo de prata que pendia dela.

— Talvez queiras chamar os criados, Claudia — disse. — Já te afastei dos teus estudos demasiado tempo.

E enquanto ela se dirigia rapidamente ao cordão verde com borla suspenso junto à lareira, acrescentou, sem erguer os olhos:

— Encontrei há pouco o Mestre Jared no jardim. Pareceu-me pálido. Como tem andado a saúde dele?

A mão de Claudia deteve-se a milímetros da borla. Foi uma fração de segundo, antes de a puxar firmemente.

— Está bem, senhor. Muito bem.

Ele voltou a guardar o relógio no bolso.

— Tenho estado a pensar. Não vais continuar a precisar de um tutor depois do casamento e, além disso, há vários Sipienti na corte. Talvez devêssemos deixar o Jared voltar à Academia.

Claudia quis olhá-lo horrorizada através do espelho, mas isso era precisamente o que ele estaria à espera que fizesse. Manteve o sorriso e voltou ao de leve a cabeça.

— Como quiser. Vou ter saudades dele, claro. E estávamos a meio de um fascinante estudo sobre a dinastia Havaarna. Ele sabe tudo o que é possível saber a respeito do assunto.

Os olhos negros do pai observaram-na com atenção.

Se ela dissesse mais uma palavra, o seu desgosto transpareceria, e isso decidi-lo-ia. Um pombo esvoaçou no beiral, lá fora. Lorde Evian pôs-se de pé, com bastante esforço.

— Se o fizer, governador, garanto-lhe que outra família se apressará a deitar-lhe a mão. Jared Sapiens é famoso em todo o Reino. Pode pedir o que quiser. Poeta, filósofo, inventor, génio. Devia conservá-lo.

Claudia sorriu em amável concordância, mas intimamente sobressaltou-se. Era como se o untuoso homem do fato de seda azul soubesse o que ela não podia dizer. Ele retribuiu-lhe o sorriso, os pequenos olhos muito brilhantes.

Os lábios do governador permaneceram fechados, formando uma estreita linha.

— Não duvido de que tem razão — disse. — Vamos?

Claudia fez uma reverência. Quando o pai saiu atrás de Evian e se voltou para fechar as portas, fitou-a. E então as portas fecharam-se com um estalido.

Suspirou de alívio. Olhou para mim como um gato olha para um rato, pensou. Mas tudo o que disse foi:

— Agora, por favor.

No mesmo instante, os painéis da parede deslizaram para o lado; criadas e lacaios entraram apressados e começaram a retirar chávenas, travessas, candelabros, centros de mesa, copos, guardanapos, pratos de *kedgeree* e taças de fruta. As janelas abriram-se e as velas queimadas refizeram-se; o fogo que ardera na lareira cheia de toros extinguiu-se sem o mais pequeno cheiro a madeira queimada. O pó vaporizou-se, os cortinados mudaram de cor. O ar perfumou-se com *potpourri*.

Claudia saiu, deixando-os entregues ao seu trabalho. Atravessou o vestíbulo a levantar decorosamente a saia, e então subiu a correr a escada de carvalho em caracol e enfiou-se pela porta escondida no patamar, passando numa fração de segundo de um mundo de elaborado luxo para os corredores frios e cinzentos dos alojamentos da criadagem, paredes nuas riscadas por fios e cabos, tomadas de corrente, pequenos visores de câmaras e *scanners* sónicos.

A escada das traseiras era de pedra; subiu-a a correr, abriu a porta tapada por uma cortina axadrezada e entrou no luxuoso corredor rigorosamente Época em todos os seus pormenores.

Dois passos levaram-na até ao seu próprio quarto.

As criadas já o tinham arrumado. Fechou a porta com duas voltas de chave, ligou todos os bloqueios de segurança e dirigiu-se à janela.

Verdes e imaculados, os relvados eram belos sob o sol outonal. Job, o filho do jardineiro, deambulava de um lado para o outro com um saco e um pau com um prego na ponta a apanhar folhas mortas. Claudia não conseguia ver o minúsculo implante musical no ouvido dele, mas os seus movimentos sacudidos e trejeitos repentinos fizeram-na sorrir. Claro que se o governador o visse, despedi-lo-ia no mesmo instante.

Voltou para dentro, abriu a gaveta do toucador, tirou de lá o *minicom e* ativou-o. O visor iluminou-se e mostrou-lhe um reflexo distorcido do seu próprio rosto, grotesco no vidro encurvado. Sobressaltada, chamou:

— Mestre?

Uma sombra. Dois grandes dedos e um polegar desceram e removeram o alambique. Jared sentou-se diante do visor escondido.

— Estou aqui, Claudia.

— Está tudo pronto? Eles saem dentro de minutos.

O rosto magro de Jared ensombrou-se.

— Estou preocupado com isto. O disco pode não funcionar. Precisamos de fazer testes...

— Não há tempo! Vou entrar lá hoje. Agora.

Ele suspirou. Claudia sabia que Jared queria discutir, mas apesar de todas as precauções que tinham tomado podia estar alguém à escuta, era perigoso dizer demasiado.

— Por favor, tem cuidado — murmurou ele.

— Como me ensinaste, Mestre. — Por um breve instante, pensou na ameaça do pai contra ele, mas aquele não era o momento. — Vou começar agora — disse, e cortou a ligação.

O quarto era de mogno escuro; a grande cama de quatro postes tinha um dossel de veludo encarnado, no qual fora bordado o brasão do cisne negro a cantar. Do outro lado ficava o que parecia ser um guarda-roupa embutido na parede, mas quando ela atravessou a ilusão transformou-se numa casa de banho com todos os luxos — havia limites até para o rigor do governador em

matéria de Protocolo. Quando se empoleirou na sanita e espreitou pela estreita janela, partículas de pó iluminadas pelo sol rodopiaram-lhe à volta da cabeça.

Via o pátio, onde havia três cavalos selados; o pai estava junto de um deles, com as rédeas nas mãos, e, com um suspiro de alívio, Claudia viu o secretário, o homem moreno e sempre vigilante chamado Medlicote, montar a égua ruça. Atrás deles, Lorde Evian estava a ser içado para a sela por dois moços de cavalaria que transpiravam abundantemente. Perguntou-se quanta daquela cómica falta de jeito era fingida, e se ele fora treinado para montar cavalos verdadeiros e não montadas cibernéticas. Evian e o governador jogavam um elaborado e mortífero jogo de maneiras e insultos, de irritação e etiqueta. Aborrecia-a, mas era assim que as coisas funcionavam na corte.

A ideia de uma vida inteira daquilo deixou-a gelada.

Para lhe fugir, saltou da sanita e despiu o ornamentado vestido. Por baixo, vestia um macacão escuro, justo ao corpo. Por um instante, viu-se no espelho. As roupas mudavam uma pessoa. O rei Endor já o sabia, tantos anos antes. Por isso parara o Tempo, aprisionando-os a todos em gibões e vestidos, sufocando-os em conformidade e rigidez.

Assim vestida, sentia-se ágil e livre. Perigosa, até. Voltou ao seu posto de observação. Iam a passar pela casa da guarda. O pai deteve o cavalo, voltou-se e olhou para o torreão de Jared. Claudia sorriu secretamente. Sabia o que ele estava a ver.

Via-a a ela.

Jared aperfeiçoara a holoimagem em longas noites de insónia. Quando lha mostrara a falar, a rir, a ler sentada no banco junto à janela do soalheiro torreão, ficara simultaneamente fascinada e assustada.

— Eu não sou assim!

Ele sorria, calmo.

— Ninguém gosta de se ver de fora.

Vira uma criatura cheia de si, petulante, o rosto uma máscara de compostura, cada gesto pensado, cada discurso ensaiado. Superior e trocista.

— É verdadeiramente assim que eu sou?

Jared encolhera os ombros.

— É uma imagem, Claudia. Digamos que é como podes parecer.

Naquele momento, saltando para o chão e correndo de regresso ao quarto, viu os cavalos avançar elegantemente pelo relvado aparado, Evian a falar, o pai silencioso. Job tinha desaparecido e o céu estava salpicado de nuvens altas.

Estariam fora pelo menos uma hora.

Tirou do bolso o pequeno disco, atirou-o ao ar, apanhou-o e voltou a guardá-lo. Então abriu a porta do quarto e espreitou.

A Grande Galeria corria a todo o comprimento da casa. A parede apainelada a carvalho estava coberta de retratos, e havia também armários com livros e jarrões azuis em cima de pedestais. Por cima de cada

porta, o busto de um imperador romano olhava severamente do alto do seu suporte. Lá longe, onde terminava, a luz do sol projetava brilhantes losangos oblíquos no chão e uma armadura guardava o topo da escadaria, como um fantasma rígido.

Avançou um passo e as tábuas rangeram. O soalho era velho, e ela franziu o sobrolho, porque não havia maneira de desligar aquilo. Também não podia fazer nada em relação aos bustos, mas à medida que passava pelos quadros premia o controlo da moldura e apagava-os um a um — ao fim e ao cabo, havia quase de certeza câmaras escondidas em alguns deles. Levava o disco na mão, segurando-o com cuidado; só uma vez o dispositivo emitiu um discreto sinal de alarme, e ela já sabia porquê: uma rede de finas linhas no lado de fora da porta do gabinete, que neutralizou facilmente.

Olhou por cima do ombro para o fundo do corredor. Algures nas profundezas da casa, uma porta bateu, um criado chamou. Ali, no abafado luxo do passado, o ar cheirava a zimbro e a alecrim, havia saquinhos de alfazema seca nos armários da roupa.

A porta do gabinete ficava recolhida na sombra. Era preta, aparentemente de ébano; um painel liso, excetuando o cisne. Enorme e malévola, a ave mirava-a do alto, o pescoço esticado em desdenhoso desafio, as asas abertas. O olho minúsculo brilhava como se fosse um diamante ou uma opala escuros.

Muito provavelmente era um visor, pensou.

Tensa, ergueu o disco de Jared e encostou-o cuidadosamente à porta, a que ele se colou com um pequeno estalido metálico.

O dispositivo zumbiu. Começou a emitir um fraco gemido, que mudava com frequência de altura e de intensidade, como se perseguisse a complicada combinação da fechadura pelos altos e baixos da escala sonora. Jared entrara em longas explicações sobre o modo como funcionava, mas ela não prestara grande atenção.

Agitava-se, impaciente. E então imobilizou-se.

Passos ligeiros corriam escada acima. Talvez uma das criadas, apesar das ordens. Claudia encolheu-se no pequeno recanto, a praguejar silenciosamente, mal se atrevendo a respirar.

Mesmo junto ao ouvido dela, o disco emitiu um pequeno estalido de satisfação.

Voltou-se, empurrou a porta e entrou numa questão de segundos, esticando um braço para retirar o disco.

Quando a criada passou com uma pilha de roupa lavada nos braços, a porta do gabinete estava tão sólida e sombriamente fechada como sempre.

Devagar, Claudia afastou o olho do visor e respirou fundo. Então endireitou-se, os ombros rígidos de tensão. Invadiu-a a estranha e horrível certeza de que o gabinete não estava vazio, de que o pai estava ali, suficientemente perto para lhe tocar, o sorriso amargo. De que o cavaleiro que vira afastar-se fora uma holoimagem, de que ele fora mais esperto, como sempre.

Obrigou-se a dar meia-volta.

O gabinete estava deserto. Mas não era o que ela esperava.

Para começar, era demasiado grande.

Era totalmente não-Época.

E era inclinado.

Pelo menos foi o que pensou por um momento, porque os primeiros passos que deu naquele espaço foram estranhamente instáveis, como se o chão descesse, ou a perspectiva das paredes cinzentas e vazias se erguesse em ângulos imprevisíveis. Qualquer coisa zumbiu e fez um estalido, e a divisão

pareceu nivelar-se lentamente, tornar-se normal, excetuando o calor, um leve aroma adocicado e um zumbido baixo que não conseguiu identificar.

O teto era alto e abobadado. Finos aparelhos prateados cobriam as paredes, todos eles salpicados de pequenas luzes vermelhas que piscavam. Uma faixa de iluminação iluminava apenas a área que lhe ficava por baixo, revelando uma solitária mesa de trabalho e uma cadeira metálica cuidadosamente arrumada.

O resto da divisão estava vazio. A única coisa que estragava a perfeição imaculada do chão era um pequeno ponto preto. Aproximou-se e examinou-o. Um fragmento de metal, sem dúvida caído de qualquer aparelho.

Espantada, ainda não totalmente convencida de estar sozinha, olhou em redor. Onde estavam as janelas? Devia haver duas, ambas de sacada. Viam-se do exterior, e através delas um teto ornamentado e algumas estantes cheias de livros. Muitas vezes pensara em trepar pela hera para lá chegar. Vista de fora, a sala parecia normal, nada a ver com aquela caixa inclinada que zumbia e era demasiado grande para o espaço de que dispunha.

Avançou, a agarrar o disco de Jared com força, mas o dispositivo não emitiu qualquer alerta. Ao chegar à secretária, tocou a sua superfície lisa e sem marcas, e um visor sem quaisquer controlos ergueu-se silenciosamente do tampo. Procurou, mas não havia nada, pelo que assumiu que devia operar à voz.

— Começa — disse, muito baixo.

Nada aconteceu.

— Vai. Arranca. Principia. Inicia.

O visor manteve-se apagado. Só a sala zumbia.

Devia haver uma *password*. Inclinou-se para a frente e apoiou as mãos no tampo da secretária. Só lhe ocorria uma palavra, e disse-a:

— *Incarceron*.

Nenhuma imagem. Mas, debaixo da mão esquerda, uma gaveta abriu-se sem ruído.

Lá dentro, sobre veludo preto, havia uma chave. Era elaborada, uma intrincada teia de cristal. Incrustada no seu centro, uma águia coroada: a

insígnia real da dinastia Havaarna. Inclinando-se mais, Claudia observou as facetas que refulgiam tão brilhantemente. Seria diamante? Vidro? Atraída pela pesada beleza do objeto, aproximou-se tanto que o seu hálito se condensou na superfície fria e a sua sombra, ao tapar a luz que vinha de cima, extinguiu os reflexos irisados. Seria a chave de Incarceron? Queria pegar-lhe, mas primeiro passou o disco de Jared por cima dela.

Nada.

Voltou a olhar em redor. Estava tudo sossegado.

Pegou na chave.

A sala pareceu explodir. Alarmes dispararam, feixes de *laser* subiram do chão e fecharam-na numa jaula de luz vermelha. Uma grade metálica desceu sobre a porta, luzes escondidas acenderam-se e ela ficou paralisada pelo terror, o coração a martelar-lhe o peito. Nesse momento, o disco emitiu uma alfinetada de dor vermelha que lhe trespassou o polegar.

Olhou para ele. A mensagem de Jared tirou-lhe o fôlego.

Ele está a voltar! Sai daí, Claudia! Sai daí!

Capítulo 7

Certa vez, Sapphique chegou ao fim de um corredor e olhou para uma vasta sala lá em baixo. O chão era um venenoso lago de peçonha, de onde se erguiam fumos corrosivos. Um arame esticado atravessava a escuridão e, no extremo oposto, era visível uma porta, para lá da qual havia luz.

Os reclusos da Ala tentaram dissuadi-lo.

— Muitos caíram — disseram. — Os ossos deles apodrecem no lago negro. Porque hás de tu ser diferente?

E ele respondeu:

— Porque tenho sonhos, e nesses sonhos vejo as estrelas.

E então subiu para o arame e começou a atravessar. Parou muitas vezes para descansar, ou ficou suspenso cheio de dores. Muitas vezes lhe gritaram que regressasse. Finalmente, ao cabo de horas, chegou ao outro lado, e viram-no cambalear e desaparecer para lá da porta.

Era escuro, este Sapphique, e magro. Os seus cabelos eram lisos e compridos. O seu verdadeiro nome ninguém o conhece.

Deambulações de Sapphique

— Já to disse muitas vezes. O Exterior existe. Sapphique descobriu uma maneira de lá chegar. Mas ninguém entra. Nem sequer tu — disse Gildas num tom irritado.

— Não sabes.

O riso do velho fez balouçar o chão. A gaiola de metal estava suspensa por cima da câmara e mal tinha espaço para os dois se sentarem. Havia livros pendurados com correntes, instrumentos cirúrgicos, uma série de caixas de lata cheias de espécimes que apodreciam. As velhas enxergas que a forravam por dentro largavam pedaços de palha que caíam como uma neve irritante nas fogueiras e nos panelões lá muito em baixo. Uma mulher ergueu a cabeça para protestar, mas viu Finn e calou-se.

— Sei, rapaz tolo, porque os Sipienti o escreveram. — Gildas enfiou uma bota. — A Prisão foi construída para guardar a Escumalha da humanidade, para a isolar e exilar da Terra. Foi há séculos, no tempo de Martor, nos dias em que a Prisão falava com os homens. Setenta Sipienti ofereceram-se como voluntários para entrar e ajudar os reclusos, e depois de eles entrarem os portões foram selados. Transmitiram a sua sabedoria aos seus sucessores. Até as crianças sabem isto.

Finn acariciou o punho da espada. Estava cansado e irritado.

— Depois disso, mais ninguém entrou. Também sabemos dos Úteros, embora não saibamos onde estão. Incarceron é eficiente; foi concebida para ser eficiente. Não desperdiça nada, recicla tudo. Faz nascer naquelas celas novos reclusos. Talvez também animais.

— Mas eu lembro-me de coisas... de fragmentos.

Finn agarrou as grades da jaula como se se agarrasse à sua convicção, e viu Keiro atravessar a enorme sala lá em baixo, os braços à volta de duas raparigas que riam.

Gildas seguiu-lhe a direção do olhar.

— Não, não lembras. Sonhas com os mistérios de Incarceron. As tuas visões hão de mostrar-nos como Fugir.

— Não. *Lembro-me.*

O velho fez um ar de exasperação.

— Lembras-te de quê?

Finn sentiu-se tolo.

— Bem... de um bolo. Com bolinhas prateadas e sete velas. Havia pessoas. E música... muita música...

Não se tinha apercebido disso até àquele instante. Ficou estranhamente satisfeito, até reparar no olhar do velho.

— Um bolo. Suponho que deve ser um símbolo. O número sete é importante. Os Sipienti conhecem-no como o sinal de Sapphique, por causa da vez em que ele encontrou o Escaravelho renegado.

— Eu estava lá!

— Toda a gente tem recordações, Finn. As tuas profecias é que importam.

As visões que descem sobre ti são o grande dom e a estranheza d'O Que Vê as Estrelas. São únicas. As pessoas sabem disso, os escravos e os guerreiros, até o Jormanric. Vê-se na maneira como olham para ti. Por vezes temem-te.

Finn ficou calado. Odiava os ataques. Aconteciam repentinamente, a tontura, a náusea e os desmaios que o aterrorizavam, e os implacáveis interrogatórios de Gildas depois de cada um deles, que o deixavam a tremer e doente.

— Um destes dias um deles mata-me — disse em voz baixa.

— É verdade que poucos nascidos-na-cela chegam a velhos. — Gildas falou num tom duro, mas desviou o olhar. Abotoou o ornamentado colarinho da veste verde e murmurou: — O passado é o passado; o que quer que tenha sido, já não interessa. Não penses nele, ou acabará por dar contigo em doido.

— Quantos outros nascidos-na-cela conheceste? — perguntou Finn.

— Três. — Gildas libertou com um gesto irritado a ponta entrançada da barba. Fez uma pausa. — Vocês são seres raros. Passei a vida inteira à procura antes de te encontrar. Um homem que se dizia ser nascido-na-cela costumava pedir à porta da Sala dos Leprosos, mas quando finalmente consegui convencê-lo a falar, apercebi-me de que tinha enlouquecido; tagarelava a respeito de um ovo que falava e de um gato que desaparecia até ficar só um sorriso. Anos mais tarde, depois de muitos rumores, encontrei outro, uma Cívica que trabalhava na Ala de Gelo. Parecia bastante normal; tentei convencê-la a falar-me das suas visões. Mas nunca falou. Um dia, ouvi dizer que se tinha enforcado.

Finn engoliu em seco.

— Porquê?

— Disseram-me que, pouco a pouco, tinha começado a convencer-se de que uma criança a seguia, uma criança invisível que lhe puxava pelas saias e chamava por ela, a acordava à noite. A voz da criança atormentava-a. Não conseguia calá-la.

Finn estremeceu. Sabia que Gildas estava a observá-lo.

— Encontrar-te aqui foi uma probabilidade num milhão, Finn — disse o Sapiante, com voz rouca. — Só tu podes guiar a minha Fuga.

— Não posso...

— Podes. És o meu profeta, Finn. A minha ligação a Incarceron. Em breve trar-me-ás a visão de que tenho estado à espera a vida toda, o sinal de que a minha hora chegou, de que devo seguir Sapphique e procurar o Exterior. Todos os Sapienti fazem essa viagem. Nenhum deles foi bem-sucedido, mas nenhum deles tinha um nascido-na-cela para o guiar.

Finn abanou a cabeça. Havia anos que ouvia aquilo, e continuava a assustá-lo. O velho estava obcecado pela ideia de Fugir, mas como podia ele ajudá-lo? Como podiam lampejos de memória e lapsos de inconsciência que sufocavam e que o deixavam arrepiado ajudar fosse quem fosse?

Gildas passou por ele e agarrou a escada de metal.

— Não fales disto a ninguém. Nem sequer ao Keiro.

Começou a descer, e os seus olhos estavam ao nível dos pés de Finn quando este disse:

— O Jormanric nunca te deixará ir.

Gildas lançou-lhe um olhar furioso por entre os degraus.

— Vou aonde quero.

— Ele precisa de ti. Governa a Ala com a tua ajuda. Sozinho...

— Há de conseguir. É especialista em medo e violência.

Gildas desceu um degrau e então voltou a subi-lo, o rosto pequeno e enrugado iluminado por uma súbita alegria.

— Consegues imaginar como será, Finn, um dia, abrir uma escotilha e sair da escuridão, sair de Incarceron? Ver as estrelas? Ver o Sol!

Finn ficou calado por um instante; então agarrou-se a uma corda e passou a deslizar pelo Sapienti.

— Já os vi.

Gildas lançou-lhe um sorriso irónico.

— Só nas tuas visões, rapaz tolo. Só nos teus sonhos.

Desceu com uma agilidade surpreendente, em diagonal, pelas escadas suspensas. Finn seguiu-o mais devagar, a fricção da corda a aquecer-lhe as mãos através das luvas.

Fugir.

Era uma palavra que o picava como uma vespa, uma pontada que lhe trespassava a mente, uma ânsia que prometia tudo e não significava nada. Os Sipienti ensinavam que Sapphique conseguira descobrir uma saída, que Fugira. Finn não tinha a certeza de acreditar nisso. As histórias a respeito de Sapphique cresciam cada vez que eram contadas; todos os contadores e poetas itinerantes tinham uma. Para que um único homem pudesse ter vivido todas aquelas aventuras, enganado todos aqueles Senhores de Ala, feito a épica jornada através das Mil Alas de Incarceron, teria tido de viver gerações. Dizia-se que a Prisão era imensa e impossível de conhecer, um labirinto de corredores, escadas, câmaras e torres sem conta. Pelo menos, era o que os Sipienti ensinavam.

Os pés dele tocaram no chão. Ao ver o verde cobra iridescente do casaco de Gildas quando o velho saía apressadamente do Covil, Finn correu atrás dele, certificando-se de que tinha a espada embainhada e ambas as adagas enfiadas no cinto.

O cristal da Maestra era o que o preocupava naquele momento. E não ia ser fácil consegui-lo.

O Abismo do Resgate ficava apenas a três salas de distância. Atravessou rapidamente os espaços escuros e vazios, atento às aranhas e aos falcões-das-sombras que voavam lá em cima entre as traves. Aparentemente, já toda a gente lá estava. Ouvia os Comitatus antes de transpor o último arco; gritavam e insultavam através do fosso, e o escárnio deles ecoava nas pedras lisas e impossíveis de escalar.

Do outro lado, os Cívicos esperavam, uma linha de sombras.

O Abismo era uma fenda que rasgava o chão, duas paredes lisas e opostas de obsidiana negra. Se se deixasse cair uma pedra, nenhum som chegaria cá acima. Os Comitatus acreditavam que não tinha fundo; alguns afirmavam até que quem caísse nas suas profundezas atravessaria Incarceron até ao núcleo fundido da Terra. E o certo era que emanava dele um calor, um miasma que fazia tremeluzir o ar. No centro, ali deixado pelo fenómeno que criara o abismo, erguia-se uma rocha fina como uma agulha chamada o Pico, encimada por uma plataforma lisa gasta e rachada. De ambos os lados, uma ponte de metal queimado e enferrujado, negro de gordura de porco, fazia a ligação. O Pico era um lugar neutral que não pertencia a ninguém, um lugar

de tréguas e conversações, de hesitantes trocas entre as tribos hostis da Ala.

Junto ao abismo sem qualquer proteção, e de onde muitas vezes mandara atirar escravos rebeldes, Jormanric sentava-se no seu trono, rodeado pelos Comitatus e com o pequeno escravo-cão acorçado na ponta da sua corrente.

— Olha para ele — murmurou a voz de Keiro ao ouvido de Finn. — Grande e estúpido.

— E tão vaidoso como tu.

Keiro bufou.

— Eu, ao menos, tenho razões para ser vaidoso.

Finn, porém, observava a Maestra. Quando a levaram, os olhos dela passaram rapidamente pela multidão, pelas pontes periclitantes, para a sua gente que esperava do outro lado da cortina de ar tremulante. Foi então que um homem gritou e, ao ouvir aquele som, ela perdeu a compostura; libertou-se dos guardas e gritou:

— Sim!

Finn perguntou-se se seria o marido.

— Anda — disse a Keiro, e avançou.

Ao vê-los, a multidão recuou. *Vê-se na maneira como olham para ti*, pensou Finn amargamente. Saber que o velho tinha razão enfurecia-o. Chegou junto à Maestra e agarrou-lhe o braço.

— Lembra-te do que te disse. Nenhum mal te acontecerá. Mas tens a certeza de que eles vão trazer a coisa?

Ela lançou-lhe um olhar gelado.

— Darão tudo. Há pessoas que sabem o que é o amor.

O sarcasmo atingiu-o.

— Talvez eu tenha sabido, em tempos.

Jormanric estava a observá-los, os olhos baços e que mal pareciam focar. Apontou um dedo para a ponte e gritou:

— Preparem-na!

Keiro puxou os braços da mulher para trás das costas e algemou-a. Finn, que olhava, murmurou:

— Lamento.

Ela sustentou-lhe o olhar.

— Não tanto como eu te lamento a ti.

Keiro sorriu com malícia. Então olhou para Jormanric.

O Senhor da Ala levantou-se pesadamente e avançou até à beira do Abismo, lançando olhares furiosos aos Cívicos. A gordurosa cota de malha rangeu quando ele cruzou os braços sobre o peito.

— Ouçam, aí desse lado! — vociferou. — Levam-na de volta a troco do peso dela em tesouro. Nem mais, nem menos. E isso significa nada de ligas nem lixo.

As palavras ecoaram no calor sufocante.

A resposta chegou carregada de uma fúria gelada:

— Primeiro, a tua palavra de que não haverá traições.

Jormanric sorriu. O suco de *ket* brilhou-lhe nos dentes.

— Queres a minha palavra! Não cumpro a minha palavra desde que tinha dez anos e esfaqueei o meu irmão. Podes ficar com ela, e que te faça bom proveito.

Os Comitatus riram. Atrás deles, meio escondido na sombra, Finn viu Gildas, a expressão azeda.

Silêncio.

Então, do fundo da bruma de calor, chegou-lhes um retinir metálico e uma pancada. Os Cívicos estavam a carregar o seu tesouro para o Pico. Finn perguntou-se o que teriam. Minério, certamente, mas Jormanric estaria à espera de ouro e platina e, mais preciosos ainda, microcircuitos. Ao fim e ao cabo, os Cívicos eram o grupo mais rico da Ala. Fora essa a razão da emboscada.

A ponte estremeceu. A Maestra agarrou-se à corrente para se equilibrar.

— Vamos — disse Finn, em voz baixa. Olhou para trás. Keiro tinha desembainhado a espada.

— Estou aqui, irmão.

— Não deixem a cabra ir enquanto não receberem o último grama —

ordenou Jormanric.

Finn franziu o sobrolho. Empurrando a Maestra à sua frente, iniciou a travessia.

A ponte era uma teia de correntes entrelaçadas; balouçava a cada passo. Finn escorregou duas vezes, uma delas com tanta força que a estrutura inteira oscilou violentamente e quase os atirou aos três para o abismo. Keiro praguejou; os nós dos dedos com que a Maestra agarrava os elos metálicos estavam brancos.

Finn não olhou para baixo. Sabia o que lá havia; apenas escuridão e o calor que subia e lhe queimava a cara, trazendo consigo vapores inebriantes que não era sensato respirar.

Enquanto avançavam centímetro a centímetro, a voz da Maestra chegou-lhe aos ouvidos, fria e dura:

— E se eles não trouxeram o... cristal. O que é que acontece?

— Que cristal? — perguntou Keiro.

— Cala-te — disse Finn. Via os Cívicos lá à frente, na penumbra: três homens, como combinado, à espera junto à plataforma de pesagem.

Aproximou-se um pouco mais das costas da Maestra. — Nem sequer penses em tentar correr. O Jormanric deve ter vinte armas apontadas para ti.

— Não sou parva — sibilou ela. E então pôs o pé no Pico.

Finn seguiu-a e inspirou fundo, de alívio. Foi um erro. Os vapores da bruma quente encheram-lhe a garganta; tossiu.

Keiro passou por ele, de espada em punho, e agarrou o braço da mulher.

— Sobe para aí.

Empurrou-a para cima da plataforma de pesagem. Era uma grande estrutura de alumínio que fora para ali levada peça a peça e reconstruída com grande dificuldade para ocasiões como aquela. Apesar de em todo o tempo que estivera com os Comitatus Finn nunca a ter visto ser usada.

Habitualmente, Jormanric não se incomodava com resgates.

— Olhe bem para o ponteiro, irmão. — Keiro voltou-se melifluamente para o chefe dos Cívicos. — Não é exatamente um peso-pluma, pois não? — Sorriu. — Talvez devessem tê-la obrigado a fazer uma dieta mais rigorosa.

O homem era forte. Vestia um casaco às riscas, inchado de armas escondidas. Ignorando a provocação de Keiro, aproximou-se, olhou para o ponteiro do mostrador enferrujado e trocou um rápido olhar com a Maestra. Finn reconheceu-o da emboscada. Era aquele a quem ela chamara Sim.

Sim pousou em Finn uns olhos carregados de desprezo. Sem querer correr riscos, Keiro puxou a Maestra para trás e encostou-lhe a ponta de uma adaga ao pescoço.

— Agora empilha-o aí. E nada de truques.

Quando o tesouro começou a ser despejado em cima da plataforma de pesagem, Finn limpou o suor dos olhos. Voltou a engolir em seco, tentando não respirar com muita força. Desejava ardentemente ter usado qualquer coisa para tapar a boca e o nariz. Muito pequenos, horrivelmente familiares, os pontos vermelhos começaram a dançar-lhe diante dos olhos. Agora não, pensou, desesperado. Por favor. *Agora não.*

O ouro deslizava e tilintava. Anéis, taças, pratos, elaborados candelabros. Um saco foi virado e moedas de prata caíram em cascata, provavelmente feitas com minério contrabandeado por mercadores; depois um dilúvio de delicados componentes roubados das partes mais escuras e menos frequentadas da Ala: Escaravelhos avariados, lentes de Olhos, um Varredor com o radar estragado.

O ponteiro começou a subir. Sem tirarem os olhos dele, os Cívicos acrescentaram um saco de *ket* e dois pequenos pedaços da preciosa madeira de ébano que crescia algures numa floresta anã a respeito da qual o próprio Gildas só ouvira rumores.

Keiro sorriu a Finn.

À medida que o ponteiro subia, foram ainda acrescentados à pilha um rolo de fio de cobre, pedaços de plastividro, um punhado de filamentos de cristal, um elmo remendado e três espadas enferrujadas que certamente se partiriam ao primeiro golpe desferido.

Os homens trabalhavam com rapidez, mas era evidente que estavam a ficar sem material. A Maestra observava de lábios crispados, com a ponta da adaga de Keiro a marcar-lhe a pele por baixo da orelha.

Finn respirava com dificuldade. Pontadas de dor relampejavam-lhe nos

olhos. Engoliu em seco e tentou murmurar a Keiro, mas não tinha fôlego e o seu irmão-de-juramento estava a ver o último saco — de inúteis peças de lata — somar-se ao monte.

O ponteiro moveu-se.

E deteve-se abaixo da marca.

— Mais — disse Keiro, em voz baixa.

— Não há mais nada.

Keiro riu.

— Gostas mais do casaco que trazes vestido do que dela?

Sim despiu o casaco e atirou-o para a plataforma. Então, olhando para a Maestra, juntou-lhe a espada e a pistola de pederneira. Os outros dois homens fizeram o mesmo. Ficaram de mãos vazias, a ver o ponteiro estremecer.

Ainda não chegava.

— Mais — disse Keiro.

— Pelo amor de Deus! — A voz de Sim soou rouca. — Libertem-na!

Keiro olhou para Finn.

— O cristal. Está aí?

Aturdido, Finn abanou a cabeça.

Keiro esboçou um sorriso gélido. Fez pressão com a lâmina; um fio de sangue escuro correu pelo gume.

— Pede, senhora.

Ela manteve-se muito calma.

— Eles querem o cristal, Sim. O que encontraste na sala perdida — disse.

— Maestra...

— Dá-lho.

Sim hesitou. Foi apenas um segundo mas, apesar da náusea, Finn viu aquela hesitação atingir a Maestra como uma pancada. Então o homem enfiou a mão no bolso da camisa e tirou de lá um objeto que captou um raio de luz, de modo que um fugaz arco-íris lhe brilhou entre os dedos.

— Descobrimos uma coisa — disse. — Uma coisa que faz...

Ela calou-o com um olhar. Sim colocou lentamente o cristal no monte.
O ponteiro tocou a marca.

No mesmo instante, Keiro empurrou a mulher para a frente. Sim agarrou-lhe o braço e empurrou-a para a segunda ponte.

— Corre! — gritou.

Finn agachou-se. A saliva inundou-lhe a garganta quando pegou no cristal. Lá dentro, uma águia abria as asas. *Era igual à marca que tinha no pulso.*

— Finn.

Olhou.

A Maestra tinha-se detido e voltado para ele, o rosto muito branco.

— Espero que ele te destrua.

— Maestra!

Sim agarrou-lhe o braço, mas ela sacudiu-o. Com as mãos nas correntes da segunda ponte, enfrentou Finn e cuspiu as palavras.

— Amaldiçoo o cristal e amaldiçoo-te a ti.

— Não há tempo — disse Sim com voz rouca. — Vamos.

— Destruíste a minha confiança. A minha paixão. Pensava que sabia distinguir a verdade das mentiras. Agora nunca mais ousarei mostrar bondade para com um desconhecido. E isso nunca poderei perdoar-te!

Aquele ódio queimou-o. Então, quando ela se voltou, a ponte balouçou.

O abismo dançou loucamente. Num horrível segundo, a Maestra lançou um grito e ele arquejou «*Não!*» e deu um passo para ela. Keiro agarrou-o e estava a gritar e qualquer coisa estalou e, como se a dor que lhe dilacerava a cabeça tivesse feito abrandar o tempo, viu as correntes e os rebites que seguravam a ponte partirem-se e soltarem-se, ouviu a grande gargalhada de Jormanric e soube que aquilo era uma traição.

A Maestra devia tê-lo compreendido também. Ficou muito direita. Olhou para ele, olhos nos olhos; então desapareceu, ela, Sim e os outros desapareceram num mergulho sem fim e a ponte era um emaranhado de correntes que batia com enorme estrépito contra a face do precipício e fazia

voar pedaços de metal partido.

Os ecos dos gritos desvaneceram-se.

De joelhos, Finn olhava, horrorizado. Uma onda de náusea sacudiu-lhe o corpo. Agarrou o cristal e, por entre o rugido que lhe enchia os ouvidos, ouviu Keiro dizer calmamente:

— Devia ter calculado que o velho patife faria qualquer coisa do género. Tanta coisa por um pedaço de vidro. O que é?

Então Finn soube, num segundo de amarga clareza, que devia ter nascido no Exterior; soube porque tinha na mão o único objeto que nunca, durante gerações, ninguém em Incarceron alguma vez vira ou seria sequer capaz adivinhar para que servia. E no entanto era-lhe familiar, tinha um nome para ele, sabia o que era.

Era uma chave,

A escuridão e a dor subiram com um rugido e engoliram-no.

Caiu nas mãos firmes de Keiro.

**Debaixo da Terra,
as Estrelas são Lendas**

Capítulo 8

Os Anos de Raiva acabaram e nada pode voltar a ser o mesmo. A guerra esvaziou a Lua e parou as marés. Temos de encontrar um modo de vida mais simples. Temos de retroceder para o passado, tudo e todos nos respetivos lugares, em ordem. A liberdade é um pequeno preço a pagar pela sobrevivência.

Decreto do Rei Endor

Finn sentiu-se cair mil quilómetros nas profundezas do abismo antes de aterrar numa saliência. Ofegante, ergueu a cabeça. A toda a volta, a escuridão rugia. Junto dele, de costas apoiadas contra a rocha, estava alguém sentado.

— A Chave... — disse no mesmo instante.

— Ao teu lado.

Procurou-a no meio do cascalho, sentiu o seu peso suave. Então voltou-se.

Era um desconhecido que ali estava sentado. Era jovem e tinha cabelos negros compridos. Usava uma casaca degola alta, como a dos Sapiienti, mas rasgada e remendada. Apontou para a parede de rocha e disse:

— Olha, Finn.

Havia um buraco de fechadura na rocha. Por onde passava luz. Finn viu que a rocha era uma porta, minúscula e negra, e na sua transparência estavam embutidas estrelas e galáxias.

— Isto é o Tempo. É o que deves abrir — disse Sapphique.

Finn tentou levantar a Chave, mas era tão pesada que teve de usar ambas as mãos, e mesmo assim o esforço fazia-as tremer.

— Ajuda-me — ofegou.

Mas o buraco estava a fechar-se rapidamente, e quando conseguiu erguer a chave restava apenas um pontinho de luz.

— *Foram muitos os que tentaram* — murmurou-lhe Sapphique ao ouvido.
— *Morreram a tentar.*

Por um segundo, Claudia ficou paralisada pelo desespero.

Então reagiu. Enfiou a chave de cristal no bolso e usou o disco de Jared para fazer uma holocópia perfeita aninhada no veludo negro e fechou a gaveta. Com os dedos quentes e húmidos, pegou na caixa de *Perspex* preparada precisamente para aquela emergência e soltou as joaninhas, que voaram e foram pousar no painel de controlo e no chão. Rodou o interruptor azul do disco para o encarnado, voltou-o e apontou-o para a porta.

Três dos feixes de *laser* piscaram e apagaram-se. Passou pela abertura que deixaram, receosa de hipotéticas armas escondidas. A grade foi um pesadelo; o disco zumbiu e crepitou, e ela gritou-lhe, desesperada, convencida de que ia desfazer-se, ficar sem energia, mas, pouco a pouco, um buraco branco e refulgente abriu-se no metal à medida que os átomos dispersavam e se redistribuíam.

Passou por ele, abriu a porta e, segundos depois, estava no corredor. Silencioso e deserto.

Escutou, espantada. Quando a porta se fechou atrás dela, com um estalido, os alarmes calaram-se, como se soassem noutra mundo.

A casa estava tranquila. Os pombos arrulhavam. Ouviu vozes, lá em baixo.

Correu pela escada acima até ao sótão, depois por um corredor que atravessava os alojamentos dos criados e terminava numa pequena arrecadação que cheirava a absinto e a cravinho. Entrou e procurou freneticamente o mecanismo que abria a antiga passagem secreta, a raspar com as unhas porcaria e teias de aranha, e então, sim, lá estava! A lingueta tinha o tamanho à justa para o seu polegar.

Empurrou-a, o painel rangeu; atirou o peso do corpo contra ele, fez força, a praguejar, a parede abriu-se e ela caiu para o outro lado.

Depois de a ter fechado e apoiado as costas contra ela, pôde respirar.

À sua frente, o corredor que levava ao torreão de Jared estava na penumbra.

Finn estava deitado na cama, encolhido.

Ficou ali muito tempo, a tomar gradualmente consciência dos ruídos do Covil lá fora, de alguém a correr, do entrecocar de pratos. Finalmente, tateando com a mão, descobriu que alguém o tapara com uma manta. Doíam-lhe os ombros e o pescoço; um suor frio gelava-o.

Virou-se de barriga para cima e olhou para o teto imundo. Ecos de um longo grito ressoavam-lhe nos ouvidos, o retinir de alarmes e luzes que piscavam. Por um momento aflitivo, teve a sensação de que a sua visão se alongava por um comprido túnel que partia dele, um túnel onde podia entrar e avançar em direção à luz.

Então Keiro disse:

— Até que enfim.

Indistinto e distorcido, o seu irmão-de-juramento foi sentar-se na cama. Fez uma careta.

— Estás com mau aspeto.

Quando Finn tentou falar, a sua voz soou rouca.

— Tu não.

Lentamente, a sua visão tornou-se mais nítida. Keiro tinha os longos cabelos louros presos num rabo de cavalo. Vestia o casaco às riscas de Sim com muito mais garbo do que o antigo proprietário, uma adaga de punho cravejado de joias pendia do largo cinto enfeitado com tachas de ferro que lhe cingia a cintura.

— Fica-me bem, não achas?

Finn não respondeu. Uma onda de raiva e vergonha crescia algures dentro dele, e a sua mente tentava fugir-lhe. Se a deixasse, afogá-lo-ia.

— Quanto durou? — conseguiu articular. — Foi muito mau?

— Duas horas. Perdeste a partilha. Outra vez.

Com muito cuidado, Finn sentou-se. Os ataques deixavam-no tonto e com

a boca seca.

— Foi um pouco pior do que é costume — continuou Keiro. — Convulsões. Debateste-te e esperneaste, mas eu segurei-te e o Gildas certificou-se de que não te magoavas. Ninguém deu muita importância; estavam demasiado ocupados a admirar o tesouro. Trouxemos-te para aqui.

Finn corou de desespero. As perdas de consciência eram impossíveis de prever, e Gildas não conhecia qualquer cura, ou pelo menos era o que dizia. Não fazia ideia do que tinha acontecido depois de ter sido engolido pela escuridão quente e atroadora, e não queria saber. Era uma fraqueza de que se envergonhava amargamente, ainda que os Comitatus o temessem por causa dela. Sentia-se como se tivesse abandonado o corpo e voltado agora para o encontrar dorido e vazio, era uma sensação muito desconfortável.

— Não os tinha no Exterior. Tenho a certeza.

Keiro encolheu os ombros.

— O Gildas está desesperado por saber da tua visão.

Finn olhou para ele.

— O Gildas pode esperar — respondeu, e, depois de um tenso compasso de espera: — Foi o Jormanric que ordenou a morte dela?

— Quem mais poderia ser? É o género de coisa que o diverte. E é um aviso para nós.

Finn assentiu, sombrio. Levantou-se da cama e olhou para as velhas botas.

— Vou matá-lo.

Keiro arqueou uma elegante sobranceira.

— Para quê dares-te a esse trabalho, irmão? Tens o que querias.

— Dei-lhe a minha palavra. Disse que nada de mal lhe aconteceria.

Keiro observou-o por um instante, e então disse:

— Somos Escumalhas, Finn. A nossa palavra não tem qualquer valor. Ela sabia-o. Era uma refém; se te tivessem apanhado, os Cívicos teriam provavelmente feito a mesma coisa, portanto não penses mais nisso. Já to disse várias vezes, pensas demasiado nas coisas. E isso torna-te fraco. Não há lugar para a fraqueza em Incarceron. Nem piedade para um erro fatal. Aqui é

matar ou ser morto. — Estava a olhar fixamente em frente, e havia na voz dele uma amargura que Finn não lhe conhecia. Mas quando se voltou, o sorriso era o de sempre. — Então, o que é uma chave?

O coração de Finn deu um salto.

— A Chave! Onde está?

Keiro abanou a cabeça, fingindo-se espantado.

— O que seria de ti sem mim? — Ergueu a mão e Finn viu o cristal suspenso de um dedo dobrado. Tentou agarrá-lo, mas Keiro afastou a mão. — Perguntei-te o que é uma chave.

Finn lambeu os lábios secos como papel.

— Uma chave é uma coisa que abre.

— Abre?

— Abre fechaduras.

Keiro ficou instantaneamente alerta.

— As fechaduras da Ala? De qualquer porta?

— Não sei! Acho que... a reconheci.

Esticou rapidamente o braço e, dessa vez, agarrou-a a tempo. Relutante, Keiro largou-a. O artefacto era pesado, um entrelaçado de estranhos filamentos vítreos, e, no seu centro, a águia holográfica olhava majestosamente para ele. Finn viu que usava um fino colar em forma de coroa à volta do pescoço e, levantando a manga, comparou-a com as descoloridas marcas azuladas que tinha no pulso.

Por cima do ombro dele, Keiro disse:

— Parece igual.

— É igual.

— Mas isso não quer dizer nada. Na realidade, se significa alguma coisa, é que nasceste no Interior.

— Isto não veio do Interior. — Finn afagou o objeto com ambas as mãos.

— Olha para ela. Que material temos nós parecido com isto? E a execução...

— A Prisão podia fazê-lo.

Finn não respondeu.

Mas naquele instante, como se tivesse estado a ouvi-los, a Prisão apagou todas as luzes.

Quando o governador abriu sem ruído a porta do observatório, o monitor da parede mostrava imagens dos reis Havaarna da 18.^a Dinastia, as decadentes gerações cujas políticas sociais tinham levado diretamente aos Anos de Raiva. Jared estava sentado à secretária, com um pé apoiado no espaldar da cadeira de Claudia; inclinada para a frente, ela lia de um *pad* que tinha na mão.

— ... Alexandre Sexto. Restaurador do Reino. Criou o Contrato de Dualidade. Fechou todos os teatros e proibiu todas as formas de entretenimento público... Porquê?

— Medo — respondeu Jared, secamente. — Naquela época, qualquer ajuntamento de pessoas era visto como uma ameaça à ordem.

Claudia sorriu, a garganta seca. Aquilo era o que o pai devia ver; a filha e o seu adorado tutor. Claro que ele sabia muito bem que eles sabiam que estava ali.

— Hum.

Claudia deu um salto; Jared voltou a cabeça. A surpresa de ambos foi magistral.

O governador sorriu friamente, como se a admirasse.

— Senhor! — Claudia pôs-se de pé, o vestido de seda a alisar-se. — Já de volta? Pensava que tinha dito às onze.

— Foi de facto o que disse. Posso entrar, Mestre?

— Com certeza — disse Jared, e a cria de raposa saltou-lhe do colo e fugiu para o alto das estantes. — É uma honra, senhor governador.

O governador aproximou-se de uma mesa coberta de aparelhos e tocou num alambique.

— Os teus pormenores de Época são um pouco... excêntricos, Jared. Mas,

claro, os Sipienti não estão tão limitados pelo Protocolo como o resto de nós. — Pegou na delicada peça de vidro e ergueu-a até que o seu olho esquerdo, imensamente ampliado, os fixou através dela. — Os Sipienti fazem o que querem. Inventam, experimentam, mantêm a mente da humanidade ativa mesmo na tirania do passado. Sempre à procura de novas fontes de energia, de novas curas. Admirável. Mas diz-me, como vão os estudos da minha filha?

Jared uniu as pontas dos dedos esguios.

— A Claudia é uma aluna notável — respondeu, cautelosamente.

— Uma erudita.

— Sem dúvida.

— Inteligente e capaz? — O governador baixou o vidro. Tinha os olhos fixos nela; Claudia ergueu a cabeça e olhou para ele.

— Estou certo — murmurou Jared — de que terá êxito em tudo o que tentar.

— E não há nada que ela não seja capaz de tentar.

O governador abriu os dedos e o alambique caiu. Bateu na esquina da mesa e estilhaçou-se, num explosão de vidro que fez o corvo fugir a grasnar pela janela aberta.

Jared, que tinha saltado para trás, imobilizou-se. Claudia estava ao lado dele, muito quieta.

— Oh, peço desculpa! — O governador observava calmamente os estragos; então, tirou um lenço do bolso e limpou os dedos. — Efeitos da idade, receio. Espero que não contivesse nada de vital.

Jared abanou a cabeça; Claudia notou o quase impercetível brilho do suor na testa dele. Sabia que o seu próprio rosto estava pálido.

— Claudia, vais gostar de saber que eu e Lorde Evian terminámos as nossas negociações a respeito do dote — disse o pai. — É melhor começares a preparar o teu enxoval, minha querida.

Deteve-se junto à porta. Jared, de cócoras, apanhava os aguçados fragmentos de vidro. Claudia não se mexeu. Estava a olhar para o pai e, por um instante, a expressão dele recordou-lhe o seu próprio reflexo quando de manhã o via no espelho. — Afinal não vou almoçar. Tenho muito que fazer

no meu gabinete. Parece que temos um problema com insetos.

Quando a porta se fechou, nenhum dos dois falou. Claudia sentou-se, e Jared atirou os cacos de vidro para um triturador molecular e ligou o monitor da escada da torre. Juntos, viram a figura escura e angulosa do governador escolher cuidadosamente o seu caminho por entre os excrementos de ratazana e as teias de areia suspensas.

Finalmente, Jared disse:

— Ele sabe.

— Claro que sabe. — Claudia apercebeu-se de que estava a tremer; pegou num casaco velho de Jared e pô-lo por cima dos ombros. Tinha o macacão escuro por baixo do vestido, os sapatos trocados e os cabelos emaranhados e empastados de suor. — Veio aqui para no-lo mostrar.

— Não acredita que as joaninhas tenham feito disparar os alarmes.

— Já te disse, a sala não tem janelas. Mas ele não admite que levei a melhor, e nunca o admitirá. Por isso, entramos no jogo.

— Mas a Chave... trazê-la contigo...

— Não o saberá se se limitar a abrir a gaveta e olhar para ela. Só quando tentar pegar-lhe. Posso voltar a pôr a original no seu lugar antes disso.

Jared passou uma mão pelo rosto. Sentou-se, ainda trémulo.

— Não é coisa que um Sapiente deva dizer, mas ele aterroriza-me.

— Sentes-te bem?

Ele voltou os olhos escuros para ela e a pequena raposa saltou da estante e esticou-se para lhe chegar ao joelho.

— Sim. Mas a verdade é que tu também me aterrorizas, Claudia. Porque a roubaste? Querias que ele soubesse que foste tu?

Claudia franziu a testa. Por vezes, Jared era demasiado arguto.

— Onde está?

Jared olhou para ela por um instante e fez uma cara triste. Levantou a tampa de um recipiente de barro e, com um gancho, pescou a Chave de dentro do formol. O cheiro acre do produto químico encheu a câmara; Claudia tapou o nariz com a manga do casaco.

— Céus! Não havia outro sítio?

Enfiara-lhe a Chave na mão e estivera demasiado ocupada a vestir-se para ver onde ele a guardava. Jared abriu o invólucro protetor e pousou-a em cima da bancada de trabalho riscada e chamuscada. Ficaram os dois a olhar para ela.

Era bela. Claudia viu claramente como as suas facetas captavam a luz do sol que entrava pela janela e a refletia em clarões irisados. No seu centro, a água coroada olhava orgulhosamente para o exterior.

Mas parecia demasiado frágil para fazer rodar qualquer fechadura, e a sua transparência não revelava circuitos embutidos.

— A *password* para abrir a gaveta era Incarceron — disse.

Jared arqueou uma sobrancelha.

— E por isso pensaste...

— É óbvio, não é? Que outra coisa poderia uma chave assim abrir? Nada nesta casa tem uma chave como esta.

— Não fazemos ideia de onde fica Incarceron. E mesmo que fizéssemos, não saberíamos usá-la.

Ela franziu a testa.

— Tenciono descobrir.

Jared ficou pensativo por um instante. Então, sob o olhar atento de Claudia, colocou a Chave em cima de uma pequena balança e pesou-a, mediu-lhe a massa e o comprimento, anotando os resultados com a sua escrita precisa.

— Não é vidro. Um silicato de cristal. Além disso — ajustou a balança —, tem um campo eletromagnético muito peculiar. Diria que não é uma chave no sentido estritamente mecânico, e sim uma tecnologia extremamente complexa, muito pré-Época. Não serve apenas para abrir a porta de uma prisão, Claudia.

A essa conclusão já ela tinha chegado. Voltou a sentar-se e disse, pensativa:

— Costumava ter ciúmes da Prisão.

Jared voltou-se, espantado, e ela riu-se.

— Sim. É verdade. Quando era pequena e estávamos na corte. As pessoas acorriam aos magotes para o ver: o Governador de Incarceron, o Guardião dos Reclusos, Protetor do Reino. Não sabia o que as palavras significavam, mas odiava-as. Pensava que Incarceron era uma pessoa, outra filha, uma gêmea detestável. Odiava-a. — Pegou num compasso que estava em cima da mesa e abriu-o. — Quando soube que era uma prisão, imaginava-o a descer às caves desta casa com uma lanterna e uma grande chave... uma chave ferrugenta, antiga. Devia haver uma porta enorme, cravejada de grandes pregos e coberta de carne seca de criminosos.

Jared abanou a cabeça.

— Lês demasiados romances de terror.

Ela equilibrou o compasso sobre uma ponta e fê-lo rodar.

— Durante algum tempo, sonhei com a Prisão, imaginava os ladrões e os assassinos nas profundezas da casa a darem murros nas portas, a tentarem fugir, e acordava cheia de medo, a pensar que os ouvia andar à minha procura. E então compreendi que não era assim tão simples. — Ergueu a cabeça. — Aquele ecrã no gabinete. Deve poder controlar tudo a partir de lá.

Jared assentiu e cruzou os braços.

— Todos os registos dizem que Incarceron, foi construída e selada. Ninguém entra nem sai. Só o governador supervisiona o que lá se passa. Só ele sabe onde fica. Há uma teoria, muito antiga, que diz que fica debaixo do chão, muitos quilómetros abaixo da superfície da Terra, e é um vasto labirinto. Depois dos Anos de Raiva, metade da população foi mandada para lá. Uma grande injustiça, Claudia.

Ela tocou ao de leve na Chave.

— Sim. Mas nada disso me ajuda. Preciso de uma prova do assassinio, não...

Um lampejo.

Uma luz que se dissolveu.

Claudia retirou vivamente o dedo.

— Espantoso! — murmurou Jared.

Uma impressão digital escura tinha ficado no cristal, uma abertura

circular, como um olho.

Lá dentro, muito longe, viram dois pontos de luz que se moviam, pequenos como estrelas.

Capítulo 9

Incarceron, minha mãe e meu desterro, Pariste-me na dor do teu regaço.

Veias digitais, ossos de aço,

O meu coração é um cofre de ferro.

Canções de Sapphique

Keiro ergueu a lanterna.

— Onde estás tu, ó Sábio?

Gildas não estava na sua jaula de dormir nem em qualquer outro lugar da câmara principal, onde os Comitatus tinham acendido todos os braseiros em tom de desafio e comemoravam a sua vitória com fanfarrônicas e canções roufenhas. Keiro tivera de distribuir alguns murros entre os escravos para descobrir um que tinha visto o velho encaminhar-se para as barracas. Tinham-lhe seguido o rasto até uma pequena cela, onde o encontraram a ligar a ferida infetada na perna de um pequeno escravo enquanto a mãe segurava uma débil vela e esperava ansiosamente.

— Estou aqui. — Gildas lançou um olhar irado em seu redor. — Aproxima essa lanterna. Não vejo nada.

Finn entrou e viu a luz iluminar o rapaz. Reparou no aspeto doente da criança.

— Anima-te — disse, rudemente.

O rapaz sorriu, aterrorizado.

— Se lhe tocasses, senhor — murmurou a mãe.

Finn voltou-se. Talvez em tempos a mulher tivesse sido bonita; agora era pálida e cadavérica.

— Dizem que o toque de O Que vê as Estrelas cura.

— Superstições estúpidas — resmungou Gildas, enquanto apertava a liga-

dura, mas Finn tocou ao de leve com os dedos na testa escaldante do rapaz.

— Não são assim tão diferentes das tuas, ó Sábio — disse Keiro, melifluamente.

Gildas endireitou-se, limpou os dedos à casaca e ignorou a provocação.

— É o melhor que posso fazer. A ferida precisa de drenar. Mantém-na limpa.

Saiu da cela, seguido pelos dois, a protestar:

— Sempre mais infeções, mais doenças. Precisamos de antibióticos, não de ouro nem de tralhas de lata.

Finn conhecia-lhe aquele humor, a negra melancolia que, por vezes, o fazia ficar fechado na sua jaula, a ler, a dormir, sem falar com ninguém. A morte da Maestra devia estar a atormentar o velho. Por isso disse, repentinamente:

— Sapphique apareceu-me.

— O *quê*? — Gildas imobilizou-se onde estava. Até Keiro pareceu interessado.

— Disse...

— Espera. — O Sapiante olhou apressadamente em redor. — Vem para aqui.

Era uma arcada escura que dava para uma das enormes correntes que desciam em arco do teto do Covil. Gildas trepou para os elos e subiu até que a escuridão o escondeu; quando subiu atrás dele, Finn encontrou-o sentado numa cornija estreita bem alto na parede, a empurrar para o lado excrementos de ave e velhos ninhos.

— Não me vou sentar aí — disse Keiro.

— Então fica de pé. — Gildas tirou a lanterna da mão de Finn e encaixou-a num elo da corrente. — Agora conta-me tudo. Palavra por palavra, exatamente.

Finn deixou pender os pés por cima da beira da cornija e olhou para baixo.

— Era um lugar parecido com este, muito alto. Ele estava lá comigo, e eu tinha a Chave.

— Aquele cristal? Ele chamou-lhe uma *chave*? — Gildas parecia aturdido; coçou a barba branca do queixo. — Isso é uma palavra dos Sapiienti, Finn, uma palavra mágica. Um objeto para abrir coisas.

— Eu sei o que é uma chave — respondeu Finn, irritado; tentou acalmar-se. — Sapphique disse-me que a usasse para abrir o Tempo; havia um buraco de fechadura numa rocha preta e brilhante, mas a chave era tão pesada que eu não consegui. Fiquei... arrasado.

O velho agarrou-lhe o pulso com uma força inesperada.

— Como era ele?

— Jovem. Com cabelos escuros e compridos. Como nas histórias.

— E a porta?

— Muito pequena. A rocha tinha luz lá dentro, como estrelas.

Keiro encostou-se elegantemente à parede.

— Estranhos sonhos, irmão.

— Não são sonhos. — Gildas largou-lhe o pulso; o velho parecia atordado, incrédulo de alegria. — Conheço essa porta. Nunca foi aberta. Fica a cerca de quilómetro e meio daqui, em território dos Cívicos. — Esfregou a cara com as mãos e perguntou: — Onde está a Chave?

Finn hesitou. Tinha começado por usá-la ao pescoço suspensa de um velho pedaço de cordel, mas pesava demasiado, de modo que acabara por atá-la à cintura, por baixo da camisa. Relutantemente, tirou-a para fora.

O Sapiiente pegou-lhe com reverência. As pequenas mãos de veias salientes exploraram-na; aproximou-a dos olhos e estudou a águia.

— Isto é aquilo de que tenho estado à espera. — Tinha a voz embargada pela emoção. — O sinal de Sapphique. — Ergueu os olhos. — Decide tudo. Partimos imediatamente, esta noite, antes que o Jormanric saiba o que isto é. Repentina e rapidamente, Finn, iniciamos a nossa Fuga.

— Um momento! — Keiro afastou-se da parede. — Ele não vai a parte nenhuma. Está-me jurado a mim.

Gildas olhou-o com desprezo.

— Só porque te é útil.

— E a ti não? — Keiro riu, trocista. — És um hipócrita, velho. Uma bugi-ganga de vidro e alguns disparates quando ele está fora de si é tudo o que te interessa.

Gildas pôs-se de pé. Mal chegava ao ombros de Keiro, mas o seu olhar era malévolos, o corpo magro e seco estava tenso.

— No teu lugar teria cuidado, rapaz. Muito cuidado.

— Ou o quê? Transformas-me numa cobra?

— Não, isso já tu fizeste a ti mesmo.

Com um gesto rápido, Keiro desembainhou a espada. Os seus olhos eram azuis e gelados.

— Para com isso — disse Finn. Nenhum dos dois olhou sequer para ele.

— Nunca gostei de ti, rapaz. Nunca confiei em ti — disse Gildas, sombriamente. — És um ladrãozeco vaidoso e arrogante que só tem em conta os seus prazeres, capaz de assassinar se isso te conviesse... o que de certeza já aconteceu. E adorarias poder tornar o Finn igual a ti.

O rosto de Keiro estava muito vermelho. Ergueu a espada, de modo que a ponta aguçada ameaçava os olhos do velho.

— O Finn precisa de mim para o proteger de ti. Sou eu que tomo conta dele, que lhe seguro a cabeça quando ele vomita, que o protejo. Se estivéssemos a falar de verdades básicas, diria que os Sapiienti são velhos tolos agarrados a pedaços de bruxaria...

— Eu disse para parares! — Finn interpôs-se entre os dois e empurrou a ponta da espada para o lado.

Keiro baixou-a, com uma expressão de raiva.

— Vais com ele? Porquê?

— O que é que há aqui que me retenha?

— Pelo amor de Deus, Finn! Estamos bem aqui... comida, raparigas, tudo o que queremos! Somos temidos, respeitados... suficientemente fortes para liquidar o Jormanric quando quisermos. Então seremos Senhores de Ala, os dois!

— E quanto tempo até que dois seja um a mais? — perguntou Gildas, num tom venenoso.

— Cala-te! — Finn voltou-se, furioso. — Olhem para vocês! Os únicos amigos que tenho neste inferno, e não sabem fazer outra coisa senão discutir por minha causa. Algum de vocês quer saber de mim? Não o que vê as estrelas, o guerreiro, o louco que corre todos os riscos, mas eu, Finn? — Estava a tremer, e de repente sentiu um imenso cansaço. Acocorou-se, cobriu a cabeça com as mãos e gemeu: — Não aguento mais. Estou a morrer aqui, aterrorizado, a viver entre ataques, a temer o próximo, não aguento mais, tenho de sair daqui, descobrir quem sou! *Tenho de Fugir!*

Ficaram em silêncio. O pó caía lentamente, atravessando o feixe de luz da lanterna. Então, Keiro embainhou a espada.

Finn tentou parar de tremer. Ergueu os olhos, com medo de ver a troça no rosto de Keiro, mas o seu irmão-de-juramento estendeu a mão e ajudou-o a levantar-se até ficarem frente a frente.

— Eu quero saber de ti, rapaz tolo — resmungou Gildas.

Os olhos de Keiro eram duros e azuis.

— Cala-te, velho. Será que não vês que ele está a manipular-nos aos dois, como sempre? És muito bom nisso, Finn. Fizeste-o à Maestra e estás a fazê-lo a nós. — Largou o braço de Finn e recuou. — Muito bem, digamos que tentamos sair. Já esqueceste como ela te amaldiçoou? Uma maldição na hora da morte, Finn. Podemos ir contra uma coisa dessas.

— Deixa isso comigo — disse Gildas, secamente.

— Ah, sim. Bruxaria. — Keiro abanou a cabeça, incrédulo. — E como é que sabemos que a Chave abre a tal porta? As portas só se abrem quando Incarceron quer.

Finn coçou o queixo. Obrigou-se a endireitar as costas.

— Preciso de tentar.

Keiro suspirou. Voltou-se e olhou para as fogueiras dos Comitatus, lá em baixo, e Gildas captou o olhar de Finn e assentiu com a cabeça. Tinha uma expressão silenciosa e triunfante.

Keiro voltou-se de novo para eles.

— Muito bem. Mas em segredo. Assim, se falharmos, ninguém saberá.

— Não precisas de vir — resmungou Gildas.

— Se ele vai, eu também vou.

Ao dizer isto, deslocou com o pé um monte de excrementos de ave; enquanto o via cair, Finn julgou distinguir o movimento de uma sombra. Agarrou a corrente.

— Estava aqui alguém.

Keiro olhou para baixo.

— Tens a certeza?

— Pareceu-me.

O Sapiente pôs-se de pé. Parecia assustado.

— Se era um espião, se ouviu a respeito da Chave, corremos perigo. Juntem armas e comida e vão ter comigo junto à base do poço dentro de dez minutos. — Olhou para a Chave, para o seu brilho de arco-íris. — Eu fico com isto.

— Não, não ficas. — Finn tirou-lha das mãos. — Fica comigo.

Quando se voltou com ela, a chave pareceu-lhe estranha e subitamente pesada. Olhou para ela. Por baixo da garra da águia, um círculo pálido estava a desvanecer-se. Dentro dele julgou ver, apenas por um instante, a sombra de um rosto, a observá-lo.

Um rosto de rapariga.

— Tenho de confessar que detesto montar a cavalo. — Lorde Evian passeava por entre os canteiros, observando atentamente as dalias. — Não há necessidade de ficarmos tão distantes do chão. — Sentou-se no banco ao lado de Claudia e olhou para os campos banhados pelo sol, o campanário da igreja a refulgir na bruma de calor. — E então o seu pai a querer voltar para casa tão de repente! Espero que não tenha sido alguma doença súbita.

— Suponho que deve ter-se lembrado de qualquer coisa — respondeu Claudia, cuidadosa.

A luz da tarde aquecia a pedra cor de mel da mansão; brilhava na água negra e dourada do fosso. Os patos nadavam velozmente para os pedaços de pão que flutuavam. Claudia atirou-lhes mais, desfazendo-os com os dedos.

O reflexo de Evian mostrou a sua cara redonda e lisa quando ele se inclinou. A boca disse:

— Deve estar um pouco preocupada, além de ansiosa, com o casamento. Ela atirou um pouco de pão a uma galinha-d'água.

— Por vezes.

— Garanto-lhe, todos dizem que saberá lidar com o conde de Steen sem problemas. A mãe adora-o.

Claudia não tinha a mínima dúvida. De repente, sentiu-se cansada, como se o esforço de representar o seu papel estivesse a vencê-la. Pôs-se de pé, e a sua sombra escureceu a água.

— Se me dá licença, Lorde Evian, tenho muito de que tratar.

Ele não ergueu os olhos, continuando a estender os dedos gorduchos para os patos. Mas disse:

— Sente-se, Claudia Arlexa.

A voz *dele*. Claudia olhou, espantada, para a nuca do homem. O tom lamuriento e nasalado tinha desaparecido. A voz era agora forte, imperiosa. Lorde Evian olhou para ela.

Claudia obedeceu, em silêncio.

— Foi um choque, não duvido. Gosto do meu disfarce, mas, por vezes, torna-se cansativo. — Também o sorriso untuoso tinha desaparecido, e isso fazia-o parecer diferente, os olhos de pálpebras pesadas um pouco cansados, mais velhos.

— Disfarce?

— Uma personalidade inventada. Todos os temos, não é verdade, nesta tirania do Tempo? Claudia, alguém pode ouvir-nos aqui?

— É mais seguro do que em casa.

— Sim. — Lorde Evian voltou-se no banco, o fato de seda pálida a roçar, e Claudia detetou o aroma do delicado perfume com que ele se aspergira. — Agora escute. Preciso de falar consigo, e esta pode ser a nossa única oportunidade. Alguma vez ouviu falar dos Lobos de Aço?

Perigo. Havia ali perigo e ela tinha de ser muito cuidadosa.

— O Jared é um professor muito competente — disse. — O Lobo de Aço era o símbolo heráldico de Lorde Calliston, que foi declarado culpado de

traição contra o Reino e foi o primeiro Prisioneiro a entrar em Incarceron. Mas isso foi há séculos.

— Há cento e sessenta anos — murmurou Evian. — E isso é tudo o que sabe?

— Sim.

Era verdade.

Ele lançou um olhar rápido pelos relvados.

— Então deixe-me dizer-lhe que o Lobo de Aço é também o nome de uma organização secreta de cortesãos e... digamos... pessoas descontentes que anseiam pela libertação da interminável representação de um passado idealizado. Da tirania dos Havaarna. Eles... nós... queremos um Reino governado por uma rainha que se preocupe com o seu povo, que nos deixe viver como quisermos. Que abra Incarceron.

O coração dela palpitava, assustado.

— Compreende o que estou a dizer, Claudia?

Não fazia ideia de como lidar com aquilo. A morder o lábio, viu Medlicote sair da casa da guarda e olhar em redor, à procura deles.

— Julgo que sim. E o senhor faz parte desse grupo, Lorde Evian?

Também ele tinha visto o secretário.

— Talvez — disse rapidamente. — Estou a correr um enorme risco ao falar consigo. Mas acredito que é diferente do seu pai.

A figura escura do secretário atravessou a ponte e avançou para eles. Evian acenou-lhe, sem energia.

— Pense nisso — disse. — Poucos chorariam a morte do conde de Steen.

— Pôs-se de pé. — É a mim que procura?

John Medlicote era um homem alto, de poucas palavras. Fez uma vénia a Claudia e disse:

— Exatamente, senhor. Sua Excelência o governador envia cumprimentos e pede-me que o informe que chegaram estes despachos da corte.

E estendeu-lhe uma pasta de couro.

Evian sorriu e pegou-lhe com um gesto afetado.

— Nesse caso, tenho de ir lê-los. Dê-me licença, minha querida.

Claudia fez uma reverência desajeitada e ficou a ver o lorde obeso afastar-se na companhia do grave servidor, a tagarelar despreocupadamente a respeito da perspectiva das colheitas, a tirar os documentos da pasta para os ler. Esfarelou um pedaço de pão entre os dedos, num silêncio incrédulo.

Poucos chorariam a morte do conde de Steen.

Estava a falar de assassínio? E estava a ser sincero, ou tratar-se-ia de um plano engendrado pela rainha para a fazer cair numa armadilha, para lhe testar a lealdade? Denunciar o episódio ou guardar silêncio, qualquer uma das hipóteses podia ser um erro.

Atirou o pão para a água escura do fosso e viu os grandes patos-reais, com os seus pescoços de um verde metálico, debicá-lo, afastando os mais pequenos. A vida dela era um labirinto de conjuras e fingimentos, e a única pessoa em que podia confiar no meio de tudo aquilo era Jared.

Esfregou os dedos uns nos outros, com frio ao calor do sol.

Porque ele podia estar a morrer.

— Claudia. — Evian tinha voltado. Segurava uma carta entre os dedos gorduchos. — Boas notícias, minha querida, do seu noivo. — Olhou para ela com uma expressão imperscrutável. — O Caspar viaja aqui por perto. Estará cá amanhã.

A notícia abalou-a. Sorriu rigidamente e atirou as últimas migalhas para a água. Flutuaram durante alguns segundos antes de serem apanhadas.

Keiro enchera uma mochila: com belas roupas, ouro, joias, uma pistola. Devia ser pesada, mas ele não ia queixar-se; Finn sabia que lhe custaria muito mais deixar para trás qualquer daquelas coisas. Quanto a ele, juntara uma muda de roupa, alguma comida, uma espada e a Chave. Era tudo o que queria. Olhar para o seu quinhão das riquezas acumuladas na arca enchera-o de ódio por si mesmo, fizera-o recordar o desprezo escaldante no último olhar da Maestra. Fechara a tampa com estrondo.

Ao ver a lanterna de Gildas mais à frente, correu atrás do irmão-de-

juramento, a olhar ansiosamente por cima do ombro.

A noite de Incarceron era escura como breu. Mas a Prisão nunca dormia. Um dos pequenos Olhos vermelhos abriu-se, moveu-se e emitiu um estalido quando ele passou a correr, e o som causou-lhe um arrepio de medo. A Prisão observava, curiosa. Brincava com os reclusos, permitia-lhes matar, deambular, lutar e amar até se cansarem, e atormentava-os fechando ocasionalmente todas as portas, alterando a sua própria forma. Eram o seu único divertimento, e talvez soubesse que não havia Fuga.

— Depressa. — Gildas esperava-os, impaciente. Levava apenas um saco com comida, medicamentos e o seu bastão. Pôs o saco a tiracolo, amarrou o bastão às costas e olhou para os degraus metálicos do poço. — Subimos até à calçada; é provável que a saída seja vigiada, de modo que vou eu à frente. De lá, são duas horas até à porta.

— Por território cívico — resmungou Keiro.

Gildas lançou-lhe um olhar gelado.

— Ainda estás a tempo de voltar para trás.

— Não, não está, velho.

Finn rodou sobre os calcanhares, imitado por Keiro.

Os Comitatus surgiram, como fantasmas, das sombras dos túneis. De olhos vermelhos, embrutecidos pelo *ket*, as bestas armadas, as pistolas apontadas. Finn viu Arko Grande fletir os músculos e sorrir; Amoz balançou o seu temível machado.

Jormanric destacou-se, sombrio e enorme, rodeado pelos seus guarda-costas. Suco vermelho manchava-lhe a barba, como sangue.

— Ninguém vai a parte nenhuma — disse. — E essa Chave também não.

Capítulo 10

No corredor, os olhos estavam escuros e vigilantes, e havia muitos.

— Apareçam — disse ele.

E eles apareceram. Eram crianças. Estavam vestidas com farrapos, a pele lívida de cicatrizes. As veias delas eram tubos, os cabelos arames. Sapphique estendeu a mão e tocou-lhes.

— Vocês são aqueles que hão de salvar-nos — disse.

Sapphique e as Crianças

Ninguém falou.

Finn afastou-se da escada; desembainhou a espada e viu que Keiro já estava armado, mas de que serviam duas lâminas contra tantos?

Foi Arko Grande que quebrou a tensão.

— Nunca pensei que nos abandonasses, Finn.

O sorriso de Keiro foi de aço.

— Quem diz que vamos abandoná-los?

— Di-lo a espada que tens na mão.

Avançou para eles, mas Jormanric deteve-o pondo-lhe no peito as costas de uma mão enluvada em malha de ferro. Então o Senhor de Ala olhou para lá de Keiro e de Finn.

— Será possível haver um objeto capaz de abrir todas as fechaduras?

A voz soou arrastada, mas os olhos estavam atentos. Finn ouviu Gildas descer os degraus que já tinha subido.

— Acredito que sim. Foi-me enviado por Sapphique. — O velho tentou passar, mas Finn agarrou-o pelo cinto e deteve-o. Irritado, Gildas libertou-se com um safanão e apontou um dedo ossudo. — Ouve-me, Jormanric. Dei-te excelentes conselhos durante muitos anos. Tratei dos teus feridos e tentei trazer um pouco de ordem a este inferno que tu criaste. Mas vou e venho

quando quero, e o meu tempo contigo chegou ao fim.

— Oh, sim — disse o gigante, funestamente. — Isso é verdade.

Os Comitatus trocaram sorrisos. Começaram a avançar. Finn e Keiro entreolharam-se; ao mesmo tempo, colocaram-se um de cada lado de Gildas.

Gildas cruzou os braços sobre o peito. A voz dele soou carregada de desprezo.

— Julgas que tenho medo de ti?

— Eu teria, velho. Por baixo de toda essa bravata, tens medo de mim. E tens boas razões para isso. — Jormanric fez rolar um pedaço de *ket* com a língua. — Viste muitas mãos serem cortadas, viste muitas línguas serem arrancadas, viste suficientes cabeças de homens espetadas em estacas para saber o que sou capaz de fazer. — Encolheu os ombros. E, nestes últimos tempos, a tua voz tem andado a irritar-me. Estou farto de sermões e decomposturas. Por isso aqui tens a minha proposta. Desaparece antes que eu próprio te arranque a língua. Sobe essa escada e vai ter com os Cívicos. Não deixas saudades.

Não era verdade, pensou Finn. Metade dos Comitatus devia a vida e os membros a Gildas. Remendara-os e cosera-lhes as feridas depois de muitas lutas, e eles sabiam-no.

Gildas riu amargamente.

— E a Chave?

— Ah. — Jormanric semicerrou os olhos. — A Chave mágica e O Que Vê as Estrelas. Não posso deixá-los ir. E ninguém deserta do Comitatus. — Voltou os olhos para Keiro. — O Finn será útil, mas tu, desertor, a única Fuga para ti é pela Porta da Morte.

Keiro nem pestanejou. Manteve-se bem direito, o rosto bonito corado de raiva contida, apesar de Finn ter detetado um ligeiríssimo tremor na mão que empunhava a espada.

— Isso é um desafio? — ripostou. — Porque se não é, passa a ser. — Olhou em redor, para todos eles. — Não se trata aqui de uma bugiganga de vidro nem do Sapiente. Trata-se de ti e de mim, Senhor de Ala, e há muito que era devido. Vi-te trair todos os que te ameaçavam, enviá-los para emboscadas, envenená-los, subornar-lhes os irmãos-de-juramento,

transformar o teu grupo de combate numa corja de viciados em *ket* sem uma única célula cinzenta entre todos. Mas a mim não. Chamo-te cobarde, Jormanric. Um grande cobarde, assassino e mentiroso. Gasto, acabado. *Velho.*

Silêncio.

No escuro poço, as palavras ecoaram como se a Prisão as tivesse murmurado troçando deles uma e outra vez. Finn agarrava o punho da espada com tanta força que a corda que o envolvia lhe esfolava a pele; o coração martelava-lhe o peito. *Keiro era louco. Keiro acabava de matá-los aos três.* Arko Grande franzia a testa; as raparigas, Lis e Ramill, observavam avidamente.

Viu, atrás deles, o escravo-cão aproximar-se a rastejar, preso pela sua corrente.

Todos os olhos se voltaram para Jormanric.

O Senhor de Ala reagiu instantaneamente. Puxou de uma grande faca e da espada que usava às costas e atacou Keiro antes que alguém pudesse gritar.

Finn saltou para o lado; Keiro levantou a espada, por instinto, e as lâminas retiniram.

O rosto de Jormanric estava vermelho de raiva, o sangue a latejar nas grossas veias do pescoço.

— Estás morto, rapaz! — gritou na cara de Keiro, e voltou a atacar.

Os Comitatus uivaram de prazer; gritaram e formaram um apertado círculo à volta dos dois lutadores, entrechocando as armas, batendo com os pés em unísono. Adoravam ver sangue derramado, e muitos deles tinham sentido a chicotada da arrogância de Keiro; agora iam vê-lo pagar. Finn foi empurrado para o lado; tentou arranjar um espaço, mas Gildas puxou-o para trás.

— Mantém-te afastado!

— Ele vai morrer!

— Se morrer, não será grande perda.

Keiro lutava pela vida. Era jovem e forte, mas Jormanric tinha o dobro do peso, era experiente nas artes da guerra e estava possuído por um frenesi de

luta que raras vezes o dominava. Atacou o rosto de Keiro, os braços, seguindo cada estocada com rápidos golpes da faca. Keiro recuou a cambaleiar e chocou contra um dos Comitatus, que o empurrou impiedosamente para o centro do círculo; avançou em desequilíbrio, e Jormanric atacou.

— Não! — gritou Finn.

A lâmina riscou o peito de Keiro, que arquejou e atirou a cabeça para trás. Um salpico de sangue atingiu a turba.

Finn tinha a sua própria faca pronta para lançar, mas não podia; os lutadores estavam muito afastados, e Keiro demasiado concentrado para olhar para o lado. Uma mão apertou o braço de Finn e a voz de Gildas sussurrou-lhe ao ouvido:

— Recua em direção ao poço. Ninguém nos verá partir.

Finn estava tão assustado que não conseguiu responder. Em vez disso, libertou-se da mão do velho e tentou abrir caminho até ao centro do círculo, mas um braço enorme rodeou-lhe o pescoço.

— Nada de batota, irmão.

O hálito de Arko fedia a *ket*.

Finn ficou a ver, desesperado. Keiro nunca conseguiria sobreviver àquilo. Já tinha sido ferido na perna e no pulso; golpes pouco profundos, mas que sangravam abundantemente. Os olhos de Jormanric vidrados, os dentes manchados de *ket* expostos num sorriso fixo. O seu ataque era um dilúvio de violência; lutava sem medo nem consciência de si mesmo, e as lâminas chispavam ao entrechocarem-se.

Ofegante, Keiro lançou para o lado um olhar de terror; Finn debateu-se e esperneou para chegar até ele. Jormanric rugiu, um uivo de selvajaria que fez os seus homens lançarem gritos de encorajamento; deu um passo em frente e brandiu a espada num arco de aço mortífero.

E cambaleou.

Por um instante, apenas um segundo, perdeu o equilíbrio. E então caiu, uma queda aparatosa e inexplicável, os pés puxados para trás, presos por uma corrente que surgiu de entre as pernas dos assistentes enrolada à volta de umas mãos imundas embrulhadas em farrapos.

Keiro saltou para ele e desferiu um golpe esmagador nas costas protegidas pela cota de malha do Senhor de Ala; Jormanric uivou de fúria e de dor.

Os gritos dos Comitatus cessaram bruscamente.

Arko largou Finn.

Keiro estava lívido devido ao esforço, mas não parou. Quando Jormanric rolou sobre si mesmo, pisou-lhe o braço esquerdo; o osso estalou com um som horrível. A faca caiu no chão. Jormanric pôs-se de joelhos, de cabeça baixa, a gemer agarrado ao braço partido, que oscilava.

Pelo canto do olho, Finn notou a agitação num dos lados do círculo; o escravo-cão estava a ser arrastado para fora, no meio de pontapés e maldições.

Tentou chegar até ele, mas quando o conseguiu um dos atormentadores tombou no chão, derrubado por uma pancada do bastão de Gildas.

— Eu trato disto! — gritou o Sapiente. — Para o combate antes que alguém morra!

Finn voltou precisamente a tempo de ver Keiro atingir Jormanric com um pontapé em cheio na cara.

O Senhor de Ala ainda empunhava a espada, mas um novo golpe derrubou-o; caiu de costas, de pernas e braços abertos, o sangue a jorrar da boca e do nariz.

A multidão estava silenciosa.

Keiro atirou a cabeça para trás e atroou os ares com um grito de triunfo.

Finn olhou, espantado. O seu irmão-de-juramento estava transformado. Os olhos brilhavam, os cabelos escurecidos pelo suor colavam-se-lhe ao crânio, as mãos estavam manchadas de sangue. Parecia mais alto, a brilhar de uma energia concentrada que afastava todo o cansaço; endireitou a cabeça e olhou em redor, um olhar cru, cego, irreconhecível, que não via nada e desafiava tudo.

Então, deliberadamente, voltou-se, encostou a ponta da espada à veia no pescoço de Jormanric e carregou.

— Keiro! — A voz de Finn soou dura. — Não!

Os olhos de Keiro voltaram-se para ele. Por um instante, foi como se

tivesse dificuldade em reconhecer quem tinha falado. Então disse, com a voz rouca:

— Acabou-se. Agora sou eu o Senhor de Ala.

— Não o mates. Não queres este reinozinho miserável. — Finn sustentou-lhe firmemente o olhar. — Nunca quiseste. O Exterior, é isso que queres. Nenhum outro lugar é suficientemente grande para nós.

Como que em resposta, uma brisa quente desceu pelo poço.

Por um momento, Keiro olhou para Finn e depois para Jormanric.

— Desistir disto?

— Por mais. Por tudo.

— Pedes muito, irmão.

A olhar para baixo, afastou lentamente a ponta da espada. O Senhor de Ala inspirou fundo, num arquejo longo e rouco. E então, com uma súbita estocada, Keiro trespassou-lhe a palma da mão aberta.

Jormanric arqueou o peito e uivou. Pregado ao chão, contorceu-se de dor e de fúria, mas Keiro ajoelhou-se ao lado dele e começou a arrancar-lhe dos dedos os pesados anéis de prata ornamentados com caveiras.

— Deixa-os! — O grito de Gildas veio de trás deles. — *A Prisão!*

Finn ergueu os olhos. Havia luzes vermelhas a explodir por todo o lado. Um milhar de olhos abriu-se. Alarmes começaram a tocar, com um grito ululante e terrível.

Era um Fechar-Portas.

Os Comitatus dispersaram, atabalhoadamente, transformados numa turba apavorada, e quando as frestas nas paredes se abriram e os canhões de luz começaram a disparar, já iam a fugir, esquecidos da sangrenta agonia de Jormanric. Finn arrastou Keiro para longe.

— Esquece-os.

Keiro abanou a cabeça, enfiou três anéis no bolso do gibão.

— Vamos! Vamos!

— Pensas que fui eu que matei a mulher, Finn? — perguntou uma voz rouca atrás deles.

Finn voltou-se.

Jormanric contorcia-se de dor. Cuspiu as palavras como se fossem veneno.

— Não é verdade. Pergunta ao teu irmão. Ao teu fedorento e traiçoeiro irmão. Pergunta-lhe porque foi que ela morreu.

Os feixes de *laser* relampejavam como varas de aço no espaço entre eles. Por um segundo, Finn foi incapaz de se mover; então Keiro voltou a atrás e puxou-o para baixo. Deitados no chão imundo, rastejaram em direção ao poço. O corredor era uma refulgente grelha de energia; como sempre, Incarceron restabelecia eficazmente a ordem, fechava grades e portas, lançava jatos de gás amarelo e nauseabundo para os túneis selados.

— Onde está ele?

— Ali.

Finn viu Gildas passar por cima dos corpos caídos; arrastava consigo o escravo-cão, as correntes a oscilar e a fazerem-no tropeçar. Arrancando a espada da mão de Keiro, puxou a criatura para si e desferiu um golpe nas ferrugentas grilhetas. A lâmina afiada cortou-as instantaneamente. Olhou para baixo e viu uns olhos castanhos a brilhar entre os farrapos que envolviam a cabeça.

— Deixa-o! Está doente!

Keiro passou por ele a correr, encolheu-se quando um feixe de luz queimou o teto e saltou para a escada. Segundos depois, trepava a toda a velocidade pela escuridão do poço.

— Ele tem razão — disse Gildas, ofegante. — Vai atrasar-nos.

Finn hesitou. No meio do uivo dos alarmes e do estrépito do aço que caía, olhou para os olhos do escravo leproso que o observavam. Mas foi os olhos da Maestra que viu, foi a voz dela que lhe ecoou na cabeça.

Nunca mais ousarei mostrar bondade para com um desconhecido.

No mesmo instante inclinou-se, carregou a criatura às costas e começou a subir.

Keiro trepava ruidosamente mais acima, Gildas arquejava mais abaixo. Enquanto subia os degraus, Finn não tardou a sentir o peso nas costas. As

patas enfaixadas da criatura agarravam-se-lhe com força, os calcanhares cravavam-se-lhe no estômago. Começou a avançar mais devagar; ao cabo de trinta degraus teve de parar, ofegante, os braços como chumbo. Agarrou-se às barras de metal, a respirar com dificuldade.

Uma voz murmurou-lhe ao ouvido:

— Deixa-me ir. Sou capaz de subir.

Atónito, sentiu a criatura trepar por ele, saltar para a escada e desaparecer no escuro. Gildas bateu-lhe num pé.

— Continua! Depressa!

O pó e o terrível silvo do gás começavam a encher o poço. Recomeçou a subir, cada vez mais alto, até que os músculos das pernas e das coxas ficaram fracos, e os ombros lhe doíam de estender os braços para cima e içar o seu próprio peso.

E então, sem aviso, estava num espaço mais amplo, meio a cair na calçada, Keiro a puxar por ele. Puxaram Gildas para fora e, sem uma palavra, olharam para baixo. Dardos de luz faiscavam lá muito ao fundo. Os alarmes uivavam, luzes vermelhas piscavam; finas gavinhas de gás fizeram Finn tossir. Com os olhos cheios de água, viu um painel deslizar de lado para cima do poço e selá-lo com um clangor metálico.

E então, silêncio.

Não falaram. Gildas pegava na mão da criatura e Finn e Keiro avançavam a cambalear um pouco mais atrás, porque a subida e a luta faziam

sentir o seu efeito e Keiro estava subitamente exausto, os golpes que sofrera a deixarem um revelador rasto de sangue no chão metálico. Caminharam sem parar pelo labirinto de túneis, passaram por portas marcadas com símbolos dos Cívicos, por entradas vedadas, por um portão gradeado com grandes e inúteis quadrados. E sempre atentos a todos os ruídos, porque se os Cívicos os descobrissem não teriam a mais pequena hipótese. Finn deu por si a transpirar a cada curva do caminho, a cada tinido distante ou murmúrio, a sondar a escuridão, a ouvir o zumbido de um Escaravelho avariado que varria uma pequena sala em círculos intermináveis.

Ao cabo de uma hora, a coxear de cansaço, Gildas guiou-os até uma passagem que se transformou numa galeria inclinada iluminada por filas de Olhos atentos, e no seu extremo, muito acima no escuro, deteve-se, encostou-se à parede e deslizou para o chão junto a uma pequena porta fechada.

Finn ajudou Keiro a sentar-se e deixou-se cair ao lado dele. O escravo-cão era um monte no chão. Durante algum tempo, o estreito espaço encheu-se do som de respirações ofegantes. Então, Gildas pôs-se de pé.

— A Chave — disse. — Antes que nos encontrem.

Finn tirou-a de dentro da camisa. Havia uma única abertura na porta, hexagonal, rodeada por fragmentos de quartzo.

Enfiou a Chave na fechadura e rodou-a.

Capítulo 11

Relativamente ao Caspar, tenho pena de quem tiver de aturá-lo. Mas conheço a sua ambição, e agora estamos ligados. A sua filha será rainha e o meu filho será rei. O preço foi pago. Se me trair, sabe o que farei.

Da Rainha Sia para o Governador de Incarceron; CARTA PARTICULAR

— Porquê aqui?

Claudia caminhava atrás dele por entre as sebes.

— Porque mais ninguém consegue encontrar o caminho — murmurou Jared.

Nem ela. O labirinto de teixo era antigo e complexo, as espessas sebes impenetráveis. Certa vez, quando era pequena, andara lá perdida durante todo um longo dia de verão, a deambular e a chorar de raiva, e a ama e Ralph tinham organizado uma busca e ficado quase histéricos de pânico antes de a encontrarem a dormir debaixo do astrolábio na clareira central. Não se lembrava de lá ter chegado, mas por vezes, agora, quando estava prestes a adormecer, recordava o calor entorpecedor, as abelhas, a esfera de latão contra o sol.

— Claudia, enganaste-te no caminho.

Voltou atrás e encontrou-o pacientemente à espera.

— Desculpa. Estava a milhas daqui.

Jared conhecia bem o caminho. O labirinto era um dos seus pousos preferidos; ia para lá ler e estudar e testar secretamente alguns engenhos proibidos. Agora havia algum sossego, depois do alvoroço e do pânico que fora fazer as malas. Seguindo os caminhos da sombra dele, Claudia aspirava o aroma das roseiras e tocava com os dedos a Chave que levava no bolso.

Estava um dia perfeito, não demasiado quente. Com algumas nuvens delicadas no céu. Tinha sido marcado um pequeno chuveiro para as três e um

quarto, mas deviam despachar-se muito antes disso. Quando dobrou uma esquina e se viu repentinamente na clareira central, olhou em redor, surpreendida.

— É mais pequeno do que me lembrava.

Jared arqueou uma sobrancelha.

— As coisas parecem-nos sempre mais pequenas, quando crescemos.

O astrolábio era de cobre azul-esverdeado e aparentemente decorativo: junto dele, um banco de ferro forjado escondia-se elegantemente na relva, um arbusto de rosas vermelho-sangue a trepar-lhe pelas costas. O chão estava salpicado de margaridas.

Claudia sentou-se, com as pernas em cima do banco, escondidas pelo vestido de seda.

— Então?

Jared guardou o *scanner*.

— Parece seguro. — Voltou-se e sentou-se no banco, as frágeis mãos nervosamente entrelaçadas.

— Muito bem. Conta-me.

Claudia repetiu rapidamente a conversa que tivera com Lorde Evian e ele ouviu, de sobrolho franzido.

— Claro que pode ser uma armadilha — disse ela, quando acabou.

— É possível.

Claudia estudou-o.

— O que é que sabes a respeito desses Lobos de Aço? Porque é que nunca me disseram nada?

Ele não ergueu os olhos, o que era mau sinal; Claudia sentiu um arrepio de medo descer-lhe pela espinha.

Então ele disse:

— Já ouvi falar deles. Tem havido rumores, mas ninguém sabe de certeza quem está envolvido, ou até que ponto a conspiração é real. O ano passado, foi descoberto um engenho explosivo no Palácio, numa sala onde a rainha era esperada. Nada de novo, mas também foi encontrado um pequeno emblema,

pendurado no fecho da janela, um pequeno lobo de metal. — Estava a observar uma joaninha a subir uma folha de erva.

— O que é que vais fazer?

— Nada. Por enquanto. — Tirou a Chave do bolso e pegou-lhe com ambas as mãos, deixando as facetas refletirem a luz do sol. — Não sou uma assassina.

Ele assentiu, mas parecia preocupado, a olhar fixamente para o cristal.

— Mestre?

— Está a acontecer qualquer coisa. — Absorto, estendeu a mão para a Chave e tirou-lha. — Olha para ela, Claudia.

As minúsculas luzes tinham voltado, desta vez a moverem-se nas profundezas, num padrão rápido e repetido. Jared pousou apressadamente o artefacto em cima do banco. — Está a aquecer.

Não só isso, estava também a emitir sons. Ela aproximou o rosto, ouviu um bater e uma ondulação de notas musicais.

Então a Chave falou.

— *Não está a acontecer nada* — disse.

Claudia arquejou e afastou-se. Voltou-se para Jared de olhos muito abertos.

— Ouviste?

— Silêncio. Escuta!

Outra voz, mais velha, rouca.

— Olha com atenção, rapaz tolo. Há luzes lá dentro.

Claudia pôs-se de joelhos, fascinada. Jared enfiou a mão no bolso, tirou de lá o *scanner* e pousou-o ao lado da Chave, para gravar.

A Chave emitiu um suave som musical. Outra vez a primeira voz, estranhamente distante e excitada.

— Está a abrir-se. Recuem!

Então um outro som saiu do artefacto, um pesado clangor metálico, ominoso e cavo, e por isso Claudia demorou um instante a registá-lo, a reconhecer o que era.

Uma porta. A abrir-se.

Uma pesada porta metálica, talvez antiga, porque gemeu nos gonzos, e houve um rangido e um tamborilar, como de ferrugem a cair, ou de detritos sacudidos do lintel.

E então silêncio.

As luzes dentro na Chave mudaram, passaram para verde, apagaram-se.

Só os corvos nos ulmeiros junto ao fosso grasnaram. Um melro pousou na roseira e sacudiu a cauda.

— Bem — disse Jared, em voz baixa.

Regulou o *scanner* e voltou a passá-lo por cima da Chave. Claudia estendeu a mão e tocou no cristal. Estava frio.

— Que aconteceu? Quem são eles?

Jared voltou o *scanner* e mostrou-lho.

— Foi um fragmento de uma conversa. Em tempo real. Uma ligação áudio abriu-se e fechou-se muito rapidamente. Se foste tu ou eles a iniciá-la, não posso saber.

— Eles não sabiam que estávamos a ouvir.

— Aparentemente, não.

— Um deles disse «*Há luzes lá dentro*».

Os olhos escuros do Sapiente encontraram os dela.

— Estás a pensar que têm um artefacto idêntico?

— Estou! — Claudia pôs-se de pé, demasiado excitada para continuar sentada, e o melro fugiu, assustado. — Ouve, Mestre, como disseste, isto não é apenas uma chave de Incarceron. Talvez seja também um aparelho para comunicar!

— Com a Prisão?

— Com os reclusos.

— Claudia...

— Pensa nisto! Ninguém pode lá entrar. Como é que ele sabe como monitorizar a Experiência? Ouvir o que está a acontecer?

Ele assentiu, os cabelos caídos para os olhos.

— É possível.

— Só que... — Claudia franziu a testa, de dedos entrelaçados. Voltou-se para ele. — Havia qualquer coisa errada.

— Tens de ser mais precisa no teu discurso, Claudia. Errada em que sentido?

Ela procurou a palavra. Quando a encontrou, ficou surpreendida.

— Pareciam assustados.

Jared ficou pensativo.

— É verdade... pareciam.

— E de que teriam eles medo? Não há nada a temer num mundo perfeito, pois não?

— Podemos ter ouvido uma forma de drama. Uma transmissão... — disse ele, num tom pouco convencido.

— Mas se têm isso... peças de teatro, filmes, então têm de saber o que é o perigo, o risco e o terror. Será isso possível? Poder-se-á fazer isso num mundo perfeito? Seriam sequer capazes de criar uma história assim?

O Sapiente sorriu.

— É um ponto que poderíamos debater, Claudia. Algumas pessoas diriam que o nosso mundo é perfeito, e no entanto nós conhecemos essas coisas.

Ela franziu a testa.

— Está bem. Mas há também outra coisa. — Bateu com o dedo na águia de asas abertas. — Isto serve apenas para ouvir? Ou podemos usá-lo para falar com eles?

Jared suspirou.

— Mesmo que pudéssemos, não devemos. As condições em Incarceron são estritamente controladas; tudo foi cuidadosamente calculado. Se introduzirmos variáveis, se abrirmos nem que seja uma minúscula fechadura naquele lugar, podemos estragar tudo. Não podemos introduzir germes no Paraíso, Claudia.

— Sim, mas...

Ficou imóvel.

O pai estava de pé numa abertura da sebe, atrás de Jared. A olhar para ela. Por um instante, o choque fez o coração dar-lhe um salto no peito; e então deixou que o gracioso sorriso que tantas vezes treinara se lhe espalhasse pelo rosto.

-Pai!

Jared ficou rígido. A Chave estava em cima do banco; estendeu a mão discretamente, mas não conseguia chegar-lhe.

— Tenho andado à vossa procura por todo o lado. — O governador falou num tom calmo, a sua casaca de veludo escuro formava um vazio na clareira iluminada pelo sol. Jared ergueu os olhos para Claudia, lívido. *Se ele viu a Chave...*

— Tenho novidades para ti, Claudia — continuou o governador, no mesmo tom. — O conde de Steen chegou. O teu noivo procura-te. Lorde Evian está a entretê-lo, mas só vai conseguir aborrecê-lo. Estás contente, minha querida?

Avançou para lhe pegar na mão. Ela queria desviar-se para o lado, para esconder o refulgente cristal, mas não conseguia mexer-se. Então Jared murmurou qualquer coisa e inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Mestre? — Alarmada, Claudia largou a mão do pai. — Tens dores?

A voz de Jared soou rouca:

— Não... não... apenas uma pequena tontura. Nada de grave.

Ela ajudou-o a endireitar-se. O governador estava de pé em frente deles, o rosto uma máscara de preocupação.

— Receio que ultimamente tenhas andado a exagerar, Jared — disse. — Estar sentado ao sol não é bom para ti. E tanto estudo até altas horas da noite...

Jared pôs-se de pé, um pouco trémulo.

— Sim. Obrigado, Claudia. Agora estou bem. A sério.

— Talvez devesse descansar um pouco — disse ela.

— Tens razão. Acho que vou para a minha torre. Com sua licença, senhor.

Avançou um passo. Por um terrível segundo, Claudia pensou que o pai não ia mexer-se. Ele e Jared ficaram frente a frente. Então o governador recuou, com um sorriso forçado.

— Se queres que te levem a ceia, mandamos tratar disso.

Jared limitou-se a assentir.

Claudia ficou a ver o seu tutor caminhar por entre as sebes de teixo. Não ousou olhar para o banco, mas sabia que a Chave tinha desaparecido.

O governador aproximou-se do banco e sentou-se, esticando as pernas e cruzando-as nos tornozelos.

— Um homem notável, o Sapiente.

— Sim — concordou ela. — Como conseguiu chegar até aqui?

Ele riu.

— Oh, Claudia. Desenhei este labirinto antes de teres nascido. Ninguém conhece os seus segredos melhor do que eu, nem mesmo o teu precioso Jared.

— Voltou-se, passando um braço pelas costas do banco. — Julgo que me desobedeceste, Claudia — disse, calmamente.

Ela engoliu em seco.

— Desobedeci?

O pai assentiu, com um ar grave. Os olhos dos dois encontraram-se.

Ele estava a fazer o que sempre fazia, a provocá-la, a brincar com ela. De repente, não conseguiu aguentar mais, as conspirações, o estúpido jogo. Pôs-se de pé, furiosa.

— Muito bem! Fui eu que entrei no seu gabinete. — Enfrentou-o, com o rosto vermelho de raiva. — Sabe-o muito bem, sabe-o desde que lá entrou, portanto porque é que estamos a fingir? Queria vê-lo por dentro, e nunca me deixou. *Nunca me deixou lá entrar.* Por isso forcei a entrada. Peço desculpa, está bem? Peço desculpa!

O pai olhava para ela. Estaria abalado? Não saberia dizer. Mas ela tremia, toda a raiva acumulada ao longo de anos a explodir, a fúria por ele ter tornado a sua vida tão falsa, e a de Jared também.

Ele ergueu uma mão.

— Claudia, por favor! Claro que sabia. Não estou zangado. Pelo contrário, admiro o teu engenho. Vai ser-te útil quando viveres no Palácio.

Claudia parou, estupefacta. Por um instante, ele ficara sobressaltado. Mais do que isso, assustado.

E não falara da Chave.

A brisa agitou a roseira, trazendo consigo um eflúvio do seu odor adocicado. Claudia estava surpreendida por ele ter revelado tanto. Quando o pai voltou a falar, a sua voz tinha recuperado o habitual tom ácido:

— Espero que tu e o Jared tenham apreciado o desafio. — Levantou-se de repente. — O conde está à espera.

Claudia franziu a testa.

— Não quero vê-lo.

— Não tens alternativa. — Fez uma pequena vénia e encaminhou-se para a abertura na sebe, e ela voltou-se e ficou a olhar, furiosa, para as costas dele.

E então perguntou:

— *Porque é que não há retratos da minha mãe na casa?*

Não fazia ideia de que ia dizer aquilo. Saiu-lhe num tom duro, muito diferente da sua voz.

Ele imobilizou-se.

O coração dela batia com força; estava espantada consigo mesma. Não queria que ele se voltasse, que respondesse, não queria ver-lhe a cara. Porque se o pai mostrasse fraqueza, ela ficaria aterrorizada; aquela compostura controlada era detestável, mas, se desaparecesse, não fazia ideia do que poderia estar por baixo.

Mas ele falou sem se voltar.

— Não vás demasiado longe, Claudia. Não queiras testar a minha paciência.

Quando ele desapareceu, ela descobriu que estava sentada no banco como uma trouxa, os músculos das costas e dos ombros rígidos de tensão, as mãos enclavinadas na seda da saia. Forçou-se a respirar fundo uma vez.

E outra.

Tinha os lábios salgados de suor.

Porque perguntara aquilo? De onde tinham vindo as palavras? Nunca pensava na mãe, nunca sequer a imaginava. Era como se nunca tivesse existido. Mesmo quando era pequena, quando olhava para as outras meninas da corte com as respectivas mães, nunca sentira qualquer curiosidade a respeito da sua.

Pôs-se a roer as unhas. Fora um erro fatal. Nunca, nunca devia ter dito aquilo.

— Claudia!

Uma voz alta, exigente. Fechou os olhos.

— Claudia, não vale esconderes-te no meio destas sebes. — Ramos restolhavam e estalavam. — Fala comigo! Não consigo encontrar o caminho!

Ela suspirou.

— Então chegaste, finalmente. E como está o meu futuro marido?

— Cheio de calor e irritado. Não que isso te importe. Ouve, há cinco caminhos aqui no ponto de encontro. Qual deles sigo?

A voz estava perto; Claudia conseguia cheirar a água-de-colónia cara que ele usava. Sem se encharcar, como Evian, apenas o suficiente.

— O que parece menos provável — respondeu. — Em direcção à casa.

O petulante resmungo tornou-se mais distante.

— Como o nosso noivado, diriam muitos. Claudia, tira-me daqui! Claudia fez uma careta. Ele era ainda pior do que se lembrava.

Ramos de teixo agitavam-se e partiam-se.

Pôs-se rapidamente de pé, alisou a saia, esperou que o seu rosto não refletisse a palidez que sentia. A sebe à sua esquerda estremeceu. A lâmina de uma espada apareceu, cortou uma abertura, e Fax, o grande e silencioso guarda-costas, atravessou-a, olhou rapidamente em redor e afastou os ramos. Pelo meio deles passou um jovem magro, a boca torcida num esgar de contrariedade, que olhou irritado para ela.

— Olha para as minhas roupas, Claudia. Estão estragadas. Completamente estragadas. — Beijou-a friamente na face. — Qualquer pessoa diria que andas a evitar-me.

— Foste então expulso — disse ela, num tom calmo.

— Deixei aquilo. — Encolheu os ombros. — Demasiado aborrecido. A minha mãe manda-te isto.

Era uma nota, escrita numa folha de papel espessa e selada com a rosa branca da rainha. Claudia abriu-a e leu:

Minha querida,

Já deves saber a esplêndida notícia de que o teu casamento está iminente. Depois de esperar tantos anos, estou certa de que o teu entusiasmo é tão intenso como o meu! O Caspar insistiu em ir buscar-te para te acompanhar até aqui... tão romântico! Que belo par os dois vão fazer. A partir de agora, minha querida, deves pensar em mim como uma mãe que te ama.

Sia Regina

Claudia dobrou a nota.

— Insististe?

— Não. Ela mandou-me. — Caspar deu um pontapé no astrolábio. — O casamento vai ser uma seca, Claudia. Não achas?

Ela assentiu, silenciosa.

Capítulo 12

A degradação foi gradual e nós tardámos a reconhecê-la. Então, um dia, tinha estado a falar com a Prisão e quando vinha a sair da sala ouvi-a rir. Um riso baixo, trocista.

O som deixou-me gelado. Detive-me no corredor e acudiu-me à memória uma antiga imagem que tinha uma vez visto num fragmento de manuscrito: a grande boca do Inferno a devorar os pecadores.

Foi então que soube que tínhamos criado um demónio que havia de destruir-nos.

Diário de Lorde Calliston

O som da porta a abrir-se foi doloroso, como se a Prisão suspirasse. Como se aquela porta não fosse aberta havia séculos. Mas não soaram alarmes. Talvez Incarceron soubesse que nenhuma porta podia levá-los para o exterior.

Gildas recuou ao ouvir o aviso de Finn. Detritos e ferrugem vermelha caíram como chuva, tamborilando no chão. A porta abriu-se para dentro, a custo, e encravou.

Esperaram um momento, porque a estreita fresta era escura, e do outro lado movia-se um ar fresco, com um cheiro estranhamente adocicado. Então Finn afastou os detritos com o pé e encostou o ombro à porta. Fez força e empurrou-a até que voltou a encravar. Mas agora havia espaço para passarem.

Gildas tocou-lhe com a mão.

— Vai dar uma vista de olhos. Tem cuidado.

Finn olhou para Keiro, sentado de costas contra a parede, completamente exausto. Desembainhou a espada e esgueirou-se de lado pela abertura.

Estava mais frio. A respiração dele condensava-se. O chão era desigual, e descia. Avançou dois ou três passos e sentiu qualquer coisa restolhar-lhe à

volta dos tornozelos, como uma cama de pequenas partículas de lixo; baixou a mão e tocou em pedaços de um material quebradiço, fino e recortado. Quando os seus olhos se habituaram à escuridão, que era ali mais carregada, julgou encontrar-se numa sala de chão inclinado e cheia de colunas; grandes pilares subiam para um emaranhado lá em cima. Estendeu as mãos para o mais próximo e explorou-o com os dedos, intrigado. Frio como gelo e duro, mas não liso. Era sulcado por fissuras e frestas, tinha nós e protuberâncias, e uma intrincada rede de fios.

— Finn?

Gildas era uma sombra, na porta.

— Espera. — Pôs-se à escuta. A brisa agitava o emaranhado lá em cima, produzindo um leve tinido metálico que parecia estender-se por quilómetros. Passado um momento, disse: — Não está aqui ninguém. Podem vir.

Alguns ruídos e movimentos. Então Gildas disse:

— Traz a chave, Keiro. Temos de fechar esta porta.

— Se o fizermos poderemos voltar?

A voz de Keiro soava exausta.

— Voltar para quê? Dá-me uma ajuda.

Depois de o escravo-cão ter passado, Finn e o velho puxaram e forçaram a pequena porta a encaixar na moldura. Fechou-se com um pequeno estalido.

Um restolhar. Um arranhar. Luz, a estabilizar, numa lanterna.

— Apaga essa luz. Alguém pode vê-la — protestou Keiro.

Mas Finn tranquilizou-o:

— Já te disse, estamos sozinhos.

Gildas ergueu a lanterna o mais que pôde e olharam para as ameaçadoras colunas que os rodeavam.

— O que *são* estas coisas? — perguntou Keiro, finalmente.

Finn olhou para o escravo-cão, agachado atrás dele, e soube que também ele o fitava.

— Árvores metálicas. — A luz iluminou a barba entrançada do Sapiente, revelando o brilho de satisfação nos seus olhos. — Uma floresta onde as

espécies são ferro, aço e cobre, onde as folhas são finas como lata, onde os frutos são de ouro e de prata. — Voltou-se. — Há histórias dos tempos antigos a respeito de lugares assim. Maças de ouro guardadas por monstros. Parece que são verdadeiras.

O ar estava frio e parado. Continha em si uma estranha sensação de distância. Foi Keiro que fez a pergunta que Finn não ousava fazer.

— Estamos no Exterior?

Gildas bufou, desdenhoso.

— Julgas que é assim tão fácil? Agora senta-te antes que caias. — Olhou para Finn. — Vou tratar das feridas dele. Este é um lugar tão bom como outro qualquer para esperar por Luzes-Acesas. Podemos descansar. Podemos até comer.

Mas Finn voltou-se e olhou para Keiro. Sentia-se gelado e maldisposto, mas ainda assim falou:

— Antes de irmos mais longe, quero saber o que queria o Jormanric dizer. A respeito da morte da Maestra.

Houve um segundo de silêncio. Na luz fantasmagórica, Keiro lançou a Finn um olhar desesperado e deixou-se cair sobre as folhas, que restolharam, empurrando os cabelos para trás com as mãos sujas de sangue.

— Pelo amor de Deus, Finn, achas mesmo que sei? Viste-o. Estava acabado. Diria fosse o que fosse para se vingar! Só mentiras. Esquece.

Finn olhou para ele. Por um instante, quis insistir, voltar a perguntar, silenciar o medo que o espicaçava por dentro, mas Gildas afastou-o para um lado.

— Faz qualquer coisa de útil. Arranja-nos de comer.

Enquanto o Sapiente dava água a Keiro, Finn tirou da sua mochila alguns pacotes de carne seca e outra lanterna, que acendeu na primeira. Depois juntou as folhas metálicas e frias num monte, estendeu mantas em cima delas e sentou-se. Tentou ignorar os pequenos barulhos que ouvia nas sombras da floresta para lá do halo de luz das lanternas, de coisas a raspar e a rastejar, pois perturbavam-no. Keiro praguejou furiosamente enquanto Gildas lhe limpava os cortes, lhe despia o casaco e a camisa e lhe esfregava uma pasta de ervas maceradas com um cheiro pungente e repugnante no golpe que lhe

atravessava o peito.

O escravo-cão estava acorocado na sombra, quase invisível. Finn pegou num dos pacotes de carne, abriu-o e estendeu-lho.

— Toma — sussurrou.

Uma mão entrapada em farrapos e coberta de crostas arrancou-lho dos dedos. Ficou a ver a criatura comer, recordando a voz que lhe respondera, uma voz baixa e urgente.

— Quem és tu? — perguntou, num murmúrio.

— Essa coisa ainda aí está?

Dorido e irritado, Keiro voltou a vestir o casaco e apertou-o, olhando de sobrolho franzido para os cortes e rasgões.

Finn encolheu os ombros.

— Vamos largá-lo. — Keiro sentou-se, devorou a carne e olhou em redor à procura de mais. — Está doente.

— Deves a vida a *essa coisa* — observou Gildas.

Keiro lançou-lhe um olhar furioso.

— Não me parece! Tinha o Jormanric onde o queria. — Voltou a olhar para a criatura; então abriu muito os olhos numa súbita fúria e levantou-se de um salto, avançou para onde ela estava e apanhou qualquer coisa no escuro. — Isto é meu!

Era o saco dele. Uma túnica verde e uma adaga de punho cravejado de pedras preciosas caíram no chão.

— Maldito ladrão! — gritou, e disparou um pontapé.

A criatura esquivou-se e então, para espanto de todos, disse, com uma voz de rapariga:

— Devias estar-me agradecido por tê-lo trazido.

Gildas rodou sobre os calcanhares e ficou a olhar para o monte de trapos.

— Mostra-te — ordenou, apontando-lhe um dedo ossudo.

O capuz esfarrapado foi puxado para trás, as mãos entrapadas desenrolaram ligaduras e tiras de pano cinzento. Lentamente, da estropiada trouxa emergiu uma criatura pequena, acorocada de joelhos, com cabelo escuro,

curto e sujo, um rosto magro com olhos atentos e desconfiados. A rapariga tinha-se embrulhado em roupas atadas de modo a formar corcovas e altos; quando começou a puxar pelas ligaduras que lhe envolviam as mãos, Finn recuou, enojado pelas feridas abertas e pelas úlceras purulentas, até que Gildas bufou:

— Falsas.

Avançou um passo.

— Não admira que não me quisesses perto de ti.

Na penumbra da floresta metálica, o escravo-cão tinha-se transformado numa rapariga pequena e magra; as feridas não passavam de hábeis misturas de cores. Pôs-se lentamente de pé, como se já não se lembrasse muito bem como se fazia. Então espreguiçou-se e gemeu. As pontas da corrente que tinha ao pescoço balouçaram e retiniram.

Keiro riu, um riso duro.

— Bem, bem. O Jormanric era mais esperto do que eu pensava.

— Ele não sabia. — A rapariga olhou-o com ousadia. — Nenhum deles sabia. Quando me apanharam, estava com um grupo... uma velha morreu nessa noite. Roubei estes farrapos do cadáver e fiz feridas com ferrugem, esfreguei-me com porcaria, cortei o cabelo. Sabia que tinha de ser inteligente, muito inteligente, para continuar a viver.

Parecia simultaneamente assustada e desafiadora. Era difícil calcular-lhe a idade; o brutal corte de cabelo fazia-a parecer uma criança escanzelada, mas Finn pensou que não devia ser muito mais nova do que ele.

— Afinal, não foi assim tão boa ideia — disse.

Ela encolheu os ombros.

— Não sabia que ia acabar como escrava dele.

— E a provar-lhe a comida?

Ela riu, com um humor amargo.

— Ele comia bem. Manteve-me viva.

Finn olhou para Keiro. O seu irmão-de-juramento estava a olhar para a rapariga; então voltou costas e foi deitar-se em cima das mantas.

— Largamo-la de manhã.

— Não te cabe a ti decidir. — A voz dela foi baixa mas firme. — Agora sou serva d'O Que Vê as Estrelas.

Keiro virou-se e olhou para ela. Finn disse:

— Eu?

— Tiraste-me daquele lugar. Mais ninguém o teria feito. Se me abandonares, seguir-te-ei. Como um cão. — Avançou um passo. — Quero Fugir. Quero encontrar o Exterior, se é que existe. E entre os escravos diz-se que vêes as estrelas nos teus sonhos, que Sapphique fala contigo. Que a Prisão te mostrará a saída porque és filho dela.

Finn olhava para ela, espantado. Gildas abanou a cabeça. Olhou para Finn e Finn olhou para ele.

— Tu decides — resmungou o velho.

Finn não sabia o que fazer, de modo que tossiu para aclarar a garganta e perguntou à rapariga:

— Como te chamas?

— Attia.

— Bem, ouve, Attia, não quero uma serva. Mas... mas podes vir connosco.

— Ela não tem comida. O que significa que vamos ter de alimentá-la — disse Keiro.

— E tu também não. — Finn empurrou com o pé o saco cheio de roupas. — Nem eu, agora.

— Nesse caso ela partilha o que tu apanhares, irmão.

Gildas apoiou-se a uma das árvores de metal.

— Durmam — disse. — Discutiremos este assunto quando as luzes se acenderem. Mas alguém tem de ficar de vigia, de modo que a primeira podes ser tu, rapariga.

Ela assentiu e, enquanto se enrolava incomodamente em cima das mantas, Finn viu-a deslizar para as sombras e desaparecer.

Keiro bocejou como um gato.

— O mais certo é ela cortar-nos a garganta — resmungou.

— Eu disse *boa-noite*, Alys — disse Claudia, e ficou a ver no espelho do toucador a ama remexer nos vestidos de seda espalhados pelo chão.

— Olha para isto, Claudia, está estragado, sujo de lama...

— Mete-o na máquina de lavar. Eu sei que tens uma escondida algures.

Alys lançou-lhe um olhar furioso. Ambas sabiam que o demorado e arcaico processo de esfregar, bater e engomar as roupas era tão cansativo que o pessoal abandonara o Protocolo havia muito. E na corte acontecia provavelmente o mesmo, pensou Claudia.

Mal a porta se fechou, levantou-se de um salto e foi trancá-la, rodando a chave de ferro forjado e ligando todos os alarmes secretos. Então apoiou as costas contra a madeira e pensou.

Jared não aparecera para a ceia. Não significava nada; havia de querer manter as aparências, e detestava a estupidez do conde. Por um momento, perguntou a si mesma se se teria de facto sentido doente no labirinto, e se devia ligar-lhe, mas ele avisara-a de que devia reservar o *minicom* para emergências, sobretudo com o governador em casa.

Apertou o cinto do roupão e saltou para cima da cama, esticando os braços para procurar no dossel.

Não estava lá.

A casa estava em silêncio. Caspar falara e bebera durante toda a refeição; catorze pratos de peixe e tentilhões, de capões e de cisne, de enguias e ainda as sobremesas. Falara alto e com petulância a respeito de torneios, do seu novo cavalo, do castelo que estava a construir na costa, do dinheiro que tinha perdido ao jogo. A sua nova paixão parecia ser a caça ao javali, ou pelo menos ficar bem para trás enquanto os criados amarravam um animal ferido para que ele o matasse. Descrevera a sua lança, as cabeças de grandes presas que adornavam os corredores do Palácio. E durante todo este tempo não parara de beber, a voz a tornar-se-lhe cada vez mais alta e entaramelada.

Ela ouvira-o com um sorriso fixo e provocara-o com perguntas estranhas

e mordazes que ele mal compreendera. E, durante esse tempo, o pai permanecera sentado em frente a ela, brincando com o pé do copo de vinho, fazendo-o girar entre os dedos magros sobre a toalha branca, a olhar para Claudia.

Saltou da cama e dirigiu-se ao toucador, abriu as gavetas uma a uma e recordou aquele olhar frio a avaliá-la ali sentada ao lado do tolo com quem ia ter de casar.

Não estava em nenhuma das gavetas.

Subitamente gelada, foi até à janela, soltou o trinco e abriu-a, enroscando-se sobre as almofadas do banco de pedra, sentindo-se miserável. Se ele a amava, como podia fazer-lhe uma coisa daquelas? Seria possível que não visse como ia ser infeliz? A noite de verão estava quente e impregnada dos doces aromas dos goivos, da madressilva e da sebe de centáureas que circundava o fosso. Muito longe, do outro lado dos campos, o sino da igreja de Hornsely deu doze badaladas abafadas pela distância. Ficou a ver uma traça entrar pela janela aberta e voar com louca imprudência à volta da chama das velas, a sua sombra fugazmente enorme no teto.

O sorriso do pai teria algo de diferente? Teria aquela estúpida pergunta a respeito da mãe aguçado o perigo?

A mãe tinha morrido. Era o que Alys dizia, mas Alys ainda não trabalhava lá na altura, nem nenhum dos outros criados exceto Medlicote, o secretário do pai, um homem com quem ela raramente falava. Mas talvez devesse. Porque aquela pergunta penetrara como uma faca a estudada armadura de graves sorrisos e frio decoro da Época que o governador usava. Apunhalara-o, e ele sentira-o.

Sorriu, o rosto a escaldar.

Nunca tinha acontecido.

Poderia ter havido alguma coisa de estranho na morte da mãe? As doenças grassavam, mas os ricos tinham acesso a remédios ilegais. Remédios demasiado modernos para aquela Época. O pai era rigoroso, mas de certeza que se amava a mulher teria feito tudo, por mais ilegal que fosse, para a salvar. Ou teria sacrificado a vida dela só por causa do Protocolo? Ou seria ainda pior do que isso?

A traça esvoaçava junto ao teto. Inclinando-se para a frente, Claudia olhou para o céu, através da janela.

As estrelas de verão brilhavam. Iluminavam os telhados e os frontões da mansão com um brilho débil e fantasmagórico, uma luz que se refletia nas ondulações negras e prateadas do fosso.

O pai estava implicado na morte de Giles. Poderia já ter matado antes?

Um toque na face fê-la dar um salto. As asas da traça roçaram-na, sussurraram «*No banco da janela*» e desapareceram na direção da débil luz que brilhava no torreão de Jared.

Claudia sorriu.

Levantou-se, procurou debaixo da almofada e tocou as frias arestas do cristal. Cuidadosamente, tirou-a de lá.

A Chave apanhou a luz das estrelas e reteve-a. Parecia brilhar com uma fraca luminescência, e a águia que continha segurava no bico um risco de luz.

Jared devia tê-la lá deixado enquanto ceavam.

Tomou a precaução de soprar as velas e fechar a janela. Puxou a pesada colcha que tapava a cama, envolveu-se nela e pousou a Chave nos joelhos. Então tocou-lhe, esfregou-a, respirou para cima dela.

— Fala comigo — disse.

Finn estava tão gelado que mal tinha energia sequer para tiritar.

A floresta metálica estava mergulhada na mais completa escuridão; a lanterna projetava apenas uma pequena mancha de luz sobre a mão aberta de Keiro, sobre o monte enrodilhado que era Gildas. A rapariga era uma sombra debaixo de uma árvore; não fazia qualquer ruído e Finn perguntou-se se estaria a dormir.

Estendeu cuidadosamente a mão para a mochila de Keiro. Ia vestir um dos elegantes casacos dele por cima do seu. Dois, talvez, e se acaso se rasgassem, Keiro que aguentasse.

Puxou a mochila para si, enfiou a mão lá dentro e tocou na Chave.

Estava quente.

Tirou-a, devagar, e fechou os dedos entorpecidos à volta dela, para que o calor que gerava os aquecesse.

— *Fala comigo* — disse ela, numa voz muito baixa.

Olhou para os outros, de olhos muito abertos.

Ninguém se mexeu.

Com cautela, o cinto de couro a ranger no silêncio, pôs-se de pé e voltou-se. Conseguiu dar três passos antes que o seco restolhar das folhas metálicas fizesse Keiro resmungar e voltar-se.

Atrás da árvore, Finn imobilizou-se.

Levou a chave ao ouvida Estava silenciosa. Tocou-lhe com os dedos, sacudiu-a. E então murmurou para ela:

— Sapphique. Lorde Sapphique. És tu?

Claudia arquejou.

A resposta tinha sido tão nítida. Olhou freneticamente em redor, à procura de qualquer coisa para gravar aquilo, não encontrou nada e praguejou. Então disse:

— Não! Não! Chamo-me Claudia. Quem és tu?

— Mais baixo! Vais acordá-los.

— Acordar quem?

Houve uma pausa. Então ele disse:

— Os meus amigos.

Parecia ofegante, estranhamente aterrorizado.

— Quem és tu? — perguntou ela. — Onde estás? És um Prisioneiro? Estás em Incarceron?

Ele levantou a cabeça de repente e ficou a olhar para a Chave, incrédulo.

Havia uma pequena luz azul dentro dela; inclinou-se mais, de modo a que lhe iluminasse a pele.

— Claro que sou. Queres dizer... estás... no Exterior?

Silêncio. Tão demorado que ele pensou que a ligação tinha sido cortada; disse: «Ouviste?», e ao mesmo tempo a rapariga perguntou «Ainda aí estás?», numa sobreposição desastrada.

Então ela disse:

— Desculpa, não devia estar a falar contigo. O Jared avisou-me a respeito disto.

— O Jared?

— O meu tutor.

Finn abanou a cabeça, e a respiração dele embaciou o cristal.

— Mas ouve — continuou ela —, agora é demasiado tarde, e não acredito que algumas palavras possam estragar uma experiência que dura há séculos.

Finn não fazia ideia do que estava ela a falar.

— Estás no Exterior, não estás? O Exterior existe? As estrelas estão aí, não estão?

A ideia de ela não responder encheu-o de temor, mas, passado um instante, a rapariga disse:

— Sim. Estou a olhar para elas.

Finn expirou com força, espantado; no mesmo instante, uma camada de geada cobriu o cristal.

— Não me disseste o teu nome — disse ela.

— Finn. Só Finn.

Silêncio. Um silêncio embaraçado, a segurar atrapalhadamente a Chave. Havia tanta coisa que queria perguntar, saber, que não sabia por onde começar. E então ela disse:

— Como é que estás a falar comigo, Finn? É uma chave de cristal, com um holograma de uma ave lá dentro?

Ele engoliu em seco.

— Sim. Uma chave.

Um restolhar atrás dele. Espreitou à volta da árvore, viu Gildas deitado, a ressonar e a resmungar.

— Então cada um de nós tem uma réplica do mesmo engenho.

Falava rapidamente, num tom sério, como se estivesse habituada a resolver problemas, a encontrar soluções; uma voz clara que o fez recordar, com uma minúscula pontada de dor, as velas. As sete velas do bolo.

Naquele momento, com a habitual brusquidão, as luzes de Incarceron acenderam-se.

Finn arquejou, viu que estava rodeado de cobres, dourados e vermelhos-alaranjados. A floresta estendia-se por quilómetros, sempre em declive numa paisagem vasta e ondulante. Ficou a olhar para ela, estupefacto.

— O que foi? Que aconteceu? Finn?

— As luzes acenderam-se. Estou... estou num sítio novo, uma Ala diferente. Uma floresta metálica.

— Invejo-te. Deve ser fascinante — disse ela.

— Finn? — Gildas estava de pé, a olhar em redor. Por um instante, Finn quis chamá-lo, mas então a cautela prevaleceu. Aquilo era o seu segredo. Precisava de o conservar.

— Tenho de ir — disse apressadamente. — Vou voltar a tentar falar contigo. .. agora sabemos... isto é, se tu quiseres. Mas tens de querer — acrescentou, com veemência. — Tens de me ajudar.

A resposta da rapariga surpreendeu-o.

— Como posso eu ajudar-te? O que é que pode estar mal num mundo perfeito?

A mão de Finn cerrou-se e a luz azul esbateu-se. Desesperado, ele sussurrou:

— Por favor, tens de me ajudar a Fugir.

Capítulo 13

As paredes ouvem.

As portas veem. As árvores falam. Os animais mentem. Desconfia se nevar. Desconfia se chover. Desconfia do homem Que julgas conhecer.

Canções de Sapphique

A voz de Finn.

Enquanto calçava a luva e fletia a lâmina do florete, a voz dele voltou a sussurrar-lhe dentro da máscara.

Tens de me ajudar a Fugir...

— *En garde*, por favor, Claudia.

O professor de esgrima era um homem baixo e pálido que suava profusamente. As duas lâminas cruzaram-se; ele dava as indicações com toques quase impercetíveis e precisos e ela reagia automaticamente — ataque, parada, sexta, sétima, oitava como fazia desde os seis anos.

Houvera qualquer coisa de familiar na voz do rapaz.

Mordeu o lábio, o rosto escondido na quente penumbra da máscara, atacou, parou em quarta, ripostou, tocou o colete do mestre com uma pancada satisfatória.

O sotaque, as vogais ligeiramente lentas. Era assim que falavam na corte.

— *Finta*, estocada, recuar, por favor.

Obedeceu, agora cheia de calor, o interior da luva já humedecido pelo suor, o florete a vibrar, os pequenos e reconfortantes tinidos do exercício familiar, o controlo da lâmina a forçar-lhe a mente a funcionar depressa.

Tens de me ajudar a Fugir.

Medo. Naquele murmúrio havia medo, de ser ouvido, de dizer o que dissera. E a palavra *Fugir*, como se fosse uma coisa sagrada, proibida, assustadora.

— Quarta parada quarta, por favor, Claudia. E mantenha a mão bem levantada.

Executou as paradas distraidamente, as lâminas dos floretes a passarem-lhe a lado do corpo. Lorde Evian saiu pela porta principal que dava para o pátio, por trás do professor, e deteve-se nos degraus e aspirar uma pitada de rapé. Observava-a, numa pose elegante.

Claudia franziu a testa.

Tinha demasiadas coisas em que pensar. A lição de esgrima era a sua distração. Na casa, era o caos: as roupas dela a serem emaladas, as últimas provas do vestido de noiva, os livros que recusava deixar para trás, os animais de estimação que insistia em levar. E agora aquilo. Teria de ser Jared a levar a Chave. Não estaria segura na bagagem dela.

Estavam a lutar, agora. Afastou todos os outros pensamentos, concentrou-se nos ataques, nas paradas, no dobrar da lâmina do florete quando tocou uma vez, outra e outra.

Até que, finalmente, o professor recuou.

— Muito bem, Claudia. O seu controlo da ponta continua excelente.

Lentamente, ela tirou a máscara e estendeu-lhe a mão. Visto de perto, parecia mais velho e um pouco triste.

— Vou ter muita pena de perder uma aluna assim.

A mão dela apertou a dele com força.

— Perder?

Ele recuou.

— Parece que... depois do casamento...

Claudia conteve a fúria. Largou-lhe a mão e endireitou as costas.

— Depois do meu casamento, continuarei a requerer os seus serviços. Por favor, ignore qualquer coisa que o meu pai tenha dito a respeito deste assunto. Vai viajar connosco para a corte.

O homem sorriu e fez uma vénia. Era evidente que duvidava daquelas palavras; quando se voltou e aceitou o copo de água que Alys lhe oferecia, Claudia sentiu a humilhação queimar-lhe a cara.

Estavam a tentar isola-la. Tinha contado com aquilo; Jared avisara-a de que ia acontecer. Na corte da rainha Sia, queriam-na sozinha, sem ninguém em que pudesse confiar, ninguém com que pudesse conspirar. Mas ela não ia deixá-los.

Lorde Evian tinha-se aproximado.

— Absolutamente magnífica, minha querida — disse, e os seus pequenos olhos apreciavam-lhe a figura no fato de esgrima.

— Não me venha com paternalismos — ripostou ela. Mandou Alys embora com um gesto, pegou no jarro de água e no copo e foi sentar-se num dos bancos à volta do relvado. Pouco depois, Lorde Evian seguiu-a. Claudia voltou-se para ele. — Preciso de falar consigo.

— A casa está muito perto — disse ele, em voz baixa. — Qualquer pessoa pode ver-nos.

— Então acene com o seu lenço e ria. Ou seja lá o que for que os espiões fazem.

Os dedos dele fecharam a caixa de rapé.

— Está zangada, Lady Claudia. Mas julgo que não comigo.

Era verdade. Mas, mesmo assim, lançou-lhe um olhar sombrio.

— O que é que quer de mim?

Ele sorriu serenamente aos patos que nadavam no lago, às pequenas galinhas-d'água entre os caniços.

— Por enquanto, nada. Obviamente, não faremos seja o que for antes do casamento. Mas depois vamos precisar da sua ajuda. Temos de tratar primeiro da rainha... é ela a mais perigosa. E então, quando for rainha, o seu marido sofrerá um infeliz acidente...

Claudia bebeu a água fria. Viu no copo o reflexo invertido do torreão de Jared, com o céu azul por trás, as pequenas janelas em perfeito acordo com o Protocolo.

— Como é que sei que isto não é uma armadilha?

Ele sorriu.

— A rainha suspeita de si? Não tem qualquer motivo.

Claudia encolheu os ombros. Só encontrara a rainha em festas. A primeira vez fora por ocasião do seu noivado, muitos anos antes. Lembrava-se de uma mulher loura e magra num vestido branco, sentada num trono que parecia ficar no alto de centenas de degraus, que tivera de subir, concentrada, transportando uma cesta de flores quase tão grande como ela.

As mãos da rainha, as unhas pintadas de vermelho brilhante.

A palma da mão, fria, na sua cabeça.

As palavras. «Que encantadora, governador. Que doçura.»

— Pode estar a gravar isto — disse. — Pode estar a testar-me... a testar a minha lealdade.

Evian deixou escapar um pequeno suspiro.

— Garanto-lhe...

— Garanta o que quiser, pode ser verdade. — Pousou o copo, pegou na toalha que Alys lhe tinha deixado e limpou a cara com o pano macio. Então voltou-se. — O que é que sabe a respeito da morte do Giles?

Ele sobressaltou-se. Os olhos pálidos arregalaram-se muito ligeiramente. Mas era experiente no engano, e respondeu sem revelar fosse o que fosse. — O príncipe Giles? Caiu do cavalo.

— Foi um acidente? Ou foi assassinado?

Sabia que a partir daquele momento, se ele estivesse a gravar a conversa, estava perdida.

Ele entrelaçou os dedos rechonchudos.

— Sinceramente, minha querida...

— Diga-me. Preciso de saber. Interessa-me muito. O Giles era... estávamos noivos. Gostava dele.

— Sim. — Evian olhou astutamente para ela. — Estou a ver. — Parecia hesitante, e de repente, como se tivesse tomado uma decisão, disse: — *Houve* qualquer coisa de estranho na morte dele.

— Eu sabia! Disse ao Jared...

— O Sapiente sabe disto? — Evian ergueu a cabeça, alarmado. — Sabe de mim?

— Confio incondicionalmente no Jared.

— Essas são as pessoas mais perigosas. — Evian voltou-se e olhou para a casa. Um dos patos nadou na sua direção. Ele agitou uma mão e o animal afastou-se, a grasnar. — Nunca se sabe onde estão o que nos escutam — disse em voz baixa, a olhar para ele. — Foi o que os Havaarna nos fizeram, Claudia. Encheram-nos de medo.

Por um instante, pareceu quase abalado; então alisou um vinco invisível no fato de seda e disse na sua voz mudada: — O príncipe Giles saiu a cavalo uma manhã sem nenhum dos seus acompanhantes habituais. Foi numa bela manhã de primavera; ele estava bem, de boa saúde, um alegre rapaz de quinze anos. Duas horas mais tarde, apareceu um mensageiro num cavalo branco de suor; saltou da sela, correu para o salão da corte, subiu os degraus do trono e lançou-se aos pés da rainha. Eu estava lá, Claudia. Vi a cara dela quando a informaram do acidente. É uma mulher pálida, todas são, mas naquele momento ficou branca. Se foi representação, foi magistral. Trouxeram o rapaz numa maca improvisada com ramos, o rosto tapado por uma capa. Vi homens adultos a chorar como crianças.

Impaciente, Claudia pediu:

— Continue.

— Puseram-no em câmara ardente. Vestido com uma grande veste de brocado de ouro e uma túnica de seda branca com a águia coroada bordada. Milhares desfilaram diante dele. As mulheres soluçavam. As crianças levaram flores. Como era bonito, diziam. Como era jovem.

Olhou para a casa.

— Mas aconteceu uma coisa estranha. Um homem. Chamava-se Bartlett. Um homem que cuidara do príncipe desde muito jovem. Estava velho, reformado e fraco. Deixaram-no ver o corpo ao fim da tarde, depois de as pessoas saírem. Levaram-no por entre as colunas e as sombras do Grande Salão e ele subiu com dificuldade os degraus do catafalco e olhou para o Giles. Todos pensavam que ia chorar e gritar e uivar de desgosto. Pensavam que ia rasgar as roupas e puxar pelos cabelos. Mas ele não fez nada disso.

Voltou para Claudia os olhos pequenos e astutos.

— Pôs-se a rir, Claudia. O velho pôs-se a rir.

Caminhavam havia duas horas pela floresta metálica quando começou a nevar.

Um tropeção numa raiz de cobre arrancou Finn ao seu devaneio, e foi então que se apercebeu de que a neve caía havia já algum tempo; já cobria o leito de folhas com uma fina camada de geadas. Olhou por cima do ombro, a respiração a condensar-se em nuvens de vapor.

Gildas vinha um pouco atrás, a conversar com a rapariga. Mas onde estava Keiro?

Voltou-se e esperou. Durante toda a manhã, não conseguira deixar de pensar naquela voz, a voz vinda do Exterior, onde estavam as estrelas. Claudia. Como pudera ela falar-lhe? Sentia o volume frio da Chave dentro da camisa; a sua estranheza confortava-o.

— Onde está o Keiro? — perguntou.

Gildas deteve-se. Espetou o bastão no chão e apoiou-se a ele.

— Lá à frente, a explorar. Não o ouviste dizer-te? — De repente, avançou alguns passos e olhou atentamente para Finn, os olhos azuis límpidos como vidro no rosto pequeno e enrugado. — Sentes-te bem? Vais ter uma visão?

— Estou ótimo, lamento desapontar-te. — Irritado pela ânsia na voz do Sapiente, Finn olhou para a rapariga. — Temos de te tirar essa corrente.

Ela enrolara-a à volta do pescoço, como um colar, para que não balouçasse. Finn viu a pele esfolada debaixo da coleira, que ela almofadara com trapos.

— Consigo aguentar — disse ela, em voz baixa. — Mas onde estamos?

Ele voltou-se e contemplou os quilómetros de floresta. Estava a levantar-se vento, um vento que agitava e fazia restolhar as folhas metálicas. Lá muito em baixo, o bosque desaparecia sob um manto de nuvens de neve, e lá muito no alto o telhado da Prisão era uma tirania distante, as suas luzes indistintas e fracas.

— Sapphique veio por este caminho. — A voz de Gildas soou tensa de excitação. — Foi nesta floresta que derrotou as suas primeiras dúvidas, os

negros desesperos que lhe diziam que não havia maneira de continuar. Foi aqui que iniciou a subida para fora.

— Mas o caminho é para baixo — observou Attia, em voz baixa.

Finn olhou para ela. Por baixo da sujidade e do cabelo cortado à navalha, o rosto da rapariga brilhava com uma estranha alegria.

— Já aqui tinhas estado? — perguntou.

— Não. Pertencia a um pequeno grupo de Cívicos. Nunca saíamos da nossa Ala. Isto é tão... maravilhoso.

A palavra fê-lo pensar na Maestra e uma pontada de culpa trespassou-o, mas Gildas passou por ele e retomou a marcha.

— Pode parecer que o caminho desce, mas se a teoria de que Incarceron fica debaixo do chão é verdadeira, acabaremos por ter de subir. Talvez depois da floresta.

Finn contemplava, atónito, a imensidade do mar de árvores. Como podia Incarceron ser tão grande? Nunca imaginara que fosse assim. Então a rapariga disse:

— Aquilo é fumo?

Olharam na direção que o dedo dela apontava. Muito longe, na bruma distante, uma fina coluna subia e dissipava-se. Parecia fumo de uma fogueira, pensou Finn.

— Finn! Dá-me uma ajuda!

Voltaram-se. Keiro arrastava qualquer coisa por entre os arbustos de cobre e aço; quando correram para ele, Finn viu que era uma pequena ovelha, com uma das pernas toscamente reparada, os circuitos expostos.

— Continuam então a ser ladrões? — disse Gildas, sarcástico.

— Conheces a regra dos Comitatus. — Keiro parecia divertido. — Tudo pertence à Prisão e a Prisão é nossa Inimiga.

Já degolara o animal. Olhou em redor.

— Podemos desmanchá-lo aqui. Ela que trate disso. Já agora, que sirva para qualquer coisa.

Nenhum deles se mexeu.

— Foi uma estupidez — disse Gildas. — Não sabemos que reclusos há aqui. Nem qual é a sua força.

— Temos de comer! — Keiro estava zangado, agora, a expressão no seu rosto a ensombrar-se. Atirou a ovelha para o chão. — Mas se não querem, tudo bem!

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Então Attia limitou-se a dizer:

— Finn?

Finn compreendeu que ela o faria se ele lho pedisse. Não queria ter aquele poder. Mas a expressão furiosa de Keiro fê-lo decidir-se.

— Está bem. Eu ajudo-te.

Ajoelharam lado a lado e abriram a ovelha. Ela pediu a faca emprestada a Gildas e trabalhou eficientemente. Finn percebeu que já tinha feito aquilo muitas vezes, e quando ele se atrapalhou, ela empurrou-o para o lado e separou a carne crua. Levaram apenas um pedaço; não tinham maneira de carregar mais nem lenha para a cozinhar, por enquanto. Só metade do animal era orgânica; o resto era uma estrutura metálica, engenhosamente montada. Gildas bateu nos despojos com o seu bordão.

— A Prisão está a criar menos bem os seus animais — disse, num tom grave.

— Que queres dizer com isso, velho? — perguntou Keiro.

— Aquilo que disse. Lembro-me do tempo em que as criaturas eram todas carne. Os circuitos começaram a aparecer, coisas pequenas, a substituir veias, cartilagens. Nós, os Sapiienti, sempre estudámos e dissecámos quaisquer tecidos que encontrássemos. Houve um tempo em que eu oferecia uma recompensa por cada carcaça que me levassem, embora a Prisão fosse geralmente demasiado rápida.

Finn assentiu. Todos sabiam que os despojos de qualquer criatura morta desapareciam da noite para o dia; Incarceron mandava imediatamente os seus Escaravelhos recolher a matéria-prima para reciclar. Ali nunca nada era enterrado, nada era queimado. Até os Comitatus mortos eram deixados, rodeados pelas coisas de que mais tinham gostado e enfeitados com flores, num lugar próximo do abismo. De manhã, já lá não estavam.

Para surpresa deles, Attia falou:

— A minha gente sabia disto. Há já muito tempo que os cordeiros são assim e os cães também. O ano passado, nasceu uma criança no nosso grupo. O pé esquerdo era de metal.

— Que lhe aconteceu? — perguntou Keiro.

— À criança? — Ela encolheu os ombros. — Mataram-na. Não se pode permitir que coisas assim vivam.

— Os Escumalhas eram mais bondosos. Deixávamos viver monstros de todos os géneros.

Finn olhou para ele. A voz de Keiro fora corrosiva; voltou-se e começou a afastar-se. Mas Gildas não se mexeu. Em vez disso, disse:

— Não vêes o que isto significa, rapaz tolo? Significa que a Prisão está a ficar sem matéria orgânica...

Keiro, porém, não estava a ouvi-lo. Fez um sinal com a mão, alerta.

Erguia-se um som na floresta. Um murmúrio baixo, uma brisa rumorejante. Ao princípio fraca, mal fez mexer as folhas, mas agitou os cabelos de Finn, a veste de Gildas.

Finn voltou-se.

— O que é?

O Sapiente moveu-se, passando por ele.

— Depressa. Temos de encontrar abrigo. Depressa!

Correram por entre as árvores, Attia sempre colada aos calcanhares de Finn. O vento tornou-se rapidamente mais forte. As folhas começaram a levantar-se do chão, a rodopiar, a voar à volta deles. Uma roçou a cara de Finn; ele levou a mão à súbita picada e sentiu o corte, viu sangue. Attia arquejava, uma mão a proteger os olhos.

E, de repente, estavam no meio de um vendaval de lascas metálicas, as folhas de cobre, aço e prata um turbilhão de arestas aguçadas como navalhas na súbita tempestade. A floresta gemia e vergava-se, ramos partiam-se com um tinido que ecoava no dossel invisível.

Enquanto corria, inclinado para a frente e ofegante, Finn ouvia o rugir da tempestade como uma grande voz. Assanhava-se contra ele, pegava nele e atirava-o, a sua fúria esmagava-o contra os troncos das árvores metálicas,

açoitava-o e batia-lhe. Sabia que as folhas eram as palavras daquela voz, setas de desdém, que Incarceron escarnecia dele, seu filho, nascido das suas células, e deteve-se, dobrado pela cintura, a arquejar:

— Ouço-te! Ouço-te! Para!

— Finn!

Keiro puxou-o para baixo. O chão cedeu e ele deslizou, caiu num espaço entre as raízes emaranhadas de um gigantesco carvalho.

Aterrou em cima de Gildas, que o empurrou para o lado. Por um instante, ficaram a recuperar o fôlego, a ouvir as mortíferas folhas rasgarem o ar lá fora, uivando e zumbindo. Então a voz abafada de Attia perguntou, atrás deles:

— O que é isto?

Finn voltou-se. Viu um buraco arredondado, profundamente escavado por baixo do carvalho de aço. Demasiado baixo para lhes permitir estarem de pé, desaparecia na escuridão. A rapariga pôs-se de gatas e rastejou para o interior. As folhas metálicas estalaram debaixo dela. Finn sentiu um estranho cheiro bafiento, viu que as paredes estavam cobertas de fungos, massas de filamentos flácidos e retorcidos polvilhados de esporos.

— É um buraco — disse Keiro, irónico. Puxou os joelhos para cima, sacudiu os pedaços de folhas que se lhe agarravam ao casaco e olhou para Finn. — A Chave está a salvo, irmão?

— Claro que está — resmungou Finn.

Os olhos azuis de Keiro tinham uma expressão dura.

— Então mostra-me.

Estranhamente relutante, Finn enfiou a mão dentro da camisa. Tirou a Chave, e viram o cristal brilhar na penumbra. Estava frio e, para grande alívio de Finn, em silêncio.

Attia arregalou os olhos.

— A Chave de Sapphique!

Gildas voltou-se para ela.

— O que foi que disseste?

Mas Attia não estava a olhar para o cristal. Estava a olhar para a imagem meticulosamente gravada na parede ao fundo da árvore, coberta por séculos de poeira e líquenes verdes, a imagem de um homem alto, magro e de cabelos negros, sentado num trono e segurando nas mãos erguidas um buraco hexagonal de escuridão.

Gildas tirou a Chave das mãos de Finn e introduziu-a na abertura. No mesmo instante, o cristal começou a brilhar; luz e calor emanavam dele, iluminando-lhes os rostos sujos, os cortes ensanguentados, os recessos mais distantes do buraco.

Keiro assentiu com a cabeça.

— Parece que estamos a ir na direção certa — murmurou.

Finn não respondeu. Estava a observar o Sapiente, a ver o brilho de admiração e alegria no rosto do velho. A obsessão. Sentiu-se gelar até aos ossos.

Capítulo 14

Proibimos o crescimento e, por conseguinte, a degradação. A ambição e, por conseguinte, o desespero. Porque uma coisa é apenas o reflexo distorcido da outra. Acima de tudo, proibimos o Tempo. A partir de agora, nada mudará.

Decreto do Rei Endor

— Não me parece que queiras esta tralha toda. — Caspar tirou um livro do monte e abriu-o. Olhou sem interesse para as páginas com belas iluminuras. — Temos livros no Palácio. Nunca me dei ao trabalho de abrir nenhum.

— Não me digas.

Sentada na cama, Claudia olhava, impotente, para o caos à sua volta. Como era possível que tivesse tanta coisa? E tão pouco tempo!

— E os Sapiienti têm milhares. — Atirou o livro para o lado. — Tens tanta sorte, Claudia, por nunca teres tido de ir para a Academia. Pensei que ia morrer de tédio. Bem, não íamos sair com os falcões? Os criados podem tratar disto. É para o que servem.

— Sim. — Claudia apercebeu-se de que estava a roer uma unha e parou.

— Estás a tentar ver-te livre de mim, Claudia?

Ela ergueu a cabeça. Caspar observava-a, os pequenos olhos fixos e inexpressivos.

— Eu sei que não te queres casar comigo — disse ele.

— Caspar...

— Não faz mal, não me importo. É uma coisa dinástica, mais nada. A minha mãe explicou-me tudo. Poderás ter os amantes que quiseres, depois de termos tido um herdeiro. É o que tenciono fazer.

Claudia ficou a olhar para ele, incrédula. Não foi capaz de continuar sentada; levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro

no quarto desarrumado.

— Caspar, ouviste o que acabas de dizer? Alguma vez pensaste em que espécie de vida vamos ter juntos naquele mausoléu de mármore a que chamam palácio? A viver uma mentira, uma farsa, a manter sorrisos falsos, a usar roupas de um tempo que nunca existiu, a fazer poses e a pavonearmos e a macaquear maneiras que só deviam estar nos livros? Alguma vez pensaste nisso?

Ele pareceu surpreendido.

— Sempre foi assim.

Ela sentou-se ao lado dele.

— Nunca quiseste ser livre, Caspar? Poder partir a cavalo numa manhã de primavera e correr o mundo? Em busca de aventuras e de alguém que possas amar?

Era demasiado. Claudia soube-o assim que o disse. Demasiado para ele. Sentiu-o ficar rígido, franzir a testa e olhar para ela.

— Sei muito bem ao que vem tudo isto — disse, num tom duro. — É porque preferias o meu irmão. O santinho Giles. Bem, ele está morto, Claudia, de modo que podes esquecê-lo. — Então o sorriso voltou, matreiro e trocista. — Ou é por causa do Jared?

— O Jared?

— Bem, é óbvio, não é? É mais velho, mas há raparigas que gostam disso.

Claudia queria esbofeteá-lo; pôr-se de pé e esbofetear aquele rosto escarnecedor. Ele sorriu-lhe.

— Vi como olhas para ele, Claudia. Como disse, não me importo.

Ela pôs-se de pé, rígida de fúria.

— Seu miserável sapo maldoso.

— Estás zangada. O que prova que é verdade. O teu pai sabe de ti e do Jared, Claudia? Achas que lhe conte?

Era venenoso. Era uma serpente de língua bífida. O sorriso dele era ácido. Claudia inclinou-se e aproximou o rosto do dele. Casper recuou.

— Se voltas a dizer isso, a mim ou seja a quem for, mato-te. Compreendeste o que eu disse, Lorde Steen? Eu própria, pessoalmente, trespasso com uma adaga esse corpo enfezado e fraco. *Mato-te como eles mataram o Giles.*

A tremer de raiva, saiu do quarto e fechou a porta com um estrondo que ecoou pelo corredor. Fax, o guarda-costas, estava à porta. Quando ela passou pôs-se de pé, com uma lentidão insolente, e enquanto corria por baixo dos retratos em direção às escadas, Claudia sentiu os olhos deles cravados nas suas costas, o sorriso frio.

Odiava-os.

A todos.

Como pudera ele dizer aquilo!

Como pudera sequer pensá-lo! Correu escadas abaixo, passou como um furacão pelas portas duplas, as criadas a fugirem à sua frente, a fúria a ribombar-lhe na alma. Uma mentira tão nojenta! Contra Jared! Jared, que nunca sonharia, nunca pensaria sequer em semelhante coisa!

Gritou por Alys, que apareceu a correr.

— Que se passa, senhora?

— O meu casaco de montar. *Já!*

Enquanto esperava, andou para a frente e para trás, a fumar, a ver, através da porta principal aberta, a eterna perfeição dos relvados, o céu azul, os pavões a praticar os seus gritos fantasmagóricos.

A fúria era quente, e um conforto. Quando o casaco chegou, vestiu-o e disse:

— Vou sair a cavalo.

— Claudia... há tanto que fazer! Partimos amanhã.

— Se há muito que fazer, fá-lo.

— O vestido de casamento... a prova final...

— Pela minha parte, podes rasgá-lo.

E saiu, desceu os degraus, atravessou o pátio a correr, e enquanto corria ergueu os olhos e viu o pai de pé junto à janela impossível do seu gabinete, a

janela que não existia, que nem sequer lá estava.

Estava de costas para ela, a falar com alguém.

Alguém no gabinete com ele?

Mas nunca ninguém lá entrava.

Abrandou o passo e observou por um momento, intrigada. Então, com medo de que ele se voltasse, dirigiu-se às cavalariças onde *Marcus* já estava selado, a escavar o chão, impaciente. O cavalo de Jared também estava pronto, uma criatura esguia de pernas altas chamada *TamLin*, que era provavelmente alguma piada secreta dos Sapiienti que nunca iria compreender.

Olhou em redor.

— Onde está o Sábio? — perguntou a Job.

O rapaz, sempre tímido, murmurou:

— Voltou ao torreão, senhora. Esqueceu-se de qualquer coisa.

Claudia olhou para ele.

— Job, escuta. Conheces toda a gente da propriedade?

— Acho que sim — respondeu ele, e pôs-se a varrer o chão, apressadamente, levantando nuvens de pó. Ela queria dizer-lhe que parasse, mas isso só serviria para o pôr ainda mais nervoso, de modo que disse:

— Um velho chamado Bartlett. Reformado, um servidor da corte. Ainda é vivo?

O rapaz ergueu a cabeça.

— Sim, senhora. Tem uma casinha em Hewelsfield. Ao fundo do caminho do moinho.

O coração dela bateu com mais força.

— Ele... o espírito dele ainda está lúcido?

Job assentiu, e conseguiu esboçar um sorriso.

— É esperto que se farta, o velho. Mas nunca fala muito, sobretudo a respeito do tempo que passou na corte. Fica só a olhar, se alguém lhe faz perguntas.

A sombra de Jared escureceu a porta e ele entrou na cavalariça, ligei-

ramente ofegante.

— Peço desculpa, Claudia.

Içou-se para a sela, e enquanto punha o pé nas mãos entrelaçadas de Job, Claudia perguntou em voz baixa:

— O que foi que esqueceste?

Os olhos escuros dele encontraram os dela.

— Um certo objeto que não queria deixar sem guarda.

Moveu discretamente a mão para a casaca, a veste verde-escura de gola alta dos Sipienti.

Ela assentiu, sabendo que era a Chave.

Enquanto se afastavam, perguntou-se porque seria que se sentia tão estranhamente envergonhada.

Fizeram uma fogueira com fungos secos e um punhado de pó de estalar tirado do saco de Gildas e assaram a carne enquanto a tempestade rugia lá fora. Ninguém falou muito. Finn tremia de frio e os cortes que tinha na cara ardiam-lhe; sentia que Keiro também ainda estava cansado. Em relação à rapariga, era difícil dizer. Estava sentada um pouco à parte, a comer com avidez, os olhos atentos a tudo o que se passava.

Finalmente, Gildas limpou as mãos cheias de gordura ao casaco.

— Viste algum sinal dos reclusos? — perguntou.

— As ovelhas andavam à solta — respondeu Keiro, despreocupado. — Nem sequer havia uma vedação.

— E a Prisão?

— Como queres que saiba? Olhos nas árvores, provavelmente.

Finn tiritava. Sentia a cabeça oca e esquisita. Queria que eles fossem dormir, que adormecessem para poder pegar na Chave e falar para ela. Com ela. Com a rapariga que estava no Exterior.

— Não podemos continuar, de modo que mais vale descansarmos um pouco, não acham? — sugeriu.

— Parece boa ideia — respondeu Keiro, preguiçosamente, e encostou o saco ao fundo do buraco. Mas Gildas estava a olhar para a imagem gravada no tronco da árvore. Rastejou, para chegar mais perto, e começou a esfregá-la com as mãos sulcadas de veias. Pedacos de líquenes caíram. O rosto estreito pareceu emergir da sujidade e da capa verde de musgo, as mãos que seguravam a Chave tão cuidadosamente desenhadas que se afiguravam reais. Finn compreendeu que a Chave devia estabelecer ligação com um circuito qualquer no interior da árvore, e, por um instante, um lampejo indistinto apanhou-o desprevenido, uma sensação de que Incarceron inteira era uma imensa criatura por cujas entranhas de fios e ossos eles se arrastavam.

Pestanejou com força.

Ninguém pareceu ter notado, embora a rapariga estivesse a olhar para ele. Gildas dizia:

— Está a guiar-nos pelo caminho que seguiu. Como um cordel num labirinto.

— E deixou o seu próprio retrato? — murmurou Keiro, numa voz arrastada.

Gildas franziu a testa.

— Claro que não. Isto é um santuário, criado pelos Sipienti que o seguiram. Devemos encontrar outros sinais pelo caminho.

— Mal posso esperar.

Keiro voltou-se para o lado e enroscou-se.

Gildas lançou-lhe um olhar zangado. Então disse a Finn:

— Tira a Chave. Temos de ter cuidado com ela. O caminho pode ser mais longo do que pensamos.

A pensar na imensidão da floresta lá fora, Finn perguntou-se se estariam condenados a vagar nela para sempre. Estendeu a mão e retirou cuidadosamente a Chave do hexágono; saiu com um ligeiro estalido, e no mesmo instante o buraco ficou escuro e as lascas de lata que turbilhonavam ocultaram as distantes luzes da Prisão.

Finn sentia-se rígido e desconfortável, mas manteve-se silencioso, à escuta. Passado muito tempo, soube, pela respiração rouca do velho, que

Gildas estava a dormir. Não tinha a certeza em relação aos outros. Keiro estava de costas voltadas. Attia quase nunca falava, como se tivesse aprendido que estar calada e passar despercebida a mantinha viva. Lá fora, a floresta rugia, sacudida pela tempestade. Ouvia o estalar dos ramos, o tumulto do seu desprezo vinha de muito longe, sentia a força do vento açoitar as árvores, fazer vibrar o tronco por cima deles.

Tinham irritado Incarceron. Tinham aberto uma das suas portas proibidas e atravessado uma qualquer fronteira. Talvez os encurralasse ali para sempre, ainda antes de terem começado.

Finalmente, não conseguiu esperar mais.

Muito devagar, pondo infinitos cuidados em evitar o restolhar do leito de folhas metálicas, tirou a Chave do bolso. Estava fria, coberta de geadas. Os dedos de Finn deixaram marcas na superfície, e até a água escondida no interior só se tornou claramente visível depois de limpa a condensação.

Apertou-a com força.

— *Claudia* — sussurrou.

A Chave permaneceu fria e silenciosa.

Nenhuma luz se movia no seu interior. Finn não ousava falar mais alto.

Mas nesse preciso instante Gildas murmurou qualquer coisa, e ele aproveitou a oportunidade e encolheu-se, aproximando-a mais da boca.

— Consegues ouvir-me? — disse. — Estás aí? Por favor, responde.

A tempestade bramia. Zunia-lhe nos dentes e nos nervos. Fechou os olhos e sentiu desespero, o medo de ter imaginado tudo aquilo, de que a rapariga não existisse, de ele ter na verdade nascido de um qualquer Útero da Prisão.

E então, como se saída do seu próprio medo, soou uma voz, um comentário feito num tom suave:

— Riu-se? Tens a certeza de que foi o que ele disse?

Finn abriu os olhos. Uma voz de homem. Calma e ponderada.

Olhou em redor, com receio de que os outros tivessem ouvido, e então uma rapariga disse:

— ...Claro que tenho a certeza. Porque havia o velho de se rir, Mestre, se o Giles estava morto?

— Claudia.

Finn não conseguiu impedir-se de sussurrar o nome dela.

No mesmo instante, Gildas voltou-se, Keiro sentou-se, a praguejar. Finn enfiou a Chave dentro do casaco e rolou para ver Attia a olhá-lo fixamente. Soube no mesmo instante que ela tinha visto tudo.

Keiro empunhara a faca.

— Ouviram? Está alguém lá fora — disse, e os seus olhos azuis brilhavam, alerta.

— Não. — Finn engoliu em seco. — Fui eu.

— A falar enquanto dormias?

— Estava a falar comigo — disse Attia, em voz baixa.

Por um momento, Keiro olhou para os dois. Então voltou a deitar-se, mas Finn sabia que não estava convencido.

— Ai estava? — disse Keiro. — Então quem é a Claudia?

Trotavam rapidamente ao longo do caminho, o verde profundo das folhas dos carvalhos a formar um túnel por cima deles.

— E acreditas no Evian?

— Nisto, acredito. — Claudia olhou em frente para o moinho que se erguia junto ao sopé da colina. — A reação do velho criado não bate certo, Mestre. Ele devia amar Giles.

— O desgosto afeta as pessoas de maneiras estranhas, Claudia. — Jared parecia preocupado. — Disseste ao Evian que ias procurar o tal Bartlett?

— Não. Ele...

— Disseste a alguém? À Alys?

Ela bufou desdenhosamente.

— Diz qualquer coisa à Alys e podes ter a certeza de que é sabida nos alojamentos dos criados numa questão de minutos. — Isto fê-la recordar outra coisa. Refreou o cavalo, que resfolegava. — O meu pai despediu o

mestre de esgrima. Ou tentou. Disse-te mais alguma coisa?

— Não. Ainda não.

Calaram-se enquanto Jared se inclinava na sela para abrir uma cancela, fazendo o cavalo recuar. Do outro lado, o caminho era marcado pelos sulcos profundos das rodas das carroças e ladeado por sebes, rosas-de-mosqueta entrelaçadas nos cardos e na salgueirinha, nas umbelas brancas da cicutária.

Jared chupou um espinho que se lhe cravara no dedo e disse:

— Deve ser aqui.

Era uma cabana de teto baixo meio obscurecida por um grande castanheiro que crescia ao lado. Quando se aproximaram, Claudia franziu o sobrolho ao notar a estrita conformidade ao Protocolo, o telhado de colmo com buracos, as paredes húmidas, as árvores retorcidas do pomar.

— Uma cabana de pobre.

Jared sorriu o seu triste sorriso.

— Receio que sim. Nesta Época só os ricos conhecem o conforto.

Deixaram os cavalos amarrados, a morder a erva que crescia em abundância junto à vedação. A cancela estava partida, caída para um lado e aberta; Claudia reparou que tinha sido forçada recentemente, as hastes de erva esmagadas por baixo dela, ainda húmidas de orvalho.

Jared deteve-se.

— A porta está aberta — disse.

Ela preparava-se para avançar, mas ele reteve-a.

— Um momento, Claudia. — Tirou do bolso um pequeno *scanner* e inspecionou a zona. — Nada. Não está aqui ninguém.

— Então entramos e esperamos por ele. Só tenho o dia de hoje.

Caminhou resoluta pelo caminho cheio de sulcos; Jared apressou-se a segui-la.

Claudia empurrou a porta; rangeu, e ela julgou ver qualquer coisa mover-se no interior.

— Olá — chamou, em voz baixa.

Silêncio.

Enfiou a cabeça pela abertura da porta.

A divisão era escura e cheirava a fumo. Uma janela baixa iluminava-a, a portada aberta e encostada à parede. Não havia lume na lareira. Ao entrar, viu a panela enegrecida suspensa das suas correntes, o espeto, cinzas agitadas pela brisa que descia pela grande chaminé.

Dois pequenos bancos ocupavam o canto da lareira; perto da janela, uma mesa, uma cadeira e um aparador com meia dúzia de pratos de peltre, amolgados, e um jarro. Pegou no jarro e cheirou o leite que continha.

— Fresco.

Uma pequena porta dava para o estábulo da vaca. Jared aproximou-se e espreitou para o outro lado, inclinando-se por baixo do lintel.

Estava de costas para ela, mas Claudia soube, pela sua repentina e atenta imobilidade, que alguma coisa de errado se passava.

— O que é? — perguntou.

Jared voltou-se, tão pálido que ela receou que estivesse doente.

— Receio que tenhamos chegado demasiado tarde — disse ele.

Ela avançou, mas o tutor ficou onde estava, impedindo-lhe a passagem.

— Quero ver — murmurou ela.

— Claudia...

— Deixa-me ver, Mestre.

E escapuliu-se por baixo do braço dele.

O velho estava caído no chão do estábulo. Era bastante evidente que tinha o pescoço partido. Estava deitado de costas, de braços abertos, uma mão enterrada na palha. Tinha os olhos abertos.

O estábulo cheirava a esterco antigo. As moscas zumbiam, incansáveis, e as vespas entravam e saíam pela porta aberta; lá fora, uma pequena cabra baliu.

— Mataram-no — disse ela, gelada de espanto e fúria.

— Não sabemos. — Jared pareceu voltar repentinamente à vida. Ajoe-lhou-se junto do velho, tocou-lhe no pescoço e no pulso, passou o *scanner* por cima do corpo.

— Mataram-no. Ele sabia qualquer coisa a respeito do Giles, a respeito do assassinio. Eles perceberam que nós viríamos até cá!

— Quem pode ter percebido?

Jared pôs-se rapidamente de pé e voltou à divisão principal.

— O Evian sabia. A minha conversa com ele deve ter sido ouvida. E há o Job. Perguntei-lhe...

— O Job é uma criança.

— Tem medo do meu pai.

— Claudia, *eu* tenho medo do teu pai.

Ela voltou a olhar para a pequena figura estendida na palha, deu vazão à sua fúria, pondo os braços à volta do seu tronco.

— Veem-se as marcas — murmurou.

Marcas de mãos. Duas contusões, como dedadas negras de polegares, fundas na pele manchada.

— Alguém grande. Muito forte.

Jared abriu a gaveta do aparador e tirou os pratos para fora.

— De certeza não caiu.

Ela voltou-se.

Ele fechou a gaveta com força, dirigiu-se à lareira e olhou pela chaminé. Então, para espanto dela, trepou para um dos bancos e esticou a mão para o escuro, procurando às apalpadelas. Uma chuva de fuligem caiu na lareira.

— Mestre?

— Ele vivia na corte, Claudia. Devia saber ler e escrever.

Ela não compreendeu imediatamente. Então voltou-se e olhou apressadamente em redor, encontrou a cama, voltou a enxerga, espalhou a palha infestada de piolhos.

Lá fora, um melro gritou e bateu as asas.

Claudia olhou.

— Voltaram?

— Talvez. Continua a procurar.

Mas quando ela se moveu, o pé prendeu-se-lhe numa tábua que rangeu. Quando se ajoelhou e a puxou, a tábua levantou-se, rodando sobre um gonzo com a facilidade de um uso constante.

— Jared!

Era ali que o velho escondia os seus tesouros. Uma velha bolsa com algumas moedas de cobre, um colar partido a que fora retirada a maior parte das pedras, duas penas, um pergaminho dobrado e, cuidadosamente escondido no fundo, um saco de veludo azul fechado por um fio, do tamanho da palma da mão dela.

Jared pegou no pergaminho e examinou-o rapidamente.

— Parece ser uma espécie de testamento. Eu sabia que ele devia tê-lo escrito! Se foi ensinado por Sapiienti, é apenas...

Olhou para ela. Claudia tinha aberto o saco de veludo azul e tirado de lá um pequeno medalhão oval de ouro, com a águia coroada gravada nas costas. Voltou-o.

Um rosto de rapaz olhou para eles, o sorriso tímido e direto, os olhos castanhos.

Claudia devolveu-lhe o sorriso, com amargura. Ergueu os olhos para Jared.

— Deve valer uma fortuna, mas ele nunca o vendeu. Deve tê-lo amado muito.

— Tens a certeza? — perguntou ele, gentilmente

— Oh, sim, tenho a certeza. É o Giles.

**Acorrentados
de Pés e Mãos**

Capítulo 15

Sapphique partiu de Tanglewood e chegou à Fortaleza de Bronze. Acorria gente de todo o lado em busca de refúgio nas suas muralhas.

— Entra — gritaram-lhe. — Depressa! Antes que ela ataque!

Ele olhou em redor. O mundo era de metal e o céu era de metal. As pessoas eram formigas nas planícies da Prisão.

— Acaso esqueceram — disse ele — que já estão cá Dentro?

Mas as pessoas passaram por ele a correr e disseram que estava louco.

Lenda de Sapphique

A tempestade grassara toda a noite antes de parar tão repentinamente que Finn fora acordado pelo silêncio. Parecia estranho, depois do vento, mas ao menos significava que podiam deslocar-se, antes que a Prisão mudasse de ideias. Keiro rastejara para fora do buraco, espreguiçara-se, e gemera por causa de uma câibra. Passado um minuto, a sua voz chegou até eles, inusitadamente abafada.

— Olhem para isto.

Finn levantara-se e vira que a floresta estava despida. Todas as folhas, todos os pequenos e encaracolados gravetos metálicos tinham sido reunidos em gigantescos montes.

Em contrapartida, as árvores tinham florescido. Flores de cobre, escarlate e ouro, refulgiam encosta acima e até ao vale tão longe quanto a vista alcançava.

Atrás dele, Attia rira-se.

— É bonito.

Voltara-se, surpreendido, apercebendo-se de que vira aquilo apenas como um obstáculo.

— É?

— Oh, sim. Mas tu... tu estás habituado à cor. Vieste do Exterior.

— Acreditas em mim?

Ela assentira lentamente.

— Sim. Há qualquer coisa de diferente em ti. Não encaixas. E o nome que chamaste quando estavas a dormir, essa Claudia. Lembras-te dela?

Finn confirmara com um aceno de cabeça. Fora o que lhes dissera. Então olhara para a rapariga.

— Ouve, Attia, preciso da tua ajuda. É que... por vezes preciso de estar sozinho. A Chave... ajuda-me a ter visões. Por vezes, preciso de me afastar do Keiro e do Gildas. Compreendes?

Ela voltara a assentir, gravemente, os olhos brilhantes fixos nele.

— Já te disse, sou a tua serva. Basta que me digas quando, Finn.

Ele sentira-se envergonhado. Ela olhara para ele e não dissera mais nada.

Desde então, tinham avançado pelo meio de uma paisagem colorida como uma joia, descendo a encosta por entre as árvores, o chão da floresta riscado e sulcado por riachos que corriam por leitos estranhamente isolados, cheio de rachas. Insetos que Finn nunca imaginara rastejavam pelos grandes montes de folhas que impediam a passagem e os obrigavam a desvios que os faziam perder horas. Bandos de gralhas esvoaçavam de árvore em árvore, pousando nos ramos nus, a grasnar, seguindo os viajantes com olhares curiosos, até que Gildas as amaldiçoou e agitou um punho na direção delas. Então, silenciosamente, todas voaram para longe.

— Afinal os Sapienti sempre têm alguma magia — comentou Keiro.

Ofegante, o velho lançou-lhe um olhar furioso.

— Quem me dera que resultasse contigo.

Keiro sorriu a Finn.

Finn permitiu-se um sorriso. Sentia-se mais leve, não sabia porquê, e enquanto caminhava atrás de Gildas pelos trilhos do bosque começou a sentir qualquer coisa que devia ser parecida com felicidade. A Fuga tinha começado. Os Comitatus tinham ficado muito para trás; toda aquela vida de lutas brutais no seio do grupo, de assassínios, mentiras e medo, tinha acabado. Agora, tudo seria diferente. Sapphique havia de mostrar-lhe a saída.

Ao passar por cima de um emaranhado de raízes, quase teve vontade de desatar a rir, mas em vez disso enfiou a mão debaixo da camisa e tocou na Chave.

Retirou a mão no mesmo instante.

Estava quente.

Olhou para Keiro, que caminhava à frente. Então voltou-se. Attia estava colada aos seus calcanhares, como sempre.

Parou, irritado.

— Não quero uma escrava.

Ela parou também.

— Como quiseres.

O seu olhar tinha uma expressão magoada.

— Há ali um ribeiro, estou a ouvi-lo — disse Finn. — Diz aos outros que fui buscar água.

Sem esperar, afastou-se do trilho, internou-se num matagal de espinheiros de platina e acocorou-se no meio das moitas. Umbelas de fios enrolados erguiam-se à sua volta, caniços ocos onde microescaravelhos trabalhavam com afã.

Tirou a Chave de dentro da camisa.

Era um risco. Keiro podia aparecer. Mas a Chave estava quente, e as familiares luzes azuis brilhavam dentro do cristal.

— Claudia? — murmurou, ansioso. — Consegues ouvir-me?

— Finn! Até que enfim!

A voz dela soou tão alto que o fez engolir em seco e lançar um olhar em redor.

— Mais baixo! Diz depressa, por favor. Eles podem vir procurar-me a qualquer momento.

— Eles quem? — A rapariga parecia fascinada.

— O Keiro.

— Quem é o Keiro?

— O meu irmão-de-juramento...

— Está bem. Agora escuta. Há um pequeno painel na base da Chave. Não se vê, mas a superfície sobressai ligeiramente. Consegues encontrá-lo?

Os dedos dele tatearam, deixando marcas de sujidade.

— Não — disse, frustrado.

— Tenta. Achas que ele tem um artefacto diferente?

A pergunta não lhe era dirigida.

— É quase de certeza igual — respondeu a outra voz, a que ele recordava como Jared. — Finn, usa as pontas dos dedos. Procura na aresta, nas facetas mais perto da aresta.

Que julgavam eles que ele era? Raspou, com as mãos doridas.

— Finn! — O murmúrio de Keiro soou mesmo atrás dele.

Levantou-se de um salto, escondendo apressadamente a Chave.

— Pelo amor de Deus! — protestou. — Não posso beber em paz?

A mão de Keiro puxou-o para baixo.

— Baixa-te e cala-te. Temos visitas.

Claudia sentou-se e praguejou de frustração.

— Desapareceu! Porque terá sido?

Jared aproximou-se da janela e olhou para o caos que reinava no pátio.

— Ainda bem. O governador vem a subir os degraus.

— Reparaste na voz dele? Mais uma vez, parecia tão... assustado.

— Sei exatamente como ele se sente. — Jared tirou um pequeno *pad* do bolso do casaco de viagem e entregou-lhe. — Está aí o texto completo do testamento do velho. Lê-o durante a viagem.

Portas a bater. Vozes lá fora. A do pai. A de Caspar.

— Apaga-o logo a seguir, Claudia. Tenho uma cópia.

— Devíamos fazer qualquer coisa. A respeito do corpo.

— Não estivemos lá, lembras-te?

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras quando a porta se abriu. Claudia escondeu calmamente o aparelho no vestido.

— Minha querida. — O pai entrou e deteve-se diante dela. Claudia pôs-se de pé para o receber. O governador vestia a habitual casaca preta, com um dispendioso lenço de seda ao pescoço, e calçava umas botas do melhor couro. Mas naquele dia tinha uma pequena flor branca na lapela, como que para assinalar a ocasião, e isso era tão pouco dele que ela ficou a olhar, surpreendida.

— Estás pronta? — perguntou o governador.

Ela assentiu. Usava um vestido de viagem azul-escuro e uma capa onde tinha sido cosido um bolso especial para transportar a Chave.

— Uma grande manhã para a Casa de Arlex, Claudia. O começo de uma nova vida para ti, para todos nós.

O cabelo dele, a começar a ficar grisalho, estava preso num rabo de cavalo perfeito, os olhos escuros brilhavam de satisfação. Calçou as luvas antes de lhe pegar na mão, como se soubesse que os seus dedos húmidos lhe eram desagradáveis. Claudia olhou para ele sem sorrir, o velho caído na palha enchia-lhe o espírito.

Sorriu finalmente e fez uma reverência.

— Estou pronta, meu pai.

Ele acenou com a cabeça.

— Sempre soube que estarias. Sempre soube que não me deixarias ficar mal.

Como a minha mãe?, pensou ela amargamente. Mas não disse nada, e o pai fez a Jared uma quase impercetível inclinação de cabeça e conduziu-a para fora. Entraram no grande salão, pisando a alfazema espalhada pelo soalho, por entre as fileiras de criados fascinados, o governador de Incarceron e a sua orgulhosa filha, a caminho de um casamento que faria dela uma rainha. E a um sinal de Ralph, a criadagem aplaudiu e deu vivas e atirou íris para o chão; fizeram tilintar pequenos sinos de prata em honra do casamento a que nunca assistiriam.

Jared caminhava atrás deles, com um saco carregado de livros debaixo do braço. Apertou a mão aos criados, e as criadas choramingaram, ofereceram-lhe pequenos pacotes com doces, prometeram manter o torreão seguro, não tocar em nenhum dos seus preciosos instrumentos, dar de comer à pequena raposa e às aves.

Quando ocupou o seu lugar no coche e olhou para trás, Claudia sentiu um nó de tristeza apertar-lhe a garganta. Todos eles iam ter saudades de Jared, dos seus modos gentis, da sua beleza frágil, da sua disponibilidade para tratar das tosses das crianças e aconselhar os rapazes mais teimosos. Ninguém parecia minimamente triste por vê-la a *ela* partir.

Mas de quem era a culpa? Tinha jogado o jogo. Era a patroa, a filha do governador.

Fria como gelo. Dura como pedra.

Ergueu a cabeça e sorriu a Alys, sentada à sua frente.

— Quatro dias de viagem. Tenciono fazer pelo menos metade a cavalo. A ama franziu a testa.

— Duvido que o conde te acompanhe. E provavelmente vai querer que viajes nesta carruagem uma parte do tempo.

— Ainda não estamos casados. E quando estivermos, ele não tardará a descobrir que é o que eu quero que conta. — Se a julgavam dura, ia ser dura. E no entanto, quando os soldados da escolta montaram e os batedores ocuparam os seus lugares e os coches iniciaram a lenta viragem em direção à casa da guarda, tudo o que queria era ficar ali, na casa onde vivia desde que nascera. Inclinou-se na janela, acenou e gritou os nomes de todos eles com inesperadas lágrimas a arderem-lhe nos olhos.

— Ralph! Job! Mary-Allen!

E eles também acenaram, num vendaval de lenços, as pombas brancas voaram dos beirais e as abelhas zumbiram na madressilva quando o coche atravessou ruidosamente a ponte de madeira. Viu a casa refletida na água verde-escura do fosso, viu galinhas-d'água e gansos a sulcá-la, velozes como setas, e atrás dela, numa interminável procissão, os carroções, os coches, os cavaleiros, os cães e os falcoeiros do seu séquito, da casa do governador de Incarceron, no dia em que os planos dele começavam a dar fruto.

Com o cabelo despenteado pelo vento, recostou-se no assento de couro e soprou para o afastar dos olhos.

Bem, talvez.

Eram homens, mas como podiam ser?

Deviam ter quase dois metros e meio de altura. Caminhavam com um passo estranhamente anguloso, como garças, ignorando os grandes montes de folhas aceradas, abrindo caminho pelo meio deles.

Finn sentiu a mão de Keiro apertar-lhe o braço com tanta força que o magoou. Então, o irmão-de-juramento murmurou-lhe uma única palavra ao ouvido:

— Andas.

Claro. Quando um deles passou, viu-as de perto, armações metálicas com sessenta ou setenta centímetros de altura, e os homens caminhavam habilmente em cima delas, com grandes passadas; viu também que usavam a altura para tocar em certos pontos das árvores, pequenos nós nos troncos, e que as árvores davam instantaneamente frutos semiorgânicos que eles colhiam.

Voltou a cabeça para procurar Gildas, mas onde quer que o Sapiente e a rapariga estivessem escondidos, permaneciam invisíveis.

Ficou a ver a linha de homens avançar por entre as árvores. À medida que desciam a encosta, pareciam encolher, e Finn viu nitidamente o homem da ponta da fila tremular, como se tivesse atravessado uma qualquer perturbação no ar.

Passado algum tempo, só se yia as cabeças e os ombros. E então desapareceram.

Keiro esperou um longo momento antes de se levantar. Assobiou baixo, um monte de folhas ali perto agitou-se e a cabeça branca de Gildas apareceu.

— Já foram? — perguntou.

— Estão longe que chegue.

Keiro viu Attia sair apressadamente de baixo das folhas. Olhou para o seu irmão-de-juramento e disse num murmúrio:

— Finn?

Estava a acontecer. Olhar para a agitação do ar desencadeara o ataque. Finn sentiu um formigueiro na pele, a boca seca, a língua rígida. Passou a mão pelos lábios.

— Não — murmurou.

— Agarrem-no — gritou Gildas.

— Esperem — disse Keiro, algures de muito longe.

E então Finn estava a caminhar. A caminhar em direção ao lugar, ao vazio entre as duas grandes árvores de cobre onde o ar se movera como se ali caísse pó ao longo de uma coluna de luz, como se ali se abrisse uma fresta no Tempo. E quando lá chegou deteve-se, esticando os dois braços à sua frente, como se estivesse cego. Era um buraco de fechadura para fora do mundo.

Através do qual soprava uma brisa.

Pequenas pontadas de dor espicaçaram-no. Lutou contra elas, tocando, Tateando as arestas, aproximando o rosto, encostando o olho à fresta de luz, espreitando para o outro lado.

Viu um lampejo de cor. Tão intenso que os seus olhos se encheram de água, que o fez arquejar. Havia formas que se moviam, um mundo verde, um céu azul como nos seus sonhos, uma enorme criatura preta e âmbar que avançava para ele a zumbir.

Gritou e recuou a cambalear, sentiu Keiro agarrar-lhe os braços por trás.

— Continua a olhar, irmão. O que é que vês? O que é, Finn?

Caiu. A força fugiu-lhe das pernas e ele abateu-se sobre o leito de folhas. Attia empurrou Keiro para o lado. Com gestos rápidos, deitou água num copo e ofereceu-a a Finn; ele aceitou-a sem a ver e bebeu-a de um trago. Fechou os olhos e pousou a cabeça nas mãos, tonto e agoniado. Foi sacudido por um espasmo. E então vomitou.

Havia vozes a gritar por cima dele. Quando conseguiu ouvir, percebeu que uma delas era a de Attia.

— .. .tratá-lo dessa maneira! Não vês que está doente?

O riso de Keiro foi de troça.

— Há de passar-lhe. É um vidente. Vê coisas. Coisas que precisamos de saber.

— E dele, não queres saber?

Finn ergueu a cabeça, com um esforço. A rapariga enfrentava Keiro, os braços ao lado do corpo, os punhos cerrados. Os olhos dela tinham perdido a expressão magoada e brilhavam de fúria.

— Só queres saber de ti. — Voltou-se para Gildas. — E tu, Mestre...

Calou-se. Gildas não estava obviamente a ouvi-la. Apoiado a uma árvore, olhava em frente.

— Cheguem aqui — disse, em voz baixa.

Keiro estendeu a mão e Finn agarrou-a, pondo-se de pé com muita dificuldade. Foram até onde o Sapiente estava e ficaram atrás dele, e quando olharam viram o que ele via.

A floresta acabava ali. À frente deles, uma estreita estrada corria em direção a uma Cidade. Erguia-se atrás de muralhas, numa paisagem rubra de planícies despidas. Casas agrupadas, construídas com pedaços de metal, torres e ameias de uma estranha madeira escura cobertas por telhados de finas folhas de cobre.

Ao longo de toda a estrada, em ruidosas filas onde se cantava e ria, em grupos e em carroças, carregando os filhos e conduzindo rebanhos de ovelhas, avançavam centenas e centenas de pessoas.

Com as pernas em cima do assento do coche, Claudia lia o pequeno *pad* enquanto Alys dormia. A carruagem deu um solavanco; lá fora, os verdes bosques e campos da governadoria desfilavam numa nuvem de pó e de moscas.

O meu nome é Gregor Bartlett. Este é o meu testamento. Rogo àqueles que o encontrarem que o conservem a salvo e que, quando o momento chegar, o usem, porque foi cometida uma grande injustiça, e dos que o sabiam só eu vivo ainda.

Trabalhei no Palácio desde muito novo. Fui moço de cavalaria e postilhão, e depois criado. Tornei-me numa pessoa de confiança, cresci em importância. Fui criado de quarto do falecido rei e lembro-me da sua primeira esposa, a frágil e bonita mulher de Além-mar que ele desposou quando eram ambos jovens. Quando nasceu o seu primeiro filho, Giles, puseram-no a meu cargo. Escolhi a ama de leite, nomeei criadas para o servir. Ele era o Herdeiro; nada foi poupado para garantir o seu conforto. À medida que o rapaz crescia, acabei por amá-lo como se fosse meu filho. Era uma criança feliz. Mesmo quando a mãe morreu e o rei voltou a casar, continuou a viver na sua ala do Palácio, rodeado pelos seus preciosos brinquedos e animais de estimação, os seus próprios servidores. Não tenho filhos. Aquele rapaz tornou-se na minha vida. É preciso que acreditem nisto.

Pouco a pouco, senti uma mudança. À medida que ele crescia, o pai procurava-o cada vez menos. Havia agora um segundo filho, o conde Caspar, uma criança chorona e barulhenta que as damas da corte mimavam. E havia a nova rainha.

Sia é uma mulher estranha, distante. Diz-se que o rei olhou pela janela da sua carruagem quando seguia por uma estrada de floresta e que ela estava numa encruzilhada. Diz-se que, ao passar, o rei lhe viu os olhos — são uns olhos estranhos, com íris pálidas —, e que a partir desse instante não conseguiu deixar de pensar nela. Mandou mensageiros voltar atrás, mas não havia ninguém na encruzilhada. Mandou procurar nas aldeias e propriedades próximas, emitiu proclamações, ofereceu recompensas aos seus nobres, mas ninguém conseguiu encontrá-la. E então, semanas mais tarde, quando passeava pelos jardins do Palácio, olhou e lá estava ela, sentada junto à fonte.

Ninguém sabe qual é a sua linhagem, nem de onde vem. Estou convencido de que é uma feiticeira. O que ficou claro pouco depois de o filho ter nascido, foi o seu ódio ao Giles. Nunca o mostrou ao rei ou à corte; para eles, tinha todo o cuidado em honrar o Herdeiro. Mas eu via.

Giles ficou noivo, com sete anos, da filha do governador de Incarceron. Uma rapariguinha altiva, mas ele parecia gostar dela...

Claudia sorriu. Lançando um olhar a Alys, inclinou-se pela janela da carruagem. O pai seguia no segundo coche, que devia partilhar com Evian.

Fez deslizar o texto.

... a felicidade da festa de anos dele, uma noite em que remámos no lago à luz das estrelas e ele me disse como estava feliz. Nunca esquecerei as suas palavras.

A morte do pai afetou-o muito. Tornou-se solitário. Não ia a bailes nem participava nos jogos. Estudava muito. Hoje pergunto-me se teria começado a temer a rainha. Nunca o disse. Vou agora passar para o fim. Um dia antes do acidente, recebi a notícia de que a minha irmã, que morava em Casa, estava doente. Pedi ao Giles autorização para ir vê-la; o querido rapaz ficou muito preocupado, e insistiu em que as cozinhas preparassem um pacote com iguarias para lhe levar. Mandou também pôr uma carruagem à minha disposição. Despediu-se de mim nos degraus do Pátio Exterior. Foi a última vez que o vi.

Quando cheguei, encontrei a minha irmã de excelente saúde. Não fazia ideia de quem tinha enviado a mensagem.

Tive um pressentimento. Pensei na rainha. Quis voltar imediatamente, mas o cocheiro, que talvez estivesse a mando dela, recusou, dizendo que os cavalos estavam exaustos. Já não era um cavaleiro, mas selei um cavalo da estalagem e voltei, galopei toda a noite. Não tentarei descrever a agonia da preocupação que senti. Cheguei ao alto da colina e vi os mil pináculos da corte, e vi que em todos eles tinha sido hasteado um pendão negro.

Pouco recordo depois disto.

Tinham posto o corpo num catafalco no Grande Salão do Conselho. Quando tudo ficou pronto, pedi autorização para o ver. Chegou uma mensagem da rainha, com um homem para me escoltar. Era o secretário do governador, um homem alto e silencioso chamado Medlicote...

Claudia ficou tão surpreendida que assobiou. Alys ressonou e mexeu-se no assento.

... subi os degraus como uma criatura desfeita. O meu rapaz jazia ali e eles tinham-no posto muito bonito. Inclinei-me paro o beijar, com lágrimas a toldarem-me os olhos.

E então detive-me.

Oh, tinham feito um bom trabalho. Fosse quem fosse, o rapaz que ali

jazia tinha a idade e a compleição certas, e a varinha dérmica fora habilmente usada. Mas eu sabia, sabia.

Não era o Giles.

Acho que ri. Um riso de alegria. Pedi a Deus que ninguém tivesse reparado, que ninguém soubesse. Solucei, reformei-me, fiz o papel do servidor de coração destroçado, do velho desfeito. Mas sei o segredo que a rainha, e talvez o governador, querem que ninguém saiba.

Que o Giles está vivo.

E onde pode ele estar senão em Incarceron?

Alys resmungou, bocejou e abriu os olhos.

— Já estamos perto da estalagem? — perguntou, sonolenta.

Claudia estava a olhar para o pequeno visor. Fitou a ama como se nunca a tivesse visto. Então baixou os olhos e leu outra vez a última frase.

E voltou a lê-la mais uma vez.

Capítulo 16

Não me desafie, John. E esteja atento. Há intrigas na corte, e conspirações contra nós. Quanto à Claudia, pelo que me diz ela já viu o que procura. Não é divertido o facto de não o reconhecer?

Da Rainha Sia para o Governador; carta particular

Só duas horas mais tarde conseguiu apanhar Jared sozinho. Houve a confusão de arranjar quartos, o estalajadeiro a fazer vénias intermináveis, a ceia, o tagarelar incessante de Evian, a calma vigilância do pai, as queixas de Caspar por causa do cavalo.

Mas finalmente, bem passada a meia-noite, bateu à porta do sótão dele e entrou.

Encontrou-o sentado à janela, a olhar para as estrelas, uma ave a debicarlhe migalhas de pão da palma da mão.

— Será que nunca dormes? — perguntou.

Jared sorriu.

— Claudia, isto é uma loucura. Se te encontram aqui, sabes o que vão pensar.

— Ponho-te em perigo, eu sei — disse ela. — Mas temos de falar a respeito do que ele escreveu.

Jared ficou silencioso por um instante. Então libertou a ave, fechou a janela e voltou-se, e ela notou-lhe as olheiras.

— Sim.

Olharam um para o outro. Finalmente, ela disse:

— Eles não mataram o Giles. *Prenderam-no.*

— Claudia...

— Não quiseram derramar sangue Havaarna! Ou talvez a rainha tivesse tido medo. Ou o meu pai... — Ergueu os olhos. — É verdade. O meu pai deve saber.

A desolação na voz dela chocou-os a ambos. Claudia sentou-se numa cadeira.

— E há outra coisa. Este rapaz, o Finn. O Prisioneiro. A voz dele... parece-me familiar.

— Familiar?

Jared olhou vivamente para ela.

— Já a tinha ouvido, Mestre.

— Estás a imaginar. Não partas desse princípio, Claudia.

Ela ficou imóvel por um instante. Então encolheu os ombros.

— Seja como for, temos de tentar outra vez.

Jared assentiu. Foi fechar a porta à chave, prendeu-lhe um pequeno aparelho, regulou-o e voltou para junto dela.

Claudia tinha a Chave pronta. Ativou o canal de som e em seguida o pequeno circuito visual que tinham descoberto. Jared estava atrás dela, a ver o holograma da águia bater silenciosamente as asas.

— Apagaste o *pad*?

— Claro. Completamente.

Quando a Chave começou a brilhar, ele disse em voz baixa:

— Não tiveram qualquer problema em derramar o sangue do velho, Claudia. Talvez já saibam que lhe revistámos a casa. Devem temer o que encontrámos.

— Com *eles* queres dizer o meu pai. — Claudia ergueu os olhos. — Não se atreverá a fazer-me mal. Se me perder, perde o trono. E eu proteger-te-ei, Mestre, juro.

O sorriso dele foi triste. Claudia soube que não acreditava que ela pudesse fazê-lo.

A Chave falou, muito baixo:

— *Consegues ouvir-me?*

— É ele! — exclamou Claudia. — Toca no painel, Finn. Toca-lhe! Já o encontraste?

— Sim. — Parecia hesitante. — Que acontecerá se o fizer?

— Poderemos ver-nos um ao outro, achamos nós. Não é perigoso. Experimenta, por favor.

Passou um segundo, alguns estalidos. E então Claudia quase saltou para trás. A Chave projetou silenciosamente um feixe. O feixe abriu-se para um quadrado, e agachado nesse quadrado, assustado e sujo, estava um rapaz.

Era alto e muito magro, tinha um rosto faminto e ansioso. O cabelo era liso e comprido, atado na nuca por um pedaço de fio, e as roupas, as mais pobres que alguma vez vira, cinzentas e de um verde desbotado, muito usadas. Tinha uma espada e uma faca enferrujada enfiadas no cinto.

Estava a olhar para ela, espantado.

Finn viu uma rainha, uma princesa.

O rosto era limpo e claro, o cabelo brilhante. Usava um vestido de seda lustrosa e um colar de pérolas que valeria uma fortuna se alguma vez fosse possível encontrar um comprador suficientemente rico. Viu imediatamente que ela nunca passara fome, que o seu espírito era límpido e inteligente. Atrás dela, um homem de cabelo escuro e ar grave observava. Vestia uma casaca de Sapiante que faria Gildas corar de vergonha com o seu farrapo.

Claudia ficou silenciosa durante tanto tempo que Jared olhou para ela. Viu que estava chocada, provavelmente pelo estado em que o rapaz se encontrava, e por isso disse, em voz baixa:

— Parece que afinal Incarceron não é um paraíso.

O rapaz lançou-lhe um olhar irritado.

— Estás a troçar de mim, Mestre?

Jared abanou tristemente a cabeça.

— Não, de modo nenhum. Conta-nos como foi que arranjaste este artefacto.

Finn olhou em redor. A ruína estava silenciosa e escura, a sombra de

Attia agachada junto à porta, a observar a escuridão lá fora. Fez-lhe um pequeno aceno com a cabeça, a indicar que não havia perigo. Finn olhou para o visor holográfico, com receio de que o seu brilho os denunciasse.

Enquanto falava da águia que tinha tatuada no pulso, observava Claudia. Era bom a ler expressões faciais, mas a dela era difícil, tão controlada, revelando tão pouco, apesar de um ligeiríssimo abrir de olhos lhe ter dito que estava fascinada. E então enveredou pela mentira, dizendo que encontrara a Chave num túnel deserto, obliterando a Maestra, a morte dela, a sua vergonha, como se nada daquilo tivesse acontecido. Attia olhou para ele, mas ele não lhe enfrentou o olhar. Falou-lhes dos Comitatus, da terrível luta que travara com Jormanric, de como derrotara o gigante em combate singular e lhe tirara dos dedos três anéis com caveiras, de como guiara os amigos para fora daquele inferno. E explicou que estavam a seguir um caminho sagrado para sair da Prisão.

Ela escutou atentamente, fazendo breves perguntas. Finn não fazia ideia se a rapariga acreditara em alguma coisa do que tinha dito. O Sapiente manteve-se em silêncio, tendo apenas arqueado uma sobrancelha, uma vez, quando Finn falara de Gildas.

— Então os Sipienti ainda sobrevivem? Mas o que aconteceu à Experiência, às estruturas sociais, à distribuição de alimentos? Como foi que tudo isso falhou?

— Isso agora não importa — interrompeu-o Claudia, impaciente. — Não vês o que a marca da águia significa, Mestre? *Não* vês? — Inclinou-se ansiosamente para a frente. — Finn, há quanto tempo estás em Incarceron?

— Não sei. — Finn franziu a testa. — Só me lembro...

— Do quê?

— Dos últimos três anos. Tenho... recordações, mas... — Calou-se. Não queria falar-lhe dos ataques.

Ela assentiu. Tinha os punhos cerrados pousados no colo. Ele reparou num anel de diamantes que lhe brilhava num dos dedos.

— Escuta, Finn. Pareço-te familiar? Reconheces-me?

O coração dele deu um salto.

— Não. Devia reconhecer-te?

Ela mordeu o lábio. Finn sentiu a tensão.

— Finn, ouve-me. Penso que podes ser...

— FINN!

O grito de Attia foi abafado.

— Demasiado tarde — disse Keiro, alegremente.

Gildas surgiu, vindo da escuridão, e olhou para o visor holográfico. Por um segundo, ele e Jared trocaram um olhar sobressaltado.

Então o visor apagou-se.

O Sapiente murmurou uma oração. Voltou-se e olhou para Finn, e a obsessão estava de novo nos seus duros olhos azuis.

— Eu vi! Vi Sapphique!

De repente, Finn sentiu-se muito cansado.

— Não — disse, vendo Attia libertar-se furiosamente das mãos de Keiro.

— Não era ele.

— Eu vi, rapaz tolo! Vi-o! — O velho ajoelhou-se penosamente diante da Chave. Esticou a mão e tocou-lhe. — O que foi que ele disse, Finn? Qual foi a mensagem dele para nós?

— E porque foi que não nos disseste que conseguias ver pessoas com essa coisa? — perguntou Keiro, secamente. — Não confias em nós?

Finn encolheu os ombros. Apercebeu-se de que fora quase só ele, e não Claudia, a falar. Mas tinha de mantê-los em suspenso, de modo que respondeu:

— Sapphique... avisa-nos.

— De quê? — Keiro, que massajava a mão que Attia tinha mordido, lançou um olhar furioso à rapariga. — Cabra — rosnou.

— De perigo.

— De que espécie? Todo este lugar é...

— Vindo de cima — murmurou Finn, ao acaso. — Perigo vindo de cima.

Ergueram todos os olhos ao mesmo tempo.

No mesmo instante, Attia gritou e atirou-se para o lado; Gildas praguejou. A rede caiu como a teia de uma superaranha; abateu-se sobre Finn, que caiu sob o impacto daquela massa de pó e de morcegos que gritavam. A pancada deixou-o sem respiração, e então viu que Gildas se debatia a seu lado, que estavam os dois enredados numa trama de pesadas cordas embebidas numa resina pegajosa.

— Finn!

Attia ajoelhou-se e puxou as cordas; a mão prendeu-se na resina e ela retirou-a apressadamente.

Keiro tinha desembainhado a espada. Afastou Attia e atacou as cordas, mas elas estavam entrançadas com fio de aço e a lâmina retiniu. Ao mesmo tempo, o som agudo de um alarme encheu a ruína, uma nota alta e ululante.

— Não percas tempo — murmurou Gildas. E então, ordenou, furioso: — Saiam daqui!

Keiro olhou para Finn.

— Não abandono o meu irmão.

Finn tentou pôr-se de pé, mas não conseguiu. Por um instante, o pesadelo de estar acorrentado diante dos vagões dos Cívicos invadiu-lhe a mente.

— Faz o que ele diz — arquejou.

— Podíamos tirar essa coisa de cima de vocês. — Keiro olhou desesperadamente em redor. — Se tivéssemos uma alavanca.

Attia agarrou numa trave de metal da parede; desfez-se-lhe nas mãos em ferrugem e ela atirou-a ao chão, com um grito.

Keiro puxou pela rede. O óleo escuro enegreceu-lhes as mãos e o casaco; praguejou mas continuou a puxar, e Finn empurrava de baixo, mas desistiram ao cabo de uns segundos, vencidos pelo peso.

Keiro acocorou-se junto à rede.

— Hei de encontrar-te. E salvar-te. Dá-me a Chave.

— O quê?

— Dá-ma. Ou eles encontram-na e tiram-ta.

Finn apertou com os dedos o cristal quente. Por um instante, viu os olhos assustados de Gildas através da rede.

— Não lha dê, Finn — disse o Sapiente. — Nunca mais voltaremos a vê-lo.

— Cala a boca, velho! — gritou Keiro, furioso. — Dá-ma, Finn. *Agora*. Ouviram vozes lá fora e cães a ladrar no caminho.

Finn contorceu-se. Passou a Chave por entre as malhas oleosas; Keiro agarrou-a e puxou-a para fora, os seus dedos a sujarem de óleo a águia perfeita. Escondeu-a dentro do casaco, e então tirou um dos anéis de Jormanric e enfiou-o no dedo de Finn.

— Um para ti. Dois para mim.

O alarme calou-se.

Keiro recuou, a olhar em redor, mas Attia já tinha desaparecido.

— Hei de encontrar-te, juro.

Finn não se mexeu, mas quando Keiro desapareceu na noite da Prisão, murmurou:

— Só funciona comigo. Sapphique só fala comigo.

Não soube se Keiro o tinha ouvido. Porque nesse preciso instante as portas fecharam-se, feixes de luz incidiram-lhe nos olhos e os cães rosnavam e tentavam morder-lhe a cara e as mãos através da rede.

Jared olhou para ela, zangado.

— Claudia, isso é pura loucura...

— Podia ser ele. Podia ser o Giles. Oh, sim, está diferente. Mais magro. Cansado. Mais velho. Mas podia facilmente ser ele. A idade certa, a constituição certa. O cabelo. — Sorriu. — Os olhos certos.

Começou a andar de um lado para o outro, consumida pela inquietação. Não queria dizer quanto o estado em que o rapaz estava a chocara. Sabia que o fracasso da Experiência Incarceron era um golpe terrível que ia abalar todos os Sapienti. Acocorando-se repentinamente junto ao fogo que esmorecia na

lareira, disse:

— Mestre, precisas de dormir, e eu também. Amanhã insistirei em que viajes comigo. Vamos ler as *Histórias* de Alegon até a Alys adormecer, e então poderemos falar à vontade. Esta noite, direi apenas isto. Se não é o Giles, podia ser. Podemos alegar que é. Com o testamento do velho e a marca no pulso do rapaz, haverá dúvidas. Dúvidas suficientes para travar o casamento.

— O ADN dele...

— Não é Protocolo. Sabes disso.

Ele abanou a cabeça.

— Claudia, não posso acreditar... isto é impossível...

— Pensa nisso. — Claudia pôs-se de pé e dirigiu-se à porta. — Porque mesmo que este rapaz não seja o Giles, o Giles está algures naquele lugar. O Caspar não é o Herdeiro, Jared. E eu tenciono prová-lo. Nem que isso signifique enfrentar a rainha e o meu pai.

Deteve-se à porta, não querendo deixá-lo com aquela dor, querendo dizer qualquer coisa que lhe aliviasse a tristeza.

— Temos de o ajudar. Temos de ajudar todos os que estão naquele inferno.

Jared estava de costas para ela, mas assentiu.

— Vai para a cama, Claudia — disse tristemente.

Ela escapuliu-se para o corredor escuro. Ao fundo, numa espécie de nicho, ardia uma vela solitária. Quando avançou, o vestido fez restolhar os caules secos espalhados pelo chão, e diante da porta do quarto fez uma pausa e olhou para trás.

A estalagem parecia silenciosa. Mas em frente da porta do que devia ser o quarto de Caspar um súbito movimento fê-la olhar. Mordeu o lábio, consternada.

Fax, o gigantesco guarda-costas, estava ali deitado, atravessado sobre duas cadeiras.

A olhar para ela. Ironicamente, com um sorriso que a gelou, ergueu a caneca de cerveja que tinha na mão.

Capítulo 17

Nos antigos estatutos, a Justiça era sempre cega. Mas e se ela vê, se vê tudo, e se o seu Olho é frio e sem Misericórdia? Quem estaria a salvo de um tal olhar?

Ano após ano, Incarceron aperta a sua garra. Fez um inferno do que devia ter sido um paraíso.

O Portão está trancado; os do Exterior não ouvem os nossos gritos. Por isso, em segredo, comecei afazer uma chave.

Diário de Lorde Calliston

Quando passou por baixo da porta da Cidade, Finn viu que tinha dentes.

Fora desenhada com a forma de uma boca muito aberta, com presas de incisivos metálicos que pareciam afiados como navalhas. Pensou que devia haver um mecanismo qualquer que a fechava em ocasiões de emergência, criando uma barreira intransponível.

Olhou para Gildas, que se encostava à carroça, esgotado. O velho estava dorido e tinha o lábio inchado da pancada que recebera.

— Deve haver aqui alguns dos teus — disse Finn.

O Sapiente coçou a cara com as mãos amarradas e respondeu secamente:

— Se há, não impõem muito respeito.

Finn franziu a testa. A culpa era toda de Keiro. A primeira coisa que os homens-grua tinham feito depois de os tirar de baixo da rede fora revistar a sacola de Gildas. Tinham despejado no chão os pós e unguentos, as penas cuidadosamente embrulhadas, o livro de *As Canções de Sapphique* que ele transportava sempre consigo. Nada daquilo lhes interessara. Mas quando encontraram os embrulhos de carne, olharam um para o outro. Um deles, um sujeito escanzelado, rodara sobre as andas e olhara para eles:

— São então vocês os ladrões — dissera agressivo.

— Ouve, amigo — respondera Gildas, sombriamente não fazíamos ideia

de que a ovelha era vossa. Toda a gente precisa de comer. Eu pago-lhes, com os meus conhecimentos. Sou um Sapiente de algum saber.

— Oh, vais pagar, sim, velho. — O olhar do homem fora tranquilo. Voltara-se para os companheiros; pareciam todos divertidos. — Com as mãos, diria eu, quando os Juízes virem isto.

Finn fora amarrado com tanta força que as cordas lhe rasgavam a pele. Arrastado para o exterior, vira uma pequena carroça e um burro; o homem-grua saltara para dentro dela, deslizando habilmente para fora das estranhas armações de metal.

Amarrado à traseira da carroça, Finn avançara aos tropeções, ao lado do velho, pela estrada que levava à Cidade. Olhara duas vezes para trás, na esperança de ver Keiro, ou talvez Attia, só um relance, um rápido aceno, mas a floresta estava agora distante, um longínquo brilho de cores impossíveis, e a estrada corria a direito como uma seta pela longa encosta metálica, o chão de ambos os lados eriçado de aguçadas estacas metálicas e rasgado por fundas valas.

Espantado com tais defesas, murmurou.

— De que têm eles tanto medo?

Gildas carregou o sobrolho.

— De um ataque, obviamente. Estão ansiosos por chegar antes de Luzes-Apagadas.

Mais do que ansiosos. Quase todas as grandes multidões que tinham visto antes estavam já no interior das muralhas; enquanto se apressavam em direção à grande porta, soara uma buzina na cidadela, e os homens-grua tinham chicoteado o burro para o fazer andar mais depressa, de modo que Gildas, que já mal aguentava o ritmo, quase caíra.

Agora a salvo no interior, Finn ouviu a ponte levadiça a subir e o retinir de correntes. Teriam Keiro e Attia chegado também até ali? Ou estariam algures na floresta? Sabia que os homens-grua teriam encontrado a Chave se ele a tivesse conservado, mas imaginá-la nas mãos de Keiro, que talvez pudesse até falar com Claudia através dela, punha-o nervoso. E havia outra coisa que o preocupava, mas não queria pensar nisso. Pelo menos por enquanto.

— Anda. — O chefe do grupo puxou por ele, obrigando-o a pôr-se de pé.
— Temos de fazer isto esta noite. Antes do Festival.

Enquanto percorria as ruas, Finn pensou que nunca vira um tal formigueiro de gente. Os caminhos e passagens estavam enfeitados com pequenas lanternas; quando as luzes da Prisão se apagaram, o mundo transformou-se imediatamente numa malha de minúsculas e tremeluzentes centelhas prateadas, belas e brilhantes. Havia milhares de reclusos, a montar tendas, a negociar em enormes bazares, à procura de abrigo, a levar ovelhas e cibercavalos para currais e praças. Viu mendigos sem mãos, cegos, pessoas sem lábios e sem orelhas. Viu pessoas desfiguradas por doenças que o faziam inspirar fundo e voltar a cabeça. Mas não viu meios-homens. Também ali, aparentemente, essa abominação restringia-se aos animais.

O barulho dos cascos no chão de metal era ensurdecedor; ao fedor a esterco, a suor e a palha esmagada misturava-se aqui e ali o doce aroma do sândalo ou de limões. Havia cães a correr por todo o lado, a tentar meter o focinho nos sacos de comida e a farejar os esgotos, e atrás deles, descaradas, as pequenas ratazanas de escamas de cobre que se reproduziam a grande velocidade enfiavam-se pelas frestas e pelas portas abertas, os olhos vermelhos a brilhar.

E viu imagens de Sapphique em cada esquina, por cima de portas e de janelas, um Sapphique que estendia a mão direita para mostrar o dedo que faltava e segurava na esquerda aquilo que reconheceu, com um choque, ser uma Chave de cristal.

— Estás a ver?

— Estou a ver. — Gildas sentou-se, ofegante, num portal, enquanto os seus captosres se afastavam pelo meio da multidão. — Trata-se obviamente de uma qualquer espécie de festa, talvez em honra de Sapphique.

— Os tais Juízes...

— Deixa-me ser eu a falar. — Gildas endireitou-se, tentou compor a roupa. — Não digas uma palavra. Quando souberem quem eu sou, seremos libertados e toda esta confusão ficará resolvida. Um Sapiante será ouvido.

Finn franziu o sobrolho.

— Espero que sim.

— Que mais viste, lá na casa em ruínas? Que mais disse Sapphique?

— Nada. — Esgotara as mentiras, e doíam-lhe os braços de os ter amarrados à frente do corpo. O medo insinuava-se-lhe na mente, deixando-o gelado.

— Não que voltemos alguma vez a ver a Chave — continuou Gildas, com azedume. — Nem esse mentiroso do Keiro.

— Eu confio nele — disse Finn, entre dentes.

— Porque és um tolo.

Os homens voltaram. Puxaram os prisioneiros para um lado, obrigaram-nos a passar por baixo de um arco e subir uma escada larga e mal iluminada que curvava para a esquerda. No alto, esperava-os uma grande porta de madeira. À luz das duas lanternas que a guardavam, Finn viu o enorme olho que fora profundamente gravado na madeira preta; o olho olhava-o com uma tal fixidez que por um instante pensou que estava vivo, que o observava, que era o Olho de Incarceron que o estudara com curiosidade toda a sua vida.

Então o homem-grua bateu na madeira e a porta abriu-se. Finn e Gildas foram levados para dentro, ladeados por dois homens.

A sala, se era uma sala, estava completamente às escuras.

Finn deteve-se instantaneamente. Respirou com dificuldade, a ouvir ecos, um estranho restolhar. Os sentidos avisaram-no de um grande vazio à sua frente, ou talvez ao lado; tinha medo de dar mais um passo e mergulhar num qualquer abismo desconhecido. Uma débil recordação agitou-se-lhe no fundo da mente, um sussurro de um lugar sem luz, sem ar. Endireitou as costas. Tinha de se manter alerta.

Os homens afastaram-se, e ele sentiu-se isolado, sem ver nada, sem tocar em ninguém.

Então, não muito longe à sua frente, uma voz disse:

— *Aqui somos todos criminosos. Não é verdade?*

Foi uma pergunta baixa, calma, modulada. Não sabia se a voz pertencia a um homem ou a uma mulher.

— Não — respondeu Gildas imediatamente. — Eu não sou um criminoso, e os meus antepassados não eram criminosos. Sou Gildas Sapiens,

filho de Amos, filho de Gildas, que entrou em Incarceron no Dia do Encerramento.

Silêncio. Então:

— Pensava que já não restava nenhum.

A mesma voz. Ou seria? Vinha agora ligeiramente da esquerda; Finn olhou naquela direção, mas não viu nada.

— Nem eu nem o rapaz roubámos o que quer que fosse — continuou Gildas, secamente. — Foi outro dos nossos companheiros que matou o animal. Foi um erro, mas...

— Não fales.

Finn arquejou. A terceira voz, idêntica às duas primeiras, viera da direita. Deviam ser três.

Gildas inspirou fundo, irritado. Até o seu silêncio era zangado.

A voz do meio disse, pesadamente:

— Aqui somos todos criminosos. Somos todos culpados. Até Sapphique, que Fugiu, teve de pagar a dívida a Incarceron. Também vocês pagarão a dívida na vossa carne e com o vosso sangue. Os dois.

Talvez a luz estivesse a aumentar, ou talvez os olhos de Finn estivessem a adaptar-se à escuridão. Porque conseguia agora distinguir três sombras sentadas à sua frente. Envergavam vestes negras que lhes cobriam todo o corpo e usavam estranhos toucados negros que, apercebeu-se repentinamente, eram perucas. Perucas de cabelos lisos e negros como as asas dos corvos. O efeito era grotesco porque as figuras eram idosas. Nunca tinha visto mulheres tão velhas.

De pele seca e sulcada de rugas, e olhos de um branco leitoso. Tinham as três a cabeça inclinada; quando mexeu os pés, inquieto, viu como voltavam os rostos para seguir o som, e percebeu que eram cegas.

— Por favor... — murmurou.

— Não há apelo. É esta a sentença.

Finn voltou-se para Gildas. O Sapiente estava a olhar para os objetos depositos aos pés das mulheres. Nos degraus à frente da primeira havia uma tosca roca de madeira da qual partia um fio, um belo fio prateado. O fio

enrolava-se e amontoava-se à volta dos pés da segunda, como se ela nunca se levantasse do banco onde estava sentada, e nas suas meadas estava escondida uma vara de medir. O fio, agora sujo e esfiapado, passava por baixo da cadeira da terceira mulher, à qual estava encostada uma afiada tesoura de tosquiar.

Gildas parecia petrificado.

— Já ouvi falar a vosso respeito — murmurou.

— Então saberás que somos as Três Sem Misericórdia, as Implacáveis. A nossa justiça é cega e lida apenas com factos. Roubaram a estes homens, foram apresentadas provas. — A velha do meio inclinou a cabeça. — Concordam, minhas irmãs?

De ambos os lados, vozes idênticas responderam:

— Concordamos.

— Nesse caso, que seja aplicado o castigo aos ladrões.

Os homens avançaram, agarraram Gildas e Obrigaram-no a ajoelhar-se. Na sombra, Finn viu os contornos de um cepo de madeira; os braços do velho foram puxados para baixo e seguros pelos pulsos.

— Não! — gritou ele. — Ouçam...

— Não fomos nós! — Finn tentou lutar. — Isto é errado.

Os três rostos idênticos pareciam surdos, além de cegos. A do meio ergueu um dedo; a lâmina de uma faca brilhou no escuro.

— Sou um Sapiente da Academia. — A voz de Gildas saiu-lhe estrídula de terror. Gotas de suor perlavam-lhe a testa. — Não serei tratado como um ladrão. Não têm o direito...

Estava firmemente seguro; um homem a agarrá-lo por trás, outro a prender-lhe os pulsos amarrados. A lâmina da faca foi erguida.

— Cala-te, velho louco — rosnou um deles.

— Podemos pagar. Temos dinheiro. Eu sei curar doenças. O rapaz... o rapaz é um vidente. Fala com Sapphique. *Viu as estrelas!*

Aquilo saiu como um grito de desespero. No mesmo instante, o homem que empunhava a faca deteve-se; os seus olhos voltaram-se para as velhas.

— As estrelas? — disseram elas em uníssono.

As palavras foram um murmúrio em uníssono, um sussurro de espanto. Gildas, que respirava pesadamente, viu a sua oportunidade.

— As estrelas, Mulheres Sábias. As luzes de que Sapphique fala. Perguntem-lhe! Ele é um nascido-na-cela, um filho de Incarceron.

Estavam agora silenciosas, os rostos cegos voltados para Finn. A do meio estendeu a mão, a chamar, e o homem-grua empurrou-o para a frente até que ela lhe tocou no braço e o agarrou. Finn ficou muito quieto. As mãos da velha eram ossudas e secas, as unhas compridas e partidas. Tatearam-lhe os braços, o peito, subiram até à cara. Ele queria libertar-se, estremecer, mas manteve-se imóvel enquanto os dedos frios e ásperos lhe tocavam na testa e nos olhos.

As outras mulheres estavam atentas, como se uma sentisse por todas. Então, com as mãos no peito de Finn, a do meio disse:

— Sinto o coração dele. Bate ousadamente, carne da Prisão. Sinto o vazio dentro dele, os céus rasgados da sua mente.

— Sentimos a dor.

— Sentimos a perda.

— É meu servidor. — Gildas endireitou-se e pôs-se apressadamente de pé. — Serve-me a mim, e só a mim. Mas eu ofereço-vo-lo, irmãs, como reparação pelo nosso crime. Uma troca justa.

Finn olhou para ele, espantado.

— Não! Não podes fazer isso!

Gildas voltou-se. Era uma forma pequena e encolhida na escuridão, mas os seus olhos eram duros e brilhavam de uma súbita e astuta inspiração, a respiração entrecortada. Olhou significativamente para o anel no dedo de Finn.

— Não tenho alternativa.

As três velhas voltaram-se umas para as outras. Não falaram, mas um qualquer conhecimento pareceu passar entre as três. Uma delas soltou uma gargalhada que fez Finn transpirar e o homem que estava atrás dele murmurar, aterrorizado.

— Fazemos?

— Devemos?

— Podemos?

— Aceitamos — disseram em coro.

Então, a velha da direita inclinou-se e pegou na roca. Os seus dedos gretados fizeram-na girar; pegou no fio e puxou-o entre o polegar e o indicador.

— Ele será o Escolhido. Ele será o Tributo.

Finn engoliu em seco. Sentiu-se fraco, as costas empapadas em suores frios.

— Que tributo?

A segunda irmã mediu o fio, um pequeno pedaço. A terceira pegou na tesoura. Com gestos cuidadosos, cortou o fio, que caiu silenciosamente no pó.

— O Tributo que devemos à Fera — sussurrou.

Keiro e Attia chegaram à Cidade pouco antes de Luzes-Apagadas, depois de terem percorrido a última légua na caixa de uma grande carroça cujo condutor nem sequer se apercebeu da sua presença. Antes de passarem a grande porta, saltaram para o chão.

— E agora? — sussurrou ela.

— Entramos. É o que toda a gente está a fazer.

Afastou-se. Ela lançou-lhe um olhar furioso e correu atrás dele.

Havia uma porta mais pequena e, à esquerda, uma estreita fresta na muralha. Attia perguntou a si mesma para que serviria; reparou então que os guardas estavam a obrigar toda a gente a passar por ela.

Olhou para trás. A estrada estava deserta. Lá ao longe na planície silenciosa, as defesas esperavam; muito alto, o que poderia ser uma ave descrevia círculos como uma centelha de prata entre a névoa.

Keiro empurrou-a.

— Tu primeiro — disse.

Quando se aproximaram, o guarda examinou-os com um olhar experiente e fez um gesto com a cabeça na direção da fresta. Attia avançou. Era uma passagem escura e malcheirosa, e emergiu dela para as ruas empedradas da Cidade.

Keiro deu um passo para a seguir.

No mesmo instante, soou um alarme. Keiro voltou-se. Uma nota baixa, urgente, que brotava da parede. Incarceron abriu um Olho e olhou.

O guarda, que estava a trancar a porta pequena, parou. Voltou-se, puxando da espada.

— Não pareces...

Keiro fê-lo dobrar-se ao meio com um murro no estômago; outro murro atirou-o contra a muralha. O homem caiu num monte, sem sentidos. Keiro inspirou fundo e então correu para o painel e desligou o alarme. Quando se voltou, Attia estava a olhar para ele.

— Porquê tu? Porque não eu?

— O que é que isso interessa? — Keiro passou rapidamente por ela. — Talvez tenha detetado a Chave.

Attia ficou a olhar para as costas dele, para o rico gibão e para o cabelo que puxava tão despreocupadamente para trás. Em voz muito baixa, para não ser ouvida, disse:

— Então porque é que estás tão assustado?

A carruagem inclinou-se quando ele subiu, e Claudia suspirou de alívio.

— Pensei que nunca mais vinhas.

Desviou a cabeça da janela, e as palavras morreram-lhe nos lábios.

— Estou comovido — disse o pai, secamente.

Descalçou uma luva e sacudiu o pó do assento. Então pousou a seu lado a bengala e um livro e gritou ao cocheiro:

— Segue.

A carruagem rangeu quando o chicote estalou e os cavalos arrancaram.

Num momento de tilintar de arreios enquanto o coche dava a volta no pátio da estalagem, Claudia tentou impedir-se de cair na armadilha dele. Mas a ansiedade foi mais forte.

— Onde está o Jared? Pensei...

— Pedi-lhe que viajasse com a Alys no terceiro coche, esta manhã. Senti que precisávamos de falar.

Era um insulto, claro, embora Jared não se importasse e Alys ficasse encantada por o ter só para si. Mas tratar um Sapiente como um criado... Estava rígida de fúria.

O pai observou-a por um instante, e então olhou pela janela, e Claudia notou que ele permitira que lhe pusessem a barba um pouco mais grisalha, o que tornava o seu ar de grave distinção mais forte do que nunca.

— Claudia — disse ele —, há uns dias perguntaste-me pela tua mãe.

Não teria ficado mais espantada se ele lhe tivesse batido. Então, instantaneamente, ficou alerta. Era típico dele tomar a iniciativa, dar a volta ao jogo, atacar. Na corte, era um xadrezista exímio. Ela era um peão no tabuleiro, um peão de que ele fazia uma rainha, custasse o que custasse.

Lá fora, uma suave chuva de verão molhava os campos. O ar tinha uma fragrância doce e fresca.

— Sim, perguntei — disse.

Ele olhou para a paisagem, os dedos a brincarem com as luvas pretas.

— É muito difícil para mim falar dela, mas hoje, nesta viagem a caminho daquilo por que sempre trabalhei, talvez tenha chegado o momento.

Claudia mordeu o lábio.

Tudo o que sentia era medo. E por um momento, apenas um ínfimo fragmento de tempo, sentiu algo que nunca sentira em relação ao pai — pena.

Capítulo 18

Pagámos o tributo mais importante e o melhor, e agora aguardamos o resultado. Ainda que demore séculos, não esqueceremos. Como lobos, continuamos a montar guarda. Se for preciso vingarmo-nos, vingar-nos-emos.

Os Lobos de Aço

— Casei-me na meia-idade. — John Arlex via a pesada folhagem de verão lançar sombras no interior do coche por entre lampejos de luz. — Era um homem rico... a nossa família sempre pertenceu à corte... e desde muito novo que tinha o cargo de governador. Uma grande responsabilidade, Claudia. Não fazes ideia de quão grande.

Deixou escapar um breve suspiro.

O coche saltava nas pedras. Claudia sentiu, no bolso da capa de viagem, a Chave de cristal bater-lhe no joelho e recordou o medo que vira no rosto faminto de Finn. Seriam todos assim, os Prisioneiros que o pai vigiava?

— A Helena era uma mulher bonita e elegante. Não foi um casamento de conveniência, resultou de um encontro fortuito num baile de inverno na corte. Ela era uma dama de companhia da falecida rainha, a mãe do Giles, uma órfã, a última da sua linhagem.

Fez uma pausa, como se quisesse que Claudia dissesse qualquer coisa, mas ela não disse. Sentia que se falasse quebraria o feitiço, que ele poderia calar-se. O pai não olhou para ela. Disse, muito baixo:

— Estava muito apaixonado por ela.

Claudia apertava as mãos com força. Relaxou-as.

— Casámos na corte, depois de um curto namoro. Um casamento discreto, nada como o teu vai ser, mas houve um banquete, depois, e a Helena sentou-se à cabeceira da minha mesa e riu-se. Era muito parecida contigo, Claudia, apenas um pouco mais baixa. Tinha uns cabelos louros e macios, Usava sempre uma fita de veludo preto ao pescoço, e um medalhão com os nossos retratos.

Alisou distraidamente o tecido das calças sobre o joelho.

— Não tenho palavras para descrever a felicidade que senti quando ela me disse que estava grávida. Talvez pensasse que o tempo já tinha passado, que nunca teria um herdeiro. Que o cuidado de Incarceron sairia da família, que a linhagem dos Arlexi morreria comigo. Seja como for, passei a ter ainda mais cuidados com ela. A tua mãe era forte, mas havia que observar as imposições do Protocolo. — Ergueu os olhos. — Tivemos tão pouco tempo.

Claudia inspirou fundo.

— Ela morreu.

— Quando a criança nasceu. — Ele desviou o olhar para a janela. As sombras das folhas perpassavam-lhe pelo rosto. — Tínhamos uma parteira e um dos Sipienti mais famosos a cuidar dela, mas não foi possível salvá-la.

Claudia não fazia ideia do que dizer. Nada a preparara para aquilo. Nunca o pai lhe falara daquela maneira. Tinha voltado a entrelaçar os dedos com força.

— Nunca a vi, então — disse.

— Nunca. — Os olhos escuros voltaram-se para ela. — E, depois, não suportava ver a imagem dela. Havia um retrato, mas eu mandei que o fechassem à chave. Agora resta só isto.

Tirou de dentro da camisa um pequeno medalhão de ouro, passou a fita negra por cima da cabeça e estendeu-lho. Por um instante, Claudia quase teve medo de lhe pegar; quando o fez, sentiu o calor do corpo dele.

— Abre-o — disse o pai.

Claudia abriu o minúsculo fecho. Dentro do medalhão, voltadas uma para a outra em molduras ovais, havia duas miniaturas delicadamente pintadas. No lado direito, o pai, mais novo mas com o mesmo ar grave, o cabelo de um rico castanho-escuro, e do lado oposto, envergando um decotado vestido de seda escarlata, uma mulher com um rosto doce e delicado, a sorrir, a segurar uma pequena flor junto aos lábios.

A mãe dela.

Os dedos tremeram-lhe; ao erguer os olhos para ver se ele reparara, descobriu que o pai estava a observá-la.

— Vou mandar fazer uma cópia para ti, quando chegarmos à corte — disse ele, gravemente. — Mestre Alan, o pintor, é um excelente artesão.

Claudia queria que ele fraquejasse, que gritasse. Queria que se zangasse, que se mostrasse devastado pelo desgosto, que fizesse qualquer coisa a que ela pudesse reagir. Mas havia apenas aquela grave calma.

Soube que ele tinha vencido aquela partida do jogo. Silenciosamente, devolveu-lhe o medalhão.

Ele guardou-o no bolso.

Nenhum dos dois falou durante algum tempo. A carruagem corria pela estrada; passaram por uma aldeia de cabanas meio arruinadas e por um lago de onde os gansos se assustaram e levantaram voo, batendo as asas brancas. Então começaram a subir uma colina e entraram na sombra verde de um bosque.

Claudia estava cheia de calor e pouco à vontade. Uma vespa entrou pela janela aberta; enxotou-a e limpou as mãos e a cara com um pequeno lenço, notando como o pó castanho da estrada ficava agarrado ao linho branco.

Finalmente, disse:

— Estou contente por me ter contado. Porquê agora?

— Não sou um homem expansivo, Claudia. Só agora me senti pronto para falar do assunto. — A voz dele soou grave e rouca. — Este casamento vai ser o ponto mais alto da minha vida. E da tua mãe também, se estivesse viva. Devemos pensar nela, em como se sentiria orgulhosa e feliz. — Ergueu os olhos, e eram cinzentos e duros como o aço. — Não podemos permitir que nada estrague isto, Claudia. Nada pode atravessar-se no caminho do nosso êxito.

Ela sustentou-lhe o olhar; ele sorriu lentamente.

— Muito bem — disse. — Tenho a certeza de que preferes a companhia do Jared à minha.

Houve nas palavras dele um tom cortante que não lhe passou despercebido. O governador pegou na bengala e bateu no tejadilho da carruagem; lá fora, o cocheiro lançou um grito grave e baixo e obrigou os cavalos a uma paragem turbulenta, que os fez resfolegar e bater com os cascos na terra. Quando se imobilizaram, o governador inclinou-se para a frente e abriu a

porta. Apeou-se e espreguiçou-se.

— Que belo rio. Olha, minha querida.

Claudia apeou-se também.

Um grande rio corria abaixo deles, a brilhar ao sol do verão. Atravessava férteis terras agrícolas, os campos dourados de aveia madura, e Claudia viu as nuvens de borboletas que se erguiam dos prados floridos ao lado da estrada. O sol queimava-lhe os braços; ergueu o rosto para o céu, agradecida, fechando os olhos e vendo apenas um calor vermelho, cheirando o pó e o aroma pungente do milefólio esmagado na sebe.

Quando voltou a abri-los, o pai afastava-se, caminhando em direção aos outros coches, fazendo balouçar a bengala e dirigindo uma palavra amável a Lorde Evian, que se apeara e limpava o suor do rosto vermelho.

E o Reino estendeu-se diante dela até à distante névoa de calor no horizonte, e ela desejou por um segundo poder correr para a sua quietude estival, fugir para a paz da terra vazia. Para um sítio onde não houvesse mais ninguém.

Um sítio onde pudesse ser livre.

Um movimento junto ao seu braço. Lorde Evian estava ali, a beber delicadamente de um pequeno cantil de vinho.

— Muito bonito — disse. Apontou um dedo roliço. — Está a ver?

Claudia viu um brilho a quilómetros de distância, nas longínquas colinas. Uma cintilação branca, como o reflexo de um diamante. E soube que era a luz do sol nos telhados do grande Pátio de Vidro.

Keiro devorou o último pedaço de carne e recostou-se para trás, saciado. Bebeu os restos de cerveja e procurou alguém que voltasse a encher-lhe a caneca.

Attia continuava sentada junto à porta; ignorou-a. A taberna estava cheia; teve de chamar duas vezes para conseguir atrair a atenção de alguém. Finalmente, a taberneira aproximou-se com um jarro e, enquanto o servia, perguntou:

— E a tua amiga? Não come?

— Não é minha amiga.

— Entrou atrás de ti.

Ele encolheu os ombros.

— Como é que eu posso impedir as raparigas de me seguirem? Quer dizer, olha para mim.

A mulher riu-se e abanou a cabeça.

— Muito bem, bonitão. Paga.

Keiro contou algumas moedas, bebeu a cerveja, pôs-se de pé e espreguiçou-se. Sentia-se melhor depois de se lavar, e o gibão vermelho-fogo sempre lhe ficara bem. Caminhando por entre as mesas, ignorou Attia quando ela se levantou para o seguir, e já ia a meio do beco escuro quando a voz dela o fez parar.

— Quando é que vamos procurá-los?

Ele não se voltou.

— Sabe Deus o que estará a acontecer-lhes. Tu prometeste...

Keiro rodou sobre os calcanhares.

— Porque é que não desapareces?

A rapariga enfrentou-lhe o olhar. Era uma coisinha tímida, pensou ele, mas aquela já era a segunda vez que o confrontava, e começava a tornar-se aborrecido.

— Não vou a parte nenhuma — disse ela, calmamente.

Keiro sorriu.

— Achas que vou abandoná-los, não achas?

— Acho.

A franqueza dela desconcertou-o. E irritou-o. Deu meia-volta e afastou-se, mas ela seguiu-o como uma sombra. Como um cão.

— Acho que é o que queres, mas eu não vou deixar. E não te vou deixar ficar com a Chave.

Keiro disse a si mesmo que não ia responder, mas as palavras acabaram

por sair.

— Não fazes a mínima ideia do que eu vou fazer. Eu e o Finn somos irmãos-de-juramento. Isso significa tudo. E eu cumpro sempre a minha palavra.

— Cumpres? — A voz dela transformou-se numa trocista imitação da de Jormanric: — *Não cumpro a minha palavra desde que tinha dez anos e esfaqueei o meu irmão.* É assim que funciona, Keiro? É assim que o Comitatus continua conosco, dentro de ti?

Keiro voltou-se, mas ela estava pronta para ele. Saltou, arranhando-lhe a cara, pontapeando-o e empurrando-o, fazendo-o recuar aos tropeções até chocar contra uma parede. A Chave caiu, bateu nas pedras sujas; tentaram ambos apanhá-la, mas ela foi mais rápida.

Keiro silvou de fúria. Agarrou-a pelos cabelos, puxou-lhe selvaticamente a cabeça para trás.

— Dá-ma!

Ela gritou e debateu-se.

— Larga-a!

Puxou com mais força. Com um uivo de dor, Attia atirou a chave para a escuridão; no mesmo instante, Keiro largou-a e correu para a apanhar, mas mal lhe pegou voltou a deixá-la cair com um grito.

Ficou caída no chão, com pequenas luzes azuis a moverem-se pelo interior.

De repente, com um silêncio alarmante, formou-se um campo visual à sua volta. Viram uma rapariga sumptuosamente vestida, de costas para uma árvore, iluminada por uma gloriosa radiância de luz. Estava a olhar para eles. Quando falou, a voz dela soou carregada de suspeita.

— Onde está o Finn? Quem diabo são vocês?

Tinham-lhe dado uma refeição de bolos de mel, umas sementes estranhas e uma bebida quente que borbulhava ligeiramente, mas ele não quisera prová-la, com medo de que estivesse drogada. Fosse o que fosse aquilo em que se ia

meter, queria ter as ideias claras.

Também lhe tinham dado roupas e água para se lavar. Estavam dois homens-grua de guarda à porta do quarto, do lado de fora, encostados à parede.

Dirigiu-se à janela. Era uma grande queda. Lá em baixo havia uma rua estreita, cheia, mesmo àquela hora, de pessoas que mendigavam, vendiam e montavam acampamentos improvisados, que dormiam debaixo de sacos, deixando os animais vaguearem por onde quisessem. O barulho era horrível.

Apoiou as mãos no peitoril, inclinou-se e olhou para os telhados. Eram essencialmente de palha, com algum metal aqui e ali. Nunca conseguiria trepar para cima deles. A casa inclinava-se, como se fosse ruir. Por um instante, perguntou-se se não seria preferível partir o pescoço a ter de enfrentar uma qualquer criatura inominável, mas ainda havia tempo. As coisas podiam mudar.

Afastou-se da janela e sentou-se no banco, a tentar pensar. Onde estava Keiro? Que andaria a fazer? Que plano tinha? Keiro era obstinado e selvagem, mas sabia fazer planos. A emboscada aos Cívicos fora ideia dele. Havia de arranjar qualquer coisa boa. Finn já tinha saudades da sua impetuosidade, da convicção inabalável de que estava sempre certo.

A porta abriu-se e Gildas entrou.

— Tu! — Finn levantou-se de um salto. — Tens o descaramento...

O Sapiente ergueu ambas as mãos.

— Estás zangado. Finn, não tinha alternativa. Viste o que nos teria acontecido. — Com uma expressão sombria, foi sentar-se pesadamente no banco. — Além disso, vou contigo.

— Eles disseram que era só eu.

— Algumas moedas de prata conseguem muito — resmungou Gildas. — A maior parte das pessoas tenta pagar para *não* ser levada para a Caverna, e não o contrário.

Só havia um banco no quarto. Finn sentou-se na palha que cobria o chão e abraçou os joelhos.

— Pensei que estava sozinho — disse, em voz baixa.

— Pois não estás. Não sou o Keiro, e não vou abandonar o meu vidente.
Finn franziu a testa. E então perguntou:

— Abandonar-me-ias se eu não visse nada?

Gildas esfregou as mãos, fazendo um som seco.

— Claro que não.

Ficaram silenciosos por um momento, a ouvir a babel que vinha da rua.
Então Finn pediu:

— Fala-me da Caverna.

— Pensei que conhecias a história. Sapphique chegou à Cidadela dos Juízes, que deve ser onde estamos agora. Descobriu que as pessoas daqui pagam todos os meses um tributo a uma criatura que só conhecem pelo nome de A Fera. O tributo é um rapaz ou uma rapariga da cidade. Vão até uma gruta na encosta da montanha. Nunca nenhum deles voltou. — Gildas coçou a barba. — Sapphique apresentou-se aos Juízes e ofereceu-se para substituir a rapariga que ia ser sacrificada. Dizem que ela chorou, caída a seus pés. Quando ele saiu das muralhas, todos os habitantes da cidade foram vê-lo afastar-se. Entrou na Caverna sozinho, sem armas.

— E? — disse Finn.

Gildas fez uma pausa. Quando recomeçou, a sua voz foi mais baixa:

— Durante três dias, nada aconteceu. Então, no quarto dia, correu a notícia de que o forasteiro tinha saído da Caverna. As pessoas subiram às muralhas, abriram os portões. Sapphique avançou lentamente pela estrada. Ao chegar diante dos portões, ergueu a mão direita, e todos viram que lhe faltava o dedo indicador, e que a mão pingava sangue para o pó. E ele disse: *«A dívida não foi paga. Não há o suficiente de mim para pagar a dívida. O que vive na Caverna é uma fome que nunca poderá ser saciada. Um vazio que nunca poderá ser preenchido.»* Então voltou costas e afastou-se, e as pessoas deixaram-no ir. Mas a rapariga, aquela cuja vida ele tinha salvado, correu atrás dele e viajou com ele durante algum tempo. Foi a primeira dos seus Seguidores.

— Que... — começou Finn a dizer, mas a porta abriu-se com estrondo antes que pudesse acabar. Os homens-grua fizeram sinal a Gildas.

— Fora. O rapaz precisa de dormir. Partimos a Luzes-Acesas.

Gildas saiu, lançando-lhe um rápido olhar. Um dos homens-grua atirou algumas mantas para dentro do quarto. Finn pegou nelas e foi sentar-se contra a parede, a ouvir as vozes, as cantigas e os cães a ladrar na rua.

Tinha frio e sentia-se completamente sozinho. Tentou pensar em Keiro, em Claudia, a rapariga que a Chave lhe mostrara. E Attia, iria esquecê-lo? Iriam todos abandoná-lo à sua sorte?

Deitou-se de lado, encolhido sobre si mesmo.

E então viu o Olho.

Era muito pequeno, quase junto ao teto, meio escondido pelas teias de aranha.

Olhava-o fixamente, e ele devolveu-lhe o olhar, e então sentou-se e enfrentou-o.

— Fala comigo — disse, a voz suave de raiva e desdém. — Tens demasiado medo para falar comigo? Se eu nasci de ti, então fala comigo. Diz-me o que fazer. Abre as portas.

O Olho era uma centelha encarnada, que não piscava.

— Sei que estás aí. Sei que me ouves. Sempre soube. Os outros esquecem-se, mas eu não. — Estava agora de pé; avançou alguns passos e esticou o braço, mas o Olho estava, como sempre, demasiado alto. — Falei-lhe de ti, da Maestra, a mulher que foi morta, que eu matei. Viste aquilo? Viste-a cair, apanhaste-a? Tem-la escondida algures, viva?

A voz tremia-lhe, tinha a boca seca; conhecia os sinais, mas estava demasiado furioso e demasiado assustado para parar.

— Hei de fugir de ti. Juro. Tem de haver um lugar para onde ir. Onde não possas ver-me. Onde não existas!

Estava a transpirar e sentia-se enjoado. Tinha de se sentar, de se deitar, de deixar a tontura passar por ele, a manta de retalhos de imagens, uma sala, uma mesa, um barco num lago escuro. Engasgou-se com elas, lutou contra elas, afogou-se nelas.

— Não — disse. — Não.

O Olho era uma estrela, uma estrela encarnada. Caiu-lhe lentamente na

boca aberta. E enquanto ardia dentro dele, falou no mais baixo dos murmúrios, como o sussurro do pó nos corredores desertos, o roçar das cinzas no coração do fogo.

Estou em todo o lado, sussurrou. Em todo o lado.

Capítulo 19

Por infindáveis corredores da culpa

Meu fio prateado de lágrimas correu em catadupa.

O osso do meu dedo a chave partida e dura

O meu sangue o óleo que amacia a fechadura.

Canções de Sapphique

Claudia olhou para a holoimagem, consternada.

— Preso como? Vocês estão todos na Prisão, não estão?

O rapaz sorriu, uma ligeira troça que já lhe desagradava. Estava sentado no passeio do que parecia ser um beco escuro, inclinado para trás, a examiná-la com um olhar avaliador.

— Estaremos? E tu onde estás, princesa?

Claudia franziu a testa. Estava na latrina da estalagem onde a comitiva tinha parado para o almoço. Uma divisão de pedra malcheirosa demasiado respeitadora do Protocolo para o seu gosto, mas não ia perder tempo a dar explicações.

— Ouve lá, como te chamas...

— Keiro.

— Muito bem, Keiro. É vital que eu fale com o Finn. E como foi que conseguiste a Chave? Roubaste-lha?

O rapaz tinha uns olhos muito azuis e cabelo louro e comprido. Era bem-parecido, e estava sem dúvida ciente disso. Disse:

— Eu e o Finn somos irmãos-de-juramento, jurados um ao outro. Ele deu-ma por uma questão de segurança.

— Então confia em ti?

— Claro.

— Pois eu não — disse outra voz.

Apareceu uma rapariga atrás dele; o rapaz lançou-lhe um olhar furioso e rosnou «És capaz de estar calada?», mas ela agachou-se a seu lado e falou rapidamente, dirigindo-se a Claudia:

— Sou a Attia. Penso que ele vai abandonar o Finn e o Sapiente e tentar fugir como Sapphique fez, e julgo que a Chave vai funcionar com ele. Não o permitas! O Finn morrerá.

— Espera — pediu Claudia, confusa com sucessão de nomes. — Mais devagar! Morrerá porquê?

— Parece que têm uma espécie de ritual, nesta Ala. O Finn tem de enfrentar a Fera. Podes fazer alguma coisa? Alguma magia das estrelas? Tens de nos ajudar!

A rapariga vestia as roupas mais imundas que Claudia alguma vez vira; o cabelo era escuro e parecia ter sido cortado à faca. Estava claramente muito preocupada.

— Como posso eu fazer seja o que for? — disse. — Têm de o safar!

— O que é te leva a pensar que podemos? — perguntou Keiro, calmamente.

— Não têm alternativa. — Um grito no pátio interior da estalagem fê-la olhar nervosamente em redor. — Porque eu só falo com o Finn.

— Gostas dele, não é? E quem és tu, afinal?

Ela fuzilou-o com o olhar.

— O governador de Incarceron é meu pai.

Keiro bufou desdenhosamente.

— Que governador?

— Ele... dirige a Prisão. — Sentiu frio. A troça dele gelou-a. Continuou, apressadamente: — Talvez eu consiga planos da Prisão, um mapa das passagens secretas, das portas e corredores que lhes mostrem a saída. Mas não lhes direi nada antes de ver o Finn.

Era uma mentira que teria feito Jared gemer, mas não tinha alternativa. Não confiava naquele Keiro; era demasiado arrogante, e a rapariga tinha um ar zangado e assustado.

Keiro encolheu os ombros.

— O que é que o Finn tem de especial?

Ela hesitou. E então disse:

— Acho... Acho que o reconheço. Está mais velho, diferente, mas há qualquer coisa nele, a voz... Se eu estiver certa, o verdadeiro nome dele é Giles e é filho da... de uma pessoa muito importante daqui.

Não devia dizer demasiado, apenas o suficiente para o fazer agir.

Keiro estava a olhar, espantado.

— Estás a dizer-me que aquela conversa toda a respeito de vir do Exterior afinal é verdade? Aquela marca no pulso dele significa alguma coisa?

— Tenho de ir. Encontra-o.

Ele cruzou os braços.

— E se não puder?

— Nesse caso, podes esquecer a magia das estrelas. — Olhou para a rapariga, e os olhos de ambas encontraram-se por um fugaz instante. — E essa Chave será apenas um inútil pedaço de cristal. Mas se és irmão dele, há de querer salvá-lo.

Keiro assentiu.

— E quero. — Fez um gesto de cabeça na direção de Attia. — Esquece-a. É louca, não sabe nada. — A voz dele soou baixa, veemente. — Eu e o Finn somos irmãos-de-juramento. Protegemo-nos um ao outro, sempre.

Attia estava a olhar para ela, com uma expressão magoada. A dúvida encheu-lhe os olhos.

— O Finn é teu parente? — perguntou, em voz baixa. — Irmão? Primo? Claudia encolheu os ombros.

— Apenas um amigo. Um amigo, nada mais — disse, e desligou apressadamente o campo.

A Chave brilhava na escuridão fétida. Enfiou-a no bolso da saia e saiu dali a correr, desesperada por ar fresco. Alys esperava ansiosamente na passagem, enquanto os criados passavam por ela carregados de pratos e travessas.

— Ah, estás aí, Claudia! O conde Caspar anda à tua procura.

Mas Claudia já lhe ouvia a voz aguda e irritante, e, para seu desagrado, era com Jared que estava a falar, e com Lorde Evian, os três sentados em bancos ao sol, os cães da estalagem deitados aos pés deles, à espera.

Atravessou o pátio empedrado.

Evian levantou-se imediatamente e fez uma vénia elaborada; Jared chegou-se para o lado, sem uma palavra, para lhe dar espaço. E Caspar disse, num tom zangado:

— Estás sempre a evitar-me, Claudia!

— Claro que não. Porque havia de fazê-lo? — Sentou-se e sorriu. — Que agradável. Todos os meus amigos juntos.

Caspar franziu o sobrolho. Jared abanou ligeiramente a cabeça. Ao lado deles, Evian disfarçou um sorriso com o seu lenço de orla rendada. Claudia perguntou-se como conseguia ele estar ali tão calmamente sentado com o conde, um rapaz que planeava mandar assassinar. Mas de certeza que Lorde Evian afirmaria que não era nada de pessoal, apenas política, nada mais. O jogo, sempre.

Voltou-se para Jared.

— Quero que esta tarde viages comigo. Aborreço-me tanto! Podemos discutir *A História Natural do Reino*, do Menessier.

— Porque não eu? — Caspar atirou um pedaço de carne aos cães e ficou a vê-los lutar por ele. — Não sou aborrecido. — Os pequenos olhos voltaram-se para ela. — Pois não?

Era um desafio.

— Com certeza que não, Vossa Graça. — Sorriu amavelmente. — E, claro, adoraria que se nos juntasse. Menessier tem algumas passagens excelentes a respeito da fauna das florestas de coníferas.

Ele olhou para ela, irritado.

— Claudia, não me venhas com esses ares de menina ingénua. Já te disse que não quero saber que fazes. Além disso, estou a par de tudo. O Fax contou-me o que aconteceu ontem à noite.

Claudia sentiu-se empalidecer, não foi capaz de olhar para Jared. Os cães

rosnavam e lutavam. Um deles roçou-lhe a saia, e ela bateu-lhe com o pé.

Caspar levantou-se com um ar presunçoso e triunfante. Usava um ostentoso colar de elos de ouro ao pescoço e um gibão de veludo preto, e afastou os cães ao pontapé até os fazer ganir. — Mas estou a avisar-te, Claudia, é melhor seres mais discreta. A minha mãe não é tão liberal como eu. Se descobrisse, ficava furiosa. — Sorriu a Jared. — O teu sábio tutor é bem capaz de descobrir que o seu estado de saúde pode piorar repentinamente.

Claudia ficou tão furiosa que esteve quase a levantar-se de um salto, mas o ligeiro toque de Jared manteve-a sentada. Ficaram a ver Caspar atravessar o pátio interior, evitando as poças e os montes de esterco para não sujar as botas.

Finalmente, Lorde Evian tirou do bolso a caixa de rapé.

— Céus — disse, num tom calmo. — Aquilo foi uma ameaça, não haja dúvida. Os olhos de Jared, escuros e perturbados, encontraram os de Claudia.

— O Fax? — perguntou.

Ela encolheu os ombros, exasperada consigo mesma.

— Viu-me sair do teu quarto, ontem à noite.

A consternação dele foi evidente.

— Claudia...

— Eu sei, eu sei. A culpa é toda minha.

Evian aspirou delicadamente uma pitada de rapé.

— Se me é permitido um comentário — disse —, foi um acontecimento extremamente infeliz.

— Não é o que está a pensar.

— Não duvido.

— Não. A sério. Pode parar de representar. Conte ao Jared a respeito... dos Lobos de Aço.

Evian olhou rapidamente em redor.

— Claudia, não em voz alta, por favor. — A voz dele tinha perdido o tom afetado. — Aprecio a sua confiança no seu tutor, mas...

— Claro que ela fez bem em contar-me. — Jared bateu com os compridos

dedos no tampo da mesa. — Porque o plano é, de uma ponta à outra, tolo, criminoso e vai quase de certeza ser traído. Como lhe passou sequer pela cabeça envolvê-la?

— Porque não podemos fazer nada sem a ajuda dela. — O tom de Evian foi calmo, mas uma fina película de suor brilhava-lhe na testa. — Tu melhor do que ninguém, Mestre Sapiante, sabes o que os férreos decretos dos Havaarna nos fizeram. Somos ricos, alguns de nós, vivemos bem, mas não somos livres. Estamos acorrentados de pés e mãos pelo Protocolo, escravizados a um mundo estático e vazio onde os homens e as mulheres não sabem ler, onde os progressos científicos de eras são uma coutada dos ricos, onde os artistas e os poetas estão condenados a infindáveis repetições e estéreis rearranjos de obras-primas do passado. Nada é novo. O novo não existe. Nada muda, nada cresce, evolui, se desenvolve. O tempo parou. O progresso é proibido.

Inclinou-se para a frente. Claudia nunca o tinha visto tão sério, tão despojado da sua falsa afetação, e o efeito gelou-a, como se estivesse na presença de um homem completamente diferente, mais velho, exausto e desesperado.

— *Estamos a morrer, Claudia.* Temos de arrombar esta cela onde nos emparedámos, escapar desta roda onde corremos sem chegar a parte nenhuma, como ratos. Consagrei a minha vida à tarefa de nos libertar. Se isso significar a morte, não me importo, porque até a morte será uma espécie de liberdade.

No silêncio que se seguiu, ouviram o grasnar das gralhas nos ramos das árvores. No pátio das cavalariças, os cavalos que estavam a ser selados batiam com os cascos nas pedras.

Claudia passou a língua pelos lábios secos.

— Não faça nada por enquanto — sussurrou. — É possível que tenha... informação para si. Mas ainda não.

Pôs-se rapidamente de pé. Não queria dizer mais, não queria sentir a angústia que ele rasgara nela como que com uma punhalada.

— Os cavalos estão prontos. Vamos.

As ruas estavam cheias de pessoas, todas silenciosas. Aquele silêncio aterrorizou Finn; era tão intenso, e a maneira esfomeada como olhavam para ele, as mulheres e as crianças desgrenhadas, os estropiados, os velhos e os soldados; olhares frios, curiosos, que não ousava enfrentar, de modo que olhou para o chão, para os pés, para o pó da estrada, para qualquer coisa menos para eles.

O único som que se ouvia nas ruas íngremes era o dos passos regulares dos seis guardas que o rodeavam, as botas com solas de ferro a bater nas pedras, e lá muito em cima, a descrever círculos como um mau presságio, uma grande ave solitária que lançava gritos lúgubres entre as nuvens e os ventos que ecoavam na abóbada de Incarceron.

Então alguém respondeu, uma única nota de lamento, e, como se aquilo fosse um sinal, a multidão inteira cantou baixo, numa estranha e suave canção, a sua dor e o seu medo. Tentou perceber as palavras, mas só lhe chegaram fragmentos... *o fio prateado que se partiu... infindáveis corredores de culpa e sonhos...* e, como um coro, a estranha frase repetida: *o osso do dedo dele a chave, o sangue dele o óleo que amacia a fechadura.*

Ao dobrar uma esquina, Finn olhou para trás.

Gildas seguia-o, sozinho. Os guardas ignoravam-no, mas ele caminhava com passos firmes, a cabeça erguida, e os olhos das pessoas examinavam, curiosos, a sua casaca verde de Sapiente. O ar do velho era sombrio e determinado; fez a Finn um ligeiro aceno de encorajamento.

Não havia sinais de Keiro, ou de Attia. Finn perscrutava desesperadamente a multidão. Saberiam do que lhe tinha acontecido? Estariam à espera fora da Caverna? Tinham falado com Claudia? A ansiedade atormentava-o, e não se permitia pensar naquilo que temia, que esperava na escuridão da sua mente como uma aranha, como o murmúrio trocista de Incarceron.

Que Keiro tivesse pegado na Chave e partido.

Abanou a cabeça. Nunca, nos três anos em que tinham sido companheiros no Comitatus, Keiro o traíra. Troçado dele, sim; rido dele, roubado, lutado com ele, discutido com ele. Mas sempre presente quando necessário. E no entanto agora descobria, com um súbito arrepio, como sabia pouco a respeito

do seu irmão-de-juramento, a respeito de onde viera. Keiro limitara-se a dizer que os pais tinham morrido. E ele nunca fizera perguntas. Sempre estivera demasiado absorto na sua dolorosa perda, nos lampejos de memória e nos ataques.

Devia ter perguntado.

Devia ter-se interessado.

Uma chuva de pequenas pétalas negras começou a cair sobre ele. Ergueu os olhos e viu as pessoas que as atiravam, lançando punhados que caíam nas pedras e formaram uma fragrante passadeira escura. E viu que as pétalas tinham uma qualidade peculiar, que quando tocavam umas nas outras se derretiam, e que a massa pegajosa que exsudava aqueles doces aromas corria pelas ruas e desaparecia nos bueiros.

Fê-lo sentir-se estranho. E, como se tivesse entrado num sonho, recordou a voz que ouvira na noite anterior.

Estou em todo o lado. Como se a Prisão lhe tivesse respondido. Olhou para cima quando passaram por baixo das fauces abertas do portão e viu um único Olho encarnado no topo do arco, a olhar para ele sem piscar.

— Consegues ver-me? — murmurou. — Falaste comigo.

Mas o portão tinha ficado para trás e eles estavam fora da Cidade.

A estrada seguia a direito e estava deserta, e a massa oleosa corria por ela; ouviu atrás de si os portões e as portas fecharem-se com estrondo, as trancas de madeira encaixarem nos suportes, as grades de ferro descerem. Ali fora, sob a abóbada, o mundo parecia vazio, a planície varrida por ventos gelados.

Os soldados empunharam com ambas as mãos os pesados machados que levavam ao ombro; o da frente tinha também um engenho a que estava ligado uma espécie de contentor, uma máquina lança-chamas, calculou Finn.

— Deixem o Sapiente alcançar-nos — disse.

Os homens abrandaram o passo, como se de prisioneiro ele se tivesse tornado o líder, e Gildas aproximou-se, ofegante e disse:

— O teu irmão não se mostrou.

— Há de aparecer.

Dizê-lo ajudava.

Caminhavam rapidamente, num grupo cerrado; de ambos os lados, o chão estava cheio de fossas e armadilhas; Finn viu dentes de ferro refulgir nas suas profundezas. Olhando por cima do ombro, ficou surpreendido ao ver como a Cidade estava já distante, as muralhas apinhadas de pessoas, que olhavam, gritavam e erguiam os filhos nos braços para que vissem também.

— É aqui que saímos da estrada — disse o capitão da guarda. — Tem cuidado, pisa apenas onde nós pisarmos e não penses sequer em fugir. O chão está minado de globos de fogo.

Finn não fazia ideia do que fossem globos de fogo, mas Gildas franziu a testa.

— A Fera deve ser verdadeiramente temível.

O homem olhou para ele.

— Nunca a vi, Mestre, e não tenciono ver.

Uma vez fora da estrada, o avanço tornou-se mais difícil. O chão de cobre parecia ter sido raspado e arranhado em longos sulcos; estava queimado em vários pontos, transformado numa quebradiça massa de carvão que se levantava em nuvens de pó quando a pisavam, ou quase vitrificado. Devia ter sido necessário um calor prodigioso para fazer aquilo, pensou Finn. E o ar estava empestado por um fedor acre. Seguiu os homens de perto, vendo onde punham os pés com nervosismo e atenção; quando fizeram uma pausa e ergueu os olhos, viu que estavam longe na planície, as luzes da Prisão tão altas que eram sóis brilhantes, projetando para trás as sombras dele e de Gildas.

Muito longe na abóbada com quilómetro e meio de altura, a ave continuava a voar em círculos. A dada altura gritou, e os guardas olharam para ela. O mais próximo murmurou:

— Anda à procura de carniça.

Finn começou a perguntar-se durante quanto mais tempo teriam de caminhar. Se não havia colinas nas proximidades, nem cristas, onde iriam eles encontrar uma gruta? Imaginara-a como uma escura abertura numa falésia metálica. Agora sentia-se dominado por uma nova apreensão, porque até a imaginação o traía.

— Alto — disse o comandante, erguendo a mão. — É aqui.

Não havia ali nada. Foi a primeira ideia de Finn. O alívio invadiu-o. Era tudo a fingir. Iam deixá-lo ir, agora, voltariam à Cidade e inventariam uma história qualquer a respeito de um monstro pavoroso para manter o povo sossegado.

Então, quando passou pelos guardas, viu a cova no chão.

E a Caverna.

— Prometeste-lhes mapas que não existem! — disse Jared. — Foi uma ideia louca, Claudia. As coisas estão a tornar-se demasiado perigosas para nós.

Claudia sabia que ele estava profundamente preocupado. Foi sentar-se no banco a seu lado.

— Eu sei, Mestre. Mas o que está em jogo é muito importante.

Ele ergueu a cabeça, e ela viu-lhe nos olhos que a dor tinha voltado.

— Claudia, diz-me que não estás a pensar seriamente naquela loucura do Evian. Não somos assassinos!

— Não estou. Se o meu plano resultar, não será preciso ir tão longe.

Mas não revelou o que estava a pensar; que se a rainha descobrisse, que se ele, Jared, corresse o menor perigo, mandá-los-ia matar a todos sem hesitação, incluindo o pai, para o salvar.

Talvez ele soubesse. Enquanto a carruagem saltava e balouçava, olhou pela janela e o seu rosto ensombrou-se, o cabelo negro a roçar a gola da casaca de Sapiente.

— Cá está a *nossa* prisão — disse, tristemente.

Claudia seguiu-lhe a direção do olhar e viu os pináculos e os telhados de vidro do Palácio, as torres e torreões enfeitados com bandeiras e pendões, ouviu todos os sinos repicarem a dar-lhe as boas-vindas, todos os pombos a voar, todos os canhões a disparar ribombantes salvas dos terraços que se erguiam a quilómetro e meio de altura no céu de um azul muito puro.

Capítulo 20

Pusemos nisto tudo o que restava. Agora é maior do que todos nós.

Relatório de projeto; Martor Sapiens

— Toma isto e isto.

O comandante dos guardas enfiou um pequeno saco de couro e uma espada nas mãos de Finn. O saco era tão leve que devia estar vazio.

— O que é que tem dentro? — perguntou, nervoso.

— Logo vês. — O homem recuou e olhou para Gildas. E então disse: — Porque não foges, Mestre? Para quê desperdiçar a tua vida?

— A minha vida pertence a Sapphique — respondeu o velho. — A sorte dele é a minha.

O comandante abanou a cabeça.

— Como queiras. Mas nunca ninguém voltou. — Fez um gesto de cabeça na direção da boca da Caverna. — Aí está.

Houve um momento de silêncio tenso. Os guardas agarravam os machados com força; Finn sabia que aquele era o momento em que esperavam que ele fizesse uma tentativa de fuga, agora que tinha uma espada na mão e enfrentava terrores desconhecidos. Quantos dos levados como tributo tinham gritado e lutado movidos pelo pânico naquele lugar?

Mas não ele. Ele era Finn.

Temerário, voltou-se e olhou para a fenda.

Era muito estreita e muito negra. O rebordo estava queimado e retorcido, como se o metal da estrutura da Prisão tivesse sido sobreaquecido e fundido repetidas vezes em formas grotescas. Como se o que quer que fosse que rastejava para fora daqueles lábios de metal conseguisse derreter aço como cera.

Olhou para Gildas.

— Vou à frente — afirmou, e, antes que o Sapiente pudesse objetar, des-

ceu pela fenda escura, lançando um último olhar ao horizonte. Mas a planície riscada por cicatrizes estava deserta, e a Cidade era uma fortaleza remota.

Enfiou os pés pela abertura, encontrou um ponto de apoio e deslizou lá para dentro.

Uma vez debaixo do chão, a escuridão envolveu-o. Tateando com as mãos e os pés, compreendeu que a fresta era um espaço entre estratos inclinados, e que descia a partir da entrada. Teve de deitar-se de braços e pernas abertos para caber, avançando centímetro a centímetro por uma espécie de laje coberta de detritos que pareciam ser pedras e bolas lisas de aço fundido que rolavam dolorosamente por baixo dele. Agarrava poeira e entulho; um dos pedaços desfez-se-lhe entre os dedos, como um osso. Largou-o rapidamente.

O teto era baixo; por duas vezes raspou-o com as costas e começou a recear ficar entalado. Mal o pensamento lhe tocou com frio terror, deteve-se.

A suar, inspirou fundo.

— Onde estás?

— Atrás de ti. — Gildas parecia tenso. A voz dele ecoou; uma pequena chuva de pó caiu em cima do cabelo e dos olhos de Finn. — Continua.

— Porquê? — Tentou voltar a cabeça para olhar para trás. — Porque não esperar até Luzes-Apagadas e sair daqui? Não me digas que aqueles homens vão esperar lá fora até ficar escuro. O que é que nos impede...?

— Globos de fogo, é o que nos impede, rapaz tolo. Hectares deles. Um passo em falso e ficas sem um pé. E não viste o que eu vi ontem à noite, como eles patrulham as muralhas da Cidade, como varrem a planície durante toda a noite com projetores. Viam-nos logo. — Riu-se, um riso seco e amargo no escuro. — Não menti às mulheres cegas. És O Que Vê as Estrelas. Se Sapphique entrou aqui, também nós temos de entrar. Embora a minha teoria a respeito de o caminho de saída ser para cima pareça condenada a estar errada.

Finn abanou a cabeça, incrédulo. Mesmo no meio daquela confusão, o velho preocupava-se mais com as suas teorias do que com qualquer outra coisa. Continuou, fincando as pontas das botas na laje metálica e empurrando-se para a frente.

Durante os minutos que se seguiram, teve a certeza de que o teto estava a descer tanto que acabaria por juntar-se ao chão e encurralá-lo: então, para seu grande alívio, o espaço começou a alargar ao mesmo tempo que se inclinava para a esquerda e o declive se tornava mais pronunciado. Finalmente, conseguiu pôr-se de joelhos sem bater com a cabeça no teto.

— Abre aqui à frente — disse, e a voz dele ecoou com um som cavo.

Gildas mexeu-se; ouviu-se um forte estalido e acendeu-se uma luz que sibilava; um dos foguetes de sinalização improvisados que os Comitatus usavam como sinal de socorro. Finn viu o Sapiante deitado de bruços no chão, a tirar uma vela da sacola e acendê-la no foguete; quando a sibilante luz vermelha esmoreceu e se apagou, a pequena chama ficou acesa, a tremular agitada por uma pequena corrente de ar que vinha de algures em frente.

— Não sabia que tinhas trazido velas.

— Felizmente, houve quem pensasse em trazer mais do que roupas garridas e anéis inúteis — resmungou Gildas. Protegeu a chama com a mão em concha. — Não faças barulho. Ainda que o que quer que esteja lá adiante com certeza já nos tenha cheirado e ouvido.

Como que em resposta, qualquer coisa se moveu na escuridão, com um som baixo, de raspar, que eles sentiram como uma vibração na palma das mãos apoiadas no solo. Finn empunhou a espada e agarrou-a com força. Não via nada senão trevas.

Continuou a avançar, e o túnel abriu-se, tornou-se um espaço mais amplo. À luz trémula da pequena chama da vela, viu os bordos recortados dos estratos metálicos, afloramentos de cristais de quartzo, estranhas camadas de óxidos que brilhavam em turquesas e laranjas quando a luz incidia nelas. Pôs-se de gatas.

Um movimento, mais à frente. Adivinhou-o mais do que o ouviu, sentiu a corrente de ar fétido que se lhe prendeu no fundo da garganta. Escutou, perfeitamente imóvel, com todos os sentidos alerta.

Atrás dele, Gildas resmungou.

— Calado! — disse Finn.

O Sapiante praguejou.

— Está aí?

— Acho que sim.

Estava a tomar consciência do espaço. À medida que os seus olhos se adaptavam à escuridão, os contornos e as faces de rocha inclinada começaram a separar-se das sombras; viu um pináculo de rocha calcinada e apercebeu-se, com um choque súbito, de que era enorme, e estava muito longe, e a corrente de ar era agora um vento que lhe soprava na cara, um hálito quente como a respiração de uma gigantesca criatura, um fedor acre e terrível.

Então, num instante de clarividência, compreendeu que a criatura estava à sua volta, que as rochas facetadas e negras eram na realidade a pele coberta de crostas, os enormes esporões de pedra as garras fossilizadas, que estava numa caverna formada pela pele antiga e escamosa de um animal fumegante.

Voltou-se para avisar Gildas.

Mas lentamente, com um rangido terrível e pesado, um olho abriu-se.

Um olho vermelho, com uma pálpebra semicerrada, maior do que Finn.

Ao longo das ruas, o barulho era ensurdecador. As pessoas não paravam de atirar flores. Ao cabo de algum tempo, Claudia deu por si a encolher-se, incomodada pelo constante bater e deslizar de coisas no tejadilho do coche, e o cheiro das corolas esmagadas tornou-se adocicado e enjoativo. A subida era íngreme e os solavancos das rodas no empedrado sacudiam-na desconfortavelmente no assento; sentado junto dela, Jared tinha empalidecido. Pegou-lhe no braço.

— Estás bem?

Ele sorriu debilmente.

— Quem me dera poder apear-me. Vomitar nos degraus do Palácio não vai causar uma boa impressão.

Ela tentou sorrir. Ficaram os dois sentados em silêncio enquanto o coche atravessava, a ranger e a sacolejar, os portões da Cidadela Exterior, por baixo das grossas muralhas, passava por pátios e pórticos empedrados, e a cada volta Claudia sabia que estava a ficar mais e mais enredada na vida que a esperava ali, os labirintos do poder, os dédalos da traição. Pouco a pouco, a

rouca gritaria foi ficando para trás; as rodas rolavam suavemente e, espreitando por entre a cortina, viu que a estrada tinha sido forrada com uma passadeira vermelha, uma enorme e extravagante extensão de passadeira vermelha, e que havia grinaldas de flores a enfeitar as ruas e pombos a voar entre telhados e coruchéus.

Também ali havia pessoas; aqueles eram os aposentos dos cortesãos, do Conselho Privado e do Gabinete do Protocolo, e as aclamações eram mais refinadas e acompanhadas por música de violas, serpentões, pífaros e tambores. Algures à frente ouviu gritos e aplausos — Caspar tinha-se obviamente inclinado para fora da janela do coche para aceitar as boas-vindas que lhe eram dispensadas

— Eles vão querer ver a noiva — murmurou Jared.

— Ainda não chegou. — Um silêncio, e então ela disse: — Mestre, tenho medo. Sentiu a surpresa dele. — Tenho, a sério. Este lugar assusta-me. Em casa, sei quem sou, o que fazer. Sou a filha do governador, conheço o chão que piso. Mas este é um lugar perigoso, cheio de armadilhas. Toda a vida soube que estava à minha espera, mas agora não tenho a certeza de conseguir enfrentá-lo. Estas pessoas vão querer absorver-me, fazer de mim uma delas, e eu não vou mudar, não vou! Quero que fiques comigo.

Ele suspirou, e ela viu que tinha os olhos escuros fixos na janela velada.

— Claudia, tu és a pessoa mais corajosa que conheço.

— Não sou...

— És. E ninguém vai conseguir mudar-te. Serás senhora aqui, mas não vai ser fácil. A rainha é poderosa, e invejar-te-á, porque és jovem e porque vais ocupar o lugar que lhe pertenceu. O teu poder é tão grande como o dela.

— Mas se te mandarem embora...

Ele voltou-se.

— Não irei. Não sou um homem corajoso, tenho consciência disso. O confronto perturba-me; um olhar do teu pai e fico gelado até aos ossos, por muito Sapiante que seja. Mas não conseguirão obrigar-me a deixar-te, Claudia. — Endireitou-se no assento, afastado dela. — Há anos que olho a morte cara a cara, e isso deu-me uma espécie de temeridade, pelo menos.

— Não fales disso.

Ele encolheu muito levemente os ombros.

— Há de chegar. Mas não devemos pensar tanto em nós mesmos. Temos de pensar em maneiras de ajudar o Finn. Dá-me a Chave e deixa-me trabalhar mais um pouco com ela. Tem complexidades que ainda mal adivinhei.

Enquanto o coche passava por baixo de mais um pórtico, Claudia tirou-a do bolso secreto e entregou-lha, e, quando o fez, as asas da águia no interior do cristal tremeluziram, como se ela as tivesse batido e levantado voo. Jared abriu rapidamente a cortina, e a luz do sol incidiu nas refulgentes facetas.

A ave estava a voar.

Voava por cima de uma paisagem escura, uma planície calcinada. Muito lá em baixo, a boca negra de uma fenda rasgava a superfície, e a ave mergulhou na direção dela, inclinando-se para entrar na estreita fresta, o que fez com que Claudia se encolhesse de medo.

A Chave ficou negra. Só uma solitária luz encarnada pulsava no seu interior.

Mas quando estavam a olhar para ela, o coche deteve-se, os cavalos a resfolegar e a bater com os cascos no chão, e a porta abriu-se. A sombra do governador projetou-se sobre eles.

— Anda, minha querida — disse em voz baixa. — Estão todos à espera.

Sem olhar para Jared, sem se permitir sequer pensar, Claudia desceu do coche e endireitou as costas, a mão apoiada no braço do pai.

Juntos, enfrentaram a dupla fila de cortesãos que aplaudiam, o esplendor dos pendões de seda, a grande escadaria que subia até ao trono.

Sentada nele, resplandecente num vestido de tecido prateado com uma enorme gola frisada, a rainha. Mesmo àquela distância, o vermelho dos cabelos e dos lábios era evidente, como o brilho dos diamantes que usava ao pescoço. Caspar, uma presença carrancuda, mantinha-se de pé atrás dela.

— O sorriso — disse o governador, calmamente.

Ela afivelou-o. O sorriso radioso e confiante, tão falso como tudo o mais na sua vida, um manto a cobrir a sua frieza.

E começaram os dois a subir os degraus, com passos calmos e firmes.

Era o olhar irónico dos seus pesadelos, e ele reconheceu-o.

— *Tu?* — exclamou, com a voz rouca.

Atrás dele, Gildas arquejou.

— *Ataca, Finn! Ataca!*

O Olho rodopiava. A pupila era uma espiral de movimento, uma galáxia escarlate. À volta dele, como que a levantar-se, a escuridão agitava-se, e Finn viu que a vasta pele da Fera estava incrustada de objetos, pedaços

de joias, ossos, farrapos de tecidos, hastes de armas. Tinham centenas de anos, a pele crescera e cobrira-os. Com um som de coisas a rasgarem-se e a estalarem, um afloramento de rocha negra e facetada tornou-se a cabeça, que se ergueu no ar acima dele; esporões de metal deslizaram para fora como garras, firmando-se no chão inclinado da caverna, que estremecia.

Finn não conseguia mexer-se. Uma mistura de pó e vapores formou uma nuvem que o envolveu.

— *Ataca!* — gritou Gildas, agarrando-lhe o braço.

— *É inútil. Não vês...?*

Gildas lançou um grito de fúria, arrancou a espada da mão de Finn, cravou-a no espesso couro da Fera e recuou de um salto, como se esperasse ver jorrar um grande esguicho de sangue. E então estacou, vendo o mesmo que Finn via.

Não havia qualquer ferida. A pele abriu-se e dissolveu-se, absorveu a lâmina, refez-se à volta dela. A Fera era uma criatura compósita, uma esmagadora e vívida formação de milhões de seres, de morcegos, ossos e escaravelhos, de negras nuvens de abelhas, um padrão caleidoscópico de fragmentos de rocha e de metal em constante mudança. Quando se voltou e se ergueu até ao teto da câmara, viram que, ao longo dos séculos, absorvera todo o terror e todo o medo da Cidade, que todos os tributos enviados para a aplacar tinham sido absorvidos, comidos, e só tinham servido para a tornar cada vez maior. Algures dentro dela havia milhões de átomos dos mortos, das vítimas e das crianças arrastadas até ali por decreto dos Juízes. Era uma massa magnetizada de carne e metal, a cauda pendente cravejada de unhas, dentes e garras.

Esticou a cabeça por cima deles e inclinou-a, aproximando os grandes olhos vermelhos da cara de Finn, tornando a pele dele escarlate, as trémulas mãos dele encarnadas como se estivessem cobertas de sangue.

— *Finn* — disse, numa voz de profunda satisfação, um melaço gutural e rouco. — *Finalmente.*

Finn recuou um passo, chocou com Gildas. A mão do Sapiente agarrou-lhe o cotovelo.

— Sabes o meu nome.

— *Fui eu que te dei o nome.* — A língua agitou-se na escura caverna da boca. — *Há muito tempo, quando nasceste nas minhas células. Quando te tornaste meu filho.*

Finn tremia. Queria negá-lo, gritar, mas as palavras não saíam.

A criatura inclinou a cabeça, a estudá-lo. O comprido focinho, de onde pingavam abelhas e escamas, fragmentou-se numa nuvem de libelinhas e voltou a formar-se.

— *Sabia que virias* — disse. — *Tenho estado a observar-te, Finn, porque tu és especial. Em todas as entranhas e veias do meu corpo, em todos os milhões de seres que englobo, não há nenhum igual a ti.*

A cabeça aproximou-se mais. Qualquer coisa que podia ser um sorriso formou-se e desfez-se.

— *Acreditas verdadeiramente que podes fugir-me? Esqueces que posso matar-te, privar-te de luz e de ar, incinerar-te em segundos?*

— Não esqueço — conseguiu ele dizer.

— *A maior parte dos homens esquece. A maior parte dos homens contenta-se com viver na sua prisão e pensar que é o mundo, mas tu não, Finn. Lembras-te de mim. Olhas em redor e vês os meus Olhos a observarem-te, naquelas noites de escuridão chamaste por mim e eu ouvi-te...*

— Não respondeste — murmurou ele.

— *Mas tu sabias que eu estava lá. És O Que Vê as Estrelas, Finn. Que interessante.*

Gildas avançou um passo. Estava pálido, o cabelo branco empastado em

SUOR.

— Quem és tu? — resmungou.

— *Sou Incarceron, velho. Devas saber. Foram os Sipienti que me criaram. Sou o vosso grande, gigantesco, infundável fracasso, a vossa némesis.* — Aproximou-se mais, a serpentear, de boca muito aberta para que pudessem ver os farrapos de tecido que lá pendiam, sentir o cheiro oleoso e estranhamente doce que exalava. — *Ah, o orgulho dos Sábios. E agora ousas procurar uma maneira de fugir à tua própria loucura.*

Recuou, os olhos vermelhos semicerrados, transformados em frestas.

— *Paga-me, Finn. Paga-me como Sapphique pagou. Dá-me a tua carne e o teu sangue, dá-me o velho e o seu terrível desejo de morrer. Talvez então a tua Chave abra portas com que nem sequer sonhas.*

Finn sentia a boca seca como cinzas.

— Isto não é um jogo.

— *Não?* — O riso da Fera foi suave e untuoso. — *Vocês não são peças num tabuleiro?*

— Pessoas. — A fúria dele crescia. — Pessoas que sofrem. Pessoas que tu atormentas.

Por um instante, a criatura dissolveu-se em nuvens de insetos. Que se aglutinaram em abruptas gárgulas, num novo rosto, sinuoso e serpentino.

— *Receio que não. Elas atormentam-se umas às outras. Não há sistema capaz de pôr fim a isso, nenhum lugar capaz de isolar o mal porque os homens levam-no consigo, até nas crianças. Esses homens estão para lá de qualquer correção, e o meu papel é apenas contê-los. Prendo-os dentro de mim, engulo-os inteiros.*

Um tentáculo saltou da criatura e enrolou-se à volta do pulso dele.

— *Paga-me, Finn.*

Finn saltou para trás, olhou para Gildas. O Sapiante parecia ter encolhido, o rosto retorcido como se todos os seus medos lhe tivessem caído em cima ao mesmo tempo, mas disse lentamente:

— Deixa-a levar-me, rapaz. Já nada me resta.

— Não. — Finn olhou para a Fera, cujo sorriso reptiliano estava a cen-

tímetros da cara dele. — Já te dei uma vida.

— *Ah. A mulher.* — O sorriso alargou-se. — *Como a morte dela te dilacerou. A consciência e a vergonha são tão raras. Interessam-me.*

Qualquer coisa no sorriso da criatura fê-lo reter a respiração. Uma pontada de esperança trespassou-o.

— Não está morta! Apanhaste-a, travaste-lhe a queda! Não foi? Salvaste-a. A espiral vermelha piscou.

— *Aqui nada se perde* — murmurou.

Finn olhou para cima, mas a voz de Gildas rosnou-lhe ao ouvido:

— Está a mentir, rapaz.

— Talvez não. Talvez...

— Está a brincar contigo. — Cheio de amarga aversão, o velho olhou para a rodopiante confusão do Olho e disse: — Se é verdade que criámos uma coisa como tu, então estou pronto a pagar pela nossa loucura.

— Não. — Finn agarrou-o com força. Tirou um aro de prata do polegar e ergueu-o, uma centelha brilhante. — Aceita isto como teu Tributo, *Mãe*.

Era o anel com a caveira. E ele já não queria saber.

Capítulo 21

Trabalhei durante anos em segredo para fazer um engenho que é uma cópia do que está no Exterior. Agora protege-me. Timon morreu a semana passada e Pela desapareceu nos motins, e apesar de eu estar aqui escondido nesta sala perdida, a Prisão procura-me. «Sinto-te, meu senhor», sussurra. «Sinto-te rastejar pela minha pele.»

Diário de Lorde Calliston

A rainha pôs-se graciosamente de pé.

Na brancura de porcelana do seu rosto, os estranhos olhos eram límpidos e frios.

— Minha querida Claudia.

Claudia fez uma reverência, sentiu o sussurro de um beijo em cada face, e no aperto do abraço sentiu os ossos finos da mulher, a pequena figura dentro do corpete espartilhado e das grandes saias rodadas.

Ninguém sabia quantos anos tinha a rainha. Ao fim e ao cabo, era uma feiticeira. Mais velha do que o governador, talvez, apesar de, a seu lado, ele parecer grave e sombrio, a barba grisalha meticulosamente aparada. Frágil ou não, a juventude dela era convincente; parecia pouco mais velha do que o filho.

Voltou-se e levou Claudia para dentro, ignorando o olhar amuado de Caspar.

— Estás tão bonita, minha querida. O vestido é maravilhoso. E o teu cabelo! Diz-me, essa cor é natural ou manda-lo pintar?

Claudia expirou com força, já irritada, mas não era preciso responder. A rainha já estava a falar de outra coisa qualquer.

— ... e espero que não o julgues demasiado atrevimento da minha parte.

— Não — disse Claudia com uma voz átona, ao fim de um segundo de silêncio.

A rainha sorriu.

— Excelente. Por aqui.

Era uma dupla porta de madeira, e foi aberta por dois lacaios, mas quando Claudia entrou e os batentes se fecharam, a pequena câmara começou a subir silenciosamente.

— Sim, eu sei — murmurou a rainha, aproximando-se. — Uma terrível quebra do Protocolo. Mas é só para mim, de modo que quem vai saber?

As pequenas mãos brancas apertavam-lhe o braço com tanta força que sentia as unhas cravarem-se-lhe na carne. Estava ofegante, como se tivesse sido raptada. Até o pai e Caspar tinham sido deixados para trás.

Quando as portas se abriram, o corredor que se estendia à frente dela era uma visão de talha dourada e espelhos, pelo menos três vezes maior do que toda a casa onde nascera. A rainha levou-a pela mão, por entre grandes mapas pintados que mostravam todos os países do Reino decorados nos cantos com fantasias de ondas, sereias e monstros marinhos.

— Aqui é a biblioteca. Sei que adoras livros. O Caspar, infelizmente, não é tão estudioso. Sinceramente, nem sequer sei se sabe ler. Não vamos entrar.

Firmemente escoltada para lá da porta, Claudia olhou para trás. Entre cada dois mapas havia um jarrão chinês azul e branco suficientemente grande para esconder um homem, e os espelhos refletiam-se uns aos outros numa tal confusão de luz que, de repente, deixou de fazer ideia onde acabava o corredor, ou se acabava. E a pequena figura da rainha aparecia repetida diante dela e atrás e dos lados, de tal modo que o medo que sentira no coche parecia concentrar-se naquele passo vivo, anormalmente jovem, naquela voz dura e confiante.

— E esta é a tua suíte. A do teu pai é a seguir.

Imensa.

Uma alcatifa onde os pés se enterravam, uma cama com um dossel de seda cor de açafão tão pesado que pensou que ia afogá-la.

Repentinamente, libertou-se da mão da rainha e recuou, reconhecendo a armadilha, sabendo que tinha sido apanhada.

Sia estava silenciosa. A tagarelice tinha acabado. Enfrentaram-se uma à

outra.

Então a rainha sorriu.

— Estou certa de que não precisas que te avisem, Claudia. A filha de John Arlex está de certeza bem treinada, mas acho que não fará mal dizer-te que muitos dos espelhos dão para ver de um dos lados e que os aparelhos de escuta espalhados por todo o Palácio são muito eficientes. — Deu um passo em frente. — É que, sabes, ouvi dizer que te mostraste recentemente um pouco curiosa a respeito do querido e falecido Giles.

Claudia manteve o rosto perfeitamente calmo, mas tinha as mãos geladas. Baixou os olhos.

— Pensei nele. Se as coisas tivessem sido diferentes.

— Sim, a morte dele foi um choque terrível para todos. Mas mesmo que a dinastia Havaarna tenha terminado, o Reino tem ser governado. E não duvido, Claudia, de que o farás muito bem.

-Eu?

— Claro. — A rainha voltou-se e sentou-se elegantemente numa cadeira de talha dourada. — Com certeza sabes que o Caspar é incapaz até de se governar a si mesmo? Vem sentar-te aqui, minha querida. Deixa-me aconselhar-te.

A surpresa estava a paralisa-la. Sentou-se.

A rainha inclinou-se para a frente, os lábios vermelhos a desenharem um sorriso recatado.

— A tua vida aqui pode ser muito agradável. O Caspar é uma criança... deixa-o ter os seus brinquedos, cavalos, palácios, raparigas, e não arranjará problemas. Tive o cuidado de me certificar que não aprendia nada a respeito de política. Aborrece-se tão facilmente! Nós as duas podemos divertir-nos tanto, Claudia. Não imaginas como se torna cansativo, só com estes homens.

Claudia olhou para as mãos. Aquilo seria real? Quanto do que estava a acontecer fazia parte do jogo?

— Pensava...

— Que eu te odiava? — A gargalhada da rainha foi juvenil. — Preciso de ti, Claudia! Podemos governar juntas, e tu vais fazê-lo tão bem! E o teu pai

fará o seu grave sorriso. Muito bem. — As pequenas mãos deram uma pancadinha nas de Claudia. — Acabaram-se os pensamentos tristes a respeito do Giles. Ele foi para um lugar melhor, querida.

Claudia assentiu lentamente, pôs-se de pé, e a rainha levantou-se também, com um roçar de seda.

— Há só uma coisa.

Com uma mão na porta, Sia voltou-se.

— Sim?

— Jared Sapiens. O meu tutor. Quero...

— Não vais precisar de um tutor. A partir de agora, eu posso ensinar-te tudo.

— Quero que ele fique — disse, firmemente.

A rainha olhou-a nos olhos.

— É novo para um Sapiente. Não sei onde tinha o teu pai a cabeça...

— Fica.

Claudia certificou-se de que era uma afirmação, não uma pergunta.

Os lábios vermelhos da rainha estremeçeram. O sorriso dela foi agradável.

— Como quiseres, minha querida.

Jared colocou o *scanner* no umbral da porta, abriu a pequena janela e sentou-se na cama. O quarto era austero, talvez a ideia que tinham na corte de como devia ser a cela de um Sapiente. Soalho de tábuas e painéis de madeira escura nas paredes, rematados por trevos e toscas rosas.

Cheirava a juncos e a humidade e parecia bastante despido, mas ele já removera dois pequenos aparelhos de escuta e era possível que houvesse outros. Mesmo assim, tinha de correr o risco.

Tirou a Chave do bolso e segurou-a, ativando a ligação audiovisual. Apenas escuridão.

Voltou a tocar-lhe, preocupado: a escuridão formou um grande círculo, mas continuou a ser escuridão. Então, muito debilmente, viu o contorno de uma figura agachada dentro do círculo.

— Não podemos falar — sussurrou a sombra. — Não agora.

— Então escutem. — Jared manteve a voz baixa. — Isto pode ajudar. Uma combinação de dois, quatro, três, um no painel de toque produz um campo de empastelamento. Quaisquer sistemas de vigilância perder-lhes-ão completamente o rasto. Desaparecerão dos visores deles. Compreendeste isto?

— Não sou estúpido.

O murmúrio trocista de Keiro foi quase inaudível.

— Encontraram o Finn?

Nada. Tinham desligado.

Jared cerrou os punhos e praguejou baixo na língua dos Sapiienti. Lá fora ouviam-se vozes e, nos jardins, alguns violinistas arranhavam uma jiga. Haveria dança naquela noite, para saudar a chegada da noiva do Herdeiro.

E no entanto, se o velho Bartlett não se enganara, o verdadeiro herdeiro continuava vivo, e Claudia estava convencida de que era o tal rapaz, Finn. Jared abanou a cabeça, desapertando com os dedos finos e compridos a gola da casaca. Ela desejava tanto que fosse verdade. As dúvidas dele teriam de permanecer silenciosas, porque sem aquela esperança Claudia nada teria. E ao fim e ao cabo era possível, possível, entenda-se, que o instinto dela estivesse certo.

Recostou-se, cansado, no duro travesseiro, pegou na bolsa dos medicamentos e preparou a dose. Era agora três grãos mais forte, havia já uma semana, mas a dor que vivia no fundo do seu corpo continuava lentamente a crescer, como uma coisa viva; por vezes pensava que aquela dor devorava a droga, que era ele que lhe alimentava o apetite.

Aplicou a seringa, de sobrolho franzido. Eram ideias mórbidas e disparatadas.

Mas quando se deitou e adormeceu, sonhou por um momento que um olho, vermelho como as galáxias, se abria na parede e olhava para ele.

Finn estava desesperado; ergueu o anel bem alto:

— Aceita-o e deixa-nos ir.

O Olho aproximou-se e examinou atentamente o anel.

— *Acreditas que este objeto tem algum valor?*

— Contém uma vida. Fechada lá dentro.

— *Que apropriado. Como todas as vossas vidas estão presas dentro de mim.*

Finn tremia. Se Keiro estivesse a ouvir, ia de certeza agir agora. *Se estivesse ali.*

Gildas compreendeu. Deve ter compreendido, porque gritou:

— Aceita-o! Deixa-nos ir!

— *Como aceitei o Tributo de Sapphique? Como aceitei isto?*

Acendeu-se uma luz na pele da criatura; viram um osso, profundamente embutido.

Gildas murmurou uma prece de reverência.

Como é pequeno! — A Fera estudou-o. — *E no entanto, quanta dor custou. Deixa-me ver essa vida aprisionada.*

O tentáculo deslizou para mais perto. Finn apertou o anel no punho cerrado, o seu suor a torná-lo escorregadio. Então abriu a mão.

No mesmo instante, o Olho piscou. Abriu-se muito, contraiu-se, olhou em redor. Um murmúrio correu da boca da Fera, como óleo, uma pergunta intrigada, fascinada.

— *Como fizeste isso? Onde estás?*

Uma mão fechou-se sobre a boca de Finn; quando ele se voltou, viu Attia, com um dedo sobre os lábios, num aviso. Atrás dela estava Keiro, a Chave apertada numa mão, um lança-chamas na outra.

— *És invisível!* — A Fera parecia espantada. — *Não pode ser!*

Projetou uma massa de tentáculos, formações de minúsculas aranhas

pegajosas.

Finn recuou, a tropeçar.

Keiro ergueu o lança-chamas.

— Se nos queres — disse calmamente —, aqui estamos.

Um jato de chamas rugiu por cima de Finn; a Fera uivou de raiva. Num instante, a caverna era uma explosão de aves, abelhas e morcegos que guinchavam, em pânico. Libertados da forma, libertados da ordem; subiram, voaram e rodopiaram em direção ao alto teto da caverna, chocando cegamente contra a rocha.

Keiro gritou, deliciado. Voltou a disparar, um jorro de chamas amarelas, e a Fera era uma retumbante cascata de fragmentos, de pele queimada e pedras que rolavam, o Olho vermelho apenas uma pequena explosão de mosquitos que dispersaram num frenesi de medo.

As chamas silvavam, atingiam as paredes e ressaltavam transformadas em calor.

— Deixa-a! — gritou Finn. — Vamos sair daqui!

Mas o chão e o teto inclinavam-se, a fresta fechava-se à volta deles.

— *Posso não te ver* — comentou a Prisão, ironicamente —, *mas estás aqui, e não vou deixar-te ir, meu filho.*

Forçou-os a juntarem-se, costas com costas, apertando o cerco, as paredes a desmoronarem-se, partes do teto a caírem. Finn procurou a mão de Attia na escuridão.

— Mantenham-se juntos!

— Finn! — A voz de Gildas soou abafada. — Na parede. Lá em cima.

Por um momento, Finn não percebeu do que estava ele a falar. Então viu: uma fissura, que subia.

Instantaneamente, Attia libertou-se da mão dele. Correu e saltou; agarrando-se às facetas salientes, arrastou-se por cima dos tentáculos que se agitavam, trepando pelas escamas da própria Fera.

Finn empurrou Gildas atrás dela; o velho subiu atabalhoadamente mas com um vigor desesperado, os pedaços de rocha e de pedras preciosas a rolarem e deslizarem debaixo das suas mãos.

Finn voltou-se.

Keiro tinha a arma pronta.

— Vai! Está a procurar-nos!

Incarceron estava cega. Viu como partes da Fera se refaziam, uma garra, uma cauda, como procurava na escuridão. Sentia-os na pele, sentia as vibrações dos movimentos deles. Finn quis perguntar a Keiro como fizera aquilo, mas não havia tempo, de modo que deu meia-volta e trepou atrás de Gildas.

As paredes mudavam a cada minuto que passava, ganhando novas formas e ondulando, erguendo-se mais direitas, como se a Fera estivesse a empinar-se, contorcendo-se para os sacudir do dorso. Levantou-os bem alto no espaço cavernoso, e quando Finn olhou para cima viu frestas de luz, pontos de radiância, e por um inebriante momento esteve entre as estrelas, e então uma rodou por cima dele e era um projetor que lhe lançou um brilho prateado para as mãos e o rosto enquanto ele arquejava, indefeso e exposto.

Attia voltou-se, o rosto dela uma mancha indistinta.

— Mais devagar! Temos de nos manter perto da Chave!

Keiro trepava muito mais abaixo, tendo-se desembaraçado do lança-chamas. A pele encrespada ondulou e fê-lo escorregar, um pé a agitar-se no vazio, e talvez a Fera o tenha sentido porque silvou, e o ar fervilhou cheio de súbitos vapores.

— O Keiro! — Finn voltou-se. — Tenho de ir ajudá-lo.

Attia desceu até junto dele.

— Não. Ele consegue.

Keiro aguentou, içou-se a pulso. A Fera estremeceu. E então riu-se, aquela gargalhada sinistra que Finn tão bem recordava.

— Têm então um engenho qualquer que os esconde. Felicito-os. Tenciono descobrir o que é.

Caiu uma chuva de pó; um feixe de luz.

— Espera! — gritou Finn a Gildas; ofegante, o velho abanou a cabeça.

— Não consigo aguentar mais.

— Consegues!

Lançou um olhar desesperado a Attia; a rapariga passou um braço de Gildas por cima dos ombros e disse:

— Eu fico com ele.

Finn quase caiu até ao lugar onde Keiro estava suspenso; agarrou-o com uma mão.

— É inútil! Não há saída.

— Tem de haver — arquejou Keiro. — Não temos a Chave?

Tirou-a do bolso e a mão de Finn apanhou-a; por um momento, estavam os dois a agarrá-la. Então Finn puxou e manteve-a à distância. Premiu todos os botões, bateu com a ponta do dedo na águia, na esfera, na coroa. Nada. Enquanto a Fera se contorcia debaixo deles, sacudiu a Chave, amaldiçoou-a, e sentiu-a aquecer subitamente, tornar-se cada vez mais quente, com um ominoso gemido. Gritou e passou-a de uma mão para a outra; queimava-o.

— Usa-a! — gritou Keiro. — Funde a rocha.

Finn encostou a Chave à parede da caverna. O dispositivo pôs-se imediatamente a zumbir e a emitir estalidos.

Incarceron gritou. Um uivo de angústia. Rolaram rochas, Attia gritou lá de cima. Finn olhou e viu uma grande fresta branca abrir-se na parede, como um rasgão no tecido do mundo.

À janela com Claudia, o governador olhou para a festa que continuava à luz de archotes.

— Estiveste bem — disse, solenemente. — A rainha está satisfeita.

— Ótimo.

Claudia estava tão cansada que mal conseguia pensar.

— Amanhã, talvez... — continuou ele, e calou-se.

Uma nota aguda, urgente. Insistente e alta. Sobressaltada, Claudia voltou-se.

— O que foi?

O pai imobilizou-se. Depois meteu a mão no bolso do colete, tirou de lá o relógio e, com um toque do polegar, abriu a pequena caixa de ouro. Claudia viu o bonito mostrador, as horas. Um quarto para as onze.

Mas aquilo não era um sinal horário. Era um alarme.

O governador olhou fixamente para o relógio. Quando os ergueu, os olhos dele estavam frios e cinzentos.

— Tenho de ir. Boa-noite, Claudia. Dorme bem.

Espantada, ela viu-o encaminhar-se para a porta.

— É... é a Prisão? — perguntou.

Ele voltou-se, o olhar penetrante.

— O que te leva a dizer isso?

— O alarme... nunca o tinha ouvido...

Ele estava a observá-la. Claudia amaldiçoou-se a si mesma. Então ele disse:

— Sim. Houve um... incidente. Não te preocupes. Vou tratar pessoalmente do assunto.

As portas fecharam-se atrás dele.

Por um momento, Claudia ficou onde estava, paralisada; então, como se a imobilidade a tivesse galvanizado, pegou num xaile escuro, envolveu-se nele e correu para a porta.

O pai já ia bem longe no corredor dourado, a caminhar depressa. Mal dobrou a esquina, Claudia correu atrás dele, ofegante, os seus passos silenciosos na espessas alcatifas, a sua imagem a relampejar nos espelhos escurecidos.

Uma cortina ondulou ao lado de um grande jarrão de porcelana. Claudia passou para o outro lado e encontrou-se no alto de uma escada em espiral mal iluminada. Esperou, o coração a martelar-lhe o peito, a ver a figura escura descer os degraus mais abaixo, e viu também que ia a correr, com passos rápidos, nervosos. Desceu atrás dele, sempre em espiral, uma mão no corrimão húmido, até que as paredes de talha dourada passaram a ser de tijolo e depois de pedra, os degraus desgastados pelo uso cobertos de líquenes verdes.

Estava frio, ali em baixo, e muito escuro. A respiração de Claudia condensava-se. Tiritou e aconchegou melhor o xaile.

O pai dirigia-se à Prisão.

Dirigia-se a Incarceron!

Fraco, muito à frente, o alarme continuava a soar, agudo e urgente, um pânico incansável.

Estava nas adegas. Eram câmaras enormes, abobadadas, cheias de barris e tonéis, com feixes de fios a correr pelas paredes, enfeitados com festões de saís brancos que ressumavam dos tijolos. Se era Protocolo, era muito convincente.

Espreitou, escondida atrás de um monte de barricas, e obrigou-se a ficar muito quieta.

O pai tinha chegado a um portão.

Era de bronze verde, profundamente incrustado na parede, riscado por rastos brilhantes de caracóis, corroído pelos anos, cravejado de grandes rebites, atravessado por correntes ferrugentas. Com um silencioso salto do coração, viu a águia dos Havaarna, as asas abertas quase escondidas sob camadas de verdete.

No meio de uma chuva de teias de aranha, caracóis e pó, o portão abriu-se.

Claudia esticou-se, desesperada por ver o que ficava do outro lado, mas havia apenas escuridão e um cheiro, um fedor azedo e metálico, e teve de voltar a esconder-se rapidamente quando o pai se voltou.

Quando tornou a espreitar, ele tinha desaparecido e o portão estava fechado.

Encostou-se aos tijolos húmidos e deixou escapar um suspiro de respiração contida.

Finalmente.

Tinha-a encontrado.

O alarme fazia-lhes doer os dentes, os nervos e os ossos. Finn pensou que ia desencadear um dos seus ataques; aterrorizado, gatinhou em direção à fresta, a sentir na cara o vento gelado que soprava através dela.

A Fera tinha desaparecido. Dissolveu-se no momento em que Keiro passou por cima de Finn e agarrou Gildas; de repente, estavam todos a cair numa cascata de fragmentos, depois chocaram contra a parede, uma cadeia de corpos segura apenas pela mão de Finn, que gritou de dor.

— Não consigo segurá-los!

— Vais ter de conseguir! — arquejou Keiro.

O terror invadiu-o. A mão de Keiro escorregou, com um doloroso sacão. Não conseguia. Tinha a mão a arder.

Uma sombra abateu-se sobre ele. Pensou que era a cabeça da Fera, ou uma grande água, mas quando se torceu, num esforço desesperado, e olhou para cima, viu-o descer pela fresta, a zumbir de energia contida, um navio prateado, um antigo veleiro, as velas uma manta de retalhos de teias de aranha, o cordame emaranhado e pendente dos costados.

Pairou por cima deles e, muito lentamente, abriu-se uma escotilha no fundo do casco. Uma cesta desceu, a balouçar suspensa de quatro enormes cabos, e lá em cima uma cara espreitou da amurada, um horrível rosto de gárgula deformado por uns óculos de mergulho e um bizarro aparelho de respiração.

— Entrem — rosnou a cara. — Depressa, antes que eu mude de ideias.

Não soube como o fizeram, mas numa questão de segundos Keiro precipitara-se para dentro da cesta que balouçava loucamente, levando Gildas consigo. Attia saltou, depois de uma brevíssima hesitação, e Finn deixou-se cair, tão aliviado que caiu sem medo, e não se sentiu aterrar até que o bem-aventurado silêncio se estilhaçou na voz de Keiro a gritar-lhe ao ouvido:

— Sai de cima de mim, Finn!

Endireitou-se com um esforço. Attia estava debruçada sobre ele, preocupada.

— Estás bem?

— ... Sim.

Não estava, sabia-o bem, mas inclinou-se e espreitou pela borda, sentindo-se tonto pelo balouçar do vento gelado.

Estavam fora da Caverna, por cima da planície, quilómetros acima da Cidade, que parecia um brinquedo lá em baixo, e daquela altura viam as zonas queimadas e as fumarolas que a cercavam, como se a própria terra fosse a pele da Fera a rugir, a cuspir em fumo a sua ira.

Passaram por fiapos de nuvens, por vapores de um amarelo metálico, por um arco-íris.

Finn sentiu a mão de Gildas agarrá-lo, a voz do velho, delirante de alegria, levada pelo vento.

— Olha para cima, rapaz! Vê! Ainda há Sipienti, com poder!

Finn inclinou a cabeça para trás. E viu, enquanto o navio de prata subia em espiral, uma torre tão estreita e impossivelmente alta que parecia uma agulha equilibrada numa nuvem, o topo a refulgir de luz. Sentiu o seu hálito condensar-se e gelar no rebordo da cesta, estalar e lascar-se, cada pedaço de gelo polarizado pela torre, cada cristal alinhado como que por um íman. A arquejar no ar rarefeito, agarrou o braço do velho, a tremer de frio e de medo, sem se atrever a olhar novamente para baixo, vendo apenas o minúsculo espaço de aterragem na ponta da agulha tornar-se maior, o globo que rodava lentamente no seu vértice.

E no entanto, por muito alto que estivessem, por cima deles a noite de Incarceron estendia-se por quilómetros e quilómetros no céu gelado.

Jared acordou com as pancadas, banhado num suor frio de medo.

Por um momento, não fez ideia do que fosse, e então ouviu-a sussurrar:

— Jared! Depressa, sou eu!

Levantou-se da cama e cambaleou até à porta, tirou o *scanner* do umbral, procurou o trinco com movimentos desajeitados. Mal o levantou, a porta abriu-se violentamente e quase o atingiu no rosto; então Claudia estava dentro do quarto, ofegante e suja de pó, um xaile imundo à volta dos ombros.

— O que foi? — arquejou. — Claudia, ele descobriu? Sabe que temos a

Chave?

— Não. Não. — Ela estava sem fôlego. Sentou-se na beira da cama e dobrou-se para a frente, agarrada ao flanco.

— Então o que foi?

Ela ergueu uma mão, a dizer-lhe que esperasse; passados alguns momentos, quando conseguiu falar e ergueu a cabeça, ele viu-lhe o rosto iluminado pelo triunfo.

Recuou, repentinamente preocupado.

— O que foi que fizeste, Claudia?

O sorriso dela foi amargo.

— O que anseio fazer há anos. Descubri a porta para o segredo dele. A porta de Incarceron.

Um Mundo
Suspensão no Espaço

Capítulo 22

— *Onde estão os chefes? — perguntou Sapphique.*

— *Nas suas fortalezas — respondeu o cisne.*

— *E os poetas?*

— *Perdidos em sonhos de outros mundos.*

— *E os artesãos?*

— *A forjar máquinas que desafiem a escuridão.*

— *E os Sábios que fizeram o mundo?*

O cisne inclinou tristemente o negro pescoço.

— *Reduzidos a velhas e feiticeiros escondidos em torres.*

Sapphique no Reino das Aves

Finn tocou numa das esferas com cautela.

Mostrou-lhe o seu próprio rosto, grotescamente deformado no delicado vidro cor de lilás. Viu, atrás dele, Attia passar o arco e olhar em redor.

— O que é isto?

Tinha-se detido no meio das bolas que pendiam do teto, e ele viu como estava limpa naquela manhã, o cabelo lavado, as roupas novas a fazerem-na parecer mais jovem do que nunca.

— O laboratório dele. Olha para aqui.

Algumas das bolas continham paisagens inteiras. Numa delas, uma colónia de pequenas criaturas de pelagem dourada dormitava tranquilamente ou escavava buracos em montículos de areia. Attia espalmou as mãos no vidro.

— É morno.

Ele assentiu.

— Dormiste?

— Um pouco. Estava sempre a acordar, por causa do silêncio. E tu?

Finn voltou a assentir. Não queria dizer que o cansaço o fizera cair na pequena cama branca e adormecer imediatamente, sem sequer se despir. Apesar de, quando acordara naquela manhã, ter descoberto que alguém o tapara com mantas e deixara roupas lavadas na cadeira do pequeno quarto branco e nu. Teria sido Keiro?

— Viste o homem do navio? O Gildas acha que é um Sapiente.

Ela abanou a cabeça.

— Sem a máscara, não. E tudo o que ele disse ontem à noite foi: «Fiquem com esses quartos e amanhã falamos.» — Olhou para ele. — Foste muito corajoso, voltando atrás para ir buscar o Keiro.

Ficaram calados por um instante. Ele deu a volta e foi pôr-se ao lado dela, e enquanto viam os animais coçarem-se e rebolar aperceberam-se de que atrás daquele globo havia toda uma câmara cheia de mundos de vidro, verde-mar, dourados e azuis-claros, cada um deles suspenso de uma fina corrente, alguns mais pequenos do que um punho, outros grandes como salas, onde aves voavam, ou peixes nadavam, ou nuvens de milhões de insetos se deslocavam de um lado para o outro.

— É como se tivesse feito gaiolas para todos eles — observou Attia em voz baixa. — Espero que não tenha uma para nós. — E então, ao notar o súbito sobressalto do reflexo dele: — O que foi, Finn?

— Nada.

As mãos dele deixaram marcas de calor na esfera, quando se apoiou nela.

— Viste qualquer coisa. — Attia tinha os olhos muito abertos. — Foram as estrelas, Finn? É verdade que há milhões delas? É verdade que se juntam e cantam no escuro?

Estupidamente, ele não quis desapontá-la. Disse:

— Vi... vi um lago diante de um grande edifício. Era de noite. Havia lanternas a flutuar na água, pequenas lanternas de papel, cada uma delas com uma vela dentro, de modo que pareciam verdes, azuis e encarnadas. Havia barcos no lago, e eu estava num deles. — Esfregou a cara. — Estava lá, Attia.

Estava debruçado sobre a borda, a tentar tocar no meu reflexo na água, e sim, havia estrelas. E ficaram zangadas porque molhei a manga.

— As estrelas?

Attia aproximou-se mais.

— Não, as pessoas.

— Que pessoas? Quem eram elas, Finn?

Ele tentou. Havia um odor. Uma sombra.

— Uma mulher — disse. — Estava zangada.

Doía, recordar doía. Desencadeava relâmpagos de luz; fechou os olhos para se proteger, começou a transpirar, sentiu a boca seca.

— Não. — Ansiosa, ela estendeu as mãos para ele, os pulsos marcados por vergões vermelhos onde as correntes tinham esfolado a pele. — Não te aflijas.

Ele esfregou a cara com a manga e a sala encheu-se de um silêncio que não conhecia desde a cela onde nascera.

— O Keiro ainda está a dormir? — perguntou, embaraçado.

— Oh, esse! — Ela franziu o sobrolho. — O que é que isso interessa?

Finn viu-a deambular por entre as esferas.

— Não podes detestá-lo assim tanto. Mantiveste-te ao lado dele na Cidade.

Ela não disse nada, de modo que ele perguntou:

— Como conseguiram seguir-nos?

— Não foi fácil. — Attia apertou os lábios com força. — Ouvimos rumores a respeito do Tributo, de modo que ele disse que tínhamos de roubar um lança-chamas. E eu é que tive de arranjar uma diversão para ele poder roubá-lo. Nem sequer me agradeceu.

Finn riu-se.

— É mesmo do Keiro. Nunca agradece a ninguém. — Apoiou as mãos abertas na esfera e encostou a cabeça à superfície tépida e os répteis que estavam lá dentro olharam, impassíveis. — Eu sabia que ele ia aparecer. O Gildas dizia que não, mas o Keiro nunca me trairia.

Attia não respondeu, e Finn apercebeu-se de que aquele silêncio estava carregado de uma tensão estranha; quando olhou para ela, viu que o observava com qualquer coisa que parecia fúria, e que irrompeu repentinamente.

— Estás tão enganado, Finn! Será que não consegues ver como ele é na realidade? Ter-te-ia abandonado com toda a facilidade, levado a Chave e desaparecido sem pensar duas vezes!

— Não — disse ele, surpreendido.

— *Sim!* — Ela enfrentou-o, as contusões ainda visíveis na pele muito branca do rosto. — Porque foi só a ameaça da rapariga que o fez ficar.

Finn sentiu-se gelar.

— Que rapariga?

— A Claudia.

— Ele falou com ela!

— Ela ameaçou-o. «*Encontra o Finn-*, disse, «*ou a Chave será inútil para ti.*» Estava furiosa com ele. — Attia encolheu os ombros muito ao de leve. — É a ela que deves agradecer.

Ele não queria acreditar.

Não podia acreditar.

— O Keiro teria aparecido. — A voz foi baixa e teimosa. — Sei como ele parece às pessoas, que não quer saber de ninguém, mas eu conheço-o. Lutámos juntos. Fizemos o juramento.

Ela abanou a cabeça.

— Confias demasiado, Finn. Deves ter nascido no Exterior, porque não encaixas aqui. — Então, ao ouvir passos, acrescentou rapidamente: — Pede-lhe a Chave. Pede-lha. Vais ver.

Keiro entrou na sala e assobiou. Vestia um gibão azul-escuro, tinha o cabelo molhado e ainda estava a comer uma maçã do prato que fora deixado no quarto que ambos partilhavam, os dois últimos anéis-caveira a brilharem-lhe nos dedos.

— Cá estão vocês! — Rodou trezentos e sessenta graus. — E isto é a torre de um Sapiente. Bem melhor do que a gaiola do velho.

— Ainda bem que achas. — Para espanto de Finn, uma das esferas maiores abriu-se com um estalido e um desconhecido saiu do seu interior, seguido por Gildas. Perguntou-se o que teriam ouvido, e como podia haver uma escada dentro da esfera, mas antes que tivesse tempo para se certificar, ela voltou a fechar-se e tornou-se apenas mais um reflexo brilhante entre centenas de outros.

Gildas usava uma casaca de Sapiente de verdes iridescentes. O rosto afilado estava limpo, a barba branca bem aparada. Parecia diferente, pensou Finn. Uma parte da fome tinha desaparecido; quando falou, a voz não foi quezilenta, tinha adquirido uma nova gravidade.

— Apresento-lhes o Blaize — disse. E acrescentou, em voz baixa: — Blaize Sapiens.

O homem alto inclinou muito ligeiramente a cabeça.

— Bem-vindos à minha Câmara dos Mundos.

Olharam para ele. Sem a máscara de respiração, o rosto era notável, salpicado de feridas, marcas e queimaduras de ácido, os cabelos finos e escassos presos por uma fita sebenta. Usava, por baixo da casaca de Sapiente, uns calções velhos e cheios de nódoas de produtos químicos e uma camisa amarrotada que em tempos talvez tivesse sido branca.

Por um momento, ninguém falou. Então, para surpresa de Finn, foi Attia que disse:

— Temos de te agradecer, Mestre, ter-nos salvo. Teríamos morrido.

— Ah... bem. Sim. — Blaize olhou para ela, o sorriso torcido e embaraçado. — É verdade, sem dúvida. Achei que era melhor descer.

— Porquê?

A voz de Keiro foi fria.

O Sapiente voltou-se.

— Não compreendo muito bem...

— Porquê dar-se ao incómodo de nos salvar? Temos alguma coisa de que precise?

Gildas franziu a testa.

— Este é o Keiro, Mestre. O que não tem maneiras.

Keiro bufou depreciativamente.

— Não me digas que ele não sabe da Chave?

Deu uma dentada na maçã, um ruído que se ouviu com clareza no silêncio.

Blaize voltou-se para Finn.

— E tu deves ser O Que Vê as Estrelas. — Os olhos dele eram escrutinadores e enervantes. — O meu colega diz que Sapphique te enviou a tal Chave, e que ela te conduzirá ao Exterior. De onde tu acreditas ter vindo.

— De onde vim.

— Lembras-te?

— Não. Só... acredito.

O homem olhou para ele por um instante, uma mão magra a coçar distraidamente uma crosta na cara. Então disse:

— Infelizmente, tenho de te informar que estás enganado. Gildas voltou-se, espantado. Attia limitava-se a olhar.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Finn, irritado.

— Quero dizer que não vieste do Exterior. Nunca ninguém veio do Exterior. Porque, sabes, *o Exterior não existe*.

Por um instante, reinou na sala um silêncio de estupefação, cheio de incredulidade. Então Keiro riu-se e atirou o caroço da maçã para as lajes de pedra do chão. Aproximou-se dos dois Sapientes, tirou a Chave do bolso e bateu com ela em cima da mesa, ao lado da esfera de vidro.

— Muito bem, Sábio. Se não há um Exterior, para que serve isto?

Blaize estendeu a mão e pegou na Chave. Fê-la rodar calma e cuidadosamente entre os dedos.

— Ah, sim, ouvi falar destes engenhos. Talvez os primeiros Sapients os tenham inventado. Há uma lenda a respeito de Lorde Calliston ter feito um em segredo e ter morrido antes de poder experimentá-lo. Torna quem o usa invisível aos Olhos, e tem sem dúvida outras capacidades. Mas não lhes permitirá sair daqui.

Pousou suavemente o cristal em cima da mesa. Gildas lançou-lhe um

olhar carregado.

— Irmão, isso é pura loucura! Todos sabemos que o próprio Sapphique...

— Não sabemos nada a respeito de Sapphique além de um monte de histórias e lendas. Aqueles tolos que vivem na Cidade, e cujas atividades eu acompanho para enganar o tédio, inventam novos contos a respeito de Sapphique todos os anos. — Cruzou os braços, os olhos cinzentos inflexíveis. — Os homens adoram inventar histórias, irmão. Adoram sonhar. Sonham que o mundo está escondido nas profundezas do chão e que se conseguíssemos viajar para cima encontraríamos uma saída, um alçapão para um lugar onde o céu é azul e a terra produz trigo e mel e não há dor. Ou que há nove círculos da Prisão a rodear o seu centro, e que se descermos o suficiente encontraremos o coração de Incarceron, o seu núcleo vivo, e através dele emergiremos noutro mundo. — Abanou a cabeça. — Lendas. Nada mais.

Finn estava chocado. Olhou para Gildas; o velho parecia siderado, e então explodiu de fúria.

— Como podes dizer semelhante coisa? — gritou. — Tu, um Sapiente? Pensei, quando vi o que eras, que a nossa luta seria mais fácil, que compreenderias...

— Compreendo, acredita.

— Como podes então dizer que o Exterior não existe?

— Porque vi.

A voz foi tão sombria e carregada de desespero que até Keiro parou de andar de um lado para o outro e olhou para ele. Junto de Finn, Attia estremeceu.

— Como? — murmurou.

O Sapiente apontou para uma esfera, uma concha negra e vazia.

— Ali. A experiência demorou décadas, mas eu estava determinado. Os meus sensores atravessaram metal e pele, osso e arame. Sondei quilómetros e quilómetros de Incarceron, as suas salas e corredores, os seus mares, os seus rios. Como vocês, também eu acreditava. — Riu amargamente, roendo as unhas de uma mão. — E sim, encontrei o Exterior, de certa forma. — Voltou-se, tocou nos controlos e a esfera iluminou-se. — Encontrei isto.

Viram uma imagem na escuridão. Uma esfera dentro da esfera, um globo de metal azul. Estava suspenso na infinita escuridão do espaço, sozinho, silencioso.

— Isto é Incarceron. — Blaize espetou um dedo na direção do globo. — E nós vivemos dentro dele. Um mundo. Construído, ou criado, quem sabe, mas sozinho, numa vastidão, num vazio. Em nada. Lá fora não há nada. — Encolheu os ombros. — Lamento. Não quero destruir os sonhos de uma vida inteira. Mas não há para onde ir.

Finn não conseguia respirar. Era como se aquelas palavras sombrias lhe sugassem a vida. Olhou para o globo e sentiu Keiro aproximar-se por trás, sentiu o calor e a energia do seu irmão-de-juramento, e isso consolou-o. Mas foi Gildas que os surpreendeu a todos.

Riu-se. Uma gargalhada áspera, gutural, de escárnio. Erguendo a cabeça, voltou para Blaize um olhar desdenhoso.

— E dizes-te um Sábio! Enganado pela malícia da Prisão é o mais certo. Ela mostra-te mentiras e tu acreditas nelas, e vives aqui acima dos homens e despreza-los. Pior do que um tolo!

Aproximou-se do homem mais alto, e Finn avançou rapidamente um passo; conhecia o mau humor do velho.

Mas Gildas espetou um dedo nodoso no ar e disse, numa voz baixa e dura:

— Como ousas negar-me as minhas esperanças e a estes a possibilidade de viver? Como ousas dizer-me que Sapphique é um sonho, que a Prisão é a única coisa que existe?

— Porque é verdade — respondeu Blaize.

Gildas libertou-se da mão de Finn.

— Mentiroso! Não és um Sapiente. E esqueces-te de uma coisa. Nós vimos os do Exterior.

— Sim! — acrescentou Attia. — E falámos com eles.

Blaize fitou-os.

— Falaram com eles? — perguntou.

Por um momento, quase pareceu que as suas certezas tinham sido

abaladas. Juntou as pontas dos dedos e a voz dele soou tensa:

— Falaram com quem? Quem são eles?

Todos olharam para Finn, de modo que foi ele a responder.

— Uma rapariga chamada Claudia. E um homem. Ela chama-lhe Jared.

Houve um segundo de silêncio. E então Keiro disse:

— Explica lá isso.

Blaize voltou-lhes a costas, mas quase no mesmo instante tornou a encará-los, e a sua expressão era grave.

— Não é meu desejo perturbá-los. Mas viram uma rapariga e um homem. Como sabem onde eles estão?

— Aqui não é — respondeu Finn

— Não? — Blaize lançou-lhe um rápido olhar, o rosto marcado inclinado para um lado. — Como sabes? Não é verdade que pensaram que também eles podiam estar em Incarceron? Numa outra Ala, num nível distante onde a vida pareça diferente, onde nem sequer saibam que estão presos? Pensa, rapaz! Esta demanda da Fuga tornar-se-á numa loucura que vai consumir a tua vida. Vais passar anos em viagens sem esperança, à procura, e tudo para nada! Encontra um lugar para viver, aprende a paz. Esquece as estrelas.

A voz dele era um murmúrio entre as esferas de vidro, subindo até às traves de madeira do teto. Desanimado, mal ouvindo a furiosa explosão de Gildas, Finn voltou-se para a janela e ficou ali, a olhar através do vidro selado para as nuvens da estratosfera de Incarceron, demasiado alto para as aves, a paisagem gelada quilómetros lá em baixo, as colinas distantes e as escuras encostas que podiam ser paredes para lá da sua vista.

O seu próprio medo aterrorizou-o.

Se aquilo era verdade, não havia Fuga, nem dali nem dele mesmo... Era Finn e sempre seria, sem passado e sem futuro e não havia nenhum sítio para onde voltar, ninguém que tivesse em tempos sido.

Gildas e Attia estavam furiosos; discutiam, mas a voz fria de Keiro cortou o barulho como uma faca e silenciou toda a gente.

— Porque não lhes perguntamos? — sugeriu. Pegou na Chave e tocou nos controlos; voltando-se rapidamente, Finn reparou na habilidade com que

o fazia.

— Não vale a pena — disse Blaize, com rapidez.

— Para nós vale.

— Nesse caso, deixá-los-ei a falar com os vossos amigos. — Blaize voltou-se. — Não tenho a mínima vontade de o fazer. Considerem a torre a vossa casa. Comam, repousem. Pensem no que lhes disse.

Caminhou por entre as esferas e saiu, as abas da comprida casaca a adejar à volta das roupas sujas, deixando atrás de si um leve cheiro a ácido e a outra coisa qualquer, qualquer coisa doce.

Mal ele desapareceu, Gildas começou a praguejar, longa e amargamente.

Keiro sorriu.

— Afinal, sempre aprendeste alguma coisa de útil com os Comitatus.

— Pensar que ao fim de tantos anos ia encontrar um Sapiente e ele seria tão fraco! — O velho parecia verdadeiramente repugnado. Então estendeu a mão. — Dá-me essa Chave.

— Não é preciso. — Keiro colocou-a em cima da mesa e recuou. — Está a funcionar.

O familiar zumbido cresceu; a holoimagem saltou e formou um círculo de luz que parecia ainda mais brilhante do que o habitual, como se estivessem mais perto da fonte, ou a sua potência tivesse aumentado. Claudia surgiu no meio dele, tão perto como se estivesse ali com eles. Tinha os olhos brilhantes, o rosto alerta. Finn teve quase a sensação de que podia estender a mão e tocar-lhe.

— Encontraram-te — disse ela.

— Sim — respondeu ele, num murmúrio.

— Estou muito contente.

Jared estava com ela, encostado ao que parecia ser uma árvore. E de repente Finn compreendeu que deviam estar sentados num campo, ou num jardim, e a luz naquele lugar era gloriosamente dourada.

Gildas empurrou-o para um lado.

— Mestre — disse, secamente. — És um Sapiente?

— Sou. — Jared pôs-se de pé e fez uma vénia formal. — Como tu, ao que vejo.

— Há cinquenta anos, filho. Antes de tu teres nascido. Agora responde-me a três perguntas, e responde com verdade. Estás no Exterior de Incarceron?

Claudia olhava. Jared assentiu lentamente com a cabeça.

— Sim.

— Como sabes?

— Sei porque isto é um palácio, não uma prisão. Porque o sol brilha por cima de nós, e as estrelas à noite. Porque a Claudia descobriu o portão que dá acesso à Prisão...

— Descobriste? — arquejou Finn.

Mas antes que ela pudesse responder, Gildas disse:

— Mais uma coisa. Se estás no Exterior, onde está Sapphique? O que foi que ele fez quando aí chegou? Quando voltará para nos libertar?

Havia flores no jardim, garridas papoilas vermelhas. Jared olhou para Claudia e, no silêncio entre os dois, uma das abelhas pousou nas pétalas a zumbir, um pequeno murmúrio que fez Finn estremecer a uma recordação perdida.

Então Jared avançou, aproximando-se tanto que ele e Gildas ficaram face a face.

— Mestre — disse, delicadamente. — Perdoa a minha ignorância, a minha curiosidade. Perdoa-me se isto parece uma pergunta estúpida. Mas quem é Sapphique?

Capítulo 23

Nada mudou, nada mudará. Por isso temos de ser nós afazer a mudança.

Os Lobos de Aço

Finn pensou que a abelha ia sair do nimbo dourado e pousar nele. Quando o inseto zumbiu perto da sua mão, retirou-a vivamente, e a abelha afastou-se.

Olhou para Gildas. O velho quase tinha cambaleado; Attia estava a ajudá-lo a sentar-se, e Jared estendia a mão como que para ajudar também, a consternação espelhada no rosto. Olhou para Claudia; Finn ouviu-o murmurar...

— Não devia ter perguntado. A Experiência...

— Sapphique Fugiu. — Keiro puxou um banco e sentou-se no círculo do holograma, a luz dourada a fazer brilhar o gibão vermelho. — Saiu daqui. Foi o único que o conseguiu. É essa a lenda.

— Não é lenda — interrompeu Gildas, com a voz rouca. Ergueu os olhos. — A sério que não sabes? Pensei... que aí fora ele seria um grande homem... um rei.

— Não — disse Claudia. — Pelo menos... Bem, podemos investigar. É possível que ele se tenha escondido. As coisas por aqui também não são perfeitas. — Pôs-se rapidamente de pé. — Talvez vocês não saibam, mas aqui as pessoas acreditam que Incarceron é um lugar maravilhoso. Um paraíso.

Ficaram todos a olhar para ela.

Claudia viu o choque e a incredulidade nas caras deles, a expressão de Keiro a mudar quase instantaneamente para um sorriso irónico.

— Fabuloso — murmurou ele.

Por isso contou-lhes. Falou-lhes da Experiência, do pai, do enigma selado da Prisão. E então falou-lhes de Giles. Jared disse «Claudia...», mas ela fez

um gesto com a mão e continuou, rapidamente, caminhando de um lado para o outro na erva verde.

— Não o mataram, disso temos a certeza. Esconderam-no. E eu penso que o esconderam aí. E penso que és tu.

Voltou-se para eles, e Keiro disse:

— Estás a dizer... — Calou-se e olhou para o seu irmão-de-juramento.

— O Finn? Um príncipe? — Riu-se, incrédulo. — Enlouqueceste?

Finn abraçou-se a si mesmo. Estava a tremer, sabia, e aquela desorientação que raramente desaparecia estava de novo na sua mente, lampejos de imagens que passavam fugazes como sombras por espelhos escurecidos.

— És parecido com ele — disse Claudia com firmeza. — Agora não são permitidas fotografias, não é Protocolo, mas o velho tinha um retrato. — Tirou-o do saco de veludo azul e mostrou-o. — Vejam.

Attia inspirou fundo.

Finn estremeceu.

A criança tinha cabelos brilhantes e uma felicidade inocente iluminava-lhe o rosto. Toda ela irradiava uma saúde impossível. A túnica era bordada a ouro, a pele lisa e rosada. Uma águia minúscula marcava-lhe o pulso.

Finn adiantou-se um passo. Estendeu a mão e ela ergueu a miniatura, e os dedos dele fecharam-se sobre a moldura dourada e, por um momento, sentiu que a tinha agarrado, que lhe tocava. E então os dedos fecharam-se sobre coisa nenhuma e ele soube que estava muito longe, mais longe do que era capaz de imaginar. No espaço e no tempo.

— Havia um velho — disse Claudia. — Bartlett. Era ele que cuidava de ti.

Finn olhou para ela. O vazio assustou-os aos dois.

— A rainha Sia, então? A tua madrasta, que devia odiar-te. O Caspar, o teu meio-irmão? O teu pai, o rei, que morreu? Tens de te lembrar!

Ele queria. Queria arrastá-los para fora da escuridão da sua mente, mas não havia lá nada. Keiro estava de pé e Gildas segurava-lhe o braço, mas a única coisa que conseguia ver era Claudia e o seu olhar ansioso fixo nele e a desejar que se lembrasse.

— Estávamos noivos. Quando fizeste sete anos houve uma grande festa. Uma grande celebração.

— Deixa-o em paz! — gritou Attia. — Deixa-o.

Claudia aproximou-se mais. Estendeu a mão e tentou tocar-lhe no pulso.

— Olha para a águia, Finn. Não conseguiram removê-la. Ela prova quem tu és.

— Não prova coisa nenhuma! — Attia voltou-se tão bruscamente que Claudia fez um movimento de recuo. Os punhos da rapariga estavam cerrados, o rosto cheio de contusões muito branco. — Para de atormentá-lo! Se o amasses paravas! Não vês que o magoa e que ele não consegue lembrar-se? Tu não queres verdadeiramente saber se é ele, se é o Giles. Só não queres casar com esse Caspar!

No silêncio chocado que se seguiu, Finn respirou com força. Keiro empurrou-o para o banco; os joelhos dele cederam, e sentou-se rapidamente.

Claudia estava pálida. Recuou um passo, mas não desviou os olhos de Attia. Então disse:

— Não é verdade. Quero o verdadeiro rei. O verdadeiro Herdeiro, mesmo que não seja um Havaarna. E quero tirá-los desse lugar. A todos vocês.

Jared aproximou-se e agachou-se.

— Estás bem?

Finn assentiu. Não conseguia pensar direito; esfregou a cara com as mãos.

— Por vezes fica assim — disse Keiro. — E pior.

— Pode ser do tratamento que lhe ministraram. — Os olhos escuros do Sapiante encontraram os de Gildas. — Devem ter-lhe dado drogas para o fazer esquecer. Já tentaste alguns antídotos, Mestre, qualquer terapia?

— Os nossos medicamentos são limitados — resmungou Gildas. — Usei tumentina em pó e uma decocção de papoila. E, uma vez, dente-de-lebre, mas fê-lo vomitar.

Jared fez um ar ligeiramente chocado. Claudia soube, pela expressão dele, que aquelas coisas eram tão primitivas que os Sapianti as tinham praticamente esquecido. No mesmo instante, ficou furiosa; queria estender a mão e arrastar Finn dali para fora, derrubar a barreira invisível. Mas

enfurecer-se de nada servia, de modo que se forçou a dizer:

— Já decidi o que vou fazer. Vou entrar. Pelo portão.

— Como é que isso nos ajuda? — perguntou Keiro, a olhar para Finn.

Foi Jared que respondeu:

— Estudei a Chave com minúcia. Pelo que posso observar, a nossa capacidade de comunicarmos uns com os outros está a mudar. A imagem está a tornar-se mais clara e mais nítida. Talvez por eu e a Claudia termos vindo para a corte; estamos mais perto de vocês, e a Chave regista o facto. Talvez vos ajude a chegar ao portão.

— Pensei que havia mapas. — Keiro olhou para Claudia. — Foi o que aqui a princesa disse.

Claudia suspirou, impaciente.

— Menti.

Olhou para Keiro; os olhos dele eram frios como gelo.

— Mas — continuou Jared apressadamente —, há problemas. Há uma estranha... descontinuidade que me intriga. A Chave demora demasiado tempo a pôr-nos em contacto; parece precisar sempre de ajustar um qualquer padrão físico ou temporal... como se os nossos mundos estivessem de certo modo desalinhados...

Keiro fez um ar trocista; Finn sabia que ele achava que tudo aquilo era uma perda de tempo. Sentado no banco, ergueu a cabeça e perguntou em voz baixa:

— Mas não pensas, Mestre, que Incarceron é outro mundo, pois não? Que flutua livre no espaço, longe da Terra.

Jared olhou para ele. Então disse, gentilmente.

— Não, não penso. Mas é uma teoria fascinante.

— Quem te falou nisso? — perguntou Claudia.

— Não importa. — Finn pôs-se de pé, instável. Olhou para Claudia. — Aí nessa vossa corte há um lago, não há? Onde púnhamos lanternas de papel a flutuar com velas lá dentro?

As papoilas à volta dela eram como trapos vermelhos à luz do sol.

— Sim.

— E no meu bolo de anos havia bolinhas prateadas.

Claudia estava tão quieta que mal respirava.

E então, enquanto ele a olhava com uma insuportável tensão, os olhos dela abriram-se muito; voltou-se e gritou:

— Jared! Desliga-a! *Desliga-a!*

O Sapiente ergueu-se de um salto.

No mesmo instante, na sala das esferas houve apenas escuridão, uma estranha vertigem e um cheiro a rosas.

Keiro estendeu a mão para o espaço vazio onde a holoimagem estivera. Saltaram faíscas; retirou a mão, com uma praga.

— Alguma coisa os assustou — murmurou Attia. Gildas franziu a testa.

— Não alguma coisa. Alguém.

Tinha-o cheirado. Um perfume adocicado, inconfundível, que, compreendia-o agora, já ali estava havia muito tempo, que ela reconhecera mas ignorara, apanhada na tensão do momento. Voltada para a resplandecente sebe de alfazema, esporas-bravas e rosas, sentiu Jared levantar-se lentamente, ouviu o pequeno arquejo de medo quando também ele o registou.

— Mostre-se — disse, num tom gelado.

Estava atrás do arco da sebe. Saiu do seu esconderijo com relutância, a seda cor de alperce do fato macia como pétalas.

Por um instante, nenhum deles falou.

Então Evian esboçou um sorriso embaraçado.

— Quanto é que ouviu? — perguntou Claudia, de mãos na cintura.

Ele tirou um lenço do bolso e limpou o suor da cara.

— Demasiado, receio bem, minha querida.

— Pare de representar — disse Claudia, furiosa.

Evian olhou para Jared e então, com curiosidade, para a Chave.

— É um engenho espantoso. Se tivéssemos ideia de que existia, teríamos movido céu e terra para o encontrar.

Ela bufou de fúria e voltou-lhe as costas.

— Se esse rapaz for o Giles — continuou ele, num tom astuto —, sabe o que isso significa?

Claudia não respondeu.

— Significa que teremos uma figura de proa para o nosso golpe. Como tão emocionantemente disse, o verdadeiro Herdeiro. Deduzo que era esta a informação que me prometeu.

— Sim. — Claudia voltou-se e viu o olhar fascinado dele, e, como da primeira vez, sentiu-se gelar. — Mas escute, Evian. Vamos fazer isto à minha maneira. Antes de mais nada, vou passar por aquele portão.

— Não sozinha.

— Não — disse Jared, rapidamente. — Comigo.

Ela lançou-lhe um olhar sobressaltado.

— Mestre...

— Juntos, Claudia. Ou de maneira nenhuma.

Soou uma trombeta algures no Palácio. Ela olhou para o edifício, irritada.

— Está bem. Mas não há necessidade de assassínios, não vês? Se as pessoas souberem que o Giles está vivo, se o virem, com certeza a rainha não poderá negar...

As palavras morreram-lhe nos lábios quando olhou para eles. Jared, com um ar infeliz, estava a brincar com uma pequena flor branca que apanhara do chão, esfregando o seu perfume entre os dedos, sem olhar para ela. Evian olhou, mas os seus olhos pequenos tinham quase uma expressão de pena.

— Claudia — disse —, é ainda assim tão inocente? — Aproximou-se, não muito mais alto do que ela, a transpirar sob o calor do sol. — As pessoas nunca verão o Giles. Ela nunca permitirá que isso aconteça. Serão os dois assassinados sem piedade, como o velho de que falava. O Jared também, e todos os que tiverem conhecimento do plano.

Ela cruzou os braços, com o rosto a escaldar. Sentiu-se humilhada, como uma criança a ser bondosamente corrigida, o que era ainda pior. Porque,

claro, ele tinha razão.

— Eles é que têm de ser mortos. — A voz de Evian foi baixa e dura. — Têm de ser afastados. Já o decidimos. E estamos prontos para agir.

Ela enfrentou-lhe o olhar.

— Não.

— Sim. Muito em breve.

Jared deixou cair a flor e voltou a cabeça. Estava muito pálido.

— Têm ao menos de esperar até depois do casamento.

— O casamento é dentro de dois dias. Agiremos logo a seguir. É melhor que nenhum dos dois saiba os pormenores... — Ergueu uma mão para a calar. — Por favor, Claudia, nem sequer me pergunte. Deste modo, se correr mal, se forem interrogados, não poderão revelar seja o que for. Não saberão o lugar, nem a hora, nem o método. Não fazem ideia de quem são os Lobos de Aço. Ninguém poderá acusá-los seja do que for.

Ninguém exceto ela própria, pensou Claudia, com amargura. Caspar era um tiranete ganancioso que ia tornar-se ainda pior. A rainha era uma assassina astuta. Imporiam sempre o Protocolo. Nunca mudariam. E no entanto, não queria as mãos manchadas com o sangue de qualquer um deles.

A trombeta voltou a tocar, insistente.

— Tenho de ir — disse. — A rainha vai caçar e eu tenho de estar presente.

Evian assentiu e voltou-se, mas antes que pudesse dar dois passos ela forçou as palavras a sair:

— Espere. Uma coisa.

O fato de seda cor de alperce refulgiu. Uma borboleta esvoaçou junto do ombro dele, curiosa.

— O meu pai. O que é que acontece ao meu pai?

Um bando de pombos levantou voo de uma das mil torres do Palácio e revolteou no belo céu azul. Evian não se voltou e a voz dele foi tão baixa que mal se ouviu:

— É um homem perigoso. Está implicado.

— Não lhe façam mal.

— Claudia...

— Não. — Cerrou os punhos. — Não o matarão. Prometa-mo agora. Jure-o. Ou vou ter com a rainha e conto-lhe tudo agora mesmo.

Lorde Evian voltou-se, sobressaltado.

— Não seria...

— Não me conhece.

Enfrentou-o, com uma determinação férrea. Só a sua teimosia impediria que uma faca trespassasse o coração do pai. Sabia que ele era seu inimigo, o seu adversário subtil, o seu frio oponente do outro lado do tabuleiro. Mas continuava a ser seu pai.

Evian lançou um olhar a Jared, e então disse, num longo e contrafeito suspiro:

— Muito bem.

— Jure. — Claudia estendeu a mão, agarrou a dele e apertou-a com força; estava quente e húmida. — Com o Jared como testemunha.

Relutante, ele deixou-a erguer os dedos entrelaçados de ambos. Jared pôs a sua delicada mão por cima.

— Juro. Dou a minha palavra como Lorde do Reino e um dedicado seguidor d'O Que Tem Nove Dedos. — Os pequenos olhos cinzentos de Evian brilharam pálidos à luz do sol. — O governador de Incarceron não será morto.

Ela assentiu com a cabeça.

— Obrigada.

Viram-no libertar a mão e afastar-se, a limpar cuidadosamente os dedos com um lenço de seda, até desaparecer no caminho.

Claudia sentou-se na erva e abraçou os joelhos por cima do vestido azul.

— Oh, Mestre. Que confusão.

Jared parecia ausente. Andava inquieto de um lado para o outro, com nervosismo. Então deteve-se tão bruscamente que ela pensou que uma abelha o tinha picado.

— Quem é O Que Tem Nove Dedos?

— O quê?

— Foi o que o Evian disse. — Voltou-se, e Claudia viu no seu olhar uma obstinação que conhecia bem, como as ardentes obsessões que por vezes o mantinham agarrado às suas experiências dias e noites seguidos. — Já alguma vez tinhas ouvido falar de um tal culto?

Ela encolheu os ombros.

— Não, e não tenho tempo para me preocupar com isso. Escuta. Hoje à noite, depois do banquete, a rainha preside a uma reunião do seu Conselho, um grande Sínodo, para preparar as escrituras do casamento e da sucessão. Vão lá estar todos, o Caspar, o governador e o seu secretário e todas as figuras importantes. E não poderão sair.

— Tu não?

Ela voltou a encolher os ombros.

— Quem sou eu, Mestre? Um peão no tabuleiro. — Riu-se, o riso que sabia que ele detestava, duro e amargo. — Será então que iremos a Incarceron. E desta vez não deixaremos nada ao acaso.

Jared assentiu, calmamente. O rosto dele ensombrara-se, mas persistia uma nota de excitação.

— Estou contente por teres dito *nós*, Claudia — murmurou.

Ela ergueu os olhos.

— Receio por ti — limitou-se a dizer. — Aconteça o que acontecer.

Ele assentiu.

— Já somos dois.

Ficaram silenciosos por um momento.

— A rainha está à espera.

Mas ela não fez menção de ir, e quando ele lhe olhou para o rosto viu-o tenso e distante.

— A rapariga, a Attia. Estava com ciúmes. Com ciúmes de mim.

— Sim. Devem ser muito chegados, o Finn e os amigos.

Claudia encolheu os ombros. Pôs-se de pé e sacudiu pólen do vestido.

— Bem. Em breve saberemos.

Capítulo 24

Procuras a chave de Incarceron?

Procura dentro de ti. Sempre lá esteve escondida.

O Espelho dos Sonhos para Sapphique

A torre do Sapiente era estranha, pensou Finn.

Ele, Keiro e Attia tinham tomado à letra as palavras do homem e passado o dia a explorá-la, e havia coisas que os intrigavam.

— A comida, por exemplo. — Keiro tirou um pequeno fruto verde de uma taça e cheirou-o cautelosamente. — Isto foi cultivado, mas onde? Estamos a quilómetros de altura e não há maneira de descer. Não me digam que ele vai ao mercado no navio de prata.

Sabiam que não havia maneira de descer porque os quartos, que ficavam na cave, tinham sido construídos sobre a rocha nua. Pequenas estalagmites erguiam-se no meio do mobiliário, pingentes de calcário pendiam do teto, havia camadas de sedimentos acumuladas ao longo dos cento e cinquenta anos da vida da Prisão, embora Finn tivesse pensado que seria preciso muito mais tempo, talvez milénios, para que aquelas coisas se formassem.

Enquanto deambulava atrás de Attia, indo da cozinha para a despensa e da despensa para o observatório, caiu por instante num devaneio de fascinante horror: Incarceron era de facto um mundo, antigo e vivo, e ele uma criatura microscópica dentro desse mundo, minúsculo como uma bactéria, e Claudia também lá estava, e até Sapphique era um sonho sonhado por Prisioneiros incapazes de enfrentar o pavor de não haver Fuga.

— E os livros! — Keiro abriu a porta da biblioteca e olhou para eles com asco. — Quem precisa de tantos livros! Quem se daria alguma vez ao trabalho de os ler?

Finn passou por ele. Keiro mal sabia ler o seu próprio nome e orgulhava — -se disso. Certa vez envolvera-se numa luta por causa de um suposto insulto a seu respeito rabiscado numa parede por um dos rufiões de

Jormanric; saíra da zaragata vivo, mas muito maltratado. Finn lembrava-se de ter sido incapaz de o convencer de que o escrito era inofensivo, era até um pouco lisonjeiro.

Finn sabia ler. Não fazia ideia de quem o ensinara, mas lia ainda melhor do que Gildas, que murmurava as palavras e só vira cerca de uma dúzia de livros em toda a sua vida. O Sapiente estava com eles naquele momento, sentado à secretária no centro da biblioteca, os dedos nodosos a virarem as páginas de um grande códice encadernado a couro, os olhos perto do texto manuscrito.

À volta deles, em prateleiras que se erguiam até às sombras do teto, a biblioteca de Blaize era imensa, torres de pesados volumes, todos numerados a ouro e encadernados a verde e castanho.

Gildas ergueu a cabeça. Tinham esperado que ficasse mudo de admiração, mas a voz dele foi sarcástica.

— Livros? Não há aqui livros, rapaz.

— Os teus olhos estão piores do que julgas — comentou Keiro, trocista. O velho abanou a cabeça, impaciente.

— Estes livros são inúteis. Olha para eles. Nomes, números. Não nos dizem nada.

Attia tirou um volume da prateleira mais próxima e abriu-o, e Finn espreitou por cima do ombro dela. Estava cheio de pó e as margens das páginas tinham sido comidas pelos bichos, tão secas que se desfaziam. A página continha uma lista de nomes:

MARCION

MASCUS

MASCUS ATTOR

MATTHEUS PRIME

MATTHEUS UMRA

À frente de cada nome havia um número. Um comprido número de oito dígitos.

— Prisioneiros? — disse Finn.

— Aparentemente. Listas de nomes. Volumes deles. Por cada Ala, cada

Nível.

Junto a cada nome havia uma pequena imagem quadrada de um rosto. Attia tocou numa e quase deixou cair o livro. Finn deixou escapar uma exclamação que fez Keiro aproximar-se da mesa e ajoelhar-se ao lado deles.

— Bem, bem — disse.

Para cada nome, uma série de imagens desfilava fugazmente na página, aparecendo e desaparecendo numa rápida sucessão, até que Attia tocou numa com a ponta do dedo e ela se imobilizou, transformando-se numa fotografia de corpo inteiro de um homem corcunda de casaco amarelo que encheu a página. Quando levantou o dedo, as imagens voltaram a correr, centenas de fotos do mesmo homem, numa rua, a viajar, a falar junto de uma fogueira, a dormir, toda a sua vida ali catalogada, o corpo a tornar-se pouco a pouco mais velho diante dos olhos deles, vergado, apoiado a uma bengala, a mendigar, leproso com uma qualquer terrível doença.

E depois nada.

— Os Olhos — disse Finn em voz baixa. — Devem gravar além de observar.

— Onde foi que o Blaize arranjou tudo isto? — Keiro ergueu a cabeça, subitamente chocado. — Achas que estou aqui?

Sem esperar por uma resposta, dirigiu-se à estante marcada com a letra K, encontrou uma escada comprida, apoiou-a contra os livros e trepou agilmente por ela. Começou a puxar volumes para fora e a voltar a empurrá-los para dentro, impaciente.

Attia tinha-se afastado até à secção A e Gildas estava ocupado a ler, de modo que Finn encontrou a letra F e procurou sozinho.

FIMENON

FIMMA

FIMMIA

FIMOS NEPOS

FINARA

Os dedos tremiam-lhe quando voltou a página, percorrendo a fila de nomes até encontrar o que procurava.

FINN

Ficou a olhar para ele. Havia dezasseis Finns, mas o dele era o último. O número lá estava, em toda a sua sinistra familiaridade, o número que estivera no macacão que vestia na cela, que aprendera de cor. A seguir ao número havia uma pequena imagem, dois triângulos sobrepostos, um deles invertido. Uma estrela. Quase a tremer de ansiedade, tocou-lhe.

As imagens correram. Ele a entrar no túnel branco.

Imobilizou-a imediatamente.

Lá estava ele, mais novo, mais limpo, o rosto uma máscara de medo e lacrimosa determinação. Foi doloroso olhar para ela. Tentou voltar para trás, mas aquela era a primeira; não havia nada antes.

Nada.

O coração batia-lhe com força. Continuou a passar imagens, devagar. Ele e Keiro. Imagens do Comitatus. Ele a lutar, a comer, a dormir.

A rir-se. A crescer, a mudar. A perder qualquer coisa. Quase sentiu que o via acontecer, as imagens em constante mudança a mostrá-lo a tornar-se alguém mais duro, vigilante, carrancudo, sempre presente no pano de fundo das lutas e esquemas de Keiro. Uma imagem mostrava-o a ter um ataque, e ele olhou com horror e aversão para o seu corpo enrolado e sacudido por espasmos, o seu rosto contorcido. Deixou as imagens correrem mais depressa, quase demasiado depressa para conseguir vê-las, até que espetou o dedo e as imobilizou.

A emboscada.

Viu-se a si mesmo gelado, meio desembaraçado das correntes, a agarrar o braço da Maestra. Ela devia ter acabado de compreender a armadilha em que caíra; o rosto estava petrificado numa expressão estranha, magoada, quase ofendida, o sorriso já a ficar rígido.

Fechou o livro com força e o som ecoou na sala silenciosa, fazendo Gildas resmungar e Attia voltar-se.

— Encontrei alguma coisa? — perguntou ela.

Finn encolheu os ombros.

— Nada que não soubesse. E tu? — Reparou que ela tinha deixado a

secção A e estava a procurar nos C. — Porquê aí?

— O que o Blaize disse a respeito de não existir um Exterior. Lembrei-me de procurar Claudia.

Finn ficou gelado.

— E?

Ela tinha o livro na mão, um grande volume verde. Fechou-o rapidamente e voltou-se, arrumando-o na prateleira.

— Nada. Ele está enganado. Ela não está em Incarceron.

Havia qualquer coisa de contido na voz dela, mas antes que Finn pudesse pensar nisso o silvo de fúria de Keiro fê-lo voltar-se.

— Tem aqui tudo a meu respeito! Tudo!

Finn sabia que Keiro ficara órfão ainda bebé e crescera no bando de garotos abandonados e sebentos que parecia gravitar na órbita do Comitatus: bastardos de guerreiros, filhos de mulheres que eles tinham matado, miúdos que ninguém conhecia. Devia ter sido uma luta feroz arranjar comida para sobreviver e conservar um rosto sem marcas no meio daquela turba violenta. Talvez por isso o seu irmão-de-juramento parecia tão alarmado. Também ele fechou o livro com estrondo.

— Esqueçam as vossas insignificantes histórias. — Gildas ergueu a cabeça, o rosto estreito como que iluminado. — Venham ler um verdadeiro livro. Isto é o diário de um tal Lorde Calliston, aquele a que chamavam o Lobo de Aço. Diz-se que foi o primeiro Prisioneiro. — Voltou a página. — Está tudo aqui, a chegada dos Sapiienti, os primeiros condenados, o estabelecimento da Nova Ordem. Parece terem sido relativamente poucos, e naquele tempo falavam com a Prisão como falavam uns com os outros.

Agora sim, parecia genuinamente espantado.

Juntaram-se à volta dele, e viram que o livro era mais pequeno do que os outros e verdadeiramente escrito à mão, com uma pena irregular. Gildas bateu com o dedo na página.

— A rapariga tinha razão. Criaram a Prisão como um lugar onde despejar todos os seus problemas, mas havia muito definitivamente a esperança de criar uma sociedade perfeita. Segundo isto, há muito que todos nós devíamos

ser serenos filósofos. Ouçam isto.

Leu alto, com uma voz rouca:

— *Estava tudo previsto, todas as eventualidades cobertas. Tínhamos uma alimentação nutritiva, educação gratuita, cuidados médicos melhores do que no Exterior, agora que lá imperavam as regras do Protocolo. Tínhamos a disciplina da Prisão, esse ser invisível que vigia, castiga e governa.*

»*E no entanto.*

»*As coisas degradam-se. Estão a formar-se grupos dissidentes. Há lutas pelo território. Há casamentos e lutas de clãs. Já dois Sapiienti levaram os seus seguidores para viverem em isolamento, dizendo que receiam que os assassinos e os ladrões nunca mudem, que um homem foi morto, uma criança atacada. A semana passada, dois homens lutaram por causa de uma mulher. A Prisão interveio. Nenhum dos dois voltou a ser visto.*

»*Acredito que estão mortos e que Incarceron os integrou nos seus sistemas. A pena de morte não estava prevista, mas agora é a Prisão que manda. Pensa por si mesma.*

No silêncio que se seguiu, Keiro perguntou:

— Eles terão acreditado verdadeiramente que resultaria?

Passado um instante, Gildas voltou a página. O roçar do papel ouviu-se nítido no silêncio

— Parece que sim. O autor não é muito claro a respeito do que correu mal. Talvez algum elemento imprevisto tenha entrado em jogo, fazendo desequilibrar a balança, apenas com um comentário, um pequeno gesto, de tal modo que a falha no ecossistema perfeito que tinham concebido cresceu e acabou por destruí-lo. Talvez a própria Incarceron se tenha avariado, tornado tirânica... o que sem dúvida aconteceu, mas foi causa ou efeito? E depois há isto.

Apontou para as palavras à medida que as lia, e Finn, inclinando-se para a frente, viu que estavam sublinhadas, a página suja, como se outra pessoa a tivesse manuseado muitas vezes.

— *... ou será que o homem contém em si mesmo a semente do Mal? Que mesmo se colocado num paraíso perfeito para ele acabe por envenená-lo, lentamente, com os seus ciúmes e desejos? Receio que seja bem possível que*

culpemos a Prisão pela nossa própria corrupção. E não me excludo a mim mesmo, pois também eu matei e procurei apenas o seu próprio benefício.

Na vasta e silenciosa biblioteca, só as partículas de pó caíam através do feixe de luz oblíquo que descia do teto.

Gildas fechou o livro. Olhou para Finn, e o seu rosto estava pálido.

— Não podemos ficar aqui — disse pesadamente. — Este é um lugar onde o pó se junta e a dúvida entra no coração. Temos de ir, Finn. Isto não é um refúgio. É uma armadilha.

O som de passos no pó fê-los olhar para cima. Blaize estava na galeria que circundava a claraboia, a olhar para ele, as mãos apoiadas na balaustrada.

— Precisam de descansar — disse calmamente. — Além disso, não há maneira de descer daqui. Até eu decidir levá-los.

Claudia fora meticulosa: *scanners* colocados em todas as adegas, holoimagens dela própria e de Jared a dormirem tranquilamente nas suas camas, um chorudo suborno ao subsecretário para saber a duração do debate, o número de cláusulas do contrato de casamento, o tempo que tudo aquilo demoraria. Finalmente, falara com Evian e dissera-lhe que argumentasse a respeito de tudo o que fosse dito. Desde que o pai permanecesse no Grande Salão até bem depois da meia-noite.

Enquanto deslizava por entre os barris e tonéis com as suas roupas escuras, sentia-se como uma sombra libertada do interminável banquete lá em cima; a conversa de circunstância, as enjoativas intimidades da rainha, a maneira como lhe agarrava a mão e a apertava com força e falava excitada a respeito de como iam ser felizes, dos palácios que iam construir, das caçadas, dos bailes, dos vestidos. Caspar passara o tempo a olhar para ela com um ar zangado, bebera demasiado vinho e escapulira-se logo que pudera para ir ter com uma criada qualquer. E o pai, grave e composto na sua casaca preta e botas brilhantes, captara-lhe o olhar uma vez do outro lado da comprida mesa, um fugaz relance por entre as velas e as flores.

Teria adivinhado que ela tinha um plano?

Não havia tempo para pensar nisso agora. Ao endireitar-se depois de passar por baixo de um emaranhado de teias de aranha, chocou com uma figura alta e quase gritou de susto.

Ele agarrou-lhe um braço.

— Desculpa, Claudia.

Também Jared usava roupas escuras. Ela lançou-lhe um olhar irritado.

— Céus, pregaste-me um susto! Tens tudo?

— Sim.

Estava pálido, os olhos escuros encovados.

— Os teus medicamentos?

— Tudo. — Forçou um sorriso. — Quem nos ouvisse diria que sou eu o pupilo.

Ela devolveu-lhe o sorriso, a tentar animá-lo.

— Vai correr tudo bem. Temos de ir, Mestre. Temos de ver o Interior. Jared assentiu com a cabeça.

— Apressemos-nos, então.

Ela guiou-o pelas salas abobadadas. Naquela noite, os tijolos pareciam mais húmidos do que antes, as exalações das paredes salgadas um ar fétido que lhes condensava a respiração.

O portão parecia mais alto, e quando Claudia se aproximou viu que as correntes estavam de novo no seu lugar, cada elo de metal mais grosso do que o braço dela. Mas foram os caracóis que a fizeram estremecer, criaturas grandes e gordas cujos rastos prateados se entrecruzavam na condensação que cobria o metal, como se se tivessem ali reproduzido durante séculos.

— Que porcaria! — Puxou por um; soltou-se com um ligeiro «plop» e ela atirou-o para o chão. — *É* aqui. Ele pôs um código na fechadura.

A águia dos Havaarna abria largamente as suas asas. No globo que segurava com as garras havia sete pequenas cavidades circulares. Claudia preparava-se para lhes tocar quando Jared lhe agarrou os dedos.

— Não! Se introduzes o código errado, disparam alarmes por todo o lado. Ou pior, podemos ficar encurralados. Isto tem de ser feito com cuidado, Claudia.

Tirou do bolso um pequeno *scanner* e começou, muito cuidadosamente, a fazer leituras e a ajustá-las, agachado entre as correntes enferrujadas.

Impaciente, ela afastou-se, investigou as adegas e voltou.

— Depressa, Mestre.

— Não posso apressar isto. — Estava absorto no seu trabalho, movendo suavemente os dedos.

Ao cabo de longos minutos, ela não aguentou de impaciência. Tirou a Chave do bolso, olhou para ela nas costas dele.

— Achas...

— Espera, Claudia. Tenho quase a certeza do primeiro número...

Havia um disco na porta. Era bronze-esverdeado, ligeiramente mais brilhante do que o metal que o rodeava. Claudia estendeu a mão por cima da cabeça de Jared e fê-lo deslizar para o lado.

— Um buraco de fechadura.

Hexagonal, como o cristal.

Voltou a estender a mão e introduziu a Chave no buraco.

No mesmo instante, ela saltou-lhe dos dedos.

Com um enorme estalido que a fez gritar e Jared saltar para trás, aterrorizado, a Chave rodou sozinha. As correntes caíram. Choveu ferrugem. O portão abriu-se com um estremecimento.

Jared levantou-se de um salto e pôs-se a verificar freneticamente todos os alarmes.

— Claudia, isso foi tão estúpido — arquejou, mas ela não se importou, ria-se porque estava aberto, o portão da Prisão. Tinha aberto Incarceron.

A última corrente deslizou e caiu.

O estrépito ecoou pelas caves.

Jared esperou até o último sussurro de barulho se ter silenciado.

— Então? — disse ela.

— Não vem ninguém. Lá em cima está tudo normal. — Jared limpou o suor da testa com as costas da mão. — Devemos estar demasiado fundo para ouvirem qualquer coisa. É mais do que merecemos, Claudia.

Ela encolheu os ombros.

— Eu mereço encontrar o Finn. E ele merece ser livre.

Olharam para a escura fresta, expectantes. Uma parte de Claudia esperava ver uma multidão de Prisioneiros irromper dali.

Mas nada aconteceu, de modo que avançou e empurrou o portão.

E olhou para o Interior.

Capítulo 25

Lembro-me de uma historia a respeito de uma rapariga no Paraíso que certa vez comeu uma maçã. Foi um Sapiente que lha deu. E por causa disso, ela passou a ver as coisas de uma maneira diferente. O que até então parecera moedas de ouro eram folhas mortas. Ricas vestimentas eram farrapos de teias de aranha. E \ :u que havia um muro à volta do mundo, com um portão fechado à chave.

Estou a ficar fraco. Os outros estão todos mortos. Acabei a chave, mas já não me atrevo a usá-la.

Diário de Lorde Calliston

Era impossível.

Ficou paralisada, sentiu a esperança estilhaçar-se-lhe dentro do peito. Esperara corredores escuros, um labirinto de celas, estreitas passagens de pedra cheias de ratazanas e de humidade.

Não aquilo.

Para lá da entrada estranhamente inclinada, a sala branca era uma réplica perfeita do gabinete do pai. As máquinas zumbiam, a secretária e a cadeira estavam no mesmo sítio, iluminadas pela mesma faixa de luz que descia do teto.

— É exatamente igual! — exclamou, desesperada.

Jared estava a usar o *scanner* para sondar o espaço à frente deles.

— O governador é um homem de hábitos meticulosos. — Baixou o aparelho, e Claudia viu que estava tão aturdido como ela. — Claudia, agora que o portão está aberto posso dizer-te que não há qualquer Prisão por baixo de nós. Há apenas esta sala.

Estupefacta, ela abanou a cabeça. E então entrou.

Sentiu imediatamente o mesmo efeito que já antes sentira; os mesmos zumbidos estranhos e estalidos, o chão que parecia nivelar-se debaixo dos pés

dela, as paredes a endireitarem-se. Até o ar parecia diferente ali dentro, mais fresco e mais seco, nada como as húmidas exalações das adegas.

Voltou-se e olhou para Jared.

— Foi muito estranho — disse ele. — Foi uma mudança espacial, como se esta sala e a cave não fossem exatamente... adjacentes.

Entrou atrás dela, e Claudia viu como os olhos escuros dele se abriam. Mas estava demasiado desapontada para querer saber.

— Porquê fazer uma cópia do gabinete aqui? — Aproximou-se da secretária e bateu-lhe com o pé, furiosa. — Não parece mais usada do que a outra!

Jared olhava em redor, fascinado.

— É exatamente igual?

— Nos mais pequenos pormenores. — Inclinou-se para cima da secretária, disse a *password*, Incarceron, e a gaveta abriu-se. Lá dentro, como esperava, estava uma Chave de cristal exatamente igual à que tinham. — Tem uma chave em casa e outra aqui. Mas a Prisão fica noutra qualquer.

A amargura na voz dela fez Jared lançar-lhe um olhar preocupado e em seguida aproximar-se.

— Não te atormentes... — disse em voz baixa.

— Disse ao Finn que tinha descoberto a entrada! — Voltou-se, desolada. — E agora, o que é que fazemos? Amanhã estarei casada com o Caspar ou serei executada por traição.

— Ou serás rainha — disse ele.

Claudia olhou para ele.

— Ou serei rainha. Depois de um banho de sangue que me perseguirá para sempre.

Afastou-se e olhou para as máquinas prateadas, que continuavam a zumbir. Ouviu Jared dizer, atrás dela:

— Bem, pelo menos...

Calou-se.

Quando ele não terminou a frase, Claudia voltou-se e viu-o inclinado

sobre a gaveta aberta onde estava a Chave, e então endireitar-se e olhá-la de lado. Quando voltou a falar, foi com uma voz rouca de excitação:

— Não é uma réplica. *É a mesma sala.*

Ela ficou a olhar, sem compreender.

— Olha, Claudia. Vem ver isto.

A Chave. Deitada no seu leito de veludo preto. Jared estendeu a mão para lhe tocar e, espantada, Claudia viu os dedos dele passarem através dela e chegarem ao macio tecido por baixo. Era uma holoimagem.

A holoimagem que ela tinha lá posto.

Recuou e olhou em redor. Então, rapidamente, pôs-se de gatas e procurou à volta das pernas da cadeira.

— Se é a mesma sala, havia...

Arquejou e levantou-se de um salto com uma exclamação abafada. Tinha na mão uma minúscula lasca de metal.

— Isto estava exatamente no mesmo sítio. Mas como? Como pode ser a mesma sala? Aquilo foi em casa. A quilómetros de distância daqui.

Olhou para a porta aberta, para lá da qual se estendiam as escuras adegas do Palácio.

Jared parecia ter esquecido o medo; o seu rosto afilado estava como que iluminado; pegou no pedaço de metal e examinou-o atentamente, então tirou um pequeno saco do bolso e guardou o objeto dentro dele. Apontou o *scanner* para a cadeira.

— Há aqui qualquer coisa estranha. A falha espacial parece mais forte. — Franziu a testa, frustrado. — Ah, se tivéssemos instrumentos melhores, Claudia! Se os Sapienti não tivessem sido tão estrangulados pelo Protocolo durante todos estes anos!

— Reparaste como a cadeira está fixa ao chão? — perguntou ela.

Não o tinha notado antes, mas havia grampos de metal a mantê-la na sua posição. Andou à volta dela.

— E porquê aqui? Está demasiado longe da secretária. Só há aquela luz lá em cima.

Olharam para ela. Um estreito feixe de luz ligeiramente azulada, que incidia sobre a cadeira e nada mais. Quase demasiado fraca para permitir a leitura.

Um frio súbito gelou-a.

— Mestre... isto não é uma câmara de tortura, pois não?

Jared não respondeu imediatamente, e quando o fez ela ficou grata pelo tom comedido.

— Duvido. Não há correias, nem sinais de violência. Pensas que o teu pai precisaria de recorrer a tais meios?

Claudia não queria responder a esta pergunta. Em vez disso, disse:

— Vimos tudo o que havia para ver. Vamos embora.

Já passava da meia-noite. Todo o seu corpo estava atento ao som de passos.

Ele assentiu, relutante.

— E no entanto esta sala contém segredos, Claudia, que eu daria mundos para descobrir. Talvez seja uma passagem. Talvez não estejamos a ver o que há aqui.

— Jared. Já chega.

Dirigiu-se ao portão e saiu. As caves estavam silenciosas e escuras, todos os alarmes que colocara nos respetivos lugares. Mesmo assim, foi abalada por súbitos medos: de que houvesse figuras negras a observá-la, que Fax estivesse ali, que o pai se escondesse nas mesmas sombras onde ela se escondera, que a porta de bronze se fechasse repentinamente e encurralasse Jared lá dentro. Arrastou-o para fora tão depressa que ele quase caiu.

Agarrou a Chave, tirou-a da fechadura e viu como, no mesmo instante, o portão se fechava quase sem ruído, as correntes voltavam aos seus lugares, os caracóis continuavam o seu perpétuo e viscoso rastejar por cima das asas desgastadas da águia.

Não disse nada enquanto seguia a escura figura do Sapiente por entre os barris e tonéis, silenciada pelo desapontamento e pelo fracasso. O que ia Finn pensar dela agora? Como Keiro riria, escarninho, e como a rapariga torceria os lábios. E para ela, restava um dia de liberdade.

No alto das escadas, deteve Jared puxando-lhe pela manga.

— É melhor voltarmos separados, Mestre. Não devemos ser vistos juntos.

Ele assentiu e, no escuro, Claudia notou que tinha corado ligeiramente.

— Vai tu primeiro. Tem cuidado.

Ela não se mexeu; quando falou, foi com uma voz apagada:

— Acabou-se, não é verdade? Acabou-se tudo. O Finn vai apodrecer naquele lugar para sempre.

Jared encostou-se a uma coluna e inspirou fundo.

— Não desespere, Claudia. Incarceron está perto. Tenho a certeza.

Tirou qualquer coisa do bolso e, surpresa, Claudia viu que era a minúscula lasca de metal, selada num saco de plástico.

— O que é isso?

— Não faço ideia. Vou usar a torre dos Sipienti aqui no Palácio e fazer algumas experiências, amanhã.

— Sorte a tua. — Voltou a cabeça, amargurada. — Tudo o que eu tenho de experimentar é o meu vestido de casamento.

Afastou-se antes que ele pudesse responder, subindo as escadas até desaparecer nos corredores iluminados por velas, nos silêncios e murmúrios noturnos do Palácio.

Jared fez rodar o pequeno pedaço de metal entre as pontas dos dedos. Empurrou para trás o cabelo húmido e respirou lentamente.

Por momentos, a estranheza da sala fizera-o esquecer a dor. Que naquele momento voltou, mais feroz, como que para o castigar.

Não voltaram a ver Blaize nas horas que se seguiram. Parecia ter desaparecido, mas Finn não sabia para onde.

— Há uma zona desta torre que ainda não encontramos — murmurou Keiro —, e é aí que está a saída. — Esparramou-se na cama, a olhar para o teto branco. — E aquela conversa a respeito dos livros... Não acredito numa palavra.

Blaize rira-se das perguntas deles a respeito dos registos da Prisão.

— Esta torre estava vazia e possivelmente foi construída apenas para armazenar aqueles livros — dissera ao jantar, enquanto passava o pão. — Encontrei-a, gostei dela e mudei-me para cá. Asseguro-lhes de que não faço ideia de como as imagens cá vieram parar, e não tenho tempo nem paciência para olhar para elas.

— Mas sentes-te seguro aqui — murmurara Gildas.

— Estou seguro. Ninguém consegue chegar a mim. Removi todos os Olhos e os Escaravelhos não conseguem entrar. Claro que Incarceron tem muitas maneiras de vigiar e não duvido de que estou sob observação, uma vez que as minhas imagens aparecem no livro como as de toda a gente. Mas não de momento, graças ao estranho poder da vossa Chave. De momento, somos todos invisíveis. — Sorrira, coçando as crostas do queixo. — Se tivesse um dispositivo como esse, poderia aprender muito com ele. Suponho que não estão interessados em vendê-lo?

— Ele quer a Chave — disse agora Keiro, sentando-se rapidamente na cama. — Reparaste nele quando o Gildas se riu? Havia uma frieza na expressão dele, um lampejo de qualquer coisa. Quer a Chave.

Finn sentou-se no chão, com os joelhos puxados para cima.

— Não vai consegui-la.

— Onde está?

— A salvo, irmão — disse Finn, e bateu no casaco.

— Ótimo. — Keiro voltou a deitar-se. — E não largues a espada. Este Sapiente cheio de crostas faz-me comichões. Não gosto dele.

— A Attia diz que somos prisioneiros dele.

— Essa cabra — disse Keiro, mas o comentário foi apreensivo. Finn viu-o rolar para o lado e levantar-se da cama, mirando-se de passagem no vidro facetado da janela. — Mas não te preocupes, irmão. O Keiro tem um plano.

Ajeitou o casaco e saiu, depois de ter espreitado pela porta.

Sozinho, Finn pegou na Chave e olhou para ela. Attia estava a dormir e Gildas a consultar incansavelmente os livros, como parecia fazer desde que tinham chegado. Silencioso, Finn fechou a porta e encostou-se a ela. Então

ativou a Chave.

Que se iluminou quase no mesmo instante.

Viu uma câmara com roupas espalhadas por todo o lado, e havia uma luz tão intensa que lhe feriu os olhos; a luz do sol a entrar por uma janela. Fora do círculo da Chave havia uma grande e pesada cama de madeira, tapeçarias, uma parede de painéis esculpidos. E Claudia, ofegante.

— Tens de me avisar com mais antecedência. Elas podiam ter-te visto!

— Quem? — perguntou ele.

— As criadas, a costureira. Pelo amor de Deus, Finn!

Estava muito vermelha, os cabelos despenteados. Finn apercebeu-se de que envergava um vestido branco, o corpete enfeitado com pérolas e rendas. Um vestido de casamento.

Por um instante, ficou sem saber o que dizer. Então ela sentou-se a seu lado, acorada no chão coberto por esteiras de verga.

— Falhámos. Abrimos o portão, mas não dava para Incarceron, Finn. Foi um erro estúpido. Tudo o que encontrei foi o gabinete do meu pai.

Parecia furiosa consigo mesma.

— Mas o teu pai é o governador — disse ele, lentamente.

Claudia franziu o sobrolho.

— Seja o que for que isso signifique.

Ele abanou a cabeça.

— Quem me dera conseguir lembrar-me de ti, Claudia. De ti, do Exterior, de tudo. — Ergueu os olhos. — E se eu não for o Giles? Esse retrato... não é parecido comigo. Eu não sou esse rapaz.

— Foste, em tempos. — A voz dela foi obstinada. Mexeu-se para ficar de frente para ele, a seda da saia a roçar. — Ouve, tudo o que eu quero é não casar com o Caspar. Quando fores salvo, quando estiveres livre, o nosso compromisso... bem, não tem de acontecer, é só isso. A Attia estava enganada. Não tem tudo a ver com o meu egoísmo. — Forçou-se a sorrir. — A propósito, onde está ela?

— A dormir, suponho.

— Ela gosta de ti.

Ele encolheu os ombros.

— Salvámo-la. Está agradecida.

— É isso que lhe chamas? — Claudia ficou a olhar para o vazio. — As pessoas amam-se em Incarceron, Finn?

— Se se amam, nunca vi — disse, mas então pensou na Maestra e sentiu vergonha.

Seguiu-se um silêncio embaraçado. Claudia ouvia a tagarelice das criadas no quarto ao lado; via, atrás de Finn, um pequeno quarto com a janela coberta de geada, através da qual brilhava um crepúsculo pálido, artificial.

E havia um cheiro. Quando o notou, inspirou com tanta força que ele olhou. Um desagradável cheiro a bafio, metálico e ácido, um cheiro a ar continuamente reciclado. Pôs-se de joelhos.

— Cheiro a Prisão!

Ele fez um ar de surpresa.

— Não me cheira a nada. Além disso, como...

— Não sei, mas consigo cheirá-lo!

Levantou-se de um salto, correu para fora do campo de visão dele, voltou com um pequeno frasco de vidro que destapou e cujo conteúdo aspergiu ao de leve no ar.

Gotas minúsculas brilharam no pó.

E Finn gritou, porque o aroma era muito rico e intenso e rasgou-lhe a memória como uma faca; tapou a boca com as mãos e aspirou-o uma e outra vez, de olhos fechados, a esforçar-se por pensar.

Rosas. Um jardim de rosas amarelas.

Uma faca no bolo e ele estava a empurrá-la para baixo, a cortar, e era fácil e ele estava a rir. Migalhas nos dedos. Eram doces.

— Finn? Finn! — A voz de Claudia trouxe-o de volta de uma distância infinita. Tinha a boca seca, o formigueiro de aviso a picar-lhe a pele. Estremeceu, acalmou-se com um esforço, respirou mais devagar, deixou o suor arrefecer-lhe a testa.

Ela estava muito perto.

— Se consegues cheirar o perfume, é porque as gotas devem viajar até ti, não é verdade? Talvez consigas tocar-me agora. Tenta, Finn.

A mão dela estava mesmo ali. Ele cobriu-a com a sua, fechou os dedos.

Passaram através dos dela e não houve nada, nenhum calor, nenhuma sensação. Recostou-se para trás. E ficaram silenciosos.

Finalmente, ele disse:

— Tenho de sair daqui, Claudia.

— E vais sair. — Levantou-se, cheia de determinação. — Juro-te, não vou desistir. Se for preciso ir ter com o meu pai e suplicar-lhe de joelhos, irei. — Voltou-se. — A Alys está a chamar. Espera por mim.

O círculo escureceu.

Finn ficou ali sentado, encolhido, até que começou a sentir-se rígido e a solidão se tornou insuportável. Pôs-se de pé, escondeu a Chave dentro do casaco e saiu, descendo as escadas a correr até à biblioteca, onde Gildas andava para a frente e para trás, irritado, enquanto Blaize o observava do outro lado de uma mesa carregada de comida. Ao vê-lo, o magro Sapiente levantou-se da cadeira.

— A nossa última refeição juntos — disse, fazendo um gesto com a mão.

Finn olhou para ele, desconfiado.

— E depois?

— Depois levá-los-ei até um lugar seguro e deixá-los-ei prosseguir a vossa viagem.

— Onde está o Keiro? — ladrou Gildas.

— Não sei. Vais então deixar-nos ir?

Blaize olhou para ele, os olhos cinzentos muito calmos.

— Com certeza. O meu objetivo foi apenas ajudá-los. O Gildas convenceu-me de que precisam de continuar.

— E a Chave?

— Terei de passar sem ela.

Attia estava sentada à mesa, as mãos entrelaçadas com força. Ao captar o

olhar de Finn, encolheu ligeiramente os ombros.

— Deixo-os a fazer os vossos planos. Saboreiem a refeição — disse Blaize, e encaminhou-se para a porta.

No silêncio que se fez depois de ele sair, Finn disse:

— Julgámo-lo mal.

— Continuo a pensar que é perigoso. Se é um Sapiente, porque é que não cura aquelas feridas?

— Que sabes tu dos Sapienti, rapariga ignorante? — resmungou Gildas.

Attia estava a roer uma unha, mas quando Finn estendeu a mão para uma maçã agarrou-a primeiro e deu-lhe uma dentada.

— Provo a tua comida — disse. — Lembras-te?

Ele irritou-se.

— Não sou Senhor de Ala. E tu não és minha escrava.

— Não, Finn. — Attia debruçou-se por cima da mesa. — Sou tua amiga. O que significa muito mais.

Gildas sentou-se.

— Notícias da Claudia?

— Falharam. O portão não conduzia a parte nenhuma.

— Como eu calculei. — O velho assentiu pensativamente. — A rapariga é inteligente, mas não devemos esperar ajuda desse lado. Temos de seguir apenas Sapphique. Há uma história que nos conta como...

Estendeu a mão para a taça de fruta, mas Finn agarrou-lha. Os olhos dele estavam fixos em Attia. A rapariga soergueu-se da cadeira, muito pálida, e subitamente engasgou-se, deixou cair o resto da maçã. Quando ele se inclinou para a frente e a apanhou, ela arranhava a garganta com os dedos enclavinhados.

— A maçã! — arquejou. — Está a queimar-me!

Capítulo 26

Precipitou-se na sua escolha. Já o tinha avisado. A rapariga é demasiado inteligente, e subestima o Sapiante.

Rainha Sia para o Governador; carta particular

— Está envenenada! — Finn saltou para cima da mesa e segurou-a; Attia sufocava, agarrada aos braços dele. — Faz qualquer coisa!

Gildas empurrou-o para o lado.

— Vai buscar o meu saco dos medicamentos. Depressa!

Demorou segundos preciosos a encontrá-lo, e quando voltou Gildas tinha Attia deitada de lado, a contorcer-se com dores. O Sapiante agarrou no saco, procurou qualquer coisa lá dentro, destapou um pequeno frasco de vidro e levou-o aos lábios dela. Attia debateu-se.

— Está a sufocar — murmurou Finn, mas Gildas limitou-se a praguejar, obrigando-a a beber o líquido, que a fez tossir e lhe provocou espasmos.

Então, com um som horrível, vomitou.

— Ótimo — disse Gildas, em voz baixa. — Já está.

Apertou-a com força, os dedos rápidos a tatearem-lhe o pulso, a pele húmida da testa. Attia voltou a vomitar e então deixou-se cair para trás, o rosto muito branco e manchado.

— Saiu tudo? Ela está bem?

Mas Gildas continuava de sobrolho franzido.

— Está demasiado fria — murmurou. — Arranja uma manta. — E logo a seguir: — Fecha a porta e guarda-a. Se o Blaize quiser entrar, não o deixes.

— Porque havia ele...?

— A Chave, rapaz tolo. Quer a Chave. Por que outro motivo faria isto?

Attia gemeu. Estava a tiritar, e tinha estranhas manchas azuladas nos lábios e por baixo dos olhos. Finn obedeceu, fechando com estrondo a pesada

porta.

— Saiu todo?

— Não sei. Não me parece. Pode ter entrado quase imediatamente na corrente sanguínea.

Finn olhava para ela, assustado. Gildas sabia de venenos; as mulheres do Comitatus eram peritas e ele não desdenhara aprender com elas.

— Que mais podemos fazer?

— Nada.

A porta abriu-se; bateu no ombro de Finn, que se voltou e puxou da espada com um gesto feroz. Keiro imobilizou-se.

— Que...? — Os olhos dele avaliaram rapidamente a cena. — Veneno? — perguntou.

— Qualquer coisa corrosiva. — Gildas via a rapariga vomitar e contorcer-se. Pôs-se lentamente de pé, resignado. — Não há nada que possa fazer.

— Tem de haver! — Finn empurrou-o para o lado. — Podia ter sido eu a comer aquilo! — Ajoelhou-se junto dela, tentou levantá-la, pô-la numa posição mais confortável, mas os gemidos de dor de Attia fizeram-no parar. Sentia-se furioso e impotente. — Temos de fazer qualquer coisa!

Gildas acocorou-se junto dele. As suas palavras duras sobrepuseram-se aos gemidos.

— É ácido, Finn. Os órgãos internos dela podem já estar queimados, os lábios, a garganta. Já não vai demorar muito.

Finn olhou para Keiro.

— Vamos — disse ele. — Já. Descobri onde ele tem o barco.

— Não sem ela.

— Ela está a morrer. — Gildas forçou-o a olhar. — Não podemos fazer nada. Seria preciso um milagre, e eu não tenho nenhum.

— Então salvamo-nos a nós?

— É o que ela teria querido.

Agarraram-no, mas ele libertou-se e agachou-se junto da rapariga. Estava

muito quieta e mal parecia respirar, as marcas desbotadas de antigas pancadas nítidas na pele. Já tinha visto a morte, estava habituado à morte, mas toda a sua alma se revoltava contra aquilo, e a vergonha que sentira quando a Maestra fora traída voltou e subiu por ele como uma onda de calor, como se quisesse afogá-lo. Engoliu as palavras, soube que as lágrimas lhe enchiam os olhos.

Se era preciso um milagre, Attia teria um milagre.

Levantou-se de um salto, voltou-se para Keiro e agarrou-lhe as mãos.

— Um anel. Dá-me outro desses anéis.

— Espera aí! — protestou Keiro, recuando.

— Dá-mo! — A voz dele era um rugido rouco; ergueu a espada. — Não me obrigues a usar isto, Keiro. Ainda te resta um.

Keiro estava calmo. Os seus olhos azuis voltaram-se para Attia, que se enroscava em agonia. Olhou de novo para Finn.

— Achas que resulta?

— Não sei! Mas podemos tentar.

— É uma rapariga. Não é ninguém.

— Um para cada um, disseste tu. Eu dou-lhe o meu.

— Já tiveste o teu.

Enfrentaram-se por um instante, sob o olhar atento de Gildas. Então Keiro tirou um anel e olhou para ele. Sem uma palavra, atirou-o a Finn.

Finn apanhou-o, largou a espada, agarrou a mão de Attia e enfiou-lhe o anel no dedo ao mesmo tempo que rezava entre dentes, a Sapphique, ao homem cuja vida estava no anel, a quem quer que fosse. Gildas acocorou-se junto dele, profundamente cético.

— Não está a acontecer nada. O que é que devia acontecer?

O Sapiente franziu a testa.

— Isto é uma superstição. Tu próprio troçaste dela.

— A respiração dela. Está a acalmar.

Gildas tateou-lhe o pulso, tocou nas cicatrizes sujas deixadas pelas correntes.

— Finn, tens de aceitar. Não há...

Calou-se. Fez pressão com os dedos, voltou a tatear.

— O que foi? O *que foi*...

— Pareceu-me... o pulso parece mais forte.

— Então peguem nela! — disse Keiro. — Tragam-na. Mas vamos embora! Finn atirou-lhe a espada e pegou em Attia. Era tão leve que podia transportá-la facilmente, apesar de a cabeça dela lhe bater contra o peito. Keiro já tinha aberto a porta e estava a espreitar para fora.

— Por aqui. Não façam barulho.

Saiu à frente. Subiram a correr uma enferrujada escada de caracol até um alçapão; Keiro abriu-o e içou-se para cima, arrastando rapidamente Gildas atrás de si.

— A rapariga.

Finn passou-lha. Então olhou para trás.

No poço da escada, um estranho zumbido que parecia fazer vibrar o ar subia ameaçadoramente para ele. Trepou à pressa os últimos degraus e fechou o alçapão. Keiro estava a lutar com uma grade na parede; Gildas tentava ajudá-lo com as suas mãos nodosas.

As pálpebras de Attia estremeçeram e então abriram-se.

Finn olhou para ela.

— Devias estar morta — disse.

Attia abanou a cabeça, incapaz de falar.

A grade soltou-se da parede com um enorme estrépito metálico; viram, do outro lado, uma grande sala escura, e no meio dela, amarrado ao chão por um grosso cabo de aço, o navio prateado, a flutuar livremente. Correram, Finn com o braço de Attia passado pelos ombros, minúsculas figuras no chão cinzento e liso, vulneráveis e expostos, como ratos sob o olhar penetrante de um mocho, porque muito lá em cima no teto acendeu-se um grande visor, e quando Finn olhou para cima viu um Olho. Não um dos pequenos Olhos vermelhos que conhecia, mas um olho humano, com uma íris cinzenta, infinitamente ampliado, como se estivesse a espreitar por um potente microscópio.

Então a vibração do ar atravessou o chão e derrubou-os a todos, um sismo que fez a fina agulha da torre do Sapiente estremecer até à ponta.

Keiro rolou sobre si mesmo e levantou-se de um salto.

— Aqui.

Uma brilhante escada de corda pendia do costado do navio. Gildas agarrou-a e começou a subir, balouçando loucamente, apesar de Keiro a segurar com força.

— Consegues chegar lá acima? — perguntou Finn a Attia.

— Acho que sim.

Attia afastou o cabelo da cara. Estava ainda mortalmente pálida, mas as manchas azuladas começavam a desaparecer. Parecia capaz de respirar.

Finn olhou para o dedo dela.

O anel tinha encolhido. Transformado num aro fino e quebradiço, partiu-se quando ela agarrou a corda; os pequenos fragmentos caíram quase sem ruído. Finn tocou um com o pé. Parecia osso. Osso antigo, ressequido.

Atrás dele, o alçapão abriu-se ruidosamente.

Finn voltou-se; sentiu Keiro entregar-lhe a espada e puxar da sua.

Juntos, enfrentaram o quadrado de escuridão.

— Está então tudo pronto para amanhã. — A rainha pousou os últimos papéis em cima do tampo de couro vermelho da secretária, recostou-se na cadeira e juntou as pontas dos dedos. — O governador foi muito generoso. Um dote magnífico, Claudia. Propriedades inteiras, um cofre cheio de joias, doze cavalos pretos. Deve amar-te muito.

Tinha as unhas pintadas de ouro. Provavelmente verdadeiro, pensou Claudia. Pegou num dos documentos e passou os olhos por ele, mas toda a sua atenção estava concentrada em Caspar, que andava de um lado para o outro, a fazer ranger as tábuas do soalho.

A rainha Sia voltou-se.

— Caspar, está quieto.

— Morro de tédio.

— Então vai passear a cavalo, ou caçar texugos, ou seja lá o que for que costumavas fazer.

Ele rodou sobre os calcanhares.

— Boa ideia. Até logo, Claudia.

A rainha arqueou uma sobrancelha perfeita.

— Não é maneira de o Herdeiro falar com a sua noiva, senhor.

Já a meio caminho da porta, ele deteve-se e voltou para trás.

— O Protocolo é para os servos, mãe. Não para nós.

— É o Protocolo que nos mantém no poder, Caspar. Não o esqueças. Ele sorriu, fez uma elaborada vénia a Claudia e beijou-lhe a mão.

— Encontramo-nos no altar, Claudia.

Ela levantou-se da cadeira e fez uma fria reverência.

— Bom, agora vou andando.

Bateu com a porta e as duas ouviram o barulho das botas dele no chão do corredor.

A rainha inclinou-se sobre a mesa.

— Estou tão contente por termos este bocadinho só para nós, Claudia. Porque tenho uma coisa a dizer. Sei que não te vais importar, minha querida.

Claudia tentou não franzir a testa, mas apertou os lábios. Queria sair dali, encontrar Jared. Tinham tão pouco tempo!

— Mudei de ideias. Pedi ao Mestre Jared que abandone a corte.

— Não!

A palavra saiu-lhe antes que ela pudesse impedi-la.

— Sim, querida. Depois do casamento, o teu tutor regressará à Academia.

— Não tem o direito... — Claudia estava de pé.

— Tenho todo o direito. — O sorriso da rainha foi doce e mortífero. Sia inclinou-se para a frente. — Entendamo-nos, Claudia. Aqui só há uma rainha. Ensinar-te-ei, mas não tolerarei uma rival. E tu e eu precisamos de compreender isto, porque somos iguais, Claudia. Os homens são fracos; até o

teu pai pode ser governado, mas tu foste criada para ser minha sucessora. Espera pelo teu momento. Podes aprender muito comigo. — Recostou-se na cadeira, os dedos a tamborilar nos papéis. — Senta-te, minha querida.

Havia uma ameaça de morte naquelas palavras. Claudia sentou-se, lentamente.

— O Jared é meu amigo.

— A partir de agora, serei eu a tua amiga. Tenho muitos espiões, Claudia. E eles dizem-me muita coisa. Acredita, é melhor assim.

Estendeu o braço e puxou o cordão de uma sineta; no mesmo instante apareceu um criado, de cabeleira empoada e libré.

— Diz ao governador que o espero.

Quando o homem se afastou, a rainha abriu uma caixa de doces e demorou alguns instantes a escolher um, e então ofereceu-os a Claudia com um sorriso.

Aturdida, Claudia abanou a cabeça. Sentiu-se como se tivesse pegado numa bonita flor e descoberto que estava podre por dentro, cheia de vermes. Apercebeu-se de que nunca tinha pensado seriamente na rainha Sia como um perigo. O pai sempre fora aquele que era preciso temer. Perguntou-se até que ponto se enganara.

Sia observava-a, os lábios vermelhos formando um pequeno sorriso. Limpou-os com um lenço rendado. Quando as portas se abriram, recostou-se e deixou pender um braço ao lado da cadeira, a oscilar.

— Meu caro governador. O que foi que o demorou tanto?

John Arlex tinha o rosto afogueado.

Claudia notou-o imediatamente no meio do turbilhão do seu desalento. O pai nunca se apressava, mas naquele momento tinha o cabelo ligeiramente despenteado, o botão da gola da casaca preta desabotoado.

Fez uma vénia solene, mas, quando falou, parecia um tudo-nada ofegante.

— Peço desculpa, senhora. Uma coisa que exigiu a minha atenção.

Nada saiu pelo alçapão.

— Sobe a escada — disse Finn.

Quando Keiro se voltou, o chão agitou-se de novo. Finn olhou para ele. As lajes de pedra levantavam-se, como se uma onda passasse por baixo delas. Antes que tivesse tempo de se mexer, o edifício inteiro moveu-se. Foi atirado ao chão e começou a rolar por uma vertente que não devia ali estar. Arquejou ao chocar contra uma coluna, uma pontada de dor a atravessar-lhe o flanco.

A grande sala inclinava-se.

Soube com uma terrível certeza que a torre do Sapiente estava a cair, que fora partida pela base. Então a escada de corda roçou nele, e conseguiu apanhá-la. Keiro já estava a bordo, debruçado por cima das tábuas prateadas da amurada. Finn trepou à pressa; e assim que chegou suficientemente perto, Keiro agarrou-lhe a mão.

— Já o tenho, VAMOS!

O navio ergueu-se. Finn caiu no convés, com um grito de medo; o navio rodou e balouçou e então começou a avançar, os cabos que o prendiam a partirem-se uns atrás dos outros.

Havia uma abertura na parede da torre, a larga plataforma onde Blaize tinha pousado a nave. Mas quando Gildas usou toda a sua força para fazer girar a roda do leme, o navio deu um sacão e todos eles foram derrubados, enquanto uma chuva de detritos caía vinda de cima sobre o convés e as velas.

— Está qualquer coisa a prender-nos! — rugiu.

Keiro debruçou-se sobre a borda.

— Céus! Há uma âncora!

Voltou aos tropeções para junto dos outros.

— Tem de haver um guincho. Venham!

Abriram uma escotilha e desceram para as entranhas do navio. Ouviam os tijolos partidos a cair no convés.

Encontraram um labirinto de passagens e cubículos. Enquanto corriam e abriam as portas, Finn viu que todos os camarotes estavam vazios; não havia mantimentos, nem carga, nem tripulação. Antes que tivesse tempo de pensar nisso, Keiro gritou.

Estava escuro no fundo do porão. Um cabrestante circular ocupava quase todo o espaço; Keiro estava a encaixar uma barra no respetivo lugar.

— Ajudem-me.

Fizeram força, juntos. Nada aconteceu; o mecanismo estava encravado, a corrente da âncora era pesada.

Voltaram a empurrar, Finn a sentir os músculos das costas à beira da rutura, e lentamente, com um gemido longo e relutante, o cabrestante rodou.

Finn cerrou os dentes e continuou a empurrar, o suor a escorrer-lhe pela cara. Ouvia Keiro arquejar e gemer.

E então havia mais alguém. Attia, ainda pálida, a fazer força contra a barra ao lado dele.

— Que... podes tu... fazer? — rosnou Keiro.

— O bastante — sibilou ela em resposta, e Finn viu, espantado, que estava sorrir, que tinha os olhos brilhantes por baixo do emaranhado de cabelos, que a cor lhe voltara às faces.

A âncora estremeceu. O navio oscilou e então, repentinamente, elevou-se.

— Conseguimos!

Keiro fincou os calcanhares no chão e empurrou, e então, sem aviso, o cabrestante começou a girar livremente, a grande corrente da âncora a passar pelo orifício no chão e a enrolar-se à volta da base do guincho.

Quando a recolheram toda e o mecanismo se imobilizou, Finn subiu os degraus a correr e ao irromper no convés deteve-se e gritou, assustado.

Estavam a navegar no meio de densas nuvens que os envolviam completamente, abrindo-se de vez em quando para mostrar Gildas agarrado ao leme a praguejar, uma ave a voar lá em baixo numa faixa de luz.

— Onde estamos? — murmurou Attia, atrás dele.

Nesse instante, o navio saiu de entre a bruma e viram que vogavam num oceano de céu azul, a torre inclinada do Sapiante já muito longe.

Ofegante, Keiro apoiou-se à amurada e soltou um brado de delícia.

Finn foi pôr-se ao lado dele, a olhar para trás.

— Porque não terá ele tentado impedir-nos? — perguntou e, enfiando a

mão dentro do casaco, tocou as duas arestas da Chave.

— Quero lá saber! — respondeu Keiro.

E então voltou-se e esmurrou violentamente Finn no estômago.

Attia gritou. Finn caiu, sem fôlego, a dor e a surpresa a encherem-no, a escuridão a toldar-lhe os olhos.

Ao leme, Gildas gritou qualquer coisa, mas o vento levou-lhe as palavras.

Lentamente, a dor esmoreceu. Quando conseguiu voltar a respirar e ergueu os olhos, Finn viu Keiro de braços abertos e as mãos apoiadas na amurada, a olhar para ele com um sorriso.

— O que...?

Keiro estendeu a mão e ajudou-o a pôr-se de pé, cambaleante, até ficarem face a face.

— É para aprenderes a não puxar de uma espada para mim — disse.

Capítulo 27

Sapphique amarrou as asas aos braços e voou sobre oceanos e planícies, sobre cidades de vidro e montanhas de ouro. Os animais fugiam, as pessoas apontavam para cima. Voou tão longe que viu o céu por cima dele, e o céu disse:

— *Volta para trás, meu filho, porque subiste demasiado alto.*

Sapphique riu-se como raramente se ria.

— *Desta vez não. Desta vez vou bater em ti até que te abras.*

Mas Incarceron estava zangada e atirou-o ao chão.

Lenda de Sapphique

— Ela disse que o Jared tem de partir.

Voltou-se e olhou furiosa para o pai, a querer perguntar-lhe se aquilo era obra dele.

— Eu avisei-te. Tinha de acontecer. — O governador passou por ela e foi sentar-se num cadeirão perto da janela do seu quarto, a olhar para os jardins onde grupos de cortesãos passeavam a desfrutar a frescura da tarde. — Penso que vais ter de lhe fazer a vontade, minha querida. É um pequeno preço a pagar por um reino.

Claudia estava pronta para uma explosão de fúria, mas o pai voltou-se e olhou para ela, aquele olhar frio e avaliador que tanto temia.

— Além disso, temos coisas mais importantes a discutir. Vem sentar-te aqui.

Ela não queria. Mas dirigiu-se à cadeira junto à mesa de talha dourada e sentou-se.

Ele olhou para o relógio, fechou a tampa com um estalido e conservou-o na mão.

— Tens uma coisa que me pertence — disse, sem alterar o tom de voz.

Claudia sentiu o perigo arrepiar-lhe a pele. Por um instante, pensou que não ia ser capaz de falar, mas a voz saiu-lhe surpreendentemente calma.

— Tenho? E que poderá ser?

Ele sorriu.

— És verdadeiramente notável, Claudia. Apesar de te ter criado, consegues sempre surpreender-me. Mas já te avisei a respeito de ires demasiado longe comigo. — Guardou o relógio no bolso e estendeu a mão.

— Tens a minha Chave.

Ela prendeu a respiração, assustada. Ele recostou-se no cadeirão e cruzou as pernas, o couro das botas a brilhar.

— Sim. Não o negas, e isso é sensato. Foi engenhoso deixar uma imagem da Chave na gaveta, muito engenhoso. Suponho que o devo ao Jared. Quando verifiquei o meu gabinete no dia em que os alarmes dispararam, abri a gaveta e olhei lá para dentro. Não me ocorreu pegar na Chave. E as joaninhas... um belo toque de criatividade! Que tolo os dois me devem ter julgado.

Ela abanou a cabeça, mas ele levantou-se bruscamente e dirigiu-se à janela.

— Falaste com o Jared a meu respeito, Claudia? Riram-se os dois por ma terem roubado? Estou certo de que deves ter achado muita graça.

— Tirei-a porque precisava. — Entrelaçou as mãos. — Escondeu-me tudo. Nunca me disse nada.

O pai deteve-se e olhou para ela. Tinha composto o cabelo, e o seu olhar era tão calmo e grave como sempre.

— A respeito de quê?

Ela levantou-se devagar e enfrentou-o.

— A respeito do Giles — disse.

Estava à espera de espanto, de um momento de silêncio e sobressaltado, mas ele não pareceu minimamente surpreendido. E ela soube, com uma súbita certeza, que tinha estado à espera daquele nome, que, ao dizê-lo, caíra numa qualquer armadilha.

— O Giles morreu — disse o pai.

— Não, não morreu. — As joias que tinha ao pescoço faziam-lhe cócegas; com uma fúria súbita, arrancou-as e atirou-as para o chão, e então cruzou os braços e todas as palavras reprimidas saíram, imparáveis. — A morte dele foi forjada. O senhor e a rainha encenaram-na. O Giles está preso em Incarceron. Roubou-lhe a memória, de tal modo que ele nem sequer sabe quem é. Como pôde fazer uma coisa assim? — Deu um pontapé num tamborete, que caiu e rolou. — Consigo compreender porque é que ela o fez, porque queria que o inútil do filho fosse rei, mas o senhor! Eu já estava noiva do Giles. O seu precioso plano teria resultado de qualquer maneira. *Porque foi que nos fez isto?*

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Nos?

— Eu não conto? O facto de acabar casada com o Caspar não significou nada para si? Pensou alguma vez em mim?

Estava a tremer. Dava vazão à raiva de uma vida inteira, à frustração de todas as vezes que ele partira e a deixara sozinha durante meses, todas as vezes que lhe sorrira e não lhe tocara.

Ele passou o polegar e o indicador pela barba.

— Pensei em ti. — A voz foi baixa. — Era evidente que gostavas do Giles. Mas ele era um rapaz teimoso, demasiado bom, demasiado honrado. O Caspar é um tolo e será um mau rei. Ser-te-á muito mais fácil controlá-lo.

— Não foi por isso que o fez.

Ele desviou o olhar. Claudia viu-o tamborilar com os dedos na consola da lareira, pegar numa delicada figurinha de porcelana, examiná-la e voltar a pousá-la.

— Tens razão, não foi.

Ficou calado; ela queria tanto que ele falasse que só lhe apetecia gritar. Pareceu decorrer uma eternidade até que ele voltou para a cadeira, se sentou e disse calmamente:

— Receio que a verdadeira razão seja um segredo que nunca ouvirás da minha boca. — Ao ver o espanto dela, ergueu uma mão. — Sei que me des-

prezas, Claudia. Tenho a certeza de que tu e o Sapiente me consideram um monstro. Mas és minha filha e sempre agi no teu interesse. Além disso, prender o Giles foi ideia da rainha, não minha. Ela obrigou-me a concordar.

— Obrigou-o! — bufou ela, trocista. — Tem poder sobre si!

Ele ergueu vivamente a cabeça e sibilou:

— Sim. E tu também.

Por um instante, o veneno na voz dele foi como uma ferroadada.

— *Eu?*

As mãos dele eram punhos cerrados nos apoios dos braços.

— Deixa, Claudia — disse. — Deixa. Não perguntes, porque a resposta pode destruir-te. É tudo o que vou dizer. — Pôs-se de pé, alto e sombrio. — A respeito da Chave — continuou, numa voz átona. — Sei tudo o que fizeste com ela. Sei que procuraste o Bartlett, sei das tuas comunicações com Incarceron. Sei desse Prisioneiro que julgas ser o Giles.

O ar de espanto dela arrancou-lhe uma gargalhada seca.

— Há mil milhões de Prisioneiros em Incarceron, Claudia, e tu acreditas ter encontrado o certo? Em Incarceron, o tempo e o espaço são diferentes. Esse rapaz pode ser qualquer um.

— Ele tem a marca de nascença.

— Ai tem? Deixa-me dizer-te uma coisa a respeito da Prisão. — A voz dele tornara-se cruel. Aproximou-se de Claudia e olhou-a nos olhos. — É um sistema fechado. Nada entra. Nada sai. Quando um Prisioneiro morre, os seus átomos são reutilizados, a pele, os órgãos. *São feitos uns dos outros*. Reparados, reciclados, e quando não há tecido orgânico disponível, são remendados com metal e plástico. A águia do Finn não significa coisa nenhuma. Pode nem sequer ser dele. As recordações que ele julga ter podem não ser dele.

Horrorizada, Claudia queria calá-lo, mas as palavras não saíam.

— O rapaz é um ladrão e um mentiroso — continuou ele, implacável.

— Membro de um bando de assassinos que atacavam outros Prisioneiros. Suponho que ele to disse?

— Sim — ripostou Claudia.

— Que honestidade! E disse-te que, para conseguir a Chave, uma mulher inocente morreu no fundo de um precipício? *Depois* de ele lhe prometer que nenhum mal lhe aconteceria?

Ela ficou calada.

— Não — disse o pai. — Bem me parecia. — Recuou um passo. — Não quero ouvir mais uma palavra a respeito deste disparate. E quero a Chave. Agora.

Ela abanou a cabeça.

— Não a tenho — murmurou.

— Então o Jared...

— Não meta o Jared nisto!

Ele agarrou-lhe o pulso. A mão era fria, dura como aço.

— Quero a Chave, ou vais arrepender-te de me ter desafiado. Ela tentou libertar-se, mas os dedos dele eram como garras.

— Não pode fazer-me mal. Sabe muito bem que a realização do seu plano depende de mim!

Por um instante, ficaram a olhar um para o outro. Então ele assentiu e largou-lhe o braço. Um círculo branco de pele exangue rodeava-lhe o pulso, como a marca de uma grilheta.

— Não posso fazer-te mal — disse ele, com a voz rouca.

Ela abriu muito os olhos.

— Mas há o Finn. E há o Jared.

Claudia recuou. Estava a tremer, as costas geladas de suor. Continuavam a olhar um para o outro. Então, temendo o que diria se falasse, ela voltou-se e correu para a porta, mas as palavras dele alcançaram-na, e Claudia ouviu-as.

— Não há maneira de sair da Prisão. Traz-me a Chave, Claudia.

Bateu com a porta. Uma criada que passava olhou para ela, surpreendida. O espelho na parede oposta disse-lhe porquê; mostrava uma criatura despenteada, de rosto vermelho e desfigurado pela infelicidade. Apetecia-lhe uivar de raiva. Em vez disso, foi para o quarto que lhe tinham destinado, fechou a porta e atirou-se para cima da cama.

Escondeu a cabeça na almofada, enroscada sobre si mesma, os braços cruzados sobre o peito. O seu espírito era um labirinto de confusão, mas quando mexeu a cabeça ouviu o restolhar de um papel na almofada, ergueu a cabeça e viu uma nota presa ao tecido com um alfinete. Era de Jared. *Preciso de falar contigo. Descobri uma coisa incrível.*

Assim que acabou de ler, o papel desfez-se em cinzas.

Não conseguiu sequer sorrir.

Empoleirado num mastro, agarrado ao cordame, Finn observava os lagos de líquido amarelo e sulfuroso, viscoso e fétido, debaixo deles. Nas encostas pastavam animais que, àquela altura, pareciam criaturas estranhamente desajeitadas, que dispersavam e fugiam cheias de terror quando a sombra do navio passava por cima delas. Mais além havia novos lagos cercados de arbustos enfezados, as únicas coisas que cresciam nas suas proximidades, e, para a direita, um deserto estendia-se até onde a vista alcançava, acabando por desaparecer nas sombras.

Havia horas que navegavam. Gildas fora o primeiro a ficar ao leme, escolhendo um rumo ao acaso e mantendo-se nele, até que gritara, irritado, a exigir que o substituíssem, e Finn ocupara o seu lugar, sentindo a estranheza da embarcação, que ventos e brisas faziam balouçar. Por cima dele, as velas tinham estralejado, as rajadas tão depressa as enfunavam como as deixavam sem vento. Por duas vezes, levava o navio a atravessar nuvens. Da segunda, a temperatura descera de uma forma alarmante e quando saíram da névoa cinzenta, o leme e o convés à volta dele estavam cobertos de finas agulhas de gelo, que caíam e tilintavam nas tábuas.

Attia levava-lhe água.

— Disto temos muito — dissera. — Mas não há comida.

— O quê, nada?

— Nada.

— De que viveria ele?

— Só temos uns restos na sacola do Gildas. — Enquanto ele bebia, ela

segurara no leme, as pequenas mãos nas grossas pegas. — Ele contou-me do anel.

Finn limpou a boca.

— Foi demasiado para uma pessoa como eu. Agora devo-te ainda mais. Ele sentira-se simultaneamente orgulhoso e irritado. Voltara a pegar no leme e dissera:

— Ajudamo-nos uns aos outros. Além disso, não acreditei que resultasse.

— Estou espantada por o Keiro to ter dado.

Finn encolhera os ombros. Ela estava a observá-lo com atenção. Mas então olhara para o céu.

— Olha para aquilo! É tão maravilhoso. Passei toda a minha vida num túnel escuro cheio de casebres, e agora todo este espaço...

— Tens família? — perguntara ele.

— Irmãos e irmãs. Todos mais velhos.

— Pais?

Ela abanara a cabeça.

— Não. Tu sabes...

Ele sabia. A vida na Prisão era curta e imprevisível.

— Tens saudades deles?

Ela continuava a agarrar o leme com força.

— Sim. Mas... — Sorrira. — É estranho como as coisas funcionam. Quando fui capturada, pensei que era o fim da minha vida. Mas afinal conduziu-me aqui.

Ele assentira. E então perguntara:

— Achas que foi o anel que te salvou? Ou foi o emético do Gildas?

— O anel — respondera ela, firmemente. — E tu?

Ele não estava assim tão certo disso.

Naquele momento, olhou para Keiro, que preguiçava no convés, e sorriu. Chamado a cumprir o seu turno, Keiro olhara para a grande roda, descera ao porão e voltara com uma corda; prendera o leme e sentara-se ao lado, de

pernas levantadas.

— Em que é que podemos bater? — dissera a Gildas.

— Tolo — rosnara o Sapiente. — Mantém esses olhos bem abertos, mais nada.

Tinham passado por cima de colinas de cobre e montanhas de vidro, de florestas inteiras de árvores metálicas. Finn tinha visto povoações incrustadas em vales impenetráveis cujos habitantes viviam completamente isolados, grandes cidades, um castelo com bandeiras a esvoaçar nos torreões. Aquilo assustara-o, ao pensar em Claudia. Tinham passado por baixo de grandes arcos-íris, tinham voado através de estranhos efeitos atmosféricos, uma ilha refletida, zonas de calor, manchas tremulantes de fogo púrpura e dourado. Uma hora antes, um bando de aves de compridas caudas surgira repentinamente do nada e voara em círculos à volta deles, a grasnar e a mergulhar em direção ao convés, obrigando Keiro a abrigar-se. Instantes depois tinham desaparecido, transformando-se em segundos num pequeno ponto no horizonte. A dada altura, o navio descera muito baixo; debruçado da amurada, Finn vira quilómetros e quilómetros de choupanas miseráveis, as pessoas a fugirem das suas improvisadas moradas de lata e madeira, coxas e doentes, arrastando consigo os filhos de olhos apáticos. Ficara contente quando o vento voltara a elevar o navio. Incarceron era um inferno. Mas ele tinha a Chave que o abria.

Tirou-a de dentro do casaco e tocou nos controlos. Já o tentara antes, mas nada acontecera. Também naquele momento nada aconteceu, e ele perguntou-se se voltaria a funcionar. Mas estava quente. Significaria que estava a viajar no rumo certo, em direção a Claudia? Mas se Incarceron era tão grande, quantas vidas seriam precisas para viajar até à saída?

— Finn!

O grito de Keiro foi brusco. Ergueu os olhos.

Ao longe, qualquer coisa tremeluzia. Ao princípio pensou que eram as luzes. Então viu que aquela obscuridade não era o habitual negrume da Prisão e sim um negro banco de nuvens de tempestade, diretamente no rumo que seguiam. Desceu a deslizar, os cabos a queimarem-lhe as palmas das mãos.

Keiro soltava apressadamente o leme.

— O que é aquilo?

— Mau tempo.

Era negro, sulcado por relâmpagos. E, à medida que se aproximavam, ouviram trovões, um ribombar baixo, uma gargalhada escura e divertida.

— A Prisão — murmurou. — Encontrou-nos.

— Chama o Gildas — murmurou Keiro.

Encontrou o Sapiente lá em baixo, a consultar cartas e mapas à luz de uma candeia que crepitava.

— Olha para isto. — O velho ergueu os olhos para ele, o rosto enrugado cheio de sombras na débil claridade. — Como pode ser tão grande? Como podemos ter a esperança de seguir Sapphique através de tudo isto?

Estupefacto, Finn olhou para o monte de mapas, que caíam da mesa, cobriam o chão. Se aqueles mapas mostravam a extensão de Incarceron, poderiam continuar a viajar eternamente.

— Precisamos de ti. Temos uma tempestade pela frente.

Attia entrou a correr.

— O Keiro diz que te apresses.

Como que em resposta, o navio oscilou violentamente. Finn agarrou-se à mesa, enquanto os mapas deslizavam e rolavam. Voltou ao convés.

Nuvens negras erguiam-se acima dos mastros, os pendões prateados agitavam-se e estalavam. O navio estava quase deitado de lado; teve de se agarrar à amurada e atravessar o convés até ao leme segurando-se ao que conseguiu encontrar.

Keiro transpirava e praguejava.

— Isto é feitiçaria do maldito Sapiente! — gritou.

— Não me parece. É Incarceron.

O trovão voltou a ribombar. O vendaval atingiu-os, a uivar; agarraram ambos o leme, agachados atrás do pobre abrigo que oferecia. Uma chuva de objetos abatia-se sobre eles, pedaços de metal, folhas, fragmentos de detritos que ressaltavam como granizo. E então uma neve de fina areia branca, vidro moído, parafusos e pedras que atravessavam as velas.

Finn voltou-se.

Viu Gildas estendido no chão atrás do mastro grande, a agarrar-se com um braço e o outro passado à volta da cintura de Attia.

— Fiquem aí! — gritou.

— A Chave! — O vento abafava a voz de Gildas. — Deixa-me levá-la para baixo. Se te perdes...

Ele sabia. Mas detestava a ideia de se separar dela.

— Dá-lha! — rosnou Keiro, sem se voltar.

Finn largou o leme.

No mesmo instante, foi atirado para trás, açoitado e rebolou pelo convés. E a Prisão mergulhou. Sentiu-a vir na sua direção e rolou sobre si mesmo, com um grito de terror.

Uma águia desceu do coração da tempestade, negra como a noite, as garras a faiscar. Estendeu-as para a Chave, disposta a levá-lo também.

Finn atirou-se para o lado. Chocou com um monte de cordas; pegou na mais próxima e levantou-a como um chicote, fazendo-a girar, a ponta pesada de alcatrão tão próxima do peito da águia que a grande ave se desviou e passou ao lado, subindo no céu para um novo ataque.

Finn passou por Gildas e mergulhou no abrigo do convés.

— Está a voltar! — gritou Attia.

— Quer a Chave.

Gildas agachou-se. A chuva fustigava-os; o trovão continuava a ribombar, e dessa vez era uma grande voz, um murmúrio de raiva muito distante e muito alto.

A águia mergulhou. Keiro, exposto junto ao leme, encolheu-se o mais que pôde. Viram a ave descrever círculos e crocitar de fúria, o bico muito aberto. Então, de repente, voltou para leste e afastou-se.

Finn tirou a Chave da cintura. Tocou-lhe e no mesmo instante Claudia estava ali, de olhos húmidos, o cabelo em desalinho.

— Finn — disse. — Escuta. Tenho...

— Escuta tu. — Finn agarrou-se com força enquanto o navio rolava e

balouçava. — Precisamos de ajuda, Claudia. Tens de falar com o teu pai. Tens de convencê-lo a fazer parar a tempestade, ou morremos todos!

— Tempestade? — Ela abanou a cabeça. — Ele não é... não vai ajudar. Quer-te morto. Descobriu tudo, Finn. Ele sabe!

— Então...

Keiro gritou. Finn ergueu os olhos e o que viu fê-lo agarrar a Chave com mais força, de modo que segundos antes de a imagem desaparecer Claudia também o viu.

Uma grande parede de metal. A Parede do Fim do Mundo.

Vinda de profundezas desconhecidas, desaparecia nas alturas escondidas do céu.

E eles avançavam direitos a ela.

Capítulo 28

A entrada é pelo Portal. Só o governador terá uma chave, e essa será a única maneira de sair. Mas todas as prisões têm as suas frestas e fissuras.

Relatório de projeto; Martor Sapiens

Era tarde; o sino da Torre de Ébano batia as dez. No crepúsculo estival, as borboletas noturnas esvoaçavam nos jardins e um pavão distante gritou enquanto Claudia corria pelo claustro. Os criados passavam por ela e tentavam fazer vénias, carregados com cadeiras e tapeçarias e grandes pedaços de carne de veado. Havia horas que a azáfama dos preparativos da festa agitava o Palácio. Claudia franzia a testa, irritada, sem ousar perguntar a um deles onde era o quarto de Jared.

Mas ele estava à espera.

Quando ela contornou uma húmida esquina junto a uma fonte com quatro cisnes de pedra, a mão de Jared agarrou-a. Puxou-a por baixo de um arco, esperou, ofegante, enquanto ele encostava a porta e espreitava pela estreita fresta que tinha deixado.

Alguém passou no claustro. Claudia julgou reconhecer o secretário do pai.

— O Medlicote. Anda a seguir-me?

Jared levou um dedo aos lábios. Estava mais pálido e parecia mais cansado do que o habitual, e havia nele uma energia nervosa que a preocupou. Caminhando à frente dela, desceu uns degraus de pedra, atravessou um pátio abandonado e meteu por um caminho ladeado de laburnos que formavam um arco de grandes flores amarelas e pendentes. A dada altura deteve-se e murmurou:

— Há aqui um pequeno pavilhão que tenho usado. O meu quarto está sob escuta.

Uma grande lua parecia suspensa sobre o Palácio. As cicatrizes dos Anos de Raiva marcavam-lhe a face; a sua luz prateada iluminava o pomar e as

estufas, refletia-se nos vidros em forma de losango das janelas abertas por causa do calor. Ouviram música vinda de uma das salas, acompanhada por vozes e risos e o tilintar de talheres. A figura escura de Jared esgueirou-se por entre duas colunas onde ursos de pedra dançavam, passou por arbustos que cheiravam a alfazema e a limão e dirigiu-se a uma pequena estrutura encostada ao muro, no canto mais esquecido do jardim. Claudia distinguiu uma torre, um parapeito meio derruído e coberto de hera.

Jared abriu a porta e fez-lhe sinal para entrar.

Estava escuro e cheirava a terra húmida. Um feixe de luz; Jared tinha uma pequena lanterna, que apontou para uma porta interior.

— Depressa.

A porta estava apodrecida pela idade, a madeira tão porosa que se desfazia. A hera tinha coberto as janelas, impedindo a entrada da luz. Quando Jared acendeu candeeiros, Claudia olhou em redor.

— Tal e qual como em casa — comentou.

Jared tinha montado o microscópio eletrónico em cima de uma mesa desconjuntada e aberto algumas caixas de instrumentos e livros. Voltou-se; à luz trémula dos candeeiros, o rosto dele parecia exausto.

— Tens de ver isto, Claudia. Muda tudo. Tudo.

A angústia dele assustou-a.

— Acalma-te — disse em voz baixa. — Estás bem?

— Suficientemente bem. — Inclinou-se para o microscópio, os compridos dedos a ajustarem habilmente os controlos. — Lembras-te daquela lasca de metal que eu trouxe do gabinete do teu pai? Vê.

Intrigada, ela espreitou pelas oculares. A imagem estava pouco nítida; focou-a muito ligeiramente. E então ficou imóvel, tão rígida que Jared soube que tinha visto e que, naquele instante, tinha compreendido.

Exausto, foi sentar-se no chão, entre a hera e os cardos, embrulhado na casaca de Sapiente cuja orla rojava pelo pó. E ficou a observá-la enquanto ela olhava.

Era a Parede do Fim do Mundo.

Se Sapphique tinha verdadeiramente caído dela do topo até ao fundo, devia ter levado anos. Ao olhar para ela, Finn sentiu o vento ressaltar da sua imensidão, criando uma turbulência que rugia à frente deles. Detritos arrancados ao coração de Incarceron eram atirados para cima e depois sugados num interminável remoinho; uma vez apanhada por aquele vento, coisa nenhuma conseguia escapar.

— Temos de virar!

Gildas cambaleou em direção à roda do leme e Finn seguiu-o. Juntaram os seus esforços aos de Keiro, puxaram, tentaram fazer o navio mudar de rumo antes de atingir a corrente ascendente.

Nesse instante, as luzes apagaram-se com um estrondo.

Finn ouviu Keiro praguejar no escuro, sentiu Gildas contorná-lo, a agarrar-se com força.

— Finn, puxa a alavanca. No convés.

Procurou com a mão, encontrou-a e puxou.

Acenderam-se luzes, dois feixes horizontais na proa do navio. Viu como estavam perto da Parede. Os discos de luz iluminaram rebites enormes, maiores do que casas, os painéis imensos, marcados pelo impacto de fragmentos, incomensuravelmente rachados, riscados e corroídos.

— Conseguimos recuar? — gritou Keiro.

Gildas lançou-lhe um olhar de desprezo. E nesse instante caíram. Mergulhando, espalhando traves, mastros e cordas, o navio caiu ao longo da Parede como um grande anjo prateado, as velas que estralejavam as suas asas, rasgadas em segundos, até que, quando pensavam que ia desfazer-se, o turbilhão os apanhou. Com os mastros a estalarem, o navio prateado foi atirado para cima, a rodopiar incontrolavelmente, os projetores da proa a deslizarem pela Parede, a iluminarem a escuridão, um rebite, a escuridão. Emaranhado nas cordas, Finn agarrou-se, apanhando um braço que talvez fosse de Keiro. O vento furioso lançava-os para o alto, vindo de uma escuridão que rugia, e à medida que subiam o ar tornava-se mais rarefeito, as nuvens e a tempestade cada vez mais distantes, lá em baixo, a Parede era um pesadelo que os puxava para si. Estavam tão perto que Finn viu a superfície

riscada por fendas e salpicada de pequenas portas, aberturas de onde saíam morcegos que cavalgavam facilmente o vendaval. Polido pela colisão de milhões de átomos, o metal brilhava sob a luz dos projetores.

O navio tombou. Por um longo segundo, Finn teve a certeza de que ia voltar-se ao contrário; agarrou-se a Keiro e fechou os olhos, mas quando tornou a abri-los o convés tinha-se endireitado, e Keiro estava em cima dele, a debater-se com as cordas.

A popa rodou. Ouviram qualquer coisa deslizar com estrépito, sentiram um tremendo sacão.

— A Attia! — rugiu Gildas. — Largou a âncora!

Attia devia ter descido ao porão e retirado as cavilhas do cabrestante. A velocidade da subida diminuiu. Gildas pôs-se de pé e puxou Finn para junto de si.

— Temos de entrar na Parede, e saltar.

Finn ficou a olhar para ele, sem expressão.

— É a única maneira de sair daqui! — gritou o Sapiente. — O navio vai continuar a subir e a cair para sempre! Temos de levá-lo para ali!

Apontou. Finn viu um cubo escuro. Sobressaía da parede de metal, uma abertura de trevas. Parecia pequena, as probabilidades de lá conseguirem entrar remotas.

— Sapphique aterrou num *cubo*. — Gildas agarrava-se a ele. — Tem de ser aquilo.

Finn olhou para Keiro. A dúvida faiscou entre os dois. Quando Attia saiu do alçapão e se arrastou até eles, Finn soube que o seu irmão-de-juramento pensava que o velho estava louco, consumido pela sua demanda. Por outro lado, que alternativa tinham?

Keiro encolheu os ombros. Impávido, rodou o leme e dirigiu o navio para a Parede. Iluminado pelos projetores, o cubo esperava, um negro enigma.

Claudia não conseguia falar. O seu espanto e a sua surpresa eram demasiado grandes.

Estava a ver animais.

Leões.

Contou-os, aturdida: seis, sete... três crias. Um bando. Era essa a palavra, não era...?

— Não podem ser verdadeiros — murmurou.

Atrás dela, Jared suspirou.

— Mas são.

Leões. Vivos, um deles a rugir, os outros a dormitar no meio das ervas, algumas árvores, um lago, aves aquáticas de compridas pernas a deambular pela margem.

Afastou-se, olhou para o microscópio, voltou a espreitar.

Uma das crias deu uma sapatada noutra; rolaram pelo chão e lutaram. Uma leoa bocejou e deitou-se, de patas estendidas.

Claudia voltou-se. Olhou para Jared à luz pálida dos candeeiros e ele olhou para ela, e por um momento não houve nada a dizer, só os pensamentos que ela não queria ter, implicações que se sentia demasiado horrorizada para explorar.

— De que tamanho? — perguntou, por fim.

— Incrivelmente pequeno. — Jared mordeu as pontas dos cabelos escuros.

— Miniaturizado até cerca de um milhão de nanómetros... Infinitesimal.

— Não... como é que ficam...?

— É uma caixa de gravidade. Autorregulada. Pensava que a técnica se tinha perdido. Parece ser um zoo inteiro. Há elefantes, zebras... — A voz morreu-lhe nos lábios; abanou a cabeça. — Talvez seja um protótipo... experimentar primeiro com animais. Quem sabe?

— Então isto significa... — Claudia lutou com as palavras. — Que Incarceron...

— Temos andado à procura de um edifício enorme, um labirinto subterrâneo. Um mundo. — Jared olhava em frente, para a escuridão. Como fomos cegos, Claudia! Na biblioteca da Academia há registos de que coisas

assim... transformações tridimensionais... foram em tempos possíveis. Todo esse conhecimento se perdeu na Guerra. Ou era o que pensávamos.

Ela pôs-se de pé. Não conseguia estar quieta. A ideia de leões mais pequenos do que um átomo da sua pele, a erva sobre a qual se deitavam ainda mais pequena, as minúsculas formigas que esmagavam com as patas, as pulgas que lhes infestavam o pelo... era demasiado difícil de aceitar. Mas para todos eles o mundo era normal. E para Finn...?

Pisou os cardos, sem reparar. Obrigou-se a dizer:

— *Incarceron é minúscula.*

— Receio que sim.

— O Portal...

— Uma maneira de entrar. Todos os átomos do corpo se contraem. — Jared ergueu os olhos, e ela viu como parecia doente. — Não vêes? Construíram uma Prisão para conter tudo o que temiam e depois reduziram-na de modo a que o governador pudesse segurá-la na palma da mão. Que resposta para os problemas de um sistema superpovoado. Que maneira de descartar os males do mundo. E explica muita coisa. A anomalia espacial. E pode haver também uma diferença de tempo, muito pequena.

Claudia voltou ao microscópio e viu os leões reboarem e brincarem.

— É então por isso que ninguém pode sair. — Ergueu os olhos. — Será irreversível, Mestre?

— Como queres que saiba? Sem examinar todos... — Calou-se de repente — Tens consciência de que vimos o Portal, a passagem? No gabinete do teu pai havia uma cadeira.

Ela apoiou-se na mesa.

— O candeeiro. As frestas no teto.

Era aterrador. Recomeçou a andar de um lado para o outro, a pensar furiosamente. Então disse:

— Também tenho uma coisa para te dizer. Ele sabe. Sabe que temos a Chave.

Sem olhar para Jared, não querendo ver o medo que se lhe estampava no rosto, contou-lhe da fúria do pai, das suas exigências. Quando acabou, deu

por si acocorada junto dele à luz dos candeeiros, a voz reduzida a um murmúrio.

— Não vou devolver-lhe a Chave. Tenho de tirar o Finn de lá.

Ele ficou calado, a gola do casaco subida para o pescoço.

— Não é possível — disse, tristemente.

— Deve haver uma maneira...

— Oh, Claudia. — A voz de Jared foi gentil e amarga. — Como pode haver?

Vozes. Alguém a rir-se alto.

No mesmo instante, ela levantou-se de um salto e apagou os candeeiros. Jared parecia demasiado desalentado para querer saber. Esperaram no escuro, a ouvir os gritos ébrios dos foliões, uma balada mal cantada, a afastarem-se pelo pomar. Claudia sentia o coração bater com tanta força que quase lhe doía. Sinos distantes deram as onze horas nas torres do Palácio. Dentro de uma hora, nasceria o dia do seu casamento. Não ia desistir. Não já.

— Agora que sabemos do Portal e do que ele faz... serias capaz de o fazer funcionar?

— Talvez. Mas não temos maneira de lá voltar.

— Posso tentar — disse ela rapidamente. — Entrar e procurá-lo. O que é que tenho aqui? Uma vida com o Caspar...

— Não. — Jared endireitou-se e olhou para ela. — Consegues sequer imaginar como aquilo é? Um inferno de violência e brutalidade? E aqui... se o casamento não acontecer, os Lobos de Aço atacam imediatamente. Haverá um terrível banho de sangue. — Estendeu as mãos e pegou nas dela. — Espero ter-te ensinado a enfrentar sempre os factos.

— Mestre...

— Tens de ir para a frente com o casamento. É tudo o que resta. *Não há regresso para o Giles.*

Ela quis afastar-se, mas ele não deixou. Não o julgara tão forte.

— O Giles está perdido para nós. Mesmo que esteja vivo.

Ela deixou deslizar as mãos e apertou as dele.

— Não sei se sou capaz — murmurou.

— Eu sei. Mas és corajosa.

— Vou estar tão sozinha. Vão mandar-te embora.

Os dedos dele estavam frios.

— Já te disse. Tens ainda muito que aprender. — Na escuridão, Jared esboçou um dos seus raros sorrisos. — Não vou a parte nenhuma, Claudia.

Não conseguiam. O navio não mantinha um rumo certo, mesmo com todos eles agarrados ao leme. As velas estavam em farrapos, o cordame pendia por todo o lado, as amuradas estavam partidas, mas mesmo assim guinava e ziguezagueava, a âncora a balouçar e a proa a avançar oscilante para o cubo, para longe dele, para cima, para baixo.

— É impossível — rosnou Keiro.

— Não. — Gildas parecia brilhar de alegria. — Somos capazes. Mantenham-se firmes.

Agarrado à roda do leme, olhava em frente.

Subitamente, o barco desceu. Os projetores apanharam a abertura do cubo; quando se aproximaram, Finn viu que estava tapada por uma estranha viscosidade, como a superfície de uma bolha. Arcos-íris de iridescência dançavam nela.

— Caracóis gigantes — resmungou Keiro. Mesmo numa altura daquelas, conseguia brincar, pensou Finn.

Perto, cada vez mais perto. O navio estava agora tão perto que conseguiam ver o reflexo das luzes, inchado e distorcido. Tão perto que o gurupés tocou a película, fez-lhe uma marca, furou-a e fê-la rebentar, desaparecendo com uma pequena baforada de ar adocicado.

Pouco a pouco, lutando contra a corrente ascendente, o navio deslizou para dentro do cubo negro. As sacudidelas diminuíram. Grandes sombras engoliam a luz dos projetores.

Finn ergueu os olhos para o quadrado de escuridão. Quando este se abriu

para o engolir, sentiu que era muito pequeno, como uma formiga a rastejar para dentro de uma dobra de pano, uma toalha de piquenique estendida na erva muito longe e havia muito tempo, em cima da qual estava, meio comido, um bolo de anos com sete velas, e uma rapariguinha de cabelos castanhos e encaracolados lhe oferecia um prato de ouro, tão delicadamente.

Sorriu-lhe e aceitou o prato.

O navio estalou. O mastro partiu-se e tombou, lascas de madeira a choverem à volta deles. Attia caiu em cima dele, a tentar agarrar um lampejo de cristal que lhe deslizou de dentro da camisa.

— Apanha a Chave — gritou.

Mas o navio embateu no fundo do cubo e a escuridão esmagou-o. Como um dedo a esmagar a formiga. Como um mastro grande a cair.

**O Príncipe
Perdido**

Capítulo 29

O desespero é profundo. Um abismo que engole sonhos. Uma parede no fim do mundo. Atrás dela a morte espera. Porque todos os nossos trabalhos chegaram a isto.

Diário de Lorde Calliston

O dia do casamento nasceu quente e límpido.

Até o tempo tinha sido planeado. As árvores estavam em flor e as aves cantavam, no céu muito azul não havia uma nuvem, a temperatura era perfeita, a brisa suave e docemente perfumada.

Da sua janela, Claudia via os criados, a suar devido ao esforço, descarregarem os carroções pejados de prendas; conseguia até distinguir o faiscar dos diamantes, o cintilar do ouro.

Pousou o queixo no peitoril de pedra, sentiu a sua quente aspereza.

Havia um ninho mesmo por cima, a que uma andorinha voltava regularmente com o bico cheio de moscas. Crias invisíveis piavam num tom exigente enquanto os pais iam e vinham.

Sentia as pálpebras pesadas, um cansaço enorme. Passara a noite inteira acordada, a olhar para o dossel escarlate da cama, a escutar o silêncio do quarto, o seu futuro suspenso sobre ela como uma grossa cortina pronta para cair. A sua antiga vida tinha acabado: a liberdade, os estudos com Jared, os longos passeios a cavalo, trepar às árvores, a despreocupação de fazer o que lhe apetecia. Naquele dia passaria a ser a condessa de Steen, entraria na guerra de ardis e traições que era a vida no Palácio. Dentro de uma hora, viriam dar-lhe banho, penteá-la, pintar-lhe as unhas, vesti-la como uma boneca.

Olhou para baixo. Viu um telhado, a muitos metros de distância, a cobertura inclinada de um qualquer torreão. Por um momento de devaneio, pensou que se amarrasse todos os lençóis e cobertas da cama poderia descer, lentamente e com todo o cuidado, até tocar com os pés nus as telhas

aquecidas pelo sol. Dali poderia deslizar até ao chão, roubar um cavalo e galopar para longe, fugir tal como estava, com a sua camisa de noite, para as verdes florestas nas colinas distantes.

Era um pensamento reconfortante. *A rapariga que desapareceu. A princesa perdida.* Fê-la sorrir. Mas então um chamamento vindo lá de baixo sobressaltou-a; olhou e viu Lorde Evian, resplandecente de azul e arminho, a olhar para ela.

O gordo lorde gritou qualquer coisa; ela estava demasiado alto para perceber as palavras, mas sorriu e acenou, e ele fez uma vénia e afastou-se, os seus pequenos sapatos de tacão a fazer barulho no pavimento.

Ao olhar para ele, Claudia soube que a corte inteira era igual, que por trás da fachada elegante e perfumada se escondia uma teia de ódios secretos e assassínios, que o seu papel naquele mundo começaria muito em breve, e que para sobreviver teria de ser tão dura como eles. Tinha de aceitar esse facto.

Pôs-se de pé, assustando as andorinhas, e dirigiu-se ao toucador. Estava carregado de flores, arrançadas em ramos, ramalhetes e *bouquets*. Tinham chegado sem parar durante toda a manhã, de modo que o quarto estava impregnado de um cheiro doce e enjoativo. Estendido em cima da cama, atrás dela, o vestido branco brilhava em todo o seu esplendor.

Olhou-se no espelho.

Muito bem. Casaria com Caspar e tornar-se-ia rainha. Se era esse o plano, faria parte dele. Se houvesse mortes, sobreviver-lhes-ia. Governaria. Nunca mais ninguém lhe diria o que fazer.

Abriu a gaveta do toucador e tirou de lá a Chave. Brilhou, as facetas de cristal a refletirem a luz do sol, a águia esplêndida.

Mas primeiro ia ter de dizê-lo a Finn. Dizer-lhe que não havia fuga possível.

Dizer-lhe que o noivado deles estava acabado.

Tinha-a na mão quando soou uma leve pancada na porta. No mesmo instante, fechou suavemente a gaveta e pegou numa escova.

— Entra, Alys.

A porta abriu-se.

— Não é a Alys — disse o pai.

Ali estava, sombrio e elegante, emoldurado pela ombreira dourada.

— Posso entrar?

— Sim — disse ela.

A casaca dele era nova, de veludo preto, uma rosa branca na lapela, os calções de cetim. Usava sapatos enfeitados com discretas fivelas e o cabelo preso por uma fita preta. Sentou-se graciosamente, levantando as abas da casaca.

— Todo este requinte é um aborrecimento. Mas uma pessoa tem de se apresentar no seu melhor num dia como este. — Com um olhar à indumentária dela, tirou o relógio do bolso e abriu-o, e o sol refulgiu no cubo de prata que pendia da corrente. — Só tens duas horas, Claudia. Devias vestir-te.

Ela apoiou um cotovelo no toucador.

— Foi isso que veio dizer-me?

— Vim dizer-te como estou orgulhoso de ti. — Os olhos cinzentos dele sustentaram o olhar dela, e a luz que brilhava neles era fria e dura. — Hoje é o dia que planeio e preparo desde há décadas. Desde muito antes de tu teres nascido. Hoje, os Arlexi chegam ao coração do poder. Nada pode correr mal. — Pôs-se de pé e aproximou-se da janela, como se a tensão não o deixasse estar quieto. Sorriu. — Confesso que não consegui dormir, a pensar nele.

— Não foi o único.

Ele olhou-a com atenção.

— Não tens de ter medo, Claudia. Está tudo combinado. Está tudo pronto.

Alguma coisa no tom da voz do governador fê-la erguer a cabeça. Por um momento, olhou para ele e viu por baixo da máscara, viu um homem tão fortemente motivado pelo seu sonho de poder que sacrificaria tudo para o concretizar. E, com um arrepio gelado, viu que ele não partilharia esse poder. Nem com a rainha, nem com Caspar.

— Que quer dizer... tudo?

— Só que as coisas vão resultar a nosso favor. O Caspar é apenas um degrau.

Ela pôs-se de pé.

— Sabe, não sabe? A respeito do plano de assassínio... dos Lobos de Aço. *É um deles?*

Ele atravessou o quarto em duas passadas e agarrou-lhe o braço com tanta força que a fez arquejar.

— Silêncio! — murmurou. — Ou pensas que não há aparelhos de escuta, mesmo aqui?

Levou-a para a janela e abriu-a completamente. Acordes de alaúde e tambor chegaram até eles, os gritos do capitão da guarda a treinar os seus homens. A coberto do barulho, a voz dele soou baixa e rouca.

— Limita-te a fazer o teu papel, Claudia. Mais nada.

— E então mata-os — disse ela, e tentou libertar o braço.

— O que acontece depois não te diz respeito. O Evian não tinha o direito de te abordar.

— Não? Quanto tempo até que também eu me atravessasse no seu caminho? Quanto tempo até que *caia do cavalo?*

Tinha-o chocado.

— Isso nunca acontecerá.

— Não? — O desdém de Claudia era ácido. Queria queimá-lo. — Porque eu sou sua filha?

— Porque acabei por te amar, Claudia — disse ele.

Houve qualquer coisa que lhe ficou no ouvido. Qualquer coisa estranha. Mas ele voltou-lhe as costas.

— Agora. A Chave.

Ela franziu a testa, mas dirigiu-se ao toucador e abriu a gaveta. A Chave refulgia. Tirou-a e pousou-a no tampo, entre as flores.

O governador aproximou-se e olhou para ela.

— Nem mesmo o teu precioso Jared podia ter descoberto todos os mistérios deste objeto.

— Quero despedir-me — disse ela, teimosa. — Do Finn e dos outros. Explicar-lhes. Então dar-lhe-ei a Chave. No casamento.

O olhar dele era frio e límpido.

— Estás sempre a testar a minha paciência, Claudia.

Por um instante, Claudia pensou que ele ia pura e simplesmente pegar na Chave e sair. Mas, em vez disso, viu-o encaminhar-se para a porta.

— Não faças o Caspar esperar demasiado tempo. Sabes que ele fica tão... amuado.

Fechou a porta depois de ele sair, segurando a Chave com ambas as mãos. *Acabei por te amar.* Talvez ele até acreditasse que era verdade.

Ligou o campo.

E saltou para trás, tão depressa que a Chave caiu no chão.

Attia estava com ela, ali no quarto.

— Tens de nos ajudar — disse imediatamente a rapariga. — O navio desfez-se. O Gildas está ferido.

O campo alargou-se; viu um lugar escuro, ouviu o uivo distante do vento. Voaram pétalas de cima do toucador, como se o vendaval daquele lugar chegasse até ali.

Attia foi empurrada para o lado.

— Claudia, por favor — disse Finn. — O Jared pode ajudar-nos?

— O Jared não está aqui. — Impotente, viu os destroços de um estranho navio espalhados pelo chão. Keiro estava a rasgar em tiras um pedaço de vela e a ligar o braço e o ombro de Gildas; viu que o sangue já ensopava as ligaduras. — Onde estão vocês?

— Na Parede. — Finn parecia exausto. — Penso que chegámos o mais longe que podíamos. Isto é o Fim do Mundo. Há uma passagem, mas não sei se ele está capaz de viajar...

— Claro que estou — resmungou Gildas.

Finn fez uma careta.

— Não por muito tempo. Devemos estar perto, Claudia, do portão.

— Não há nenhum portão. — Claudia soube que a voz foi átona.

Ele olhou para ela.

— Mas tu disseste...

— Estava enganada. Desculpa, Finn. Acabou-se. Não há portão e não há

saída. Nunca. Não é possível sair de Incarceron.

Jared entrou no Grande Salão. Estava apinhado de cortesãos e príncipes, embaixadores, Sapienti, duques e duquesas. Era uma confusão de cetins coloridos e de aromas fortes e adocicados, e fê-lo sentir-se um pouco fraco. Havia cadeiras alinhadas ao longo de uma parede; dirigiu-se a uma delas e sentou-se, apoiando a nuca contra a pedra fria. À volta dele, os convidados para o casamento de Claudia tagarelavam e riam. Viu o noivo, com um grupo de amigos, já a beber e a rir estrondosamente de uma qualquer piada. A rainha ainda não estava presente, nem o governador.

Um roçar de seda ao lado dele fê-lo voltar-se. Lorde Evian fez uma vénia.

— Parece um pouco cansado, Mestre.

Jared sustentou-lhe o olhar.

— Uma noite em claro, senhor.

— Ah, sim. Mas em breve todas as nossas preocupações chegarão ao fim. — O gordo lorde sorriu e abanou-se com um pequeno leque preto. — Por favor, dê os meus cumprimentos à Claudia.

Fez outra vénia e voltou-se.

— Um momento, Lorde Evian — disse Jared repentinamente. — Há dias... quando fez uma certa promessa...

— Sim? — O ar de satisfação de Evian tinha desaparecido; parecia alerta.

— Referiu O Que Tem Nove Dedos.

Evian lançou-lhe um olhar irritado. Pegou num braço de Jared e arrastou-o para o meio da multidão, movendo-se tão rapidamente que as pessoas se voltavam e ficavam a olhar depois de terem sido empurradas. No corredor, sibilou:

— Nunca diga esse nome em voz alta. É um nome santo e sagrado para os que acreditam.

Jared libertou o braço.

— Já ouvi falar de muitos cultos e crenças. Certamente de todos os que a rainha autoriza. Mas este...

— Hoje não é um dia para discutir religião.

— É, sim. — O olhar de Jared foi duro. — E temos muito pouco tempo. Tem outro nome, esse vosso herói.

Evian bufou, irritado.

— Não lhe sei dizer.

— Mas dirá, Lorde Evian — afirmou Jared, amavelmente —, ou faço neste preciso instante um tal alarido a respeito do seu plano de assassinio que todos os guardas do Palácio o ouvirão.

A testa de Evian perlou-se de suor.

— Não me parece.

Jared olhou para baixo; o gordo lorde tinha uma adaga na mão, encostada à sua barriga. Com um esforço, enfrentou-lhe o olhar.

— De um modo ou de outro, Lorde Evian, será descoberto. Tudo o que peço é um nome.

Por um momento, ficaram face a face. Então Lorde Evian disse:

— É um homem corajoso, Sapiente, mas não volte a desafiar-me. Quanto a um nome, sim, é verdade que há um, escondido no tempo, perdido na lenda. O d'Aquele que afirma ter escapado de Incarceron. Nos nossos ritos mais misteriosos é conhecido como Sapphique. Satisfiz a sua curiosidade?

Jared olhou para ele por uma fração de segundo. Então empurrou-o para um lado e desatou a correr.

Keiro estava louco de raiva; ele e Gildas gritavam com ela.

— Como podes abandonar-nos? — clamava o Sapiente. — Sapphique fugiu! Claro que há uma saída!

Ela permaneceu silenciosa. Estava a olhar para Finn, que se sentara, encolhido, num canto do convés destroçado, rígido de dor. Tinha o casaco rasgado e cortes na cara. Mas agora ela estava mais do que nunca convencida

de que era Giles. Agora que era demasiado tarde.

— E tu vais casar-te com ele — disse Finn em voz baixa.

Gildas praguejou. Keiro lançou-lhe um olhar assassino.

— Que importa com quem ela se casa! Talvez tenha decidido que gosta mais dele do que de ti. — Voltou-se, de mãos na cintura, e enfrentou-a arrogantemente. — É isso, princesa? Foi apenas uma diversão para si, um joguinho? — Sacudiu a cabeça. — Que flores encantadoras! Que vestido tão bonito!

Aproximou-se, chegando tão perto que ela quase sentiu que ia estender a mão e agarrá-la, mas então Finn disse:

— Cala-te, Keiro. — Pôs-se de pé e enfrentou-a. — Diz-me só porquê. Porque é que é tão impossível?

Ela não podia. Como podia dizer-lhe uma coisa daquelas?

— O Jared descobriu umas coisas. Têm de acreditar em mim.

— Que coisas?

— A respeito de Incarceron. Acabou-se, Finn. Arranjem maneira de viver aí. Esqueçam o Exterior...

— E eu? — sibilou Gildas. — Passei sessenta anos a planear a minha Fuga! Percorri a Prisão, uma vida inteira até encontrar este Que Vê as Estrelas, e nunca encontrarei outro! Viajámos até ao Fim do Mundo, rapariga! Não vou desistir dos sonhos de uma vida inteira!

Claudia pôs-se de pé e avançou para ele, furiosa.

— Usa-lo como o meu pai me usa a mim. Tudo o que ele significa para ti é uma saída. Não queres saber dele! Nenhum de vocês quer saber dele!

— Isso não é verdade! — sibilou Attia.

Claudia ignorou-a. Olhou fixamente para Finn e disse:

— Lamento. Queria tanto que as coisas pudessem ter sido diferentes. Lamento.

Houve uma grande agitação à porta do quarto. Claudia voltou-se e gritou:

— Não recebo ninguém! Mandem-nos embora!

— Sabes do que estou a fugir? — disse Finn. — De não me conhecer a

mim mesmo. De ter esta escuridão dentro de mim, este vazio. Não posso viver com isso. Não me deixes aqui, Claudia!

Ela não conseguia aguentar mais. Nem a fúria de Keiro, nem o duro velho, nem ele. Finn estava a magoá-la e ela não tinha culpa. De nada. Estendeu a mão para a Chave.

— Adeus, Finn. Tenho de devolver a Chave. O meu pai sabe de tudo. Acabou-se.

Pôs o dedo sobre o botão. Ouvia vozes a discutir do outro lado da porta. E então Attia disse:

— *Ele não é teu pai, Claudia.*

Voltaram-se todos para ela.

Estava sentada no chão, com os braços à volta dos joelhos. Não se pôs de pé nem disse mais nada, limitou-se a ficar ali sentada no meio do silêncio chocado que tinha criado, o rosto magro sombrio e calmo, o cabelo escuro sujo e gorduroso.

Claudia aproximou-se dela.

— O quê?

A sua própria voz soou-lhe fraca e desconhecida.

— Receio que seja verdade. — Attia mantinha-se fria e distante. — Não ia dizer-te, mas obrigas-me a fazê-lo, e já é tempo de saberes. O governador de Incarceron não é teu pai.

— Cadela mentirosa!

— Não, é verdade.

Keiro sorriu.

Claudia sentiu-se como se o mundo tivesse sido abalado. De repente, a balbúrdia lá fora foi demasiado; voltou-lhes as costas e foi abrir a porta. Jared estava no corredor, agarrado por dois guardas.

— O que é isto? — A voz dela foi como aço. — Deixem-no passar.

— As ordens do teu pai, senhora...

— O meu pai que vá para o inferno! — gritou.

Jared empurrou-a para dentro do quarto e bateu com a porta.

— Claudia, ouve...

— Por favor, Mestre! Não agora!

Jared viu o campo de luz. Claudia voltou para junto dele.

— Muito bem. Diz-me.

Por um instante, Attia não disse nada. Então levantou-se, sacudindo o pó dos braços nus.

— Nunca gostei de ti. Altiua, egoísta, mimada. Julgas que és tão dura... aqui não durarias dez minutos. E o Finn vale dez vezes mais do que tu.

— Attia — rosnou Finn, mas Claudia disse secamente:

— Deixa-a falar.

— Quando estávamos na torre do Sapiante, encontrámos registos de todos os Prisioneiros que aqui estiveram, desde o princípio. Todos eles procuraram os seus nomes, mas eu não. — Attia aproximou-se de Claudia.

— Procurei o teu.

Finn voltou-se para ela, gelado.

— Disseste que ela não estava aqui.

— Disse que não estava em Incarceron. Mas tinha estado.

Finn sentiu uma onda de frio espalhar-se pelo seu corpo. Olhou para Claudia, viu-a muito pálida, mas foi Jared que perguntou, numa voz muito baixa:

— Quando?

— Nasceu aqui e viveu cá uma semana. Depois mais nada. Desaparece dos registos. Alguém levou uma criança com uma semana para fora da Prisão, e aí está ela, a filha do governador. Ele devia estar muito desesperado por uma filha. E deve ter havido uma que morreu, ou teria escolhido um filho.

— Reconhece-la pela fotografia de um bebé? — observou Keiro. — Isso é...

— Não apenas um bebé. — Attia mantinha os olhos fixos em Claudia.

— Alguém pôs retratos dela no livro. Imagens, tal como as nossas. Dela a crescer, dela a ter tudo o que queria, roupas, brinquedos, cavalos. Dela...

— A ficar noiva? — disse Keiro, ironicamente.

Finn voltou-se, a arquejar.

— Eu estava lá? Também estava nessa imagem, Attia?

Ela cerrou os lábios.

— Não.

— Tens a certeza?

— Dizia-te, se estivesses. — Attia voltou-se, veemente. — Dizia-te, Finn. Era só ela.

Finn olhou para Claudia. Parecia atordoada pelo choque. Voltou-se para Jared, que murmurou:

— Também encontrei o nome de Sapphique deste lado. Parece ser verdade que Fugiu.

Gildas voltou-se vivamente, e os dois Sipienti trocaram olhares.

— Compreendes o que isto significa? — disse o velho, triunfante. Sangrava e coxeava, mas todo o seu corpo estava carregado de energia. — Levaram-na daqui. Sapphique saiu daqui. Há uma maneira. Talvez se juntássemos as duas Chaves conseguíssemos destrancar a saída.

Jared franziu a testa.

— Claudia — disse.

Ela ficou imóvel por um instante. Então ergueu a cabeça e olhou Finn bem de frente, e ele viu amargura e determinação no olhar dela.

— Mantém a Chave sempre ligada — disse. — Quando aí entrar, vou precisar de te encontrar.

Capítulo 30

Tantos anos para esta hora

Tantas estradas para este fim de mundo.

Tantas palavras para me calar agora Tanto orgulho para cair tão fundo.

Canções de Sapphique

De calças e casaco pretos, Claudia andava nervosamente de um lado para o outro, no gabinete.

— Então?

— Mais cinco minutos.

Jared trabalhava nos controlos sem erguer a cabeça. Já tinha colocado um lenço na cadeira e fizera funcionar o mecanismo; o lenço desaparecera, mas não conseguira fazê-lo voltar.

Claudia olhou para a porta.

Tinha rasgado o vestido de casamento numa fúria que até a ela própria espantara, arrancando as rendas e abrindo a saia de alto a baixo. Tudo isso tinha acabado. O Protocolo tinha acabado. Estava em guerra. Enquanto corria para ali através das caves escuras, revira a sua fúria, confusão e o vazio de um passado perdido.

— Muito bem. — Jared ergueu a cabeça. — Acho que já compreendi como funciona, mas aonde vai esta máquina levar-te, Claudia?

— Sei para onde me leva. Para longe *dele*.

A descoberta de que o governador não era seu pai continuava a ressoar-lhe na cabeça como uma grande explosão de som, a ecoar interminavelmente, de tal modo que sentia que nunca mais ouviria outra coisa a não ser as palavras calmas e arrasadoras da rapariga.

— Senta-te na cadeira — disse Jared.

Ela pegou na espada, aproximou-se e parou.

— E tu? Quando ele descobrir...

— Não te preocupes comigo. — Jared segurou-a gentilmente pelo braço e obrigou-a a sentar-se. — Já é tempo de eu enfrentar o teu pai. Tenho a certeza de que me fará bem.

A expressão dela turvou-se.

— Mestre... se ele te faz mal...

— A única coisa com que tens de te preocupar é encontrar o Giles e trazê-lo de volta. Tem de se fazer justiça. Boa sorte, Claudia. — Pegou-lhe na mão e beijou-a formalmente. Por um instante, Claudia foi abalada pelo pensamento de que nunca mais voltaria a vê-lo; o que mais queria fazer era saltar da cadeira e abraçá-lo, mas ele afastou-se para o painel de instrumentos e olhou para ela. — Pronta?

Não foi capaz de falar. Assentiu com a cabeça. E então, quando os dedos dele já tocavam no painel, disse apressadamente: — Adeus, Mestre.

Jared pressionou o quadrado azul, e aconteceu. Das frestas do teto desceu uma gaiola de luz branca, tão ofuscante e tão rápida que desapareceu no mesmo instante em que surgiu, e tudo o que ele viu foi a imagem a negro que lhe ficou impressa na retina.

Afastou as mãos do rosto.

A cadeira estava vazia. Havia no ar um cheiro levemente adocicado.

— Claudia? — sussurrou.

Nada. Por um longo momento, esperou no silêncio. Queria ficar no gabinete, mas tinha de sair. Era imperioso que o governador continuasse a ignorar o que acontecera tanto tempo quanto possível, e se o encontrassem ali... Com gestos rápidos, repôs os controlos nas posições anteriores, saiu pela grande porta de bronze e fechou-a atrás de si.

Durante todo o percurso através das caves, Jared transpirava de medo. Devia haver qualquer alarme que lhe tinha passado despercebido, qualquer mecanismo que o seu *scanner* não detetara. A cada passo, esperava encontrar o governador ou um grupo de guardas do Palácio, e quando chegou aos corredores formais estava pálido e a tremer e teve de se apoiar na parede para

respirar fundo, cautelosamente, sob o olhar curioso de uma criada que passava.

No Grande Salão, o barulho da multidão era ainda mais alto. Ao caminhar pelo meio das pessoas, sentia a tensão crescente, a expectativa levada quase ao ponto da histeria. A escadaria que Claudia deveria descer estava bem à vista, ladeada por lacaios de cabeleira empoada. Quando se deixou cair num assento junto à lareira, viu a rainha, gloriosa, num vestido de tecido de ouro e uma tiara de diamantes, lançar um olhar irritado na direção dos degraus.

Mas as noivas atrasavam-se sempre.

Jared recostou-se e estendeu as pernas. Estava zozzo de medo e cansaço, e no entanto sentia outra coisa que o surpreendeu, uma estranha paz. Perguntou-se quanto tempo duraria.

Então viu o governador.

Alto e grave, o homem que não era pai de Claudia. Jared viu-o sorrir, fazer acenos de cabeça, trocar banalidades graciosas com os cortesãos que esperavam. Tirou o relógio do bolso e olhou para ele, encostou-o ao ouvido como se, no meio de todo aquele barulho, quisesse certificar-se de que estava a funcionar. Então voltou a guardá-lo e franziu a testa.

A impaciência aumentava, pouco a pouco.

A multidão murmurava. Caspar aproximou-se da mãe e disse-lhe qualquer coisa, ela respondeu-lhe secamente e ele voltou para junto dos amigos. Jared observou a rainha. Tinha o cabelo apanhado num penteado elaborado, os lábios vermelhos na palidez artificial do rosto, mas os olhos eram frios e astutos, e ele reconheceu a suspeita que crescia neles.

Dobrou um dedo, e o governador aproximou-se dela. Trocaram meia dúzia de palavras. Foi chamado um criado, um mordomo de cabelo grisalho, que fez uma vénia e desapareceu discretamente.

Jared esfregou a cara.

Devia reinar o pânico lá em cima, nos aposentos de Claudia, as criadas à procura dela, a tocar no vestido, a temer pela vida. Provavelmente, tinham fugido todas. Esperava que Alys não estivesse lá: iam culpá-la a ela.

Recostou-se contra a parede e tentou reunir toda a sua coragem.

Não teve de esperar muito.

Houve uma agitação na escadaria. Cabeças voltaram-se. As mulheres esticavam o pescoço para ver, um restolhar de vestidos, aplausos dispersos que morrerem e se transformaram em surpresa porque o criado de cabelo grisalho descia a correr, ofegante, e trazia nas mãos o vestido, ou o que restava dele. Jared limpou o suor do lábio superior. Nunca vira Claudia tão furiosa como quando destruía aquele vestido.

Rebentou a confusão.

Um grito de fúria; ordens; o tinir de armas.

Lentamente, Jared pôs-se de pé.

A rainha, lívida por baixo da maquilhagem, voltou-se para o governador.

— O que é isto? Onde está ela?

A voz dele foi gelada.

— Não faço ideia, senhora. Mas sugiro...

Calou-se. Os seus olhos cinzentos encontraram os de Jared por entre a multidão que se agitava.

Olharam um para o outro e, no súbito silêncio que alastrava, as pessoas abriram espaço entre os dois, como que receosas de estar naquele corredor de ira.

— Mestre Jared — disse o governador sabes onde está a minha filha? Jared conseguiu esboçar um pequeno sorriso.

— Lamento não poder dizer, senhor. Mas posso dizer o seguinte: ela decidiu não ir avante com o casamento.

Um silêncio absoluto tinha descido sobre a multidão.

— Recusou o meu filho? — disse a rainha, os olhos a brilhar de fúria. Jared fez uma vénia.

— Mudou de ideias. Foi repentino, e sentiu que não era capaz de enfrentar qualquer dos dois. Abandonou o Palácio. Roga a sua indulgência.

Claudia detestaria aquela última frase, pensou, mas tinha de ser cuidadoso. Preparou-se para a reação. A rainha soltou uma gargalhada de puro veneno; voltou-se para o governador.

— Meu caro John, que golpe para si! Depois de todos os seus planos e esquemas! Devo dizer que nunca achei que fosse muito boa ideia. Ela era tão... inadequada. Escolheu muito mal a sua substituta.

Os olhos do governador nunca se desviaram dos de Jared, e o Sapiente sentiu aquele olhar de basilisco petrificar-lhe pouco a pouco a coragem.

— *Para onde foi ela?*

Jared engoliu em seco.

— Para casa.

— Sozinha?

— Sim.

— De coche?

— A cavalo.

O governador voltou-se.

— Uma patrulha atrás dela. *Imediatamente!*

Teria acreditado? Jared não tinha a certeza.

— Claro que lamento os seus problemas domésticos — disse a rainha, cruelmente mas compreenderá que não voltarei a tolerar um insulto como este. Não haverá casamento, governador, ainda que ela volte a rastejar.

— Cadela ingrata e intriguista — rosnou Caspar, mas a mãe calou-o com um olhar.

— Evacuem o salão — disse secamente. — Não quero ninguém aqui.

Como se aquilo fosse um sinal, houve uma explosão de vozes, perguntas excitadas, murmúrios chocados.

No meio de tudo isto, Jared permaneceu imóvel, e o governador continuou a olhá-lo, e havia nos olhos dele uma expressão que o Sapiente não conseguiu aguentar mais. Voltou-se.

— Tu ficas.

A ordem de John Arlex foi rouca, a voz irreconhecível.

— Governador — Lorde Evian avançava para eles. — Acabo de ouvir... que notícias... é verdade?

A afetação dele tinha desaparecido; estava muito pálido.

— Sim, é. Foi-se embora. — O governador lançou-lhe um olhar sombrio.
— Acabou-se.

— Então... a rainha?

— Continua a ser rainha.

— Mas... o nosso plano...

O governador calou-o com uma explosão de fúria.

— Basta, homem! Não ouve o que eu digo? Volte para as suas borlas e perfumes. É tudo o que nos resta.

Como que incapaz de compreender o que tinha acontecido, Evian passava nervosamente as mãos pelo fato de seda, puxava por um botão desapertado.

— Não podemos permitir que acabe assim.

— Não temos alternativa.

— Todos os nossos sonhos. O fim da Época. — Enfiou a mão dentro da casaca. — Não posso. Não o permitirei.

Moveu-se antes que Jared percebesse o que estava a acontecer, a adaga a refulgir, a descer sobre a rainha. Ela voltou-se e a lâmina apanhou-a na parte de cima do ombro, fazendo-a gritar de choque. No mesmo instante, o tecido de ouro escorreu sangue, salpicos e pequenos fios, enquanto ela arquejava e estendia as mãos para Caspar, caindo nos braços dos cortesãos.

— Guardas! — gritou o governador, e desembainhou a espada.

Jared voltou-se.

Evian recuava a cambalear, o fato cor-de-rosa manchado de sangue. Deve ter percebido que tinha falhado; a rainha estava histérica, mas viva, e não teria a possibilidade de desferir novo golpe. Pelo menos nela. Os soldados entraram a correr, as lanças afiadas a encurralarem-no num círculo de aço. Olhou para Jared sem o ver, para o governador, para o terror lívido de Caspar.

— Faço isto pela liberdade — disse calmamente. — Num mundo onde ela não existe.

Com rápida precisão voltou a adaga e, agarrando-a com ambas as mãos,

cravou-a no próprio peito. Dobrou-se para a frente, caiu, estremeceu por um instante e ficou imóvel. Quando Jared abriu caminho por entre os guardas e se debruçou sobre ele, viu que a morte fora quase instantânea; o sangue continuava a empapar lentamente a casaca de seda.

Olhou, horrorizado, para o rosto gorducho, para os olhos fixos.

— Estúpido — disse o governador atrás dele. — E fraco. — Inclinou-se, agarrou Jared por um braço, obrigou-o a pôr-se de pé e voltou-o rudemente. — Também és fraco, Mestre Sapiente? Sempre desconfiei que sim. Veremos se tinha razão. — Olhou para o capitão da guarda. — Leva o Mestre para o seu quarto e tranca-o. Traz-me quaisquer aparelhos que lá encontres. Coloca dois homens à porta. Não está autorizado a sair nem a receber visitas.

O homem fez uma vénia.

— Sim, senhor.

A rainha fora levada da sala e a multidão dispersara; de repente, o Grande Salão parecia deserto. As grinaldas de laranjeira oscilavam suavemente agitadas pela brisa que entrava pelas janelas abertas. Ao ser escoltado até à porta, Jared pisou pétalas e doces caídos, os restos de um casamento que nunca aconteceria.

Antes de o empurrarem para fora, olhou para trás e viu o governador de pé, debruçado sobre a lareira apagada, ambas as mãos apoiadas na alta consola, os punhos cerrados no mármore branco.

Não aconteceu nada exceto uma luz branca. Quando Claudia abriu os olhos, sentiu que lhe ardiam; era como se estivesse debaixo de água, e durante um minuto viu pequenos pontos negros a flutuar, tornando as paredes da cela pouco nítidas.

Porque era inequivocamente uma cela. Cheirava mal. O cheiro era tão intenso que lhe provocou um vômito, e tentou não voltar a inspirar aquele fedor a humidade e urina, putrefação e palha.

Havia palha por todo o lado. Estava sentada nela, e uma pulga saltou-lhe para a mão. Com um grito de nojo, sacudiu-a e levantou-se de um salto, a tremer e a coçar-se.

Incarceron era então assim.

Exatamente como esperava.

As paredes eram de pedra, e nelas estavam gravados nomes e datas antigos, cobertos por uma película de líquenes leitosos e uma camada de fungos. Lá em cima, o teto abobadado perdia-se na escuridão. Havia uma janela, bem alto na parede, mas parecia estar tapada. Mais nada. No entanto, a porta estava aberta.

Claudia inspirou mais uma vez, a tentar não tossir. A cela estava silenciosa, um silêncio pesado, frio e húmido. Um silêncio que escutava. E num dos cantos viu um Olho. Um pequeno Olho vermelho que a observava, impassível.

Sentia-se normal. Nem dormências nem enjoos. Olhou para si mesma, para as mãos que seguravam a Chave. Seria verdadeiramente tão minúscula? Ou seria qualquer noção de tamanho um conceito relativo? Seria aquilo a normalidade e o Reino lá fora um lugar de gigantes?

Avançou para a porta. Havia muito tempo que não era fechada. As correntes que a atravessavam tinham sido corroídas pela ferrugem e os gonzos partidos deixavam-na pender de lado. Passou por baixo dela e chegou ao corredor.

O chão e as paredes eram de pedra, cheios de porcaria e, de um lado e do outro, perdia-se na escuridão.

Olhou para a Chave. Ativou o canal de imagem e sussurrou:

— Finn?

Nada aconteceu. Todavia, mais ao fundo do corredor, qualquer coisa zumbiu. Um zumbido grave, como o de uma máquina a ser ligada. Desligou apressadamente a Chave, o coração a bater com força.

— És tu?

Nada.

Deu dois passos e deteve-se. Voltou a ouvir o som, mesmo à sua frente, um som baixo, estranhamente curioso. Viu um Olho vermelho abrir-se, rodar lentamente num semicírculo, parar e voltar-se de novo para ela. Ficou muito quieta.

— *Vejo-te* — disse uma voz, muito baixo. — *Reconheço-te.*

Não era a voz de Finn. Não era a voz de ninguém que ela conhecesse.

— *Nunca esqueço nenhum dos meus filhos. Mas há já algum tempo que não estás aqui. Não tenho a certeza de compreender isto.*

Claudia limpou a face com uma mão húmida.

— Quem és tu? Não te vejo.

— *Vês, sim. Estás a pisar-me, a respirar-me.*

Recuou um passo e olhou para baixo, mas havia apenas o chão de lajes, a escuridão.

O Olho vermelho observava-a. Ela inspirou o ar enjoativo.

— És a Prisão.

— *Sou.* — A voz parecia fascinada. — *E tu és a filha do governador.*

Claudia não conseguia falar. Jared dissera-lhe que Incarceron era inteligente, mas nunca imaginara que fosse assim.

— *Vamos ajudar-nos uma à outra, Claudia Arlexa.* — A voz era calma e ecoava ligeiramente. — *Procuras o Finn e os amigos. Não é verdade?*

— Sim.

Devia ter dito aquilo?

— *Eu levo-te até eles.*

— A Chave levar-me-á.

— *Não uses a Chave. Interfere com os meus sistemas.*

Estaria enganada, ou aquelas palavras tinham sido ditas à pressa, num tom quase irritado? Começou a caminhar lentamente pelo escuro corredor.

— Estou a compreender. E o que é que queres em troca?

Um som. Podia ter sido um suspiro, ou um riso muito baixo.

— *Aí está uma pergunta que nunca ninguém me fez. Quero que me digas como é o Exterior. Sapphique prometeu solenemente voltar para me dizer, mas nunca voltou. O teu pai não fala disso. Começo a perguntar-me, no âmago dos meus âmagos, se haverá sequer um Exterior, ou se Sapphique morreu e tu vives num lugar daqui que não consigo detetar. Tenho milhões de Olhos e sentidos, e apesar disso não consigo ver o Exterior. Não são só os reclusos que sonham com a Fuga, Claudia. Mas como posso eu fugir de mim*

mesma?

Claudia chegou a uma esquina. O corredor bifurcava-se, mais dois corredores escuros, a ressumar humidade e iguais. Franziu a testa e apertou a Chave com força.

— Não sei. É mais ou menos o que estou a tentar fazer. Muito bem. Leva-me ao Finn. E pelo caminho dir-te-ei como é o Exterior.

Acenderam-se luzes mais à frente.

— *Por aqui.*

Ela hesitou.

— Sabes mesmo onde eles estão? Não é um truque?

Silêncio. Então:

— *Oh, Claudia. Como o teu pai vai ficar zangado contigo, quando souber.*

Capítulo 31

Caiu todo o dia e toda a noite. Caiu num poço de escuridão. Caiu como as pedras caem, como uma ave de asas partidas, como um anjo caído. E quando bateu no chão magoou o mundo.

Lendas de Sapphique

— Mudou. — Keiro estava a olhar atentamente para a Chave. — As cores.

Finn ergueu o cristal para uma nesga de luz. As luzes vermelhas zumbiam, piscando num arco-íris esbatido. A Chave parecia mais quente na mão dele.

— Talvez ela esteja no Interior.

— Então porque é que não fala connosco?

À frente, Gildas voltou-se, uma figura a coxear na escuridão.

— É este o caminho, Finn?

Finn não fazia ideia. Os destroços do navio tinham ficado muito para trás; o cubo tornara-se num funil que estreitava à medida que eles avançavam, os lados e o teto a aproximarem-se, a transformarem-se em pedra negra e facetada, a adquirirem o familiar brilho de obsidiana das paredes.

— Mantenham-se perto de mim — disse. — Não sabemos até onde chega o campo protetor.

Gildas mal o ouviu. Desde que falara com Jared, a obsessão febril da sua demanda apoderara-se dele; caminhava ansiosamente à frente, a examinar os mais pequenos arranhões na parede, a murmurar para si mesmo. Parecia ignorar os ferimentos que sofrera, mas Finn suspeitava de que eram mais graves do que dava a entender.

— O velho louco está a passar-se — sussurrou Keiro, irritado. Voltou-se. — E depois há ela.

Attia deixava-se ficar para trás. Parecia caminhar deliberadamente

devagar, meio escondida nas sombras, absorta em pensamentos.

— Foi um truque e tanto, o dela. — Keiro retomou a marcha. Lançou um rápido olhar a Finn. — Um verdadeiro golpe baixo.

Finn assentiu. Claudia mantinha-se silenciosa. Como alguém ferido por um golpe profundo se mantém silencioso, para não sentir a dor.

— Mas — continuou Keiro —, tudo isto significa que há uma saída. E que nós também podemos encontrá-la.

— És cruel. Só pensas em ti.

— E em ti, irmão. — Keiro olhou em redor, alerta. — Se há um Exterior e lá tu és uma espécie de rei, guardo-te como se fosses ouro. Príncipe Keiro soa-me bem.

— Não tenho a certeza de poder fazer isso... ser isso.

— Podes. É tudo fingimento. Tu és um mestre da mentira, Finn. — Keiro olhou para ele de soslaio. — Vais estar no teu elemento.

Olharam-se por um instante. Então Finn perguntou:

— Estás a ouvir?

Um murmúrio. Vinha do fundo do corredor, um sussurro de vozes. Keiro empunhou a espada. Attia aproximou-se.

— O que é?

— Qualquer coisa lá à frente.

Keiro apurou o ouvido, mas o som não se repetiu. Imóvel, a apoiar-se à parede com uma mão, Gildas murmurou:

— Talvez seja a Claudia. Encontrou-nos.

— Se é ela, foi muito rápida. — Keiro continuou a andar, sem ruído. — Mantenham-se juntos. Finn, fica atrás e protege a Chave.

Gildas bufou, mas ocupou o seu lugar junto deles.

Era uma voz. Falava algures lá à frente, e à medida que eles avançavam o corredor ia ficando atravancado de coisas: grandes correntes atravessavam-no, algemas e grilhetas, montes dispersos de ferramentas, um Escaravelho avariado de pernas para o ar. Passaram por pequenas celas, algumas com as portas fechadas, e através da grade de uma delas Finn viu uma divisão

pequena e escura e ratazanas a passear por cima de um prato vazio, um monte de farrapos imundos num canto que podia ser um corpo. O silêncio era absoluto. Sentiu que aquele era um lugar esquecido até pelos que o tinham criado, um recanto de si mesma que até Incarceron negligenciara durante séculos. Teria sido num sítio parecido com aquele que a gente da Maestra tinha encontrado a Chave, juntamente com os ossos ressequidos do homem que a fizera, ou que a roubara?

Ao contornar uma grande coluna, apercebeu-se de que começava a esquecê-la. Já lhe parecia que fora há muito tempo, e no entanto o ruído da ponte contra a parede de rocha e aquele olhar continuavam dentro dele à espera que adormecesse, que se julgasse a salvo. E a piedade dela.

Attia agarrou-lhe um braço; apercebeu-se de que estava a adiantar-se ao grupo.

— Mantém-te acordado, irmão. — O silvo de Keiro foi duro.

Com o coração a bater com força, Finn tentou aclarar as ideias. O formigueiro no rosto diminuiu. Aspirou grandes golfadas de ar.

— Está tudo bem? — murmurou Gildas.

Assentiu. O ataque quase o tinha apanhado desprevenido. A ideia revolveu-lhe o estômago.

Espreitou para o outro lado da esquina.

A voz falava numa língua que nunca tinha ouvido, feita de estalidos, guinchos e sílabas quebradas. Dirigia-se a Escaravelhos, Varredores, Moscas e às ratazanas metálicas que saíam das paredes para levar os cadáveres. Havia milhões deles aninhados e imóveis no chão de uma grande sala, em cordas esticadas e passagens aéreas, todos voltados para uma estrela que brilhava na escuridão como uma centelha. Incarceron instruía as suas criaturas e as palavras que dizia eram uma manta de retalhos de sons, uma poesia de estalidos e murmúrios.

— Essas coisas ouvem? — sussurrou Keiro.

— Não são só palavras.

Era também uma vibração, nas profundezas da escuridão, um som como o de um grande coração a bater, um enorme relógio a dar horas.

A voz calou-se. No mesmo instante, as máquinas voltaram-se e afastaram-se, internando-se na escuridão em filas silenciosas, até que a última desapareceu, quase sem fazer ruído.

Finn mexeu-se, mas Keiro agarrou-o com força.

O Olho continuava a vigiar. A sua luz iluminava a sala deserta. Então a voz disse, suavemente:

— *Tens a Chave contigo, Finn? Tiro-ta agora?*

Finn arquejou. Queria correr, mas o aperto de Keiro disse que não.

A morder o lábio, ouviu a gargalhada divertida da Prisão.

— *A Claudia está no Interior. Sabias? Claro que tenciono mantê-los bem longe um do outro. Sou tão grande que não há de ser difícil. Não falas comigo, Finn?*

— Ela não tem a certeza de que estamos aqui — sussurrou Keiro.

— A mim parece-me bem certa.

Sentia uma vontade irracional de sair da área de proteção da Chave, abrir os braços e mostrar-se. Mas Keiro não o largou e fê-lo recuar até Attia.

— Para trás. Depressa.

— *Claro que sou apenas uma máquina* — disse Incarceron, com sarcasmo. — *Ao contrário de vocês. Ou não? Serão assim todos tão puros? Talvez eu deva conduzir uma pequena experiência da minha lavra.*

Keiro empurrou-o, em pânico.

— Corre!

Demasiado tarde. Ouviram um silvo e um estalido. A espada voou da mão de Keiro e bateu na parede, onde ficou suspensa com a lâmina apontada para cima.

E Finn foi atirado para trás, contra as pedras, a Chave que tinha no cinto a pregá-lo na parede, a adaga que tinha na mão a imobilizar-lhe o braço com uma força enorme.

— *Ah! Agora sinto-te, Finn. Agora sinto o teu medo.*

Não conseguia mexer-se. Durante um segundo de puro terror, pensou que estava a ser sugado pela própria matéria da parede; e então deu-se conta de

que Gildas estava a puxar por ele. Largou a adaga e a mão ficou livre, e compreendeu que a parede se tinha tornado um íman. Pedacos de ferro e aparas de bronze voavam numa terrível tempestade horizontal; a parede ficou instantaneamente coberta de ferramentas, correntes, grandes elos. Finn encolheu-se, a praguejar, quando um deles embateu mesmo ao lado da sua cabeça.

— Tirem-me daqui! — gritou.

Estava a ser esmagado entre a Chave e o íman.

Gildas já agarrara o cristal; o velho fincou os calcanhares no chão e ofegou, «Ajudem-me!», e as pequenas mãos de Attia agarraram-no com força. Lentamente, como se estivessem a arrancá-la a dedos invisíveis, puxaram o peso da Chave de cima dele e Finn caiu para a frente, a cambalear.

— Vamos. *Vamos!*

Incarceron soltou a sua profunda gargalhada.

— *Não podes ir sem o teu irmão.*

Preparado para fugir, Finn deteve-se.

Keiro estava junto à parede, as costas de uma mão estranhamente encostadas à superfície negra. Por um instante, Finn pensou que estava a tentar recuperar a espada e sibilou, «Deixa-a!», mas Keiro voltou-se e lançou-lhe um olhar frio e furioso.

— Não é a espada.

Finn agarrou o braço do seu irmão-de-juramento e puxou.

Não conseguiu movê-lo.

— Larga isso.

— Não estou a agarrar coisa nenhuma — sibilou Keiro, e desviou o rosto. Finn olhou com mais atenção.

— Mas...

O irmão torceu-se para olhar para ele e Finn ficou surpreendido pela raiva que lhe viu nos olhos.

— Sou eu, Finn. Não compreendes? Serás assim tão estúpido? Eu!

A unha do indicador direito. Estava colada à parede, e quando Finn

agarrou a mão e a puxou, não se moveu, um pequeno escudo preso ao íman por uma atração que nada conseguia quebrar.

— *Queres que o largue?* — perguntou a Prisão, trocista.

Finn olhou para Keiro e Keiro olhou para ele.

— Sim — murmurou.

Com uma violência que os assustou, todos os pedaços de metal caíram ao mesmo tempo das paredes num único e retumbante estrondo.

Claudia deteve-se.

— O que foi aquilo?

— *O quê?*

— Aquele barulho!

— *Há sempre barulhos na Prisão. Por favor, fala-me mais da rainha. Parece-me tão...*

— Veio dali. — Claudia olhou para o arco escuro por onde acabava de passar. Viu um corredor baixo, pouco mais alto do que um homem, atravessado por teias de aranha.

Incarceron riu-se, mas houve uma nota de ansiedade no seu riso.

— *Para encontrar o Finn tens de seguir em frente.*

Ela não disse nada. Subitamente, sentiu uma atmosfera tensa à sua volta, como se a Prisão estivesse a reter a respiração, à espera. Sentiu-se pequena e vulnerável.

— Acho que estás a mentir — disse.

Por um momento, não houve resposta. Uma ratazana apareceu a correr na passagem, viu-a e deu meia-volta. Então a voz disse, ponderada:

— *A tua ideia do Finn é tola e romântica; o príncipe perdido, o herói prisioneiro. Lembras-te de um rapazinho e queres que seja ele. Mas mesmo que o Finn seja realmente o Giles, tudo isso foi há muito tempo e num mundo diferente, e ele já não é o mesmo. Eu mudei-o.*

Ela ergueu os olhos para as trevas.

— Não.

— *Oh, sim. O teu pai tinha razão. Para sobreviverem aqui os homens descem às profundezas de si mesmos. Tornam-se feras que não querem saber, que nem sequer veem a dor dos outros. O Finn roubou, talvez tenha matado. Como pode um homem assim regressar a um trono e governar outros? Como se pode voltar a confiar nele? Os Sapiienti eram sábios, mas criaram um sistema sem libertação, Claudia. Sem perdão.*

A voz estava a gelá-la. Não queria ouvi-la, ser atraída pelas suas dúvidas persuasivas.

Ativou a Chave, meteu pela passagem baixa e começou a correr.

Os sapatos faziam-na escorregar no lixo que cobria o chão, ossos e palha, uma criatura morta tão ressequida que se desfez quando a pisou.

— *Claudia. Onde estás?*

A voz estava à sua volta, em cima e em baixo, por todo o lado.

— *Para, por favor. Ou serei obrigada a parar-te.*

Não respondeu. Passou por baixo de um arco e encontrou-se na confluência de três túneis, mas a Chave estava agora tão quente que quase lhe queimava a mão. Correu pelo túnel do lado esquerdo, passando por celas cujas portas pendiam abertas.

A Prisão ressoou. O chão oscilou, elevou-se debaixo dela como um tapete. Arquejou quando foi atirada ao ar; caiu com um grito, uma perna ensanguentada, mas levantou-se e continuou a correr, porque a Prisão não podia saber de certeza onde ela estava, por causa da Chave.

O mundo tremeu. Inclinou-se para um lado e para o outro. A escuridão envolveu-a, as paredes exalavam cheiros fétidos, nuvens de morcegos rodopiavam num turbilhão à sua volta. Não gritou. Continuou a avançar, agarrada às pedras, mesmo quando a passagem se inclinou e se transformou numa encosta escorregadia, e todo o lixo que a juncava deslizou para cima dela.

E então, quando já pensava em desistir e deixar-se escorregar, ouviu vozes.

Keiro dobrou os dedos. Tinha o rosto vermelho e os seus olhos recusavam encontrar os de Finn. Foi Gildas que quebrou o silêncio.

— Temos então estado a viajar com um meio-homem.

Keiro ignorou-o. Olhou para Finn, que perguntou:

— Há quanto tempo sabes?

— Toda a minha vida o soube — respondeu Keiro em voz baixa.

— Mas tu... Tu eras o que mais os odiava, mais os desprezava... Keiro abanou a cabeça, irritado.

— Sim. Claro. Odeio-os. Tenho mais motivos para os odiar do que tu. Não vês que me aterrorizam? — Lançou um olhar a Attia e então gritou à Prisão: — E tu! Juro que se conseguisse encontrar o teu coração o cortava ao meio!

Finn não sabia o que sentia. Keiro era tão perfeito, tudo o que ele sempre quisera ser. Atraente, ousado, sem falhas, cheio de uma alegre confiança que sempre invejara. Nunca parecera aterrorizado.

— *Todos os meus filhos pensam o mesmo* — disse Incarceron, trocista. Keiro deixou-se cair contra a parede. Parecia ter-se apagado uma chama dentro dele.

— Assusta-me porque não sei até que ponto vai — disse. Ergueu a mão e fletiu os dedos. — Parece verdadeira, não parece? Olhando para ela, ninguém nota a diferença. E como é que sei quanto mais de mim é assim? Dentro de mim, os órgãos, o coração. Como é que sei?

Havia uma espécie de agonia na pergunta, como se já tivesse sido feita silenciosamente um milhão de vezes, como se por trás da fanfarronice e da arrogância houvesse um medo que ele nunca revelara.

Finn olhou em redor.

— A Prisão podia dizer-te.

— Não. Não quero saber.

— Para mim não faz diferença — disse Finn, que ignorou o resmungo de

desdém de Gildas e olhou para Attia.

— Então todos temos as nossas falhas — disse ela, em voz baixa. — Até tu. Lamento.

— Obrigado. — A voz de Keiro soou carregada de ironia. — A piedade de uma rapariga-cão e de um Vidente de Estrelas. Já me sinto muito melhor.

— Estávamos só...

— Deixa. Não preciso. — Rejeitou a mão que Finn lhe estendia e pôs-se de pé. — E não acho que me mude. Continuo a ser eu.

Gildas passou por eles, a coxear.

— Bem, com a minha piedade não contes. Vamos.

Keiro ficou a olhar para as costas do velho com tanto ódio que Finn deu um passo em frente. Keiro apanhou a espada do chão, mas quando começou a caminhar atrás do Sapiente, a Prisão estremeceu.

Finn apoiou-se à parede.

Quando o mundo parou de se mexer, o ar estava carregado de pó, suspenso como um nevoeiro. Sentiu um tinido nos ouvidos. Gildas gritava de dor. Attia aproximou-se a cambalear e apontou por entre o miasma.

— Finn! O que é aquilo?

Por um instante, ele não fez a mínima ideia. Então viu que era um rosto. Um rosto estranhamente limpo, com uns olhos brilhantes e inteligentes e o cabelo apressadamente atado com uma fita. Um rosto que olhava para ele das brumas do passado, por cima das pequenas chamas de velas num bolo, sobre as quais ele se debruçava e apagava com um sopro.

— És tu? — murmurou ela.

Ele assentiu em silêncio, sabendo que aquele rosto era o de Claudia.

Capítulo 32

Hão de agradecer-nos por isto. Não será desperdiçada energia em máquinas frívolas. Aprenderemos a viver simplesmente, imperturbados por invejas e desejos. As nossas almas serão tão plácidas como mares sem marés.

Decreto do Rei Endor

Os soldados apareceram duas horas mais tarde.

Jared estava à espera deles; ficara deitado na cama dura no quarto silencioso, a ouvir os ruídos do Palácio através da janela aberta; o galopar de cavalos lá muito em baixo, os coches, as correrias, os gritos. Era como se Claudia tivesse enfiado um pau num formigueiro e agora os insetos corressem em pânico de um lado para o outro, a sua rainha ferida, a sua paz estilhaçada.

A rainha. Quando se sentou, rígido, e olhou para os homens, esperou não ter de enfrentar a fúria dela.

— Mestre. — O criado de libré parecia embaraçado. — Importa-se de vir connosco, por favor?

Sempre o Protocolo. Evitava terem de enfrentar a verdade. Enquanto o escoltavam escadas abaixo, os guardas deixaram-se ficar discretamente para trás, empunhando as suas alabardas como se fossem bastões de um cargo.

Já tinha passado por todas as emoções. Terror, fanfarronice, desespero. Tudo o que lhe restava era uma espécie de resignação embotada. Teria de suportar tudo o que o governador lhe fizesse. Claudia precisava de tempo.

Para sua surpresa, levaram-no para lá das grandes salas oficiais, onde enviados ansiosos discutiam e mensageiros entravam e saíam a correr, para uma pequena divisão na ala leste. Quando o mandaram entrar, viu que era uma das salas de estar privadas da rainha, cheia de frágeis mobílias de madeira dourada, um relógio elaborado na consola da lareira, sobrecarregado de querubins e pastoras recatadas.

Só o governador o esperava.

Não estava sentado a uma secretária, e sim de pé, de frente para a porta. Dois cadeirões de braços tinham sido dispostos em frente da lareira apagada, ocupada por um grande jarrão cheio de pétalas e ervas aromáticas.

Mesmo assim, continuava a parecer uma armadilha.

— Mestre Jared. — O governador apontou um cadeirão com um dedo comprido. — Senta-te, por favor.

Obedeceu de boa vontade. Sentia vertigens e dificuldade em respirar.

— Um pouco de água. — O governador encheu um copo e levou-lho. Enquanto bebia, Jared sentiu os olhos do pai de Claudia... não, não era o pai... a observá-lo atentamente.

— Obrigado.

— Não comeste?

— Não... suponho... com toda esta confusão...

— Devias ter mais cuidado contigo. — A voz foi dura. — Demasiadas horas a trabalhar nestes engenhos proibidos.

Esboçou um gesto com uma mão e Jared viu que a mesa junto da janela estava coberta de peças das suas experiências, *scanners*, geradores de imagens, dispositivos para bloquear alarmes. Não disse nada.

— Compreendes, claro, que tudo isto é ilegal. — Os olhos do governador eram frios como gelo. — Sempre permitimos aos Sapiienti uma certa liberdade de ação, mas pareces ter abusado dessa liberdade. — E então perguntou. — Onde está a Claudia, Mestre?

— Já disse...

— Não me mintas. Não está em casa. Não falta nenhum cavalo.

— Talvez... esteja apeada.

— Acredito que sim. — O governador sentou-se em frente dele. — E talvez tenhas pensado que não estavas a mentir quando disseste *casa*?

Jared pousou o copo. Olharam um para o outro.

— Como foi que ela descobriu? — perguntou John Arlex.

Jared decidiu, muito repentinamente, dizer a verdade.

— Foi a rapariga da Prisão, a Attia, a amiga do Finn, que lhe disse. Tinha-o descoberto nuns registos.

O governador assentiu lentamente com a cabeça.

— Ah, sim. E como reagiu ela?

— Ficou... muito chocada.

— Furiosa?

— Sim.

— Não esperava outra coisa.

— E perturbada.

O governador lançou-lhe um olhar penetrante, mas Jared enfrentou-o calmamente.

— Sempre estivera tão certa de que era sua filha, senhor. Sempre soubera quem era. Ela... gosta de si.

— Não me mintas. — A súbita rispidez da resposta chocou-o. O governador pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro. — Só houve uma pessoa de quem a Claudia gostou em toda a sua vida, Mestre Sapiente. De ti.

Jared não se mexeu. O coração martelava-lhe o peito.

— Senhor...

— Pensaste que eu era cego? — O governador voltou-se. — Não sou. Oh, havia as amas e as aias, mas a Claudia está muito acima do nível delas, e soube-o desde muito cedo. Sempre que ia a casa, via como os dois riam e conversavam, como ela corria para te ir buscar o casaco se estava frio, como mandava servir hidromel e doces, como tinham as vossas próprias piadas, os vossos estudos partilhados. — Cruzou os braços e olhou pela janela. — Comigo era distante, reservada. Não me conhecia. Eu era um estranho, o governador, o grande homem da corte, alguém que ia e vinha. Alguém de quem convinha desconfiar. Mas tu, Mestre Jared, eras o tutor e o irmão, e mais pai dela do que eu alguma vez fui.

Jared estava gelado. Por trás do controlo férreo do governador ardia um ódio escaldante; um ódio cuja profundidade nunca antes adivinhara. Tentou respirar calmamente.

— Como achas que isso me fazia sentir, Mestre? — O governador voltou-se. — Ou pensas que não o sentia? Pensas que eu não sofria, sem saber o que fazer, como mudar as coisas? Consciente de que com cada palavra que dizia estava a enganá-la; todos os dias, só por estar ali, por deixá-la pensar que era minha.

— Ela... isso é o que ela nunca conseguirá perdoar.

— Não me digas o que ela pensa! — John Arlex aproximou-se e deteve-se diante dele. — Sempre tive ciúmes de ti. Não é um disparate? Um sonhador, um homem sem família, tão frágil que alguns golpes bastariam para o matar. E o governador de Incarceron doente de inveja.

— Eu... sou muito amigo da Claudia... — conseguiu Jared dizer.

— Sabes, claro, que correm rumores a respeito dos dois. — O governador rodou bruscamente sobre os calcanhares e voltou a sentar-se. — Não acredito neles; a Claudia é teimosa, mas não é estúpida. Mas a rainha acredita, e deixa-me dizer-te, Jared, neste momento a rainha clama por vingança. Contra quem quer que seja. O Evian morreu, mas a conjura envolvia obviamente outros. A ti, por exemplo.

Jared estremeceu.

— Senhor, sabe muito bem que isso não é verdade.

— Sabias o que se preparava, não sabias?

— Sim, mas...

— E não fizeste nada, não disseste a ninguém. — O governador inclinou-se para a frente. — Isso é traição, Mestre Sapiente, e pode com toda a facilidade levar-te à força.

No silêncio que se seguiu, alguém gritou lá fora. Uma mosca entrou pela janela e zumbiu atarantada, chocando contra os vidros no desespero de voltar a sair.

Jared tentou pensar, mas não houve tempo.

— Onde está a Chave? — perguntou o governador.

Quis mentir. Inventar qualquer coisa. Em vez disso, ficou calado.

— Ela levou-a, não foi?

Não respondeu. O governador praguejou.

— O mundo inteiro acredita que o Giles morreu. Ela podia ter tido tudo, o Reino, o trono. Acaso pensou que eu deixaria o Caspar atravessar-se-lhe no caminho?

— Fazia parte da conjura? — perguntou Jared, lentamente.

— Conjura! O Evian e os seus sonhos ingênuos de um mundo sem Protocolo! Nunca haverá um mundo sem Protocolo. Eu teria deixado os Lobos de Aço tratar da rainha e do Caspar e depois tê-los-ia executado, tão simples como isso. Mas agora ela voltou-se contra mim.

Estava a olhar com uma expressão vazia para o outro lado da sala.

— A história que lhe contou... a respeito da mãe — disse Jared, em voz baixa.

— Verdadeira. Mas quando a Helena morreu, a bebé estava muito doente e eu soube que ia morrer também. E que seria então dos meus planos? Precisava de uma filha, Mestre. E sabia onde arranjá-la. — Voltou a sentar-se no cadeirão. — Incarceron é um fracasso. Um inferno. Há muito que os governadores o sabem, mas o mal não tem remédio, por isso mantemos o segredo. Pensei que ia salvar uma alma, pelo menos. Nas profundezas da Prisão, encontrei uma mulher tão desesperada que estava disposta a entregar-me a filha recém-nascida. Paguei-lhe bem. Os seus outros filhos sobreviveram por causa disso.

Jared assentiu. O governador baixara a voz; parecia estar a falar consigo mesmo, como se, ao longo dos anos, tivesse justificado vezes sem conta, perante ele próprio, o que tinha feito.

— Ninguém percebeu, exceto a rainha. Aquela feiticeira olhou para a criança e soube.

Repentinamente, Jared compreendeu. Fascinado, disse:

— A Claudia sempre se perguntou porque foi que participou na conjura contra o Giles. Foi por causa da rainha...

Calou-se, sem saber que palavras usar, mas o governador assentiu, sem olhar para ele.

— Chantagem, Mestre Sapiante. Tinha de ser o filho dela a casar com a Claudia. Se eu não aceitasse, ameaçou, diria publicamente à Claudia quem ela era, envergonhá-la-ia diante de todo o Reino. Não podia permitir que isso

acontecesse.

Por um momento, houve nele uma reserva melancólica, uma quietude. Então ergueu a cabeça e viu a expressão de Jared e o rosto dele tornou-se frio.

— Não tenhas pena de mim, Mestre. É uma coisa de que não preciso.

— Pôs-se de pé. — Sei que ela foi a Incarceron. Procurar o tal Finn. Não há nenhum segredo a trair. E levou a Chave. — Riu amargamente. — Ainda bem que a levou. Não há maneira de sair de lá sem ela. — Subitamente, encaminhou-se para a porta. — Vem comigo.

Jared levantou-se do cadeirão, sobressaltado, a combater uma pontada de medo, mas o governador saiu para o corredor e mandou os guardas embora com um gesto impaciente. Os homens entreolharam-se.

— Senhor — disse um deles, embaraçado —, a rainha mandou que ficássemos consigo. Para sua proteção.

O governador assentiu, lentamente.

— Para minha proteção. Estou a ver. Então fiquem aqui e guardem esta porta depois de eu entrar. Não deixem ninguém seguir-nos.

Antes que eles pudessem reagir, abriu uma porta escondida nos painéis de madeira que forravam a parede e começou a descer uma escada húmida. Jared olhou para trás. Os dois homens espreitavam curiosamente pela fresta.

— Parece que a rainha também suspeita de mim — disse o governador, calmamente. Tirou uma lanterna da parede e acendeu a vela que continha. — Vamos ter de ser rápidos. O gabinete, como sem dúvida já descobriste, é a mesma divisão aqui e em casa. Um espaço a meio caminho entre este mundo e a Prisão, um Portal, como o homem que o inventou, Martor, lhe chamou.

— Os escritos de Martor perderam-se — disse Jared, apressando-se a segui-lo.

— Tenho-os eu. São secretos. — A figura escura descia rapidamente, a lanterna que erguia bem alto a projetar sombras nas paredes. Olhou para trás e, ao ver o assombro de Jared, permitiu-se um sorriso. — Nunca os verás, Mestre.

Entre os barris e tonéis, a escuridão era profunda; lá muito em cima, as

vozes dos guardas pareciam murmurar, confusas.

John Arlex deteve-se diante da porta de bronze e marcou rapidamente a combinação; a porta abriu-se com um estremecimento e, quando entraram, Jared sentiu o estranho arrepio de deslocação que já tinha experimentado da primeira vez.

A sala branca ajustou-se. Estava tudo exatamente como tinha deixado. Sentiu uma ansiedade súbita. Que teria acontecido a Claudia? Estaria a salvo?

— Mandaste-a para lá sem a mínima ideia do perigo. — O governador fez sair um painel da parede e tocou nos sensores. — Entrar na Prisão é arriscado, física e psicologicamente.

As prateleiras recuaram. O visor iluminou-se.

Jared viu milhares de imagens. Tremeluziam, um tabuleiro de minúsculos quadrados, de salas vazias, de oceanos sombrios, de torres distantes, de cantos onde o pó se amontoava. Viu uma rua apinhada de gente, um horrível covil cheio de crianças enfezadas, um homem a bater num estranho animal, uma mulher a amamentar ternamente um bebé. Confuso, aproximou-se das imagens, viu-as tremeluzir, assistiu à dor, à fome, às amizades improváveis, às negociações selvagens.

— Isto é a Prisão. — O governador estava apoiado à secretária. — Todas as imagens captadas pelos Olhos. A única maneira de encontrar a Claudia.

Jared sentiu uma infelicidade terrível invadi-lo. Na Academia, a Experiência era considerada uma das glórias dos antigos Sapiienti, o nobre sacrifício das últimas reservas de energia do mundo para salvar os irredimíveis, os pobres, os desprezados. E acabara naquilo.

O governador observava-o, uma silhueta contra as imagens que desfilavam.

— Estás a ver, Mestre, o que até hoje só o governador viu.

— Porque não... porque não nos disseram?

— Não há energia suficiente. Nunca será possível trazer de volta esses milhares de pessoas. Estão perdidas para nós. — Tirou o relógio do bolso e estendeu-o a Jared, que lhe pegou desajeitadamente e olhou para ele. O governador apontou para o cubo de prata suspenso da corrente. — És como um deus, Jared. Tens Incarceron nas tuas mãos.

Jared sentiu a dor dentro de si latejar. As mãos tremiam-lhe. Queria pousar o relógio, recuar, afastar-se. O cubo era pequeno, tinha-o visto mil vezes preso à corrente quase sem reparar nele, mas agora enchia-o de assombro. Seria possível que contivesse as montanhas que via, as florestas de árvores prateadas, as cidades de esfarrapados que exploravam a miséria uns dos outros? A suar, apertou-o com força.

— Com medo, Jared? — disse o governador, em voz baixa. — É preciso ser forte para ver todo um mundo. Muitos dos meus antecessores não se atreviam a olhar. Tapavam os olhos.

O som fraco de uma campainha.

Olharam os dois para cima. O visor parara de reluzir; as imagens começaram a apagar-se e uma, no canto inferior direito, cresceu, pixel a pixel, até encher todo o visor.

Era Claudia.

Jared pousou o relógio em cima da mesa, com as mãos a tremer.

Claudia avançava para um grupo de prisioneiros. Reconheceu o rapaz, Finn, e o outro, Keiro, que estava apoiado contra uma parede de pedra, à escuta. Viu Gildas acocorado no chão, ali perto, e percebeu imediatamente que estava ferido. Attia estava de pé ao lado dele.

— Pode falar com eles?

— Posso — disse o governador. — Mas primeiro ouvimos.

Baixou um interruptor.

Capítulo 33

De que serve uma chave no meio de mil milhões de prisioneiros?

Diário de Lorde Calliston

— Ela tentou impedir-me de te encontrar — disse Claudia.

Avançou para Finn pelo corredor escuro.

— Nunca devias ter entrado aqui.

Finn estava deslumbrado. Ela parecia tão deslocada naquele lugar, trazendo consigo um cheiro a rosas e a ar fresco que despertava nele uma estranha sensação, que o fazia querer coçar uma espécie de comichão na memória. Em vez disso, passou uma mão pelos olhos, cansado.

— Vem comigo agora — disse ela, estendendo a mão. — Depressa!

— Um momento. — Keiro pôs-se rapidamente de pé. — Ele não vai a parte nenhuma sem mim.

— Nem sem mim — murmurou Attia.

— Podem vir todos. Deve ser possível.

E então o rosto dela adquiriu uma expressão grave.

— O que foi? — perguntou Finn.

Claudia mordeu o lábio. Apercebera-se, de repente, de que não fazia a mínima ideia de como conseguir aquilo. Não vira qualquer portal daquele lado, nenhuma cadeira ou painel de controlo; dera simplesmente por si numa cela vazia. E também não sabia lá voltar, se acaso o lugar era importante.

— Ela não é capaz — disse Keiro. Aproximou-se e olhou fixamente para Claudia, e apesar de isso a incomodar, ela enfrentou-lhe calmamente o olhar.

— Pelo menos tenho isto.

Tirou a Chave de um bolso e mostrou-a. Viram que era igual à que conheciam, embora o trabalho parecesse mais refinado, a águia perfeita na sua imobilidade.

Finn enfiou a mão no bolso. Estava vazio. Voltou-se, alarmado.

— Está aqui, rapaz tolo.

Gildas endireitou-se, agarrado à parede. Estava pálido, o rosto húmido de suor. Apertava a Chave com tanta força na mão enclavinhada que a pele à volta dos nós dos dedos estava tão branca como o osso por baixo.

— És verdadeiramente do Exterior? — arquejou.

— Sou, Mestre. — Claudia aproximou-se dele e estendeu a mão, para que Gildas lhe pudesse tocar. — E Sapphique conseguiu mesmo Fugir. O Jared descobriu que tem seguidores lá fora. Chamam-lhe O Que Tem Nove Dedos.

Ele assentiu, e todos viram que tinha lágrimas nos olhos.

— Eu sabia. Sempre soube que era verdade. Este rapaz viu-o nas suas visões. Em breve, eu vê-lo-ei também.

A voz dele era rouca, mas havia nela um tremor que Finn nunca lhe ouvira. Estranhamente assustado, disse:

— Precisamos da Chave, Mestre.

Por um instante, pensou que o Sapiente não ia largá-la; houve um breve intervalo em que os dedos dele e de Gildas agarraram o cristal ao mesmo tempo. O velho baixou os olhos.

— Sempre confiei em ti, Finn. Nunca acreditei que eras do Exterior, e nisso estava enganado, mas as tuas visões das estrelas levaram-nos a Fugir, como eu sabia que fariam, desde o primeiro dia em que te vi deitado e encolhido naquela carroça. Este é o momento para que vivi.

Abriu os dedos; Finn sentiu o peso da Chave.

Olhou para Claudia.

— E agora?

Ela inspirou fundo, mas não foi a sua voz que respondeu. Attia estava na sombra atrás de Keiro; não se mostrou, mas as suas palavras foram duras.

— Que aconteceu ao vestido bonito?

Claudia franziu o sobrolho.

— Rasguei-o.

— E o casamento?

— Foi cancelado.

Attia envolvia o seu tronco com os braços magros.

— Então agora queres o Finn.

— Giles. O nome dele é Giles. Sim, quero-o. O Reino precisa do seu rei. Alguém que viu o que há fora do Palácio e do Protocolo. Alguém que desceu às profundezas. — A irritação na voz dela transformou-se em cólera. — Não é isso o que vocês querem também? Alguém capaz de pôr fim à miséria de Incarceron porque a conhece?

Attia encolheu os ombros.

— É ao Finn que deves perguntar. Talvez estejas só a levá-lo de uma prisão para outra.

Claudia olhou para ela e Attia sustentou-lhe o olhar. Foi a gargalhada fria de Keiro que quebrou o silêncio.

— Sugiro que resolvamos este assunto no maravilhoso mundo novo do Exterior. Antes que a Prisão volte a tremer.

— Ele tem razão — disse Finn. — Como é que o fazemos?

Claudia engoliu em seco.

— Bem... suponho que... usamos as Chaves.

— Mas onde está o portão?

— Não há nenhum portão. — Aquilo era difícil. — Não da maneira que vocês pensam.

— Então como foi que chegaste até aqui? — quis Keiro saber.

— É... difícil de explicar. — Enquanto falava, premia com os dedos os controlos escondidos da Chave, que começou a zumbir, com luzes a dançar no interior.

Keiro saltou para a frente.

— Oh, não, princesa! — Com um movimento súbito, arrancou-lha das mãos; ela tentou recuperá-la, mas ele tinha a espada desembainhada e apontada à sua garganta. — Nada de truques. Ou vamos todos, ou não vai ninguém.

— É esse o plano — gritou ela, furiosa.

— Baixa a arma — rosnou Gildas.

— Ela está a tentar levá-lo e deixar-nos aqui.

— Não estou...

— *Parem* de falar de mim como se eu fosse um objeto!

O grito de Finn calou-os a todos. Passou a mão pelo cabelo; tinha a cabeça suada e os olhos a arder, a respiração curta e entrecortada. Um ataque naquele momento seria impossível, mas as mãos tremiam-lhe e sentia-o a tomar conta do seu corpo.

E então soube que estava a sucumbir, tinha de estar, porque atrás de Gildas a parede tremeu e dissipou-se, e Blaize, grande e escuro, estava a olhar para eles.

Os olhos cinzentos do Sapiente observavam-nos, a sua imagem enorme numa sala branca de paredes limpas.

— Receio — disse — que Fugir não seja tão fácil como a minha filha parece pensar.

Imobilizaram-se. Keiro baixou a espada.

— Então é isso — disse. — E repara como ela está feliz por te ver.

Finn viu Claudia voltar-se para a imagem. Nesse instante reparou que, embora o rosto do governador lhe fosse familiar, as crostas tinham desaparecido; era mais magro e havia nos olhos dele uma tensão refinada.

— Não me chame sua filha. — A voz de Claudia soou fria e dura. — E não tente impedir-me. Vou levá-los todos daqui e...

— Não podes trazê-los todos. — O governador enfrentou-lhe o olhar. — A Chave só trará uma pessoa. A cópia deles, se funcionar, fará o mesmo. Toca no olho negro da águia. Desaparecerás e reaparecerás aqui. — Sorriu calmamente. — É esse o portão, Finn.

Claudia olhou para ele, aterrada.

— Está a mentir. Levou-me daqui.

— Eras um bebé. Minúsculo. Arrisquei.

Soou uma voz na sala; o governador voltou-se e Claudia viu Jared de pé atrás dele, pálido e cansado.

— Mestre! É verdade?

— Não sei, Claudia. — Jared tinha um ar infeliz, o cabelo escuro em desalinho. — Só há uma maneira de descobrir, e é tentar.

Ela olhou para Finn.

— Tu não. — Foi Keiro que se moveu. — Eu e o Finn vamos primeiro e, se resultar, volto para levar o Sapiente. — Ergueu a espada quando Claudia desembainhou a dela. — Larga isso, princesa, ou corto-te a garganta.

Ela agarrou com força o punho de couro, mas Finn disse:

— Fá-lo, Claudia. Por favor.

Estava a olhar para Keiro; enquanto baixava a lâmina, Claudia viu-o aproximar-se dele e dizer:

— Acreditaste mesmo que eu iria contigo e os deixaria aqui? Devolve-lhe a Chave.

— Nem penses.

— Keiro...

— És estúpido, Finn. Não vês que isto é uma armadilha! Tu e ela desapareceriam e fim da história. Ninguém voltaria para nos levar.

— Voltava eu.

— Não te deixavam. — Keiro avançou um passo para ele. — Quando tivessem o seu príncipe perdido, para quê preocuparem-se com a Escumalha? A rapariga-cão e o meio-homem? Depois de voltares ao teu palácio, porquê pensar em nós?

— Juro que volto.

— Pois. Não foi o que Sapphique disse?

No silêncio que se seguiu, Gildas sentou-se abruptamente, como se as forças o tivessem abandonado.

— Não me deixes aqui, Finn — murmurou.

Finn abanou a cabeça, completamente esgotado.

— Não podemos reter a Claudia aqui, seja o que for que decidamos. Ela veio salvar-nos.

— Paciência. — Os olhos azuis de Keiro eram implacáveis. — Ela já foi

uma Prisioneira, em tempos... pode voltar a ser. Eu vou primeiro. Para saber o que nos espera lá fora. E se resultar, como disse, voltarei.

— Mentiroso — sibilou Attia.

— Não podem impedir-me.

O governador riu-se, um riso baixo.

— É este o herói que tu julgas ser Giles, Claudia? O homem que vai governar o Reino? Nem sequer consegue controlar essa ralé.

Finn entrou repentinamente em ação. Atirou a Chave a Claudia e, apanhando Keiro desprevenido, agarrou o punho da espada. A raiva rugia nele; raiva contra todos eles, contra o sorriso desdenhoso do governador, contra o medo e a fraqueza que sentia em si mesmo. Keiro recuou, mas recuperou no mesmo instante e ergueu a lâmina, as mãos dos dois a agarrarem o punho; então Finn arrancou-lha dos dedos.

Keiro não pestanejou quando a ponta tremeu diante do seu rosto.

— Não vais usá-la contra mim — disse.

Finn arfava pesadamente, o coração a martelar-lhe o peito. Atrás dele, Attia sibilou:

— Porque não, Finn? Ele matou a Maestra. Sabes disso, sempre soubeste! Foi ele que mandou sabotar a ponte, não o Jormanric.

— É verdade? — perguntou Finn, e mal reconheceu o seu próprio murmúrio.

Keiro sorriu.

— Decide tu.

— Diz-me.

— Não. — Keiro tinha a Chave numa mão. — A escolha é tua. Não me justifico seja a quem for.

O coração de Finn batia com tanta força que era doloroso. O som ecoava nos corredores, enchia as celas.

Atirou a espada para o chão. Keiro mergulhou para a apanhar e Finn afastou-a com um pontapé. De repente estavam a lutar, e Keiro tirou partido da sua perícia para lhe desferir um murro no estômago que lhe cortou a

respiração e o fez cair. Claudia gritava, Gildas vociferava de fúria, mas ele já não queria saber. Pôs-se de pé e saltou para Keiro, tentando agarrar a Chave; tolhido na sua liberdade de movimentos por ser obrigado a segurar o frágil cristal, Keiro esquivou-se e voltou a esmurrá-lo. Finn conseguiu agarrá-lo pela cintura, mas Keiro disparou-lhe um pontapé que o atirou para trás.

Keiro rolou sobre si mesmo, pôs-se de pé. Escorria-lhe sangue do lábio rasgado.

— Agora vamos ver, irmão — sibilou.

Tocou no olho negro da ave.

Uma luz.

Tão brilhante que lhes queimou os olhos.

Alastrou à volta de Keiro, engoliu-o, e havia nela um som, um gemido lamentoso, uma nota abrupta e discordante que cessou instantaneamente.

A luz apagou-se.

E Keiro ainda ali estava.

No silêncio estilhaçado, o riso do governador foi frio e pesaroso.

— Ah — disse. — Receio que isto signifique que não resulta contigo. É provável que os componentes metálicos do teu corpo invalidem o processo. Incarceron é um sistema fechado; os seus próprios elementos não podem sair.

Keiro parecia petrificado pelo choque.

— Nunca? — murmurou.

— Nunca, a menos que os componentes sejam removidos.

Keiro assentiu. O rosto dele estava corado e tinha uma expressão sombria.

— Se é esse o preço. — Avançou para Finn e disse: — Pega na tua faca.

— O quê?

— Tu ouviste.

— Não posso fazer isso.

Keiro riu-se amargamente.

— Porque não? Keiro, O Que tem Nove Dedos. Sempre me perguntei como teria sido o sacrifício de Sapphique.

— Rapaz, estás a sugerir... — gemeu Gildas.

— Talvez mais de nós tenham nascido da Prisão do que julgamos. Talvez tu, velho. Mas eu não vou permitir que um dedo me retenha aqui. Pega na faca.

Finn não se mexeu, mas Attia sim. Tirou uma pequena lâmina que trazia sempre consigo e estendeu-lha. Ele pegou-lhe, lentamente. Keiro espalmou a mão no chão, os dedos bem abertos. A unha metálica parecia exatamente igual às outras.

— Fá-lo — disse.

— Não consigo...

— Consegues. Por mim.

Olharam um para o outro. Finn ajoelhou-se. A mão tremia-lhe. Encostou o gume da lâmina ao dedo de Keiro.

— Espera! — exclamou Attia. Agachou-se. — Pensa! Pode não ser o suficiente. Como disseste, nenhum de nós sabe do que é que somos feitos por dentro. Tem de haver outra maneira.

Os olhos azuis de Keiro estavam cheios de desespero.

Ficou imóvel por um longo momento, e então cerrou a mão e assentiu, devagar. Olhou para a Chave e estendeu-a a Finn.

— Nesse caso vou ter de descobrir. Goza o teu reino, irmão. Governa bem. Não te esqueças de olhar sempre por cima do ombro.

Finn estava demasiado abalado para responder. Um martelar distante fê-los erguer a cabeça.

— O que é isto? — perguntou Claudia.

— É aqui — disse Jared, rapidamente. — O Evian tentou o seu golpe e está morto. Os guardas da rainha estão à porta.

Claudia olhou para o pai.

— Tens de voltar, Claudia. Traz o rapaz. Vou precisar dele.

— É na verdade o Giles? — perguntou ela, com a voz rouca.

O sorriso do governador foi gelado.

— Agora é.

Quando acabou de dizer estas palavras, a imagem apagou-se. Uma ondulação percorreu o corredor; Finn olhou ansiosamente em redor. Tijolos soltos caíam do teto.

Então olhou para cima e viu o pequeno Olho vermelho rodar com um zumbido e fixar-se nela.

— *Oh, sim* — disse a voz, suavemente. — *Esqueceram-se todos de mim. E porque havia eu de deixar partir qualquer um dos meus filhos?*

Capítulo 34

Acordou e encontrou-os todos à sua volta. Os velhos, os estropiados, os doentes, os meio-homens. Escondeu a cabeça e encheu-se de vergonha e ira.

— Falhei — disse. — Viajei até tão longe e falhei.

— Não é verdade — responderam eles. — Há uma porta que conhecemos, uma pequena porta secreta. Nenhum de nós se atreve a rastejar por ela, com medo de morrerem lá. Se prometeres voltar para nos levar, mostrar-te-emos onde fica.

Sapphique era ágil e magro. Olhou para eles com os seus olhos escuros.

— Levem-me até lá — murmurou.

Lendas de Sapphique

— Que aconteceu? — ofegou Jared.

— A Prisão interferiu. — O governador sibilou de fúria, os dedos a moverem-se velozmente nos controlos.

— Então impeça-a. Ordene-lhe que...

O governador lançou-lhe um olhar fulminante.

— Não posso obrigar Incarceron a obedecer-me. Há séculos que ninguém pode. A Prisão manda, Mestre. Não tenho qualquer poder sobre ela. — E então, numa voz tão baixa que Jared mal a ouviu, acrescentou: — Ri-se de mim.

Atónito, Jared olhou para o visor apagado. Lá fora, um punho bateu na porta de bronze. Uma voz trovejou:

— Governador! Abra esta porta! A rainha exige a sua presença.

— O Evian foi uma lástima como assassino — disse o governador. — Não temas, não conseguirão entrar. Nem sequer com machados.

— Ela pensa que o senhor estava envolvido.

— Talvez. É uma boa desculpa para se ver livre de mim. Agora não

haverá casamento.

Jared abanou a cabeça.

— Então seremos todos liquidados.

— Se assim é, Mestre, dava-me jeito a tua ajuda. — Os olhos cinzentos estavam fixos nele. — Pela Claudia, temos de trabalhar juntos.

Jared assentiu lentamente. A tentar ignorar as pancadas furiosas que ressoavam na porta, aproximou-se dos controlos e examinou-os atentamente.

— Isto é tão antigo. Muitos dos símbolos estão na língua dos Sapienti. — Ergueu os olhos. — Tentemos falar com Incarceron na língua dos que a criaram.

O abalo foi rápido e súbito. O chão cedeu, as paredes desmoronaram-se. Finn agarrou Keiro; caíram contra a porta, que cedeu sob o peso e os atirou para o interior.

Claudia saltou atrás deles, mas Attia sibilou:

— Ajuda-me a levá-lo!

Estava a segurar Gildas, dobrado ao meio e a arquejar. Claudia voltou rapidamente para trás, passou o braço do velho pelos ombros e carregaram-no para dentro da cela; Finn ajudou-os a entrar e fechou a porta com um pontapé, após o que ele e Keiro a travaram com uma cunha de madeira.

Lá fora, os destroços caíam em catadupa, e eles ouviam o estrondo vencidos pelo desalento. O corredor estava de certeza bloqueado.

— *Não estão a pensar que podem escapar-me aí dentro, espero?* — Incarceron lançou a sua retumbante gargalhada. — *Ninguém pode. Sou inescapável.*

— Sapphique escapou-te. — A voz de Gildas foi um arquejo de dor, mas conseguiu cuspir as palavras. Tinha as mãos a tremer convulsivamente e dava pancadas no peito. — Como foi então que o conseguiu sem uma Chave? Haverá outra saída que só ele descobriu? Uma saída tão secreta, tão espantosa, que não consegues bloqueá-la? Uma saída que não precisa de portão nem de maquinaria? É isso, Incarceron? É isso que temes, sempre

vigilante, sempre à escuta?

— *Não temo coisa nenhuma.*

— Não foi o que me disseste — ripostou Claudia. Estava a respirar com dificuldade. Olhou para Finn. — Tenho de voltar. O Jared corre perigo. Vens comigo?

— Não posso abandoná-los. Leva o velho contigo.

Gildas riu-se; o corpo contorceu-se-lhe em espasmos sibilantes. Attia agarrou-lhe as mãos e voltou a cabeça.

— Está a morrer — murmurou.

— Finn — sussurrou o Sapiente.

Finn agachou-se, a sentir as picadas nos olhos. Os ferimentos de Gildas, fossem eles quais fossem, eram internos, mas o tremor das mãos, o suor e a palidez do rosto não deixavam margem para dúvidas.

O Sapiente aproximou a boca do ouvido dele.

— Mostra-me as estrelas — murmurou.

Finn olhou para os outros.

— Não posso...

— *Então dá-me licença* — disse a Prisão. A débil claridade da cela apagou-se. Um Olho vermelho era uma centelha num canto da parede. — *Olha para esta estrela, velho. É a única que alguma vez verás.*

— Para de atormentá-lo! — O grito de raiva de Finn sobressaltou-os a todos. Então, para espanto de Claudia, voltou-se para Gildas e pegou-lhe na mão. — Vem comigo — disse. — Eu mostro-te.

A vertigem que lhe rodopiava na mente tomou conta dele, e Finn não se opôs. Avançou deliberadamente para a escuridão, levando o velho consigo, e à volta deles o lago refulgiu iluminado pelas lanternas flutuantes, azuis e vermelhas e douradas, e o barco oscilou quando ele se deitou lá dentro e olhou para as estrelas.

Cintilavam na noite estival. Espalhavam-se pelo cosmos como pó de prata, como se uma grande mão as tivesse semeado, e o seu mistério encantava a escuridão de veludo.

Finn sentiu a seu lado o espanto reverencial do velho.

— São estas as estrelas, Mestre. Mundos, muito distantes, aparentemente pequenos, mas na verdade maiores do que tudo o que conhecemos.

A água do lago lambia os costados do barco.

— Tão longe — disse Gildas. — Tantas!

Uma garça ergueu-se da água com um movimento gracioso. Na margem soava uma música doce, havia vozes e risos.

— Tenho de ir ter com elas, Finn — disse o velho, com a voz rouca. — Tenho de ir procurar Sapphique. Não creio que ele se tenha contentado, sabes, só com estar no Exterior. Não depois de ter visto isto.

Finn acenou com a cabeça. Sentiu o barco soltar as amarras, o balouçar e o deslizar da ondulação. Sentiu os dedos do velho relaxarem nos dele. Enquanto olhava para elas, as estrelas cresceram e brilharam, tornaram-se chamas, pequenas chamas na ponta de pequenas velas, e ele estava a apagá-las, soprando-as com toda a força, toda a sua energia.

Desapareceram e ele riu-se, uma grande gargalhada de triunfo, e as pessoas que o rodeavam riram-se com ele, o rei com a sua casaca encarnada, e Bartlett, e a sua recente e pálida madrastra, e todos os cortesãos e amas e músicos, e a menina com o seu bonito vestido branco, a menina que chegara naquele dia, que lhe tinham dito que seria a sua amiga especial.

Estava a olhar para ele naquele instante.

— Finn. Ouves-me? — disse ela.

Claudia.

— Está pronto. — Jared ergueu os olhos. — Fale, a tradução será instantânea.

O governador, que tinha estado a andar para trás e para a frente, a ouvir as vozes lá fora, aproximou-se e deteve-se junto da secretária, de braços cruzados.

— Incarceron — disse.

Silêncio. Então, no visor, um pequeno ponto de luz vermelha. Era minúsculo, como uma estrela. Olhava para eles e disse:

— *Quem me fala na antiga língua?*

A voz era insegura. Parecia ter perdido um pouco do seu ecoante ribombar.

O governador olhou para Jared. E então disse, em voz baixa:

— Tu sabes quem sou, minha mãe. Sapphique.

Jared arregalou os olhos, mas permaneceu calado.

Seguiu-se outro momento de silêncio. Dessa vez, foi o governador que o quebrou.

— Falo-te na língua dos Sapienti. Ordeno-te que não faças mal ao rapaz, Finn.

— *Ele tem a Chave. A nenhum prisioneiro é permitido Fugir.*

— Mas a tua ira pode fazer-lhe mal. E à Claudia.

Teria a voz do governador mudado quando pronunciou o nome dela? Jared não teve a certeza.

Novo momento de silêncio. Então:

— *Muito bem. Por ti, meu filho.*

O governador fez sinal a Jared para cortar a ligação, mas quando o dedo do Sapiente se estendia para o controlo, a Prisão disse:

— *Mas se és de facto Sapphique, já falámos muitas outras vezes.*

Lembrar-te-ás.

— Foi há muito tempo — respondeu o governador, cautelosamente.

— *Sim. Pagaste-me o Tributo que eu exigia. Persegui-te e tu iludiste-me. Escondeste-te em buracos e roubaste o coração dos meus filhos. Diz-me, Sapphique, como foi que me escapaste? Depois de eu te ter derrubado, depois da terrível queda no meio da escuridão, que porta encontraste que me tinha passado despercebida? Por que fenda rastejaste? E onde estás agora, aí nesses lugares que não consigo sequer imaginar?*

A voz era triste; o governador olhou para o Olho imóvel no visor. A voz dele soou abafada quando respondeu:

— Esse é um segredo que não posso revelar.

— *É pena. É que, sabes, não me deram qualquer meio de ver para o Exterior. Consegues imaginar, Sapphique, tu, o vagabundo, o grande viajante, o que é viver fechado para sempre no nosso próprio espírito, vendo apenas as criaturas que o habitam? Fizeram-me poderosa e fizeram-me incompleta. E só tu, quando regressares, poderás ajudar-me.*

O governador ficou imóvel. Com a boca seca, Jared baixou o interruptor. Tinha as mãos a tremer e húmidas de suor. O Olho apagou-se lentamente.

Finn tinha a visão toldada e sentia o corpo vazio. Estava deitado, encolhido sobre si mesmo, e só o braço de Keiro lhe afastava a cabeça da pedra. Mas por um instante, antes de o fedor da Prisão voltar a encher tudo, antes de aquele mundo recuperar a sua forma, soube que era um príncipe e filho de um príncipe, que o seu mundo era iluminado pela luz do sol, que entrara a cavalo numa escura floresta, uma manhã, como num conto de fadas, e nunca mais voltara a sair de lá.

— Bebe um pouco.

Attia oferecia-lhe água; conseguiu engolir, tossiu e tentou sentar-se.

— Está a piorar — dizia Keiro a Claudia. — Foi isto que o teu pai lhe fez. Ela ignorou-o e inclinou-se para Finn.

— O sismo parou. Está tudo calmo.

— O Gildas? — murmurou ele.

— O velho foi-se. Não vais ter de voltar a preocupar-te com Sapphique

— disse Keiro, numa voz rouca.

Finn viu o Sapiante estendido no chão, os olhos fechados, o corpo encolhido, como se estivesse a dormir. Num dos dedos, demasiado largo e baço, como se Keiro o tivesse enfiado lá num vão esforço para o salvar, tinha o último anel caveira.

— Que fizeste? — perguntou Claudia. — Disse... coisas estranhas.

— Mostrei-lhe a saída. — Finn sentia-se em carne viva, como se lhe

tivessem esfregado a pele. Não queria falar do assunto naquele momento, não queria dizer-lhes o que julgava ter recordado, de modo que se sentou lentamente e perguntou: — Tentaste pôr-lhe o anel?

— Não funcionou. Também a esse respeito ele tinha razão. Talvez nenhum deles tenha funcionado. — Keiro enfiou a Chave na mão de Finn.

— Vai. Sai agora. Diz ao Sapiante que invente uma chave que me liberte. E manda alguém buscar a rapariga.

Finn olhou para Attia.

— Virei eu próprio. Juro.

Attia sorriu debilmente, mas Keiro disse:

— Vê se vens. Não quero ficar aqui amarrado a ela.

— E virei buscar-te a ti também. Vou pôr todos os Sapianti do meu reino a trabalhar nisso. Fizemos um juramento, irmão. Pensas que me esqueci?

Keiro sorriu. O seu rosto bonito estava sujo e ferido, os cabelos baços e cobertos de porcaria, o belo gibão rasgado. Mas era ele, pensou Finn, que parecia um príncipe.

— Talvez. Ou talvez esta seja a tua oportunidade para te veres livre de mim. Talvez tenhas medo que eu te mate e ocupe o teu lugar. Se não voltares, acredita que é o que farei.

Finn sorriu. Por um momento, olharam um para o outro na cela inclinada, por cima dos montes de correntes e grillhetas. Então voltou-se para Claudia.

— Tu primeiro.

— Virás? — perguntou ela.

— Sim.

Claudia olhou para ele, e depois para os outros. No mesmo instante, tocou no olho da águia e desapareceu num clarão de luz que os fez arquejar.

Finn olhou para a Chave que tinha na mão.

— Não posso — disse.

Attia sorriu alegremente.

— Confio em ti. Fico à espera.

Mas o dedo dele não se moveu, parado por cima do olho negro da águia,

de modo que ela estendeu a mão e carregou.

Claudia deu por si sentada na cadeira, no meio de uma tempestade de gritos e marteladas. Do outro lado do portão, Caspar gritava:

— ...preso por alta traição. Governador! Ouve-me?

O bronze ressoava sob as frenéticas pancadas.

O pai pegou-lhe na mão e ajudou-a a pôr-se de pé.

— Minha querida. Onde está então o jovem príncipe?

Jared estava a ver a porta de bronze encurvar-se para dentro. Lançou a Claudia um rápido olhar de satisfação.

O cabelo dela estava desgrenhado, as faces cobertas de sujidade. Um cheiro estranho envolvia-a.

— Vem mesmo atrás de mim — disse.

Também Finn estava sentado numa cadeira, mas aquela sala era escura, uma pequena cela como a que recordava de tantos anos antes, antiga, as paredes sujas cobertas de nomes.

Em frente dele sentava-se um homem alto e magro, de cabelo escuro. Por um momento, pensou que fosse Jared, mas então percebeu quem era.

Olhou em redor, confuso.

— Onde estou? Isto é o Exterior?

Sapphique estava sentado contra a parede.

— Nenhum de nós sabe muito bem onde está — disse, calmamente. — Talvez passemos todas as nossas vidas demasiado preocupados com o aqui, e não o suficiente com quem.

Finn apertava o cristal entre os dedos.

— Deixa-me ir — arquejou.

— Não sou eu que estou a impedir-te. — Sapphique observava-o, e os

olhos dele eram escuros e as estrelas eram pontos de luz lá muito no fundo.
— Não nos esqueças, Finn. Não esqueças os que estão lá no escuro, os famintos e os vencidos, os assassinos e os patifes. Há prisões dentro de prisões, e eles habitam as mais profundas.

Estendeu a mão e pegou num pedaço de corrente que pendia da parede e que tilintou, soltando ferrugem. Passou as mãos por entre os elos.

— Como tu, saí para o Reino. Não era o que esperava. E também eu fiz uma promessa. — Deixou cair a corrente no chão, com um grande estrépito, e Finn viu o dedo cortado. — Talvez seja isso que te está a prender.

Voltou-se para um lado e fez um sinal. Uma sombra ergueu-se atrás dele e avançou. Finn abafou um grito, porque era a Maestra. Tinha o mesmo andar desengonçado, o mesmo cabelo vermelho, o mesmo olhar desdenhoso. Olhou para Finn e ele sentiu que uma corrente o prendia, fina e invisível, e que ela segurava a ponta, porque ele não conseguia mexer os pés nem as mãos.

— Como podes estar aqui? — murmurou. — Caíste.

— Oh, sim, caí! Através de reinos e de séculos. Como uma ave com uma asa partida. Como um anjo caído. — Finn mal conseguia dizer se o murmúrio era dela ou de Sapphique. Mas a fúria era dela. — E a culpa foi tua.

— Eu... — Queria culpar Keiro, ou Jormanric. Qualquer pessoa. Mas disse: — Eu sei.

— Não o esqueças, príncipe. Aprende com o que aconteceu.

— Estás viva? — A antiga vergonha voltou a dominá-lo, tornando difícil falar.

— Incarceron não desperdiça nada. Estou viva nas suas profundezas, nas suas celas, as células do corpo dela.

— Lamento.

Ela enrolou a manta à volta do corpo, com a antiga dignidade.

— Se é verdade, é tudo o que peço.

— Vais retê-lo aqui? — murmurou Sapphique.

— Como ele me reteve? — Ela riu-se, calmamente. — Não preciso de um resgate para perdoar. Adeus, rapaz assustado. Guarda bem a minha Chave de cristal.

A cela tornou-se indistinta e abriu-se: Finn sentiu-se como se estivesse a ser arrastado através de uma violenta onda de choque feita de pedra e de carne, que o cegava; como se grandes rodas de ferro estivessem a passar por cima dele, como se tivesse sido aberto e fechado, rasgado e remendado.

Levantou-se da cadeira e a figura escura estendeu a mão para o ajudar. E dessa vez *era* Jared.

Capítulo 35

Trepei por facas e espadas,

Cobri-me de falsas mazelas, Fiz promessas que esqueci, Para subir até às estrelas.

Canções de Sapphique

O portão estremecia.

— Não se preocupem, não vai ceder. — Calmo, o governador observava Finn. — É então este aquele que tu julgas ser o Giles.

Claudia lançou-lhe um olhar furioso.

— O senhor devia saber.

Finn olhou em redor. A sala era tão branca que feria os olhos. O homem que conhecia como Blaize ria-se satisfeito, de braços cruzados.

— Na realidade, pouco importa que seja ou não. Agora que o tens, vais ter de fazer dele Giles. Porque ele é a única coisa que se interpõe entre ti e o desastre. — Curioso, aproximou-se de Finn. — E tu que achas, Prisioneiro? Quem pensas que és?

Finn sentiu-se fraco e nojento. De repente, soube que a sua pele estava coberta de sujidade, que fedia naquela sala esterilizada.

— Julgo... julgo que recordo. O noivado...

— Tens a certeza? Ou não será possível que essas sejam recordações que outra pessoa tinha e que estão agora embebidas em ti, filamentos de pensamento presos em tecido emprestado que a Prisão usou quando te fez? — Sorriu friamente. — Dez anos é muito tempo. Só me lembro de um rapazinho.

— Outrora poderíamos saber — disse Claudia, duramente. — Antes do Protocolo.

— É verdade. — O governador voltou-se para ela. — E esse problema deixo-o para tu resolveres.

Finn viu como ela estava pálida, como estava furiosa.

— Durante toda a minha vida deixou-me acreditar que era sua filha — disse. — E era tudo mentira.

— Não.

— Sim! Escolheu-me, educou-me, moldou-me... até me disse tudo isso! Criou uma criatura que seria exatamente aquilo que queria, que seria obediente e casaria com quem lhe dissesse e seria o que quisesse. Que me teria acontecido depois? Também a pobre rainha Claudia ia sofrer um acidente, deixando o governador como regente? Era esse o plano?

Os olhos dele enfrentaram os dela, cinzentos e límpidos.

— Se era, alterei-o, porque acabei por te amar.

— Mentiroso!

— Claudia, acho... — começou Jared, com um ar infeliz, mas o governador ergueu uma mão.

— Não, Mestre, deixa-me explicar. Escolhi-te, é verdade, e não me importo de admitir que comeceste por ser um meio para atingir um fim. Uma criança barulhenta que eu via o menos possível. Mas à medida que ia crescendo, acabei... acabei por querer estar contigo. A maneira como me fazias uma reverência, como me mostravas o teu trabalho, como eras tímida junto de mim. E comecei a amar-te.

Ela olhava para ele sem querer ouvir aquilo, sem querer acreditar. Queria manter a sua raiva brilhante como uma moeda acabada de cunhar.

Ele encolheu os ombros.

— Não fui um bom pai. Por isso, peço desculpa.

No meio do silêncio que se fez entre eles, o martelar recomeçou, ainda mais forte.

— Pouco interessa, senhor, o que fez ou quem é este rapaz — disse Jared, num tom de urgência. — Agora estamos todos condenados. Não há maneira de escapar à morte a menos que entremos todos na Prisão.

— Eu tenho de voltar para ir buscar a Attia — murmurou Finn, e estendeu a mão para a outra Chave. Claudia abanou a cabeça.

— Tu não. Vou eu buscá-la. — Pegou na réplica de Finn e comparou as

duas. — Quem fez isto?

— Lorde Calliston. O Lobo de Aço em pessoa. — O governador olhou para o cristal. — Muitas vezes me perguntei se os rumores seriam verdadeiros, se existiria uma cópia algures nas profundezas da Prisão.

Claudia estendeu os dedos para o painel, mas ele deteve-a.

— Espera. Primeiro temos de garantir a nossa segurança, ou essa rapariga ficará melhor onde está.

Claudia olhou para ele.

— Como é que posso voltar a confiar em si?

— Tens de confiar.

Levou um dedo aos lábios e acenou com a cabeça. Em seguida, dirigiu-se à porta, tocou nos controlos e recuou.

Dois soldados mergulharam de cabeça na sala. Atrás deles, o aríete suspenso de correntes oscilou no vazio. Foram desembainhadas espadas, duros silvos de aço.

— Façam o favor de entrar — disse o governador, graciosamente.

Claudia viu, espantada, que a própria rainha estava ali, envolta num manto negro. Atrás da mãe, Caspar lançou-lhe um olhar assassino.

— Nunca te perdoarei — rosnou.

— Cala-te. — A rainha entrou na sala, hesitou ao sentir o estranho estremecimento de energia quando passou o umbral, olhou em redor. — Fascinante. Então é isto o Portal.

— De facto. — O governador fez uma vénia. — Alegra-me vê-la tão bem.

— Duvido muito. — Sia deteve-se diante de Finn. Olhou-o de alto a baixo e empalideceu. Apertou com força os lábios vermelhos.

— Sim — disse o governador, num tom calmo. — Infelizmente, um dos Prisioneiros conseguiu escapar.

A rainha voltou-se para ele, furiosa.

— Porque fez isto? Que traição está a planear?

— Nenhuma. Todos nós poderemos sair disto sãos e salvos. Todos. Sem

segredos revelados, sem assassínios. Veja.

Aproximou-se do painel, tocou numa série de controlos e recuou. Claudia olhou, porque a parede iluminou-se e mostrou uma imagem que ela demorou alguns segundos a reconhecer. Uma vasta sala cheia de cortesãos, que falavam uns com os outros num murmúrio escandalizado. Travessas de comida ignorada cobriam as grandes mesas. Os criados cochichavam, em grupos ansiosos.

Era o banquete do casamento.

— Que está a fazer? — perguntou a rainha, mas era demasiado tarde.

— Amigos — disse o governador. Todas as cabeças na sala se voltaram. As conversas morreram num silêncio de espanto. Ao cabo de cem anos de Protocolo, tinham muito provavelmente esquecido o grande visor atrás do trono. Agora, Finn olhava para a corte através de uma franja de teias de aranha e de uma máscara de sujidade. — Peço-lhes que desculpem as infelizes confusões do dia — continuou o governador, gravemente. — E peço a todos, embaixadores do Além-mar e cortesãos, duques e Sapienti, senhoras e senhores, que perdoem esta quebra do Protocolo. Mas hoje é um grande dia, em que uma grande injustiça foi corrigida.

A rainha parecia demasiado estupefacta para falar. Claudia sentia quase o mesmo. Mas agarrou o braço de Finn e puxou-o para junto de si. Lado a lado, enfrentaram os rostos confusos e fascinados dos membros da corte, enquanto o pai dela dizia:

— Olhai. O príncipe que julgávamos perdido, o herdeiro de seu pai, a esperança da corte, Giles, regressou para junto de nós.

Mil olhos voltaram-se para Finn. E ele enfrentou-os, vendo o pontinho de luz em cada um, sentindo a intensa curiosidade, a dúvida daquelas pessoas descerem-lhe até ao fundo da alma. Era assim que ia ser, ser rei?

— Na sua grande sabedoria, a rainha julgou necessário escondê-lo num exílio seguro para o guardar daqueles que conspiravam contra a sua vida — disse o governador, suavemente. — Mas por fim, ao cabo de muitos anos, o perigo cessou. Os conjurados falharam e foram presos. A calma voltou.

Olhou para a rainha: havia fúria em cada centímetro das suas costas muito direitas. Mas quando falou o tom foi de alegria incontida:

— Meus amigos, estou tão feliz! Eu e o governador lutámos tanto para combater esta ameaça. Quero que preparem o banquete para o regresso do príncipe. Em vez de um casamento, uma festa de boas-vindas, mas mesmo assim um dia maravilhoso, como tínhamos planeado.

A corte manteve-se silenciosa. Nas últimas filas, alguém começou hesitantemente a aplaudir.

A rainha voltou a cabeça; o governador tocou no painel. O visor apagou-se.

Sia inspirou fundo.

— Nunca lhe perderei isto, nunca — disse, numa voz muito calma.

— Eu sei.

John Arlex premiu distraidamente outro interruptor. Sentou-se, cruzou as pernas, a escura casaca de brocado a refulgir, e então estendeu a mão, pegou nas duas Chaves que Claudia tinha pousado e ergueu-as.

— Uns cristais tão pequenos e brilhantes — murmurou. — E tanto poder aqui dentro. Suponho, Claudia, minha querida, que quando não se pode ser senhor de um mundo, se deve procurar outro para conquistar. — Olhou para Jared. — Deixo-a contigo, Mestre. Lembra-te da nossa conversa.

Jared abriu muito os olhos.

— Claudia! — gritou.

Mas ela já sabia o que estava a acontecer. O pai estava sentado na cadeira do Portal, e ela sabia que devia precipitar-se sobre ele, voar na sua direção, arrancar-lhe as Chaves da mão, mas não foi capaz de se mexer, como se o poder da terrível vontade dele a mantivesse paralisada.

O pai sorriu.

— Com sua licença, Majestade. Julgo que seria como um espectro nessa festa.

Os dedos dele tocaram no painel.

Uma explosão de luz encheu a sala, fazendo-os encolherem-se. A cadeira estava vazia, a oscilar ligeiramente na sala branca, e, enquanto olhavam para ela, uma faísca saltou dos controlos e depois outra. Um fumo acre ergueu-se do painel. A rainha cerrou os punhos e gritou para o vazio:

— Não pode fazer isto!

Claudia olhava para a cadeira; quando esta irrompeu em chamas, Jared apressou-se a puxá-la para trás.

— Pode. E fê-lo — disse ela, sombriamente.

Jared observava-a. Tinha os olhos muito brilhantes, o rosto afogueado, mas a cabeça bem erguida. Então a rainha deu vazão à sua fúria e começou a premir botões uns atrás dos outros, mas tudo o que conseguiu foi provocar explosões. Ao sair, com Caspar colado aos calcanhares, disse:

— Ele há de voltar, Claudia. Tenho a certeza...

— É-me indiferente que volte ou não.

Claudia voltou-se para Finn, que estava a olhar para ela, espantado.

— A Attia — murmurou. — E a Attia? Prometi ir buscá-la!

— Não é possível...

Ele abanou a cabeça.

— Não estás a compreender. Tenho de ir! Não posso deixá-los lá. Especialmente o Keiro. — Estava destroçado. — Ele nunca me perdoará. *Eu prometi.*

— Havemos de encontrar uma maneira. O Jared há de encontrar uma maneira. Mesmo que demore anos. É a promessa que te faço. — Pegou-lhe na mão e subiu a esfarrapada manga da camisa para mostrar a marca da águia. — Mas agora tens de pensar nisto. Estás aqui. Estás no Exterior e és livre. Deles, de tudo aquilo. E vamos ter de fazer com que isto resulte, porque a Sia vai estar sempre presente, a conspirar nas nossas costas.

Finn olhou para ela, confuso, e compreendeu que Claudia não fazia a mínima ideia do que ele tinha perdido.

— O Keiro é meu irmão.

— Farei tudo o que puder — disse Jared, em voz baixa. — Deve haver outra maneira. O teu pai entrava e saía como Blaize. E Sapphique encontrou-a.

Finn ergueu a cabeça e lançou-lhe um olhar estranho.

— Sim. Encontrou.

Claudia pegou-lhe no braço.

— Agora temos de enfrentá-los — disse. — Tens de erguer a cabeça e ser um príncipe. Não será como esperas. Aqui tudo é representação. Um jogo, chama-lhe o meu pai. Estás pronto?

Finn sentiu o velho medo invadi-lo. Sentiu que estava a avançar para uma emboscada, mas assentiu com a cabeça.

De braço dado, atravessaram a sala branca, e ela guiou-o pelas escuras caves e pelas escadas. Passaram por câmaras cheias de pessoas que olhavam, curiosas. Ela abriu uma porta e ele gritou, deliciado, porque o mundo era um jardim e lá no alto, resplandecentes, havia estrelas, milhões delas, cada vez mais alto, acima dos pináculos do Palácio, das árvores e dos perfumados canteiros de flores.

— Eu sabia — murmurou. — Sempre soube.

Sozinho, Jared olhou para as ruínas do Portal. A sabotagem do governador parecia ter sido total. Tinha falado bondosamente ao rapaz, mas no fundo do coração sentia um grande medo, porque encontrar um caminho no meio daquela destruição demoraria tempo, e quanto tempo lhe restava?

— Foi de mais para nós, governador — murmurou.

Subiu as escadas atrás dos outros, cansado, o peito a doer. Criados passavam por ele a correr; havia conversas em todas as salas e corredores. Apressou o passo, saiu para os jardins. Grato pela frescura da noite, pelos doces aromas.

Claudia e Finn estavam ao fundo da escadaria. O rapaz parecia ofuscado pela glória da noite, como se a pureza do céu fosse um paroxismo para ele.

Junto deles, Jared enfiou a mão no bolso e tirou de lá o relógio. Claudia olhou.

— Isso não é...?

— Sim. O relógio do teu pai.

— Ele deu-to?

— Pode dizer-se que sim.

Segurou-o com os dedos delicados, e ela reparou, como se fosse a primeira vez, que havia um pequeno cubo de prata pendente da corrente, um talismã que rodava e refulgia à luz das estrelas.

— Mas onde estão eles? — perguntou Finn, angustiado. — O Keiro e a Attia e a Prisão?

Jared olhou pensativo para o cubo.

— Mais perto do que pensas — disse.